



Terra sigillata
sudgálica num
centro de consumo:

Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)

MC
PA

ÍNDICE

Introdução	10
<hr/>	
I. CHÃOS SALGADOS (<i>MIROBRIGA?</i>): UMA BREVE INTRODUÇÃO AO SÍTIO	12
<hr/>	
II. ESTUDOS ECONÓMICOS EM ARQUEOLOGIA CLÁSSICA: UMA SINOPSE	16
<hr/>	
III. <i>TERRA SIGILLATA</i> SUDGÁLICA: CONCEPTUALIZAÇÃO CERAMOLÓGICA, GEOGRÁFICA E CRONOLÓGICA	20
1. Conceptualização ceramológica	21
2. Conceptualização geográfica e cronológica	21
2.1. O nascimento da <i>terra sigillata</i> sudgálica	21
2.2. Os centros sudgálicos de <i>terra sigillata</i>	23
2.2.1. Grupo este: La Graufesenque, Aspiran, Jonquières/Saint Saturnin, Le Rozier, Banassac	23
2.2.2. Grupo oeste: Montans, Crambade, Valéry, Saint-Saveur	25
<hr/>	
IV. OBRAS DE REFERÊNCIA UTILIZADAS PARA A ANÁLISE DAS FORMAS LISAS, DECORADAS E MARCAS DE OLEIRO	26
<hr/>	
V. METODOLOGIA DE QUANTIFICAÇÃO	30
<hr/>	
VI. APRESENTAÇÃO DA FICHA DA BASE DE DADOS DA <i>TERRA SIGILLATA</i> SUDGÁLICA	32
<hr/>	
VII. CARACTERIZAÇÃO GERAL E EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA DO ESPÓLIO	36
1. Vernizes e pastas	37
2. Formas	38
3. Marcas	40
4. Grafitos	42

5. As importações sudgálicas no quadro das importações de <i>terra sigillata</i> em Chãos Salgados	42
--	----

VIII. A TERRA SIGILLATA SUDGÁLICA DE CHÃOS SALGADOS EM ESTRATIGRAFIA	44
---	----

1. Nota introdutória	45
2. Construção n.º 1	45
2.1. Descrição geral	45
2.2. Ambiente exterior norte	48
2.2.1. <i>Terra sigillata</i> sudgálica	48
2.2.2. A evolução do conjunto cerâmico ao longo da estratigrafia	49
2.3. Os restantes ambientes	50
2.3.1. A evolução do conjunto cerâmico ao longo da estratigrafia	50
3. O espaço entre as construções n.ºs 1 e 2 (encosta do museu)	56
3.1. <i>Terra sigillata</i> sudgálica	56
4. Construção n.º 2	56
4.1. Descrição geral	56
4.2. <i>Terra sigillata</i> sudgálica	57
5. Construção n.º 3 (<i>Domus</i>)	57
5.1. Descrição geral	57
5.2. <i>Terra sigillata</i> sudgálica	57
6. Área circundante à construção n.º 3	58
6.1. Descrição geral	58
6.2. <i>Terra sigillata</i> sudgálica	58

IX. A INTERACÇÃO	60
-------------------------	----

1. A curta/média distância: da Ilha do Pessegueiro ao Baixo Sado	61
2. A Península Ibérica	63
2.1. As produções gálicas ao longo do espaço	63
2.2. As produções itálicas, sudgálicas, hispânicas e africanas ao longo do tempo	65
2.2.1. Os dados estatísticos	65
2.2.2. Os dados estratigráficos	66
2.3. Aspectos estruturais dos espólios	67
2.4. Distribuição de oleiros: algumas pistas	69

**X. RECONSIDERAÇÕES SOBRE ECONOMIA ANTIGA: ORGANIZAÇÃO,
PADRONIZAÇÃO E PREÇO NA *TERRA SIGILLATA* SUDGÁLICA** 72

1. Organização	73
2. Padronização	75
3. Preço	76

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUNS ENQUADRAMENTOS
PARA ESTUDOS FUTUROS** 78

ANEXO 1

Análise das formas e oleiros sudgálicos presentes em Chãos Salgados 84

I. Análise das formas	85
I.1. Formas lisas	85
I.1.1. Pratos	85
I.1.2. Tigelas	99
I.1.3. Taças	111
I.1.4. Marmoreadas	112
I.2. Formas decoradas	113
I.2.1. Cálice	113
I.2.2. Taças	114
2. Análise dos oleiros	130

ANEXO 2

Análise estratigráfica (Chãos Salgados) 134

I. Construção n.º 1	135
I.1. Ambiente exterior norte	135
I.1.1. Estratigrafia	135
I.2. Os restantes ambientes	137
I.2.1. Estratigrafia	137
2. O espaço entre as construções n.ºs 1 e 2 (encosta do museu)	142
2.1. Estratigrafia	142
3. Construção n.º 2	143
3.2. Estratigrafia	143
4. Construção n.º 3 (<i>Domus</i>)	143
4.1. Estratigrafia	143

5. Área circundante à construção n.º 3	144
5.1. Estratigrafia	144

ANEXO 3

Análise das formas de <i>terra sigillata</i> hispânica, africana, ânforas e lucerna do ambiente exterior norte da construção n.º 1 de Chãos Salgados	146
1. <i>Terra sigillata</i> hispânica	147
1.1. <i>Tritium Magallum</i>	147
1.1.1. Formas lisas clássicas	147
1.1.2. Formas lisas hispânicas	150
1.1.3. Formas clássicas decoradas a molde	150
1.2. Andújar	150
1.2.1. Formas lisas clássicas	150
2. <i>Terra sigillata</i> africana	151
2.1. <i>Terra sigillata</i> africana A1	151
2.1.1. Hayes 9A = Lamboglia 2a	151
2.2. <i>Terra sigillata</i> africana A1/2	152
2.2.1. Hayes 26=Lamboglia 9b ou Hayes 27=Lamboglia 9a	152
2.3. <i>Terra sigillata</i> africana A2	152
2.3.1. Hayes 14	152
2.4. <i>Terra sigillata</i> africana C2	153
2.4.1. Hayes 50A/B	153
2.5. <i>Terra sigillata</i> africana C3	154
2.5.1. Hayes 50B	154
2.6. <i>Terra sigillata</i> africana D1 – 1.ª fase	154
2.6.1. Hayes 61B	154
2.6.2. Fragmentos de fundo decorados	155
3. Ânforas	155
3.1. Produções africanas	155
3.1.1. Classe 33 (= Africana I “Piccolo”)	155
3.2. Produções béticas	156
3.2.1. Forma indeterminável	156
3.2.2. Classe 23 (= Alm. 51C = Keay XXIII)	156
3.3. Produções lusitanas	156
3.3.1. Classe 20/21	156
3.3.2. Classe 23 (= Alm. 51C)	157

4. Lucernas	158
4.1. Provinciais	158
4.1.1. Forma indeterminável	158
<hr/>	
ANEXO 4	
Quadros	160
<hr/>	
ANEXO 5	
Plantas e mapa da Península Ibérica com bibliografia anexa respeitante aos sítios representados	180
<hr/>	
ANEXO 6	
Análise do exemplar de Drag. 30 centro-gálica presente em Chãos Salgados	188
<hr/>	
ANEXO 7	
Estampas	190
<hr/>	
ANEXO 8	
Ficha da base de dados e catálogo da <i>terra sigillata</i> sudgálica e centro-gálica de Chãos Salgados	232
<hr/>	
BIBLIOGRAFIA	282

Introdução

Desde 1995 que temos vindo a realizar um trabalho de estudo da *terra sigillata* proveniente das escavações antigas e recentes do sítio de Chãos Salgados (Santiago do Cacém), o qual tem sido usualmente identificado com a *Mirobriga* das fontes literárias de época clássica.

No passado, vários trabalhos relacionados com esta problemática foram realizados. Fernando de Almeida anunciou o estudo dos materiais que se iam avolumando (Almeida, 1964), algo que não concretizou. O único estudo elaborado no âmbito do trabalho deste arqueólogo foi o de Maria Pereira, em 1971, sobre um pequeno lote cerâmico que englobava peças de origem itálica, sudgálica, hispânica e africana. Pelo menos parte deste espólio encontra-se hoje no Museu Nacional de Arqueologia.

Em 1976-1977, Luísa Ferrer Dias apresenta um estudo de classificação de um vasto espólio depositado no Museu Municipal de Santiago do Cacém, que incluía fragmentos de origem itálica, sudgálica e hispânica. Infelizmente, não obtivemos autorização de estudo desse espólio por parte da direcção do referido museu, pelo que nos restringimos ao estudo das peças publicadas.

Em 1985, Maria L. C. Artur publica os resultados das escavações que havia coordenado na década de 50, em parceria com Afonso do Paço. De entre o espólio catalogado, encontram-se vários fragmentos de *terra sigillata*. Diga-se, porém, que a apresentação dos materiais é manifestamente insuficiente.

Em 1988, três fragmentos de *terra sigillata* focense tardia — depositados no Museu Municipal — são dados a conhecer por Manuela Delgado, num estudo mais vasto do actual território português.

Já nos finais da década de 90, o signatário publicou dois artigos sobre *terra sigillata*. O primeiro, referente ao espólio descontextualizado das antigas escavações, depositado nas *Ruínas Romanas de Mirobriga*, que incluía um vasto conjunto de *terra sigillata* africana, de Andújar, de *Tritium Magallum* e focense tardia, bem como cerâmica africana de cozinha (Quaresma, 1999a). O segundo, debruçado sobre o espólio de *terra sigillata* africana D, proveniente das escavações orientadas por Filomena Barata, na área do Centro Interpretativo e na *Domus* existente entre a calçada e a Capela de S. Brás.

O estudo da *terra sigillata* sudgálica surge, assim, numa segunda fase. Esperamos, com ele, apontar pistas para o conhecimento da evolução do povoado ao longo do século I d.C. Estudámos os fragmentos depositados nas *Ruínas Romanas de Mirobriga*, bem como outros depositados no Museu Nacional de Arqueologia — a maior parte deles descontextualizada, sendo que constitui a maioria do espólio deste trabalho — e as peças objecto de inventário nas publicações referidas.

Enquanto decorria o estudo deste espólio, apercebemo-nos da origem centro-gálica de um dos fragmentos, aliás já apontada por Fernando de Almeida (1964), e decidimos incorporar as considerações sobre ele tecidas em anexo.

As peças inventariadas neste estudo possuem a numeração constante no Inventário Geral de Miróbriga (“Mir-34-89”, etc.) ou a referência bibliográfica (“Pereira, 1971, n.º 2”, etc.). Quando possuem estampa no presente trabalho são referidas com o número de estampa e de inventário [“n.º 112 (Mir-25-2)”, etc.].

Gostaria de agradecer os auxílios ou esclarecimentos que me foram prestados ao longo da elaboração deste trabalho, em particular ao Prof. Carlos Fabião, a quem coube a tarefa de orientar, mas também à Dra. Catarina Viegas e à Prof. Conceição Lopes.

A Fátima Dias Pereira, pelo desenho da peça n.º305, e a José Raúl Tiago, pela digitalização da Fig. 2 do Anexo 5.

Da mesma forma, devo agradecer o incentivo transmitido por amigos e colegas, como Rita Ramos, Margarida Monteiro e Paulo Mendes Pinto.

Por fim, à Dra. Filomena Barata, que me deu o primeiro dos incentivos para que realizasse este trabalho.

Este trabalho de investigação foi realizado enquanto bolsheiro de mestrado da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério para a Ciência e a Tecnologia), entre Março de 2001 e Fevereiro de 2002.

I. Chãos Salgados (*Mirobriga?*): uma breve introdução ao sítio

O sítio de Chãos Salgados, concelho de Santiago do Cacém (ver Anexo 5, Figs. 1 e 5), ao qual se tem atribuído frequentemente o topónimo de “Castelo Velho”, termo relativo à elevação onde se ergueu o povoado da Idade do Ferro e posteriormente o *forum* romano, está implantado na franja ocidental da Serra de Grândola/Cercal, na unidade de paisagem a que Orlando Ribeiro denominou “Alentejo litoral com elevações” (Ribeiro, 1991, p. 188), pelo que outro aspecto fundamental é a sua relação com a faixa costeira, distando cerca de 17 km da actual Sines (Barata, 1997, p. 40, 1998, p. 62-5).

Os vários investigadores que desenvolveram actividade neste sítio identificaram-no geralmente com o nome *Mirobriga* das fontes clássicas e residiu sobretudo nesse aspecto a motivação dos estudos destes autores.

Recua ao século XVI, com André de Resende, a primeira descrição do sítio e estudo epigráfico (Barata, 1997, p. 19). As primeiras escavações foram realizadas sob a orientação de Frei Manuel do Cenáculo, nos inícios do século XIX (Barata, 1997, p. 20). Após a descrição do sítio por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914), várias campanhas de escavação foram empreendidas ao longo do século XX, por Cruz e Silva (Cruz e Silva, 1944, 1945, 1946), Afonso do Paço e Maria de Lurdes Costa Artur (Artur, 1983) e Fernando de Almeida, autor que consagrou vários artigos (Almeida, 1963, 1968, 1988) e uma monografia (1964). Na primeira metade dos anos 80, uma equipa luso-americana desenvolveu escavações e, após uma série de artigos parciais (Biers et al., 1976-1982, 1983, 1984; Biers, Biers e Soren, 1982) publicou a primeira monografia com tratamento stratigráfico sobre o sítio (Biers et al., 1988).

A partir da década de 90, o projecto científico das *Ruínas Romanas de Mirobriga* tem vindo a ser desenvolvido sob a orientação de Filomena Barata, englobando vertentes de escavação, prospecção e valorização (ver sobretudo Barata, 1997, 1998, 1999a, 1999b, 1999c; Quaresma, 1999b).

A identificação com o nome *Mirobriga* não é tida como certa (Encarnação, 1996; Guerra, 1995, p. 94-95). Plínio-o-Velho refere a existência de uma *Merobrica*, na faixa costeira entre o Tejo e o Algarve, bem como vários *oppida stipendiaria*, entre os quais se incluía os *Mirobrigen-ses qui Celtici Cognominantur* (Barata, 1997, p. 17), embora Ptolomeu indique dois topónimos idênticos, que deveriam situar-se não muito longe um do outro (Guerra, 1995, p. 94). São dois os principais argumentos epigráficos que sustentam o debate: uma inscrição funerária, encontrada a poucos quilómetros de Chãos Salgados, na qual consta um *Mirobrigen-sis Celticus* (Almeida, 1964, p. 15; Encarnação, 1984, p. 233), suspeita de falsificação e que, a ser verdadeira, pode até servir de argumento contrário à identificação do sítio com o topónimo clássico, já que a indicação da *origo* é normal fora do *territorium* (Encarnação, 1996, p. 134-5; Guerra, 1995, p. 95); e uma outra epígrafe, da qual, parte do texto foi desenvolvida como M(*unicipii*) F(*lavii*) M[IROBRIG(*ensis*)] (Encarnação, 1984, p. 230), o que constituiria uma prova de municipalização flaviana. Esta hipótese de desenvolvimento do texto é relativizada por Encarnação (1996, p. 133), apesar de uma outra epígrafe referir um *Splendidissimus Ordo*, o que revelaria a existência de uma estrutura municipal.

Na mesma ordem de razões carece de confirmação a nomenclatura de *civitas* para este povoado, bem como possíveis delimitações de *territorium* daí decorrentes. Segundo Alarcão (Serrão e Marques, 1990, p. 167) esse território hipotético confinaria a Sul com a *civitas* de *Arandis*, tendo o rio Mira como fronteira; a Oriente, com a *civitas* de *Pax Iulia*, tendo o rio Sado como separador; e a Norte com a *civitas* de *Salacia*.

A escassez de dados arqueológicos, nomeadamente quanto ao seu contexto (Ferreira et al., 1993; Soares e Silva, 1997), não permite igualmente certezas quanto à dinâmica sócio-política romana do povoado. Tido como um “santuário campestre” por Almeida (1968), detentor da trilogia normal constituída pelo templo central, banhos e circo, foi igualmente interpretado por

Biers et al. (1998) como um povoado com importantes funções simbólicas, pela pequenez do seu perímetro e predominância de edifícios monumentais.

Na verdade, para além dessa componente religiosa que se integra no *forum* — templo central, templo secundário possivelmente dedicado a Vénus e possível *rostrum* (Barata, 1997) — é de destacar a extensão das estruturas comerciais e uma mais reduzida componente habitacional que poderá, hipoteticamente, ser compensada por um povoamento envolvente complementar. O próprio perímetro do povoado é ainda desconhecido. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914) descreve a existência de três linhas de muralhas, duas das quais (possivelmente pré-romanas) podem ser deduzidas actualmente, pela verificação de taludes na encosta sul do *forum* e pela interpretação como tal do muro pré-romano cortado pelo templo central; mas a terceira linha de fortificação, provavelmente a romana, é ainda desconhecida. O único dado, indirecto, é um fragmento marmóreo de uma estátua da deusa Cíbele, portadora de *Corona Muralis*, depositada no Museu Municipal de Santiago do Cacém (Barata, 1997, p. 20-21).

O sítio de Chãos Salgados terá iniciado a sua ocupação nos finais da Idade do Bronze, embora os dados estratigráficos sejam escassos (Biers et al., 1983, p. 56) e os principais elementos datantes pré-romanos, nomeadamente cerâmicos, apontem para uma ocupação contínua do sítio a partir do século IV a.C. (Silva e Soares, 1979; Fabião, 1998, vol. II, p. 239).

A transição do povoado indígena para o romano é em grande parte desconhecida. A exígua estratigrafia da escavação do chamado “templo da Idade do Ferro” revela uma datação *post quem* para o estrato mais recente de c.100 a.C. (Biers et al., 1983, p. 58).

Os dados contextuais mais antigos romanos, publicados (a escavação das *tabernae* não foi objecto de publicação), referem-se aos frescos da *domus* situada a Sul do *forum*, que Fernando de Almeida chamava de “hospedaria”, datados pela equipa luso-americana no terceiro quartel do século I, enquadráveis nos 3.º ou 4.º estilos pompeianos (Biers et al., 1983, p. 61) e à calçada que lhe está adjacente, que possui materiais, sob o pavimento, datáveis de meados da mesma centúria; a mesma datação é proposta para o pavimento do *forum*, segundo dados exumados sob o lajeado do mesmo, no canto sul (Biers, Biers e Soren, 1982, p. 36).

O complexo termal não deverá ser anterior aos finais do século I (Biers et al., 1988).

À *insula* escavada pela equipa luso-americana, em concreto sob a orientação de José Caeiro, é proposta uma cronologia inicial da primeira centúria da nossa era (Caeiro, 1985; Biers et al., 1983, n. 2).

As três construções romanas, alvo de estudo neste trabalho, indicam um início de ocupação na segunda metade do século I (a construção n.º 1 poderá recuar ao terceiro quartel do século I).

O fraco consumo de *terra sigillata* itálica, cujos poucos exemplares pertencem às escavações antigas que terão incidido sobretudo na área do *forum* (Dias, 1976-1977) e à escavação de estruturas situadas à entrada das termas (Artur, 1983) — apenas um exemplar da construção n.º 1 do nosso estudo poderá ser itálico —, são outro indicador de um menor esforço de romanização na primeira metade do século I d.C.

De igual modo, os principais conjuntos de materiais descontextualizados (paredes finas e moedas) enquadram um fortalecimento das frequências a partir de Cláudio (Nolen, 1976-1977; Nunes, 1974; Pereira, 1998). Neste contexto, o alto consumo de *terra sigillata* sudgálica, agora apresentado, mas já objecto de um primeiro estudo (Dias, 1976-1977), será um dos reflexos arqueológicos de um intensificar da romanização ao longo da segunda metade do século I d.C. O afinamento desta proposta cronológica está todavia dependente de futuras escavações que contenham estratigrafias e espólios abundantes e coerentes, sem os quais é especulativo apontar segmentos temporais mais curtos.

Na região onde se insere o sítio de Chãos Salgados, apesar da escassez de sítios conhecidos, é visível um florescimento económico exactamente a partir de meados do século I d.C.

Em Sines, os dados exumados no interior da cerca e no complexo fabril do Largo S. João de Deus apontam para um início da ocupação nesta época (Silva e Soares, s.d.). A necrópole do Monte da Sardinha tem uma datação *post quem* de meados do século I d.C. (Dias e Viegas, 1976-1977). As escavações dos complexos fabris da Ilha do Pessegueiro e de Tróia sugerem cronologias semelhantes (Silva e Soares, 1993; Étienne, Makaroun e Mayet, 1994).

A ocupação de Chãos Salgados termina em meados/segunda metade do século V d.C., a ver pelas datações dos materiais das construções 1, 2 e 3 do nosso estudo (Quaresma, 1999b), embora sejam conhecidos fragmentos de *terra sigillata* descontextualizados que podem estender a ocupação até inícios do século VI (Quaresma, 1999a).

II. Estudos económicos em Arqueologia Clássica: uma sinopse

As duas correntes principais da História Económica proporcionaram, particularmente desde o século XIX, um debate explicativo da realidade clássica, basicamente conformado em dois campos, em boa medida considerados antagónicos, mas que não deixam de apresentar características comuns.

O sucesso das teorias de economia política de Adam Smith (século XVIII) dava aso à formação de uma corrente denominada de “Clássica”, cujos pressupostos de análise tendiam em geral a considerar todas as realidades anteriores ao desenvolvimento mercantilista do final da Época Moderna e inícios da Contemporânea como não-capitalistas (Carreras Monfort, 2000, p. 22).

Por outro lado, uma corrente “Histórica” desenvolvia-se através de vários autores alemães do século XIX que alertavam para a necessidade de análises distintas espaço-temporais e de reconhecer sistemas de economia “doméstica”, por um lado, e de economias “mundiais” (Carreras Monfort, 2000, p. 23).

Em finais do século XIX e inícios do XX, Sombart e Weber lançam pressupostos de análise da economia antiga, nos quais a cidade desempenha um papel crucial, enquanto tipo ideal (Carreras Monfort, 2000, p. 24; Bruhns, 1985, p. 259).

Sombart cria o conceito de “cidade de consumo”, estrutura baseada em dois grandes pilares: o próprio consumo e o comércio. A cidade antiga seria então uma grande aglomeração populacional, antagónica ao campo, cujas gentes viveriam necessariamente dependentes dos excedentes deste último, tidos como um direito fiscal da cidade face ao segundo (Bruhns, 1985, p. 259).

Weber sintetiza as duas grandes correntes de pensamento existentes defendendo a existência de uma economia de mercado em certas áreas e períodos, embora com diferenças em relação ao sistema capitalista contemporâneo. Denotando uma influência da corrente “Histórica”, bem como de autores como Fustel de Coulanges, define, tal como Sombart, um modelo de cidade antiga, enquanto centro de consumo, claramente diferente da cidade medieval, centro de produção. As sociedades clássicas seriam não-capitalistas, face à ausência de estruturas sociais, políticas e económicas suficientemente desenvolvidas (Carreras Monfort, 2000, p. 24). Nesta oposição entre as cidades clássica e medieval, a cidade antiga era uma definição tripartida considerando uma distinção entre cidade de consumo e produção e cidade de comércio. Weber considerava assim que a cidade clássica não era exclusivamente consumista, mas também poderia englobar estruturas produtivas pouco desenvolvidas. Ao contrário de Sombart, não defendia um antagonismo entre cidade e campo, já que os interesses dos consumidores urbanos e dos proprietários agrícolas poderiam ser consentâneos. Nesta perspectiva, a defesa de instrumentos de mercado incipientes permitia a Weber explicar a cidade eminentemente consumista clássica, numa sociedade eminentemente agrícola (Bruhns, 1985, p. 262).

No século XX, Rostovzeff e Finley aprofundam os modelos desenvolvidos ao longo da centúria anterior, já não centrados apenas no conceito de cidade, mas procurando conceptualizar melhor outros instrumentos como o conceito de mercado, estabelecendo igualmente os papéis de estruturas económicas como a agricultura e o comércio. Os estudos de economia romana enquadravam-se doravante em duas grandes correntes: uma primeira, “Primitivista”, e uma segunda, “Moderna” (Carreras Monfort, 2000, p. 26; Bruhns, 1985, p. 258; García Brosa, 1999, p. 175).

Finley estruturou o modelo primitivo, fortemente influenciado por autores como Weber, definindo a cidade romana como um centro de consumo, não aceitando a existência de um mercado único, mas de múltiplos pequenos mercados independentes, estreitamente relacionados com as respectivas cidades, devido não só às dificuldades de transportes, que tornavam o comércio a média e longa-distância demasiado dispendioso, mas também graças ao fraco poder de compra da plebe urbana (Bruhns, 1985, p. 258). Escravos e libertos seriam a componente social desta estrutura comercial, moralmente desaconselhável à elite, segundo escritores clássicos como Cícero (García Brosa, 1999, p. 175). Só numa fase avançada do seu pensamento, Finley

reconheceu a existência de dados comerciais de cariz mais complexo, nomeadamente o anfórico (Carreras Monfort, 2000, p. 26).

O pensamento de Finley teve seguidores recentes de origem anglo-saxónica, como Hopkins, Duncan-Jones, Whittaker, Garnsey e Saller, que realçam os mecanismos de redistribuição e reciprocidade fortemente controlados pelo Estado na actividade comercial (Molina Vidal, 1997, p. 57).

Hopkins aceita que as trocas comerciais possam ter desempenhado um papel de algum relevo, mas destaca a redistribuição, bem como mecanismos públicos como os impostos e rendas, mais consentâneos com uma sociedade ainda pouco liberalizada sócio-economicamente (Molina Vidal, 1997, p. 57). O crescimento do sistema tributário estaria na base de uma economia monetária e mercantilizada, em estado embrionário, já que, numa população de cerca 50 milhões de habitantes, apenas 10 ou 15% viveria nas cidades, permanecendo a restante economia num sistema basicamente agrícola e fechado. O seu modelo de trocas para o Império Romano procura explicar as relações entre a Itália e as províncias produtoras: a venda dos bens permitia aos seus produtores o acesso à moeda com a qual pagavam os impostos a Roma, que poderia assim pagar às províncias produtoras pelos serviços prestados ao Estado, fazendo desta forma circular o dinheiro (Molina Vidal, 1997, p. 54). Nesta linha, Duncan-Jones definiu o Império Romano como uma economia à escala onde funcionavam vários espaços provinciais complementares, não em relação a todos os produtos, mas somente a alguns, como os cereais: províncias produtoras abasteciam uma Itália dependente (Carreras Monfort, 2000, p. 41).

Whittaker nega igualmente uma economia mercantil e generaliza o papel da administração nos mecanismos de troca. Entre 10 e 40% da produção teria um fim interno, sendo a restante produção alvo de um controlo pelos detentores do poder político e económico. Chega a esta conclusão pelo paralelismo muitas vezes encontrado entre as origens das importações e as dos senadores, relembrando os dados anfóricos com *tria nomina* (Tchernia, 1987, p. 330). Este “autoconsumo de elite” ou de “bens de prestígio” (Tchernia, 1987, p. 330), num sistema de reciprocidade (Carreras Monfort, 2000), conduziria, através do crescimento das elites administrativas e da ampliação das suas redes geográficas de influência, ao próprio desenvolvimento da produção para satisfazer o tecido social ligado à administração (Carreras Monfort, 2000, p. 56).

O modelo moderno de Rostovzeff considerava a economia romana pré-capitalista, como uma primeira fase do processo evolutivo capitalista, reconhecendo um mercado mais abrangente e interdependente, com comércio a longa-distância, com financiamento das elites, no qual comerciantes e artesãos desempenhavam um papel fundamental, e o comércio de ânforas e *terra sigillata* era uma prova da sua vitalidade (Carreras Monfort, 2000, p. 26). Na simplicidade e volume deste fluxo económico residia a grande diferença face à economia capitalista moderna (Carreras Monfort, 2000, p. 26).

A escola gramsciana italiana, de pendor neo-marxista, procurou sintetizar as duas grandes correntes, primitivista e moderna, defendendo a existência de outros motores de desenvolvimento histórico, para além da infra-estrutura económica (Molina Vidal, 1997, p. 57-58).

Carandini elaborou o modelo de produção escravagista, a partir de fontes escritas e arqueológicas, em particular a escavação da *villa* de Sette Finestre. Rejeita a visão primitivista que classifica de irracionais as economias pré-capitalistas de época clássica estabelecendo um processo evolutivo na economia romana, paralelo à própria expansão do Império Romano: de uma economia eminentemente doméstica evoluir-se-ia para uma outra de carácter escravagista, mas na qual predominavam as estruturas económicas mais pequenas, familiares, agrícolas e artesanais, nas quais se identificam propriedade dos meios de produção e força de trabalho. O desenvolvimento das trocas através das estruturas mais complexas acima referidas permite, segundo Carandini, a aplicação de conceitos operativos como “crescimento económico” e “crise” (Molina Vidal, 1997, p. 60).

Na economia de mercado romana já funcionava um mecanismo de preços inerente, e para o qual existem dados de controlo estatal, como o apelo de Tibério ao Senado para controlar anualmente os preços de mercado (Carreras Monfort, 2000, p. 38), ou o Édito de Domiciano, no qual se obriga as províncias a arrancarem metade das vinhas e a Itália a não plantar mais nenhuma, o que é comumente aceite como um proteccionismo estatal dos interesses vinícolas itálicos (Pereira Menaut, 1987). Outras figuras, como as *nundinae* (feiras e mercados), ou os *macella* (mercados locais) são provas de um comércio livre e minimamente estruturado (Carreras Monfort, 2000, p. 38).

Para além de um comércio realizado pela “sociedade civil”, podemos falar de um outro, em que o Estado se assumia como redistribuidor de bens e cuja administração estabelecia mecanismos de relação com a sociedade, através de serviços públicos ou de tributação. A redistribuição propriamente dita era consumada pela figura jurídica da *annona* (distribuição de alimentos a Roma) e particularmente pela da *annona militaris* (distribuição de alimentos ao exército). A *annona* é uma instituição documentada para o século III, embora recentemente Remesal Rodríguez, em 1986 (Carreras Monfort, 2000, p. 36), tenha recuado a sua fundação a Augusto — tendo o cargo de *Praefectus Annonae* sido criado em 8-14 d.C. (Carreras Monfort, 2000, p. 217) —, procurando dessa forma explicar a alta concentração, em Roma, de ânforas oleárias béticas. A *annona militaris* poderá recuar a Cláudio, segundo o mesmo Remesal Rodríguez e Funari — 1998 — (*apud* Carreras Monfort, 2000, p. 217), tendo em conta as concentrações de ânforas oleárias béticas, Dr. 20, na *Britannia*, bem como a leitura de uma epígrafe, CIL VI.8538, onde se refere o papel de um liberto no abastecimento militar. Harris (1993) é relutante quanto ao recuo da figura da *annona* a Augusto, apenas aceitando a documentação existente a partir da época severiana; e duvida igualmente da importância do papel do abastecimento estatal ao exército, afirmando que esse intercâmbio poderia não ser efectuado sob a forma de redistribuição, mas de comércio.

III. *Terra sigillata* sudgálica: conceptualização ceramológica, geográfica e cronológica

1. Conceptualização ceramológica

Terra sigillata pode ser definida como “an essentially red kind of pottery with a sintered slip” (Polak, 2000, p. 15) e por sinterização entende-se a “primeira fase de vitrificação” (Polak, 2000, p. 15).

Na *terra sigillata*, a composição do verniz difere da da pasta. As partículas do verniz são muito mais pequenas e este é mais rico em potássio (K_2O) e sódio (Na_2O_3) do que o corpo da peça, por isso, este último funde a uma temperatura mais baixa, o que permite a sinterização do verniz sem deformar o corpo. Sendo igualmente o verniz pouco rico em cálcio, ao contrário do corpo, o primeiro pode assim aderir mais facilmente à parede. A própria aplicação do termo “verniz” não é pacífica. Este termo é usado no estudo da *terra sigillata* de *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975), mas o termo “engobe” é preferencialmente usado noutros estudos (Carvalho, 1993; Bourgeois e Mayet, 1991), por não possuir qualquer substância oleosa na sua composição (segundo Ana Arruda, *apud* Viegas, 2000, p. 30).

A cor avermelhada é resultante da alta percentagem de ferro (Fe_2O_3) na pasta e verniz. No caso do segundo, este contém igualmente muito alumínio e pouco cálcio, ao contrário da pasta, o que torna esta de coloração menos intensa.

As condições de cozedura são também essenciais para a qualidade do fabrico, tanto na consistência, como na cor e sinterização, sendo essencial que o processo de cozedura usado num forno — de dupla câmara, com contacto entre a câmara de combustão e a das peças — seja feito em modo oxidante, pois, em caso de ambiente redutor, o Fe_2O_3 é convertido em Fe_2O_4 , de coloração enegrecida. Tal acontece quando os finais de cozedura não são realizados com abertura das portas do forno, o que provoca a continuação do ambiente redutor, no interior da câmara dos materiais, enquanto se processa o arrefecimento do forno. Quando se efectua a normal abertura das portas, o ambiente torna-se imediatamente oxidante conferindo a coloração avermelhada característica das peças de *terra sigillata*.

No caso dos fornos tipo mufla, a cor avermelhada é obtida naturalmente, graças às características arquitectónicas deste equipamento, no qual a câmara dos materiais trabalha sempre em ambiente oxidante, por não haver passagem dos gases do compartimento de combustão para o das peças. No entanto, para obter a sinterização do verniz, a temperatura da câmara de combustão tem de atingir níveis mais elevados do que nos fornos normais de dupla câmara.

A genuína *terra sigillata* requer a utilização de muflas (Polak, 2000, p. 16). No entanto, em vários centros produtores sudgálicos, a produção da genuína *terra sigillata* foi precedida de uma etapa prévia, a qual se caracteriza, entre outros factores, pelo recurso a fornos de dupla câmara (Polak, 2000, p. 16).

2. Conceptualização geográfica e cronológica

2.1. O nascimento da *terra sigillata sudgálica*

Talvez por problemas de fornecimento da *terra sigillata* itálica, inicia-se, no último quartel do século I a.C. — embora não em simultâneo — uma produção com recurso a fornos de dupla câmara, em Lyon-La Muette, Bram, Narbonne, Montans e La Graufesenque (Polak, 2000, p. 34; Vernhet, 1986b, p. 33), durante um período no qual o abastecimento das tropas do Reno, estacionadas no *limes* germânico, deve ter-se apresentado como um destino preferencial destas novas produções.

Parece consensual a aceitação de uma fase primeira, em que se praticavam as cozeduras A e B de M. Picon, reproduzindo formas itálicas, entre 25 a.C. e 5/15 d.C. (Vernhet, 1986, p. 33).

Três centros destacam-se nesta conjuntura histórica: Lyon-La Muette, Bram e Narbonne, sendo que para o primeiro são conhecidos dados fundamentais da sua comercialização que o podem explicar mais convincentemente, na transição da *terra sigillata* itálica para a sudgálica. Lyon-la Muette implanta-se na margem esquerda do rio Sena, por volta de 10 a.C., com a participação activa de oleiros itálicos, oriundos de Arezzo e Pizza, hipótese aceite por vários autores (Polak, 2000, p. 33; Wells, 1977).

Segundo Lasfargues e Vertet, o final da produção deste centro poderá situar-se em 20 d.C., embora considerem que a laboração de cerâmica lisa cesse logo em inícios da nossa era, no reinado de Augusto; tal proposta é aceite igualmente por Schnurbein, pois a *terra sigillata* lisa de La Muette surge apenas nos níveis alto-tiberianos de Mainz, Vindonissa e Velsen 1 (*apud* Polak, 2000, p. 33). Polak apresenta uma proposta diferente para o fim de Lyon-La Muette, baseado no facto de quase metade da cerâmica lisa existente no acampamento de Haltern, abandonado em cerca de 9 a.C., ser de Lyon (Polak, 2000, p. 33) — sendo que a maioria da *terra sigillata* existente neste acampamento provém igualmente de Lyon — e no facto de Velsen 1 ter uma datação inicial de 15/16 d.C., o que permitiria admitir uma produção de *terra sigillata* lisa em Lyon até Tibério.

Uma análise conjunta de formas, marcas, argila e verniz levam os vários autores a aceitar a presença de oleiros itálicos na génese de La Muette. Análises realizadas nos anos 70 demonstraram que vários moldes de *terra sigillata* decorada deste centro foram importados de Arezzo e utilizados em conjunto com outros de fabrico próprio; além disso, os estudos realizados sobre peças de *C. Ateius*, oleiro itálico importante no espólio de Haltern, demonstram que 60% dos vasos deste oleiro provêm de Pisa, 30% de Lyon e 10% de Arezzo (Wells, 1977, p. 3-4).

Bram e Narbonne, no vale do Aude, produziram uma *terra sigillata* de verniz não sintetizado, no último quartel do século I a.C. (Bram) e entre 10 a.C. e 30 d.C. — Narbonne — (Vernhet, 1986c, p. 33; Passelac, 1986b; Passelac e Sabrié, 1986). Não são conhecidas muflas nestes centros; mas, ao contrário de Lyon-La Muette, os oleiros conhecidos em Narbonne são-no apenas neste centro não sendo possível relacioná-los com outros centros oleiros, nomeadamente itálicos (Polak, 2000, p. 17). A participação de oleiros itálicos neste processo não é ainda muito clara nos seus contornos e deve assumir diferentes maneiras. Não há evidência de uma relação directa entre Lyon-La Muette e a formação dos centros de Montans e La Graufesenque. Poucos oleiros conhecidos podem ser considerados contemporâneos e comuns a La Muette e La Graufesenque; além disso, o forno de mufla parece surgir nos centros sudgálicos ainda na primeira década do século I d.C., quando ainda laborava Lyon-La Muette (Polak, 2000, p. 34). Muitas vezes apresentados como centros produtores de *terra sigillata* sudgálica (Vernhet, 1986c), Bram e Narbonne são considerados, como Lyon-La Muette, centros de produção de uma “proto-*sigillata*” ou de uma “imitação de *sigillata*” (Polak, 2000, p. 16), ou ainda de “pré-*sigillées* sud-gauloises” (Passelac, 1986a, p. 36). A aplicação dos conceitos não é pacífica e pode depender da importância que os diversos autores atribuem aos factores em análise. Polak (2000) parece privilegiar os aspectos técnicos na conceptualização do material; por outro lado, autores como C. Wells (1977) privilegiam o papel e a origem dos oleiros presentes neste novos centros. As relações já apontadas entre La Muette e Arezzo por este último autor levam-no a considerar o centro de Lyon como “une véritable succursale d’Arezzo” (Wells, 1977, p. 4).

2.2. Os centros sudgálicos de terra sigillata

Mais pacífica parece ser a aplicação do conceito de “sudgálico”, embora não possa ser entendido como um conceito operativo referente a uma única realidade, mas antes a uma heterogeneidade espacial e temporal, bem como comercial (Polak, 2000, p. 15). No entanto, entre as várias oficinas há inequívocos canais de comunicação e de interesse, por vezes de filiação, demonstrados pela partilha de oleiros e de instrumentos, bem como por uma evolução estilística homogénea no espaço e no tempo (Vernhet, 1986a, p. 41).

Nos finais de Augusto, ou já nos inícios de Tibério — 5/15 d.C. — (Vernhet, 1986c, p. 33; Passelac, 1986a, p. 36), começa uma segunda fase, na qual se produz uma *terra sigillata* genuína, segundo o modo C de M. Picon, sinterizada (Vernhet, 1986c, p. 33).

QUADRO DESCRITIVO

Oficinas	Cronologia	Oleiros	Fornos	Grafitos de Pré-Cozedura
Bram	25 a.C.-0	10-12	1?	0
Narbonne	10 a.C.-30 d.C.	?	1?	0
Montans	10 a.C.-260 d.C.	210	10?	2
Valéry	40-70 d.C.	40*	0	0
Aspiran	15-40 d.C.	7-11	1	0
Carrade	40-80 d.C.?	10	4	0
Rozier	50-80 d.C.	21	1?	2
Banassac	60-180 d.C.	- de 75	0	0
La Graufesenque	10 a.C.-250 d.C.	450	6	270
Jonquières	1-30 d.C.	?	0	0
Crambade	15-20 d.C.	4	1	0
Brive**	70-110	?	?	0

Extraído de Vernhet, 1986c, p.33.

* segundo Polak, 2000, p. 20.

** segundo Moser, 1986.

2.2.1. Grupo este: La Graufesenque, Aspiran, Jonquières/Saint Saturnin, Le Rozier, Banassac

La Graufesenque (Millau)

Este centro produtor situa-se na margem esquerda do rio Tarn, na actual cidade de Millau. Conhece-se hoje uma área de cerca de 10 ha, escavada ao longo de várias campanhas de trabalho de campo: entre 1862 e 1885, pelos abades Malzac e Lères; entre 1901 e 1906, pelo abade F. Hermet; entre 1950 e 1954, por L. Balsan; e, por último, entre 1965 e 1981 (Vernhet, 1986b, p. 96).

Nos seus primeiros momentos, até ao primeiro quartel do século I d.C., apresenta grandes semelhanças às decorações de Arezzo e às formas lisas itálicas. A configuração das marcas mais antigas é também de clara inspiração em Arezzo, com duas linhas de texto enquadrado por grinalda ou dupla linha (Polak, 2000, p. 24).

No segundo quartel do século I assiste-se a um gradual abandono da tradição itálica, tanto nas decorações como nas formas. As estampas apresentam agora termos eminentemente sud-

gálicos, como “*officina*”, “*fecit*”, ou “*manus*”, os quais são raros na Península Itálica (Polak, 2000, p. 24); surgem formas que se tornarão importantes, como as Drag. 29 e 18.

A última sequência de escavações (1965-1981) revelou 4000 m² de oficinas, habitats e lugares de culto (Vernhet, 1986b, p. 96). Detectou igualmente uma mudança crucial na evolução deste centro, ocorrida no terceiro quartel do século I, com o estabelecimento de muitas oficinas, tal como sucede em Le Rozier (Polak, 2000, p. 25). Surgem então seis novos serviços (Vernhet, 1976). Apesar do intensificar da produção, esta mantém-se em níveis altos de qualidade, como demonstra a fossa de *Galicanus*, datada de 55-60 d.C., a qual continha milhares de peças rejeitadas por imperfeição (Polak, 2000, p. 25).

No último quartel desta centúria, a qualidade desce de patamar, tanto ao nível dos perfis e das decorações, como do brilho dos vernizes que pode tornar-se menos intenso (Polak, 2000, p. 25; Bourgeois e Mayet, 1991).

Aspiran e Jonquières/Saint-Saturnin (Hérault)

Situa-se a cerca de 10 km de La Graufesenque, entre este e o Mediterrâneo, perto de uma *villa* romana que poderia tutelar este centro. Terá sofrido uma influência inicial de La Graufesenque, mas também itálica, a ver pelas marcas *in planta pedis* (Laubenheimer e Albagnac, 1986; Polak, 2000, p. 25).

Le Rozier (Lozère)

Situa-se a cerca de 15 km de La Graufesenque e possui uma área de cerca de 2ha. Nasceu em simultâneo à fase de expansão de La Graufesenque e produziu as formas Drag. 24, Ritt. 8 e 9, Drag. 35, 36 e 37. São conhecidos 21 oleiros e quase todos surgem igualmente em La Graufesenque. A composição química das peças deste centro é idêntica à de La Graufesenque (Vernhet e Thuault, 1986; Polak, 2000, p. 26).

Banassac (Lozère)

Situa-se em ambas as margens do rio Urugne. Possui cerca de 10ha e considera-se que apenas uma pequena parte esteja investigada nas campanhas de 1953 e 1960-64 (Hofmann, 1986; Polak, 2000, p. 29). É grande a semelhança das suas formas com as de La Graufesenque, sobretudo nos momentos iniciais, sendo difícil a distinção das peças de ambos os centros, até porque as pastas são semelhantes e vários oleiros terão trabalhado em ambos os centros. Tal é o caso de *Germanus*, cujos moldes foram utilizados em ambos os locais, não se sabendo ainda se com produções distintas ou se apenas com troca de utensílios (Polak, 2000, p. 29), mas também de *Iulius Aemilius*, *T. Iulius Aplastus*, *Claudius Gemma*, ou *Biragillus*, que trabalharam em La Graufesenque na primeira centúria (Polak, 2000, p. 30). Estes dados em conjunto são o suporte para aceitar a cronologia inicial deste centro ainda no século I, algo que não é defendido por Polak, baseado em cronologias estratigráficas de sítios de consumo do século II, como Bad Cannstatt, Munnigen e Pfünz, cujas ocupações se iniciam, todavia, em finais do século I (Polak, 2000, p. 30), pelo que este suposto desfazamento temporal pode espelhar apenas um início de laboração do centro sem possuir ainda um mercado alargado. Apesar de ter como mercados preferenciais a *Germania* e o Danúbio (Polak, 2000, p. 30; Hofmann, 1986), são conhecidos exemplares comercializados na costa noroeste africana (Vernhet, 1986a, p. 40).

2.2.2. Grupo oeste: Montans, Crambade, Valéry, Saint-Saveur

Montans (Tarn)

Após uma fase de produção de *sigillata* sem sinterização do verniz, em fornos de dupla câmara, este centro começa a produzir uma genuína *terra sigillata*, em fornos de mufla, na primeira década do século I d.C., sob influência itálica nas formas e decorações, bem como nas marcas de tipo “*in corona*”, características de Puteoli (Polak, 2000, p. 18; Martin, 1986b).

Nos finais do principado de Nero fazem-se sentir influências de La Graufesenque: alguns dos seis serviços (A, C, F) flavianos deste centro são igualmente produzidos em Montans; são utilizados moldes de La Graufesenque na elaboração de decorações, nomeadamente dos oleiros *T. Flavius Secundus*, *Acutus* e *Longirnus*. As semelhanças formais dos produtos de ambos os centros acentuam-se no último quartel do século I (Polak, 2000, p. 19). As diferenças de verniz e pasta entre os dois centros pode mesmo em muitos casos ser imperceptível sem o recurso a análises laboratoriais (Lopes, 1994, p. 38).

Ao todo, cerca de 40 oleiros poderão ser comuns a La Graufesenque e Montans (Polak, 2000, p. 20).

Crambade (Montans, Tarn)

Situa-se a 4 km de Montans. Para além de semelhanças decorativas e formais com este centro, terão trabalhado aqui 4 oleiros comuns: *Felix*, *Lupus*, *Rufus* e *Votornus* (Polak, 2000, p. 20; Martin, 1986c).

Valéry (Busque, Tarn)

Este centro seria tutelado por uma *villa*, na qual se implantava. Dos quarenta oleiros conhecidos, trinta terão também trabalhado em Montans, o que explica as grandes semelhanças estilísticas entre ambos os centros (Polak, 2000, p. 20; Martin, 1986e).

Saint-Saveur (Gaillac, Tarn)

Situa-se na margem direita do Tarn, em posição oposta a Montans. A escavação de 1868 revelou bastantes dados em comum. O oleiro *Longirnus* terá desempenhado um papel muito importante neste centro, o que levanta a hipótese de poder ser uma sucursal de La Graufesenque em Montans: estampas deste oleiro em muitos exemplares de Drag. 27 e em moldes de Drag. 29 e 37. *Longirnus* exerceria já a sua actividade em La Graufesenque, na época de Nero, o que confere um *terminus post quem* para este centro (Polak, 2000, p. 20; Martin, 1986d).

IV. Obras de referência utilizadas para a análise das formas lisas, decoradas e marcas de oleiro

A principal obra utilizada neste trabalho foi a monografia recentemente publicada por Polak (2000), acerca do acampamento de Vechten, no Baixo Reno. Após uma estagnação dos estudos tipológicos da *terra sigillata* sudgálica, durante cerca de 10 anos, em 1995 este autor apresenta a sua tese de doutoramento sobre a *sigillata* de La Graufesenque, editada em 2000, pela *Rei Creatariae Romanae Fautores*. O espólio estudado era constituído por cerca de 5000 vasos com marca de oleiro e deu um contributo significativo para o conhecimento da evolução crono-morfológica das peças, em particular das formas lisas — já que a única forma decorada tratada foi a Drag. 29 —, bem como de uma série importante de oleiros.

Dez anos antes havia sido publicado o n.º 6 dos *Documents d'Archéologie Française*, no qual vários autores produziam um ponto de situação sobre os conhecimentos dos centros oleiros gálicos.

Os estudos sobre a *terra sigillata* sudgálica remontam contudo aos finais do século XIX, inícios do XX.

Embora não tenhamos tido acesso à obra de Dragendorff (1895), a sua tipologia continua a ser a base de qualquer nova proposta, bem como a de Ritterling (1912).

Déchelette (1904) e Knorr (1912, 1919, 1952) foram outras das obras consultadas, respeitantes sobretudo às decorações, embora a obra de Hermet (1934), monografia sobre La Graufesenque, constitua a obra mais incontornável deste conjunto.

A maior compilação de dados continua a ser a publicação de Oswald e Pryce (1920-1966), com uma abrangente caracterização crono-tipológica das peças lisas e decoradas, bem como dos estilos decorativos e oleiros, e uma seriação do vasto leque de sítios cujas estratigrafias fundamentam as datações propostas. Em conjunto com os *Documents d'Archéologie Française* (DAF), n.º 6, e a monografia de Polak (2000) são proventura os três trabalhos mais importantes, em quantidade e variedade de informação.

Oswald publicou também duas outras obras respeitantes aos oleiros (1931-1964) e às decorações figurativas (1936-1964). Recorremos ainda à sua monografia sobre *Margidunum* (1948), com um faseamento minucioso dos materiais.

Nos anos 70, a monografia de Bémont (1976) deu novos conhecimentos sobre as marcas de oleiro e centros de origem. No mesmo ano, Vernhet sistematizava os seis serviços flavianos comercializados por La Graufesenque.

Após o contributo nos já referidos DAF,6 (1986), Vernhet e Passelac voltaram a apresentar uma seriação tipológica, a par de novas propostas cronológicas, da *terra sigillata* sudgálica, em 1993.

No mesmo ano foi publicada a monografia sobre USK, onde se inclui um estudo exaustivo da *terra sigillata* sudgálica lisa neronina, procurando fornecer pistas sobre a evolução morfológica e métrica das peças (Tyers, 1993).

Os estudos sobre os processos produtivos de La Graufesenque já haviam sido objecto de estudo de Hermet (1934), obra em que se apresenta o primeiro trabalho sistemático sobre os grafitos de pré-cozedura. Só em 1988, um novo contributo de fundo foi dado para esta questão, através de Marichal.

Foram vários os contextos fechados utilizados neste estudo, por recurso directo dos dados, ou através de citações de terceiros:

- As fossas 78 (ou de *Galicanus*) — datada de 55-60 d.C. — e 80 (ou de *Cirratius*) — datada de 35-40 d.C. — são tratadas por Bourgeois e Mayet (1991), bem como por Polak (2000). Este último autor aborda igualmente o depósito Cluzel 15, datado de 60-65 d.C.;
- Um quarto contexto fechado de La Graufesenque é a fossa 79, datada de Domiciano-Trajano, apresentada por Vernhet (1981);

- O contexto neroniano do porto de La Nautique (Fiches, Guy e Poncin, 1978);
- A “Caixa de Pompeia”, vespasiana, publicada por Atkinson (1914);
- O naufrágio vespasiano de Cala Culip IV — cuja extensa monografia, ainda incompleta, dedica-se quase exclusivamente às peças lisas e marcas, não analisando aprofundadamente as decorações — constitui um contributo relevante para a caracterização tipológica dos vasos lisos. Os quase 3000 exemplares de *terra sigillata* de La Graufesenque foram a carga principal do seu carregamento (Nieto Prieto, 1986; Nieto Prieto et al., 1989).

V. Metodologia de quantificação

Foram vários os métodos aplicados neste estudo e a razão de não se ter optado por um único reside no facto de ter havido que lidar com situações igualmente diversas, que não permitiam uma única análise.

Qualquer estudo estatístico arqueológico, nomeadamente de espólios cerâmicos, é uma inferência da realidade passada (Orton, 2000, p. 15) e, nesta perspectiva, uma gama de análises permite cumulativamente uma comparação de resultados estatísticos, conseqüente teste e afinamento de conclusões historicizantes.

Foram duas as metodologias estruturantes deste estudo: a contagem do Número de Fragmentos e o cálculo do Número Mínimo de Indivíduos, tal como já se havia feito em trabalho recente sobre a *terra sigillata* de Santarém (Viegas, 2001, p. 27-28).

O primeiro método indicado é comumente utilizado em estudos de *terra sigillata*, quer contabilizando todos os fragmentos, quer apenas somando os fragmentos classificáveis segundo as tipologias disponíveis (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990; Mayet e Bourgeois, 1991; Carvalho, 1993; Lopes, 1994).

No presente estudo contabilizou-se todos os fragmentos de *terra sigillata* sudgálica, distinguindo-se, numa segunda contagem, o Número de Fragmentos Classificáveis segundo os respectivos tipos.

Contudo, o grau de conservação dos espólios deve determinar se o uso exclusivo deste método é suficiente para uma estatística fiável (Raux, 1998, p. 12). O facto de a maioria das peças provir de contextos de escavação desconhecidos e revelar uma grande acção de desgaste levou-nos a optar pela aplicação de um segundo método.

Aplicou-se então o cálculo do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), mas apenas para os fragmentos que haviam sido estudados directamente, ou indirectamente, por intermédio de inventário nas publicações respectivas. Excluía-se, desta forma, os fragmentos depositados no Museu Municipal de Santiago do Cacém, que haviam sido somente indicados, sem inventário, por Dias (1976-1977).

No cálculo do NMI seguimos os dois passos propostos por Raux (1998, p. 13), também seguidos por Viegas (2000, p. 28):

- a colagem de todos os fragmentos, pelo que 2 fragmentos colados equivaliam a 1 fragmento;
- quando um tipo possuía, por exemplo, x bordos, $x+1$ bojos e $x+2$ fundos, o NMI desse tipo era de $x+2$.

Parte do espólio provém de escavações recentes, coordenadas por Filomena Barata, e cujo registo era passível de manuseamento ao longo deste estudo. No cálculo do NMI dessa parcela do espólio aplicou-se a ideia proposta por Hesnard (1998, p. 19), segundo a qual o segundo passo proposto por Raux deve ser afinado: o cálculo do NMI de um tipo deve ser feito de forma independente, no seio de cada UE, pelo que n bordos de uma UE [1], $n+1$ bojos de uma UE [2] e $n+2$ fundos de uma UE [3] correspondem a três NMI diferentes que devem ser somados para chegar ao NMI final desse tipo. Este princípio da quantificação por contextos está expresso por Orton, Tyers e Vince (1993, p. 171): “sherd family” significa todos os fragmentos de um mesmo vaso; “nuclear sherd family”, todos os fragmentos de um mesmo vaso, numa mesma unidade; “extended sherd family”, conceptualiza todos os fragmentos de um mesmo vaso, dispersos por várias unidades.

A contabilização da *terra sigillata* de Chãos Salgados, estudada em anteriores trabalhos (Quaresma, 1999a, 1999b), foi feita apenas por contagem de fragmentos classificáveis, pelo que foi este o método estatístico de comparação entre as produções de *sigillata* existentes no povoado.

No cálculo da *sigillata* itálica, hispânica e africana presente nas construções 1, 2 e 3 do presente estudo aplicou-se também unicamente o método da contagem do Número de Fragmentos Classificáveis.

VI. Apresentação da ficha da base de dados da *terra sigillata* sudgálica

A ficha apresentada em anexo (ver anexo 8) é o resultado de duas propostas principais: os trabalhos sobre os espólios de *terra sigillata* dos sítios de Monte Mozinho e Represas (Carvalho, 1993; Lopes, 1994). A questão do equilíbrio entre a análise — tida como mais objectiva — e a descrição — tida como eminentemente subjectiva — é uma problemática já focada pela primeira autora e foi também por nós reflectida. Considerámos assim que um simples catálogo descritivo, mesmo que enquadrado por parâmetros rígidos, pode mais facilmente conduzir a erros de interpretação pelo leitor, pois a sequência do texto do catálogo pode privilegiar mais este ou aquele aspecto, sem ter essa intenção. Por outro lado, uma ficha com descrições pré-definidas e assinaladas por “cruzinha” pode ser demasiado fechada, dando pouca margem de manobra para os casos que se desviam das tendências padronizadas. Optámos, assim, por elaborar uma ficha que sintetize, dentro do possível, as duas ideias-chave: análise e descrição, pelo que procurámos abrir o maior número de campos e dentro de cada um deles inscrever um texto descritivo, mas orientado por parâmetros previamente definidos.

No primeiro campo, “N.º de Inventário”, identifica-se a peça, segundo o registo do Inventário Geral de Miróbriga, mas também segundo uma outra nomenclatura, adaptada, no caso das peças conhecidas apenas em bibliografia: assim, regista-se igualmente “Dias (1976-1977): n.º 1” ou “Pereira (1971): n.º 1”, etc. Não se elaborou, pois, um inventário próprio para este trabalho que fornecesse às peças uma numeração sequencial e uniforme.

No campo “Depósito”, informamos acerca da localização, se conhecida, da peça: M (Ruínas Romanas de Miróbriga), MNA (Museu Nacional de Arqueologia) e MMSC (Museu Municipal de Santiago do Cacém).

No campo denominado “Campanha” indica-se o ano da campanha de escavação em que a peça foi exumada, caso se conheça essa informação.

No campo “Sector”, indica-se uma localização parcelar na planta das Ruínas, quando conhecida.

No campo “Unidade de Recolha” é indicada a unidade estratigráfica de escavação, conhecida apenas numa minoria de exemplares do espólio. Existem ainda algumas peças provenientes de recolha de superfície.

Nos campos “Registo Gráfico” e “Registo Fotográfico” indica-se a existência (com a letra “s”), ou não (em branco), da elaboração de desenho e fotografia, respectivamente.

O campo “Morfologia” (“Morf.”, no catálogo) é usado para informar acerca da posição do fragmento no vaso: b (bordo), f (fundo), c (carena, mas também inflexão no perfil, no caso da Drag. 27), bj (bojo).

No campo “Tipo” surge a classificação tipológica, apresentada segundo as tabelas mais conhecidas (Dragendorff — “D” —, Ritterling — “R” —, e ainda o “serviço F” flaviano). Quando não é possível saber o tipo, indicamos se pertence a prato (p), tigela (t), ou taça (ta). No caso dos bojos de classificação indeterminável, consta o símbolo “?”.

O campo “Descrição Morfológica” é preenchido quando as peças apresentam alguma característica a destacar: caneluras ou ressaltos, roleta, aspectos relevantes do bordo, etc.

Na “Descrição da Pasta” e na “Descrição do Verniz” (“Pasta” e “Verniz”, no catálogo), tivemos em conta três trabalhos principais, debruçados sobre as produções de La Graufesenque e Montans. Vernhet (1986b) descreve os produtos de La Graufesenque como peças de pasta fina, dura, de cor bege rosada, contendo pequenas partículas de calcário branco; a “cobertura” é descrita como vermelha coral, semi-vitrificada, muito aderente. Na mesma obra, DAF 6 (1986), Martin (1986b) descreve as peças de Montans como possuidoras de pasta fina, mas muitas vezes pouco dura e com fracturas pouco nítidas, podendo conter minúsculas partículas de cal; a cor é geralmente clara, bege rosado, com tendência ao branco; no século II a pasta torna-se mais alaranjada; a cobertura, por vezes pouco aderente e mate, é de cor vermelho alaranjado, com ten-

dência ao escuro, podendo ser “marron-chocolate”. Tomber e Dore (1998, p. 28-29) deram um contributo para esta descrição dos materiais sudgálicos, recorrendo a um discurso mais elaborado, suportado em tabelas científicas, nomeadamente a tabela de cores de solos de Munsell. A pasta de La Graufesenque é classificada como “pale pink-brown” (rosa-castanho pálido; 10R 6/8 = N20 de Cailleux), por vezes alcançando tons 6/6 (=N19) e 5/8 (=P19); contém abundante cal, em partículas geralmente inferiores a 0,1 mm de dimensão, ocasionalmente superior a 0,5mm; a mica branca é rara; pode ter vácuos alongados de 2,0mm; a superfície é de cor “red-brown” (vermelho-castanho; 10R 5/8 = P19), geralmente bem lustrada e com boa fractura. Os mesmos autores descrevem a pasta de Montans como “pale red-brown” (vermelho-castanho pálido; 10R 6/8 = N20), podendo ser também 10R 8/8 — 7/8; de boa fractura (ao contrário da opinião de Martin, 1986b), mas contendo mais cal do que as peças de La Graufesenque, em partículas de 0,1 mm de dimensão, podendo atingir 0,4 mm, apresentando alguma mica branca ou grãos de ferro, por vezes com 0,3 mm de dimensão e vácuos que podem atingir 1,0 mm de comprimento; a superfície é de cor “red-brown” (vermelho-castanho; 10R 5/8 = P19) ou 10R 4/8 (=S17), lustrada. Consideram o fabrico do século I geralmente mais pálido do que o de La Graufesenque, mas de verniz mais acastanhado, tornando-se mais parecido com os produtos de Lezoux.

Tendo em conta este enquadramento, elaborámos 3 grupos de pastas e 5 de vernizes, utilizando como instrumentos de trabalho uma lupa manual com gama de ampliações de 8, 10 e 18x, a luz solar (já que não possuíamos meios laboratoriais ao nosso dispor) e a tabela de cores de solos de A. Cailleux, na qual é possível fazer a homologação para a congénere de Munsell.

A pasta n.º 1 é dura, compacta, de fractura nítida, e contém raríssimos elementos não plásticos. A sua cor varia entre M37 (=2,5 YR 6/6, rouge clair/vermelho claro) e M17 (=7,5 R 6/6, rouge clair/vermelho claro);

A pasta n.º 2 é também dura, mas contém mais elementos não plásticos, embora ainda em pouca quantidade; também é compacta, mas com alguma granulosidade visível a olho nu. Confunde-se algo facilmente com a pasta n.º 1, se não efectuarmos a fractura. A sua cor é a R19 (=10 R 5/6, rouge/vermelho).

A pasta n.º 3 é menos dura e compacta; contém frequentes elementos não plásticos visíveis a olho nu, sempre de pequenas dimensões como nas pastas anteriores; é, por isso, mais clara, variando entre N37 (=2,5 YR 6/8, rouge clair/vermelho claro) e N25 (=10 R 6/4, rouge pâle/vermelho pálido).

O verniz n.º 1 é quase acetinado, medianamente espesso, de muito bom fabrico, resistente; a sua cor é R17 (=7,5 R 4/6, rouge/vermelho);

O verniz n.º 2 é de bom fabrico, pouco brilhante, não tão resistente quanto o verniz n.º 1, mas também de espessura média; a sua cor é R15 (=10 R 4/8, rouge/vermelho);

O verniz n.º 3 é muito pouco brilhante ou baço, algo estaladiço, embora também de espessura média; a sua cor varia entre S19 (=10 R 4/4, rouge faible/vermelho ténue) e S20 (=10 R 4/4 — *sic* —, rouge faible/vermelho ténue);

O verniz n.º 4 é muito fino, de mau fabrico, manchado, mas resistente; a sua cor varia entre R19 (=10 R 5/6, rouge/vermelho) e R20 (=2,5 YR 4/6, rouge/vermelho);

Por fim, o verniz n.º 5, marmoreado, de boa qualidade e espessura média.

No campo “medições” (“mediç.”, no catálogo) apresentam-se os valores principais para a análise: db (diâmetro de bordo), dc (diâmetro de carena), dp (diâmetro de pé-de-anel), hbc (altura entre bordo e a carena), hp (altura do pé-de-anel).

No campo “Decoração”, classificamos e descrevemos os motivos ornamentais das peças decoradas.

Nos campos relativos a “Marca” e a “Grafito”, apresentam-se a leitura e a interpretação/identificação dos mesmos.

O campo “Cronologia” foi naturalmente aberto no intuito de constar uma informação imediata sobre a baliza temporal do fragmento em questão.

Por fim, no campo “Observações” (“Obs.”, no catálogo) constam as possíveis indicações de certa forma extraordinárias no decorrer de qualquer análise, bem como as bibliográficas.

No catálogo, por erro nosso ao elaborar a base de dados, a sequência das peças não segue a normal disposição matemática, pelo que alertamos para uma lógica um pouco diferente, que se deve ao facto de o programa não reconhecer correctamente valores dispostos em vários campos (Mir-23-67, etc.), o que requeria a elaboração de vários sub-campos, ou de uma nomenclatura homogénea (como 1, 2, 3, etc.) para uma correcta leitura por parte do Access. Assim, ao ordenar as fichas, o programa considera, por exemplo, que Mir-200-34 é um valor mais baixo do que Mir-21-34, pois o número 200 contém o algarismo 0 em segunda posição e o 21 contém um 1. Pela mesma ordem de razões, ao consultar-se o catálogo, deve ter-se em conta que as peças estão dispostas em função dos primeiros algarismos do campo: encontramos primeiro as peças com 1, 10, 100, 1000, vindo depois as peças com números 2, 20, 200, 2000, etc.

VII. Caracterização geral e evolução cronológica do espólio

1. Vernizes e pastas (ver Anexo 4, Figs. 3 e 4)

Numa primeira observação de conjunto do espólio estudado directamente neste trabalho, é de notar uma já referida mediania de pastas e vernizes, a qual, todavia, deve possuir outras explicações que não apenas uma mais imediatista, tendente a considerar a falta de brilho ou a menor depuração das pastas como simples falta de qualidade de fabrico.

Primeiro, parece-nos útil considerar a acidez dos solos de Chãos Salgados, de componente xistosa, como altamente corrosiva para as cerâmicas neles depositadas. É provável que a falta de brilho detectada na maioria dos fragmentos possa dever-se a essa reacção.

Em segundo lugar, a alta frequência dos vernizes do tipo 3 do nosso estudo, bem como das pastas tipo 3, podem representar outras origens de fabrico que não apenas a de La Graufesenque, ao contrário do que inicialmente supuséramos, quando encetámos o estudo desta colecção. Recorrendo a métodos arqueométricos laboratoriais, no futuro, poder-se-á, em conjunto com uma análise do espólio hispânico, ter uma visão mais correcta das fronteiras de descrição entre a *terra sigillata* de La Graufesenque e a de Montans e a hispânica — em particular da região nordestina.

Por último, deve ter-se em linha de conta que as frequências de pastas e vernizes de tipo 3 podem relacionar-se com possíveis tendências de oferta e procura de *terra sigillata*, cujas configurações são difíceis de perceber nos estudos arqueológicos, dificuldade essa acentuada pela falta de uniformidade de critérios de descrição utilizados nas diversas publicações. Contra esta tendência, veja-se as propostas de ficha de inventário de Lopes (1994) e Carvalho (1993).

No espólio sudgálico observa-se apenas 29 fragmentos fabricados com recurso a uma pasta depurada, tipo 1, que facilmente se identifica como sudgálica e normalmente como de La Graufesenque, tal como a pasta 2, de boa qualidade, mas com mais elementos não plásticos, que surge em cerca de metade do espólio; a pasta 3, pouco depurada, é a base de 40,5% dos fragmentos.

Os valores obtidos na observação dos vernizes são elucidativos quanto à falta de brilho de muitas das peças: 422 exemplares — 72,1% —, são de tipo 3. O tipo 2 surge em 22,7% e o tipo 1 apenas em 1,1% dos exemplares. O verniz 4 está representado por 2,2% dos exemplares e pode constituir apenas uma falha de fabrico ocasional.

O verniz marmoreado, cláudio-neroniano, com 10 exemplares, pode ser outro indicador da mediania do espólio.

A hipótese levantada por Bourgeois e Mayet (1991, p. 84), a partir dos dados de *Baelo*, e considerada também por Viegas (2001, p. 32), de os vernizes menos brilhantes e peças mais imperfeitas, serem mais tardios, levou-nos a procurar sistematizar por formas as frequências dos tipos de pasta e vernizes, na tentativa de encontrar essa possível causalidade cronológica do decréscimo de qualidade de fabrico dos oleiros sudgálicos. Na verdade, essa hipótese não parece comprovar-se, ou ser passível de confirmação, em Chãos Salgados. O verniz 1 surge em 3 exemplares de Drag. 30 e 37. O verniz 2 surge num vasto leque formal e o verniz 3 alarga ainda mais o espectro tipológico, sendo aplicado em formas mais antigas como a Ritt. 1 e Drag. 17b, ou formas mais recentes como a Drag. 35/36 e 37. Focando a atenção em formas estatisticamente mais importantes, como os dois binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27, nota-se sempre uma maior frequência do verniz 3, embora o predomínio deste se acentue no binómio mais tardio, que tem, todavia, um total de exemplares mais vasto. Uma distinção entre formas lisas e decoradas também não é sustentável, já que o predomínio do verniz 3 é visível em ambos os conjuntos: note-se as altas frequências observadas nas Drag. 30 e 37.

2. Formas (ver Anexo 4, Figs. 5 e 6)

No quadro de frequências dos tipos atribuídos no espólio de Chãos Salgados tivemos de distinguir as origens dos espécimes em dois grandes campos:

- 1) os materiais estudados por observação directa, que estão depositados nas Ruínas Romanas de Miróbriga e no Museu Nacional de Arqueologia, bem como os conhecidos por inventário em publicações;
- 2) um segundo campo, a que acresce as frequências dos tipos conhecidos apenas por citação de quantitativos por Dias (1976-1977), depositados no Museu Municipal de Santiago do Cacém, e aos quais não tivemos acesso, pelo que as suas classificação e quantificação não foram confirmadas por nós. Este segundo campo foi objecto apenas de contagem de Número de Fragmentos, não podendo obviamente ser feita qualquer tentativa de contabilização de NMI.

Quanto às frequências determinadas, a primeira conclusão a assinalar é a semelhança percentual entre os valores de Número de Fragmentos e de NMI, o que permite a aceitação do cálculo do Número Mínimo de Indivíduos como minimamente fiável, tal como o próprio Número de Fragmentos, o qual, à partida, seria considerado mais susceptível de distorções pela amostra.

Creemos, por isso, ser razoável utilizarmos preferencialmente os valores de NMI, ao longo da análise do espólio.

Já focámos a baixa percentagem de peças marmoreadas (1,45% dos fragmentos). Neste contexto, o número de fragmentos com marca de oleiro é algo surpreendente (44 fragmentos = 6,3%), embora se aproxime a outras médias relativas a sítios diversos, como veremos mais à frente.

A relação entre formas lisas e decoradas, 80,2 — 19,8%, condiz com as características gerais do espólio, sendo normal que num universo com aspectos de mediania na escolha dos produtos adquiridos, os tipos lisos, de mais baixo custo, sejam os preferidos.

O próprio repertório formal não é vasto: ao todo, foram importadas 15 formas, que se distribuem por 5 pratos, 5 tigelas e uma taça/prato, lisos e 1 cálice e 3 taças decorados.

O maior leque formal encontra-se nas formas lisas.

Os 5 tipos de pratos estão representados pelas escassas Ritt. 1 e Drag. 17b, mais antigas e residuais (1,4 e 1%), tal como acontece com o prato flaviano, de tipo F2 (0,4%); e por duas outras formas largamente mais representadas, as Drag. 15/17 e 18, com 10,8 e 27%, respectivamente.

As 5 formas de tigelas apresentam igualmente dois tipos predominantes, as Drag. 24/25 e 27, com 11,9 e 18,3%, respectivamente, e formas mais residuais, representadas por tigelas mais antigas, tipo Ritt. 5 e 8 e pela Drag. 33, de cronologia mais vasta e, talvez por isso, com uma frequência ligeiramente superior — 3,6%.

A Drag. 35/36, flaviana, com decoração a barbotina, é igualmente residual (4,3%).

Como já referido, o repertório formal de peças decoradas é mais parco, sendo composto por formas habituais nos conjuntos de *terra sigillata* sudgálica, como as Drag. 29, 30 e 37, surgindo ainda o cálice Drag. 11. Este último, mais antigo, apresenta apenas 2 NMI, ou 0,7%. A Drag. 29, com cronologia um pouco mais vasta, conta com 3,2%, valor nitidamente escasso, embora a sua justificação nos pareça relacionar-se, não com a escassez de importações júlio-cláudias, mas com o movimento aquisitivo das formas decoradas, como se verá um pouco mais à frente. A Drag. 30 foi a forma decorada preferida dos consumidores de Chãos Salgados, com 10,4%, valor dispare em face dos obtidos para os restantes tipos decorados, mesmo tomando em consideração a sua cronologia mais vasta; a Drag. 37, flaviana, apresenta valores baixos, 5,4%, talvez em parte por causa da predominância da Drag. 30.

Para analisar a importação das formas, segundo patamares cronológicos, utilizámos uma metodologia próxima da que foi aplicada no espólio de marcas de USK (Tyers, 1993, p. 127), segundo o qual, uma peça cláudio-neroniana distribui-se estatisticamente por 0,5 em Cláudio e 0,5 em Nero (aplicámos a mesma metodologia no estudo das marcas). É possível, então, apontar o início das importações para a época tiberiana, segmento temporal em que se situam 11,2% das importações. Ter-se-ão adquirido, então, os pratos Ritt. 1, Drag. 17b e 15/17, as tigelas Ritt. 5, 8 e Drag. 24/25, bem como os dois exemplares decorados de cálice Drag. 11 e iniciado a importação da taça Drag. 29.

O ritmo de procura de *terra sigillata* sudgálica acelera em época cláudia, quando 25,2% do total do espólio terá sido adquirido. O reportório formal alarga-se igualmente. Aos pratos Ritt. 1, Drag. 17b e 15/17 — cuja aquisição começara em Tibério —, acresce o tipo Drag. 18. Não devendo haver nenhuma importação de Ritt. 5, a importação de taças Drag. 24/25 prossegue, agora acompanhada por novas formas, como as Drag. 27 e 33. A importação de cálices Drag. 11 será inexistente nesta época, continuando a aquisição da taça Drag. 29 e surgindo um novo tipo, a Drag. 30.

O auge estatístico das importações é atingido em Nero, totalizando 28,8% do espólio. O reportório formal dos pratos é semelhante ao de Cláudio, continuando a aquisição de Ritt. 1 (provavelmente ainda nesta época), Drag. 15/17, 18, mas desaparecendo o tipo Drag. 17b, cujo fabrico cessara em época cláudia. Por seu lado, o leque formal das tigelas será idêntico ao da época transacta, igualmente representado pelas formas Ritt. 8, Drag. 24/25, 27 e 33. O mesmo acontece com a importação de taças decoradas: Drag. 29 e 30.

O ritmo das importações mantém-se alto em época vespasiana, com 22,7% do espólio, embora abaixo dos valores cláudio-neronianos. A aquisição de pratos far-se-á provavelmente apenas através da Drag. 18; o repertório de tigelas é igualmente reduzido, contando apenas com as Drag. 27 e 33. A taça decorada Drag. 29 será provavelmente substituída pela Drag. 37, continuando a chegada de Drag. 30.

A importação de *terra sigillata* sudgálica deve cessar em Domiciano, ou seja, em finais do século I. Nesta última fase termina a aquisição dos pratos Drag. 18. As tigelas estão ainda representadas pelas formas Drag. 27 e 33 e as taças decoradas pelas Drag. 30 e 37. Os serviços flavianos, mal representados, chegam a Chãos Salgados pela Drag. 35/36 e por um único fragmento do tipo 2 do serviço F.

A importância da componente júlio-cláudia neste espólio é também demonstrada pelo número de fragmentos de fundos de prato: Dias (1976-1977) cita 42 fundos de prato roletados — de cronologia predominantemente júlio-cláudia — e outro 42 fragmentos (dos quais conviria saber qual a frequência de caneluras no fundo interno, também mais comuns em época pré-flaviana). Dos 63 fragmentos de fundos de prato inventariados no presente estudo, oito possuem roleta, 30 possuem canelura (quatro com duas caneluras e uma com uma cumulativa incisão externa a meia altura do pé-de-anel) e 1 fragmento possui fina moldura interna, na união do fundo com a parede.

O pico estatístico neroniano pode igualmente estar reflectido nos valores dos binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27, tendo o segundo uma frequência mais alta. Comparando contextos provinciais, um cláudio (duas lojas de *Camulodunum*, Reino Unido) e os níveis neronianos de USK (Reino Unido) e Zwammerdam — Holanda — (Tyers, 1993, p. 137), constata-se que nos níveis cláudios do primeiro caso, o binómio Drag. 15/17-24/25 é mais importante do que o segundo. O binómio Drag. 18-27 é, por outro lado, mais importante nos níveis neronianos de USK e Zwammerdam.

Contudo, a partir dos valores totais do espólio constata-se um certo equilíbrio entre a importação de pratos e de tigelas: 53,6/46,4%. Estes valores podem indicar uma procura de *terra*

sigillata sudgálica, conformada pela necessidade dos consumidores de formar conjuntos coerentes de “serviços”. No entanto, a análise deste fenómeno é bastante difícil de efectuar, a partir de espólios em grande parte descontextualizados, como este. Os serviços flavianos, delineados por Vernhet (1976), estão representados em Chãos Salgados, embora com poucos indivíduos, pela Drag. 35/36, cujas componentes prato/taça formavam um conjunto de mesa. Assim, dos seis serviços apresentados por este autor, apenas dois estariam representados neste sítio: o serviço A, através da Drag. 35/36 — o que constitui apenas duas formas de um total de quatro possíveis — e o serviço F, apenas representado por um único fragmento do tipo 2.

A identificação de serviço, ou de serviços, através do espólio de pratos e tigelas júlio-cláudio e flavianos já se revela mais difícil de concretizar, até porque uma análise linear de comparação estatística pode ser desvirtuadora da realidade histórica. Um serviço ideal romano seria composto por 12 peças: 4 pratos, 4 tigelas de tamanho médio e 4 tigelas pequenas (Polak, 2000, p. 68).

Em contextos fechados foi possível identificar conjuntos algo coerentes, nomeadamente em sepulturas, embora os seus espólios denotem uma variedade numérica que nos obriga a falar não de um, mas de vários possíveis serviços, de tendência algo casuística: em Clavier (Bélgica) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas —; em Winchester (Reino Unido) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas; 1 prato roletado, 2 tigelas; em Berlingen e Brustel (Bélgica) — 4 pratos, 1 prato roletado; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas e 1 taça; em Crabwood, Spars-holt e Hants (Reino Unido) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas; 1 tigela; em Winchester (Reino Unido) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas; 1 prato; 1 prato e 1 taça; em Séron, Hanret, Bois de Buis, Penteville e Namur (Bélgica) — 3 pratos; 1 prato roletado; 5 tigelas médias e 3 tigelas pequenas; em Hunnerberg e Nijmegen (Holanda) — 1 prato e 2 tigelas em 4 sepulturas (Polak, 2000, p. 68).

A existir um conceito de serviço em Chãos Salgados, tendo em conta as frequências de pratos e tigelas, deve ter-se consumado por uma relação de 1:1. Os valores dos 4 tipos mais importantes apresentam uma igualdade entre o número de indivíduos do prato Drag. 15/17 e da tigela Drag. 24/25 (30 e 33 NMI). Este equilíbrio é parcialmente perdido no binómio mais tardio composto pelo prato Drag. 18 e pela tigela Drag. 27 (75 e 51 NMI), sendo que o papel da Drag. 27 pode ter sido também desempenhado pela Drag. 33, com 10 indivíduos. A conjugação de papéis entre os vários tipos de pratos e tigelas pode ser uma conclusão do equilíbrio estatístico que denotam ao longo das etapas cronológicas: em Tibério (12 e 14,3%), em Cláudio (28,8 e 24,5%), em Nero (29,2 e 33,7%), em Vespasiano (17,7 e 17,3%), e em Domiciano (12,4 e 10,2%).

3. Marcas (ver Anexo 4, Figs. 7 e 8)

Os 44 fragmentos de marcas distribuem-se por 20 oleiros, cujos nomes são legíveis. Segundo os dados disponíveis, é-nos possível admitir que todos eles trabalharam em La Graufesenque, embora muitos deles tenham exercido actividade cumulativa noutros centros.

Assim, 9 oleiros, *Crestio* ou *Crestus*, *Iunius*, *Masculus*, *Mercator*, *Mommo*, *Murrus* (cuja leitura pode ser *Murranus*), *Passenus*, *Pater* e *L.C. Virilis*, terão exercido exclusivamente a sua actividade em La Graufesenque.

- *Iucundus* i e ii, bem como *Nicius* poderão ter exercido a sua actividade também em Montans.
- *Rufinus* e *Sabinus* estão identificados em Montans e outros centros secundários.

- *Primulus* e *Primus* trabalharam igualmente em Montans, Lezoux (Gália Central) e outros centros secundários.
- *Libertus* também foi identificado em Lezoux.
- *Vitalis* ii produziu igualmente em Lezoux e outros centros secundários.
- *Bassus* i, *Labio* e *Murranus* (cuja leitura pode ser *Murrus*) trabalharam também noutros centros secundários.

A evolução cronológica do espólio de marcas revela algumas diferenças em face dos resultados estatísticos obtidos para o espólio total. Apesar de atingir igualmente o valor mais alto em época neroniana, os valores de Cláudio são, ao nível das marcas, mais fracos: pouco mais de metade em face de Nero; em Vespasiano, os valores mantêm-se altos, mas superiores aos de Cláudio, fenómeno que não acontece nos resultados totais do espólio. Os valores de Domiciano equiparam-se em ambos os casos, denotando a descida da procura destes bens. É provável que a importância estatística do espólio de marcas em época flaviana se relacione com o fenómeno idêntico ocorrido ao nível da importação de formas decoradas: teríamos, assim, um decréscimo nos valores dos números de vasos de *terra sigillata* comprados, mas um ligeiro aumento na qualidade dos produtos adquiridos, dando-se algum destaque a formas decoradas e vasos com selo de fabricante, que deveriam ter um custo superior. Todos os fragmentos marcados com formas determinadas pertencem a tipos lisos: *Bassus* (Drag. 15/17 ou 18), *Iunius* (Drag. 33), *Labio* (Drag. 15/17), *Masculus* (Drag. 15/17), *Mommo* (Drag. 18), *Murrus* ou *Murranus* (Drag. 24/25), *Primulus* (Drag. 15/17 e 15/17 ou 18).

É possível que o início da importação de vasos marcados recue a Tibério, já que *Bassus* i e *Masculus* começaram a produzir nesta época, mas tal não é seguro, em face da falta de melhores elementos datantes, nomeadamente estratigráficos; o mesmo se passa em relação ao possível fim das aquisições em Trajano, a ver pelas cronologias de *Mercator*, *L.C. Virilis* e *Vitalis*, cujas peças, mais provavelmente, terão sido compradas em finais do século I — o que poderá ainda englobar os inícios do principado de Trajano.

O oleiro mais representado é *Passenus* (4 fragmentos), seguido de *Sabinus* (3 fragmentos) e por um conjunto de oleiros com 2 fragmentos cada (*Mercator*, *Mommo*, *Murrus* ou *Murranus*, *Nicius*, *Pater*, *Primulus*, *L.C. Virilis* e *Vitalis*). Os restantes estão representados por uma só marca: *Crestio* ou *Crestus*, *Iucundus* i e ii, *Iunius*, *Labio*, *Libertus*, *Masculus*, *Primus* e *Rufinus*.

Numa estratégia de simplificar as hipóteses de leitura dos casos duvidosos, optámos pela leitura de *Nicius* na peça n.º 197, publicada por Almeida (1964, p. 63, n.º 4), do qual já conhecíamos um exemplar, tal como de *Pater* para o n.º 203 (Mir-138-22), cujo “R” final está mal impresso, à semelhança do que acontece com o n.º 202 (n.º 116 de Dias, 1976-1977). Os últimos dois fragmentos provêm da campanha de 1954-5, que incidiu sobre a área junto à entrada das termas (Artur, 1983).

Os mesmos critérios gráficos levaram-nos à identificação de *Passenus* na peça n.º 201 (Mir-531-187) — proveniente da UE 126, no exterior da construção n.º 3 -: todas as peças deste oleiro apresentam o seu nome em genitivo, seguido de *manus* abreviado em ablativo ou nominativo, e a sua grafia de “MA(*nu-us*)” é sempre cursiva geminando as letras “M” e “A”.

Por fim, identificámos *Vitalis* ii na peça apresentada por Artur (1983, p. 64) — campanha de 1954-5 —, pois a grafia de “ALIS” é semelhante à do n.º 213 (Mir-138-19), em particular o “S” final inclinado para a direita. A posição anormal desta marca, na superfície externa da parede de uma tigela, como se se tratasse de uma marca intra-decorativa, conduziu-nos a considerar este *Vitalis* como o mais recente, oleiro que fabricou moldes de Drag. 29 e 30.

A marca n.º 181 (n.º 10 de Almeida, 1964, p. 63) é semelhante à n.º 44.1 (|||M) de Cala Culip IV, onde surge uma vez (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197), embora a de Chãos Salgados possua 4 traços. A sua cronologia deve, pois, rondar a época vespasiana.

A marca n.º 196 (n.º 115 de Dias, 1976-1977), truncada, deve possuir um “F” de *officina* no início, já que é bastante semelhante a uma outra de Cala Culip IV, n.º 15.1 — “FNICIO” —, em que se repete o erro de o nome do oleiro não constar em genitivo (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Todos os caixilhos são de planta rectangular, excepto o do n.º 177 (Mir-164-2[465]), de contorno bi-troncocónico e cuja leitura é impossível devido à péssima qualidade da impressão, e o n.º 211 (n.º 108 de Dias, 1976-1977) pertencente a *L.C. Virilis*, de extremidade em forma de ponta de seta.

Segundo Polak (2000, p.146), o uso de *officina* (sucedido de genitivo) e de *manus* (precedido de genitivo) aumenta bastante, a partir da década de 40, em detrimento do uso de *fecit* (precedido de nominativo) e de nominativo, resultante da intensificação de produção, nomeadamente em La Graufesenque. A partir dos dados de Vechten, Polak concluiu que os oleiros com grandes índices de produtividade utilizam o termo *officina* mais vezes; os genitivos e abreviatutas estariam associados a oleiros de produtividade média; e os termos *fecit* e nominativo seriam usados por oleiros de menor poder, tal como o termo *manus*, embora de utilização crescente ao longo do século I.

Em Chãos Salgados, o termo *officina* surge 10 vezes (*Lucundus* ii, *Labio*, *Sabinus*, *L.C. Virilis* e *Nicius*); o termo *manus* surge 5 vezes, por *Primus* e *Passenus*, este último, o oleiro mais representado em Chãos Salgados.

O termo *fecit* surge 1 vez. O nominativo, 5 vezes (*Libertus*, *Mercator* e *Pater*); nominativo ou genitivo, 4 vezes (*Crestio* ou *Crestius*, *Sabinus* — ambos abreviados — e *Vitalis*); o genitivo, 4 vezes (*Bassus* i, *Iunius* e *Primus*).

4. Grafitos (ver anexo 4, fig. 8)

O fraco universo de grafitos de pós-cozedura (7 fragmentos, todos em formas lisas), normalmente produzidos pelos consumidores, denota um hábito pouco interiorizado pelos habitantes deste sítio.

Os n.ºs 214 a 217 (n.ºs 26, 27, 28 e 29 de Dias, 1976-1977) indiciam alfabetização da população, já que apresentam caracteres latinos.

O n.º 201 (Mir-531-187), “XI”, pode indicar uma quantidade, embora este tipo de grafitos seja mais usual em contentores. Uma outra hipótese seria a de indicar um preço, hipótese sugestiva, embora especulativa. Um prato Lud.Tb ou Ta’, da segunda metade do século II, proveniente de Rheinzabern, encontrado em Salzburg, possuía um grafito, “AS XII”, interpretado como um preço (Kovacsovics, 1987), ligeiramente superior a este outro hipotético de Chãos Salgados.

5. As importações sudgálicas no quadro das importações de *terra sigillata* em Chãos Salgados (ver Anexo 4, Figs. 9 e 10)

Apenas são conhecidos os números de fragmentos em *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica. Os dados das produções africanas publicados pelo signatário (Quaresma, 1999b) somente reportavam-se ao número de fragmentos (formas identificáveis), pelo que não podemos apresentar o total de número de fragmentos. Os quantitativos de *terra sigillata* hispânica apresentados estão deflacionados, pois, por erro de classificação nossa, não se identificaram como tal bastantes fragmentos hispânicos, supondo-se serem sudgálicos (Quaresma, 1999b). O seu número de fragmentos, numa visão apriorística, pode não chegar a ultrapassar os valo-

res sudgálicas, algo que mesmo que acontecesse seria relativizado pelo cálculo da importação média anual. No entanto, o seu valor deve ser considerado importante, indicando uma continuidade do ritmo de importações no Alto-Império.

Para uma interpretação mais eficaz das importações sudgálicas convém centrar a análise juntamente com os valores itálicos e hispânicos, bem como da produção A norte-africana, recorrendo, pelo acima exposto, aos valores de número de fragmentos.

Os finais do século I a.C. e primeiras décadas do século I d.C. assistem à chegada dos primeiros vasos de *sigillata*, itálica, em número reduzido (21 fragmentos), com uma média anual de 0,7 fragmentos, representando 1,9% das importações do sítio.

As importações sudgálicas representam um salto qualitativo notório: os 695 fragmentos equivalem a 14 peças/ano e a 62,7% do total de *sigillata*. A sua capacidade de concorrência deve ter sido fortíssima, pelo menos a partir de Cláudio, dominando, pelo menos, no terceiro quartel do século I, devendo estender-se aos finais da centúria, proposta que encontra algum fundamento na estratigrafia da construção n.º 1 do nosso estudo, embora sejam precisos mais dados estratigráficos, ao longo do sítio, para consolidar esta proposta evolutiva.

A *sigillata* hispânica representa 7,1% do espólio, com 7,8 peças/ano, embora este valor esteja deflacionado, como já dito. No entanto, as importações peninsulares serão a concorrente directa das sudgálicas, na segunda metade do século I, já que o valor de *terra sigillata* africana A, apesar de representar 12,5% do espólio, com 0,8 peças/ano, num total de 139 fragmentos, apenas inclui 14 fragmentos de A1, cujo início das importações se faz em época flaviana. A escassez desta produção A1 está também ilustrada na estratigrafia da construção n.º 1.

De origem centro-gálica, provavelmente Lezoux, existe ainda um exemplar de Drag. 30, datado de Adriano, ou algo posterior, e que representa um consumo esporádico, sem relação directa com as importações sudgálicas do século I.

VIII. A *terra sigillata* sudgálica
de Chãos Salgados em estratigrafia

1. Nota introdutória

O estudo da construção n.º 1 foi dividido em duas fases, no nosso trabalho. Numa primeira etapa, optámos por estudar os elementos datantes do ambiente exterior norte, por este se ter afigurado, durante as observações efectuadas nas campanhas de escavação, como o único ambiente em que possivelmente haveria alguma coerência estratigráfica capaz de sustentar um estudo cerâmico crono-estratigráfico. Estudámos os fragmentos com forma atribuível de cerâmica datante (*terra sigillata* hispânica, africana, ânforas e lucernas) e todos os fragmentos de *terra sigillata* de origem sudgálica.

Numa segunda fase, quisemos comprovar se os resultados deste estudo poderiam ter correlação com a estratigrafia e os espólios de *terra sigillata* dos restantes ambientes internos e externos à casa. Elaborámos, então, tabelas de frequência da *terra sigillata*, contabilizando os fragmentos com forma atribuível de *terra sigillata* hispânica e africana e todos os fragmentos de origem sudgálica.

Pudemos, enfim, estabelecer alguma relação entre o faseamento proposto para o ambiente exterior norte e a estratigrafia do ambiente 2 e sobretudo do ambiente 4, o pátio, no qual detectámos e datámos uma remodelação.

Para além disso, constatámos a importância dos dados do ambiente 1 para a datação dos momentos iniciais da habitação, momentos estes para os quais os ambientes 2 e o exterior norte também possuem dados relevantes.

Para esta habitação possuíamos já uma ideia algo clara dos seus momentos finais (Quaresma, 1999a). O objectivo primordial era, por isso, o de esclarecer o papel da *terra sigillata* sudgálica nos momentos iniciais desta habitação.

Embora sem estudar o restante espólio de *sigillata* da encosta do museu, das Construções 2 e 3 e área circundante à construção n.º 3, constatámos igualmente a importância dos materiais sudgálicos para as datações iniciais destes espaços, pois apenas um único fragmento de *terra sigillata* itálica foi encontrado e pertence à UE 335=286=287=426, do ambiente 2 da construção n.º 1.

Apresentamos, em anexo, a árvore estratigráfica completa desta construção n.º 1 e descrevemos exaustivamente as unidades estratigráficas, com excepção das pertencentes ao ambiente exterior este, onde não surgiu *terra sigillata*; em relação à restante encosta do museu, bem como às construções n.ºs 2 e 3 e área circundante à Construção n.º 3, apresentamos apenas uma descrição relativa às UEs que continham *terra sigillata* sudgálica (ver Anexo 5, Figs. 1 e 2; Anexo 4, Fig. 1; Anexo 2). No estudo das ânforas, *terra sigillata* hispânica, africana e lucerna do ambiente exterior norte da construção n.º 1, elaborámos um catálogo com descrição textual, não aplicando uma ficha como fizemos para a *terra sigillata* sudgálica (ver Anexo 3).

2. Construção n.º 1

2.1. Descrição geral (ver Anexo 5, Fig. 2)

Esta construção situa-se a meia encosta, a cerca de 20m da construção n.º 2, a qual se posiciona a Norte da primeira. Esta encosta corre numa direcção norte-sul estando, por um lado, exposta aos ventos do quadrante norte, mas, por outro, abrigada dos ventos de Oeste.

Encontra-se protegida das águas que correm, no Inverno, desde o topo da encosta, a Oeste, por uma vala escavada na rocha-mãe, impermeabilizada, no lado do muro da casa, por *opus signinum* (ambiente 2), sendo que esta vala contorna a casa conjugando-se com o ambiente exterior norte, formando um cotovelo. Embora este lado norte (ambiente exterior norte) tenha uma

primeira função de drenagem de águas pluviais, a parede externa da casa não tem revestimento de *opus signinum*.

A Sul (ambiente 1), encontra-se, uma outra vala aberta na rocha-mãe, em forma de cotovelo, com a mesma orientação da casa, sendo que o braço norte-sul estende-se na continuação do corte na rocha-mãe que conforma o ambiente 2, parecendo então, que esta cavidade preenchida pela UE 449 terá sido uma vala de fundação de muro, relacionada com a construção 1, mas que nunca terá funcionado como tal, por um possível abandono da ideia, tendo, sim, servido como zona de despejos em época inicial da cronologia desta casa, a ver pelo espólio de *terra sigillata*.

Esta casa possui uma área total (perímetro externo) de 95,88 m² (10,2 por 9,4 m). Se for lícito aceitar a vala preenchida pela UE 449 como um elemento de um plano primeiro da casa não concretizado, a extensão Norte-Sul dela, teria então sido idealizada, não com 10,2 m, mas com 16,8 m, o que equivaleria a uma área total do plano da casa no valor de 157,9 m².

O método de construção utilizado foi o da alvenaria, com recurso à matéria-prima local, nomeadamente a dolomia e a marga, talhada de forma algo irregular — por vezes muito irregular —, com um tamanho médio de 10 por 20 cm de lado, por 10 cm de altura — nos casos de alvenaria regular —, embora com muitas pedras cujo tamanho varia bastante por excesso ou por defeito. As pedras desta alvenaria estão dispostas em fiadas de alguma regularidade, embora não se possa falar de uma isodomia. Não poucas vezes, constata-se a colocação de cerâmica de construção, sobretudo tijolos, mas também alguma telha, com uma função regularizadora da alvenaria. No muro norte a frequência de silhares de grande porte é bem mais nítida, podendo falar-se então de uma silharia, algo que poucas vezes acontece nos restantes muros da casa. Esta silharia, bem como a vala forrada a *opus signinum*, tornariam a casa mais protegida das infiltrações oriundas do topo da encosta. Lembre-se, também, que nos derrubes deste muro, escavados nos ambientes 3 e 4, encontrou-se frequentes nódulos de argamassa, que teria servido de ligante dos inertes. Nos restantes muros da casa apenas foi utilizada uma terra barrenta como ligante das pedras de alvenaria.

A espessura dos muros apresenta um valor médio de 55 cm, embora nos muros exteriores oeste e este possa atingir 60-62 cm, em alguns pontos.

No que respeita à sua organização interna, encontra-se dividida em 5 compartimentos:

- Ambiente 3 (?), com 2,5 por 5,4 m, o que equivale a uma área de 13,5 m²;
- Ambiente 4 (pátio), com 3,0 por 3,9 m, o que equivale a uma área de 11,7 m²;
- Ambiente 5 (*cubiculum*), com 3,0 por 2,9 m, o que equivale a uma área de 8,8 m²;
- Ambiente 6 (*tablinum*?), com 5,6 por 4,4 m, o que equivale a uma área de 24,6 m²;
- Ambiente 7 (cozinha), com 3,3 por 4,0 m, o que equivale a uma área de 12,2 m².

No interior do ambiente 6, existe um muro com 80cm de comprimento, distando cerca de 75 cm do muro que separa este ambiente e o ambiente 7, formando os dois um vão que poderia estar directamente relacionado com uma possível porta de entrada na habitação.

A planta da casa possuía como ponto central o ambiente 4 (pátio), com passagem conhecida para os ambientes 6 (*tablinum*) e 7 (cozinha). A passagem entre o pátio e o ambiente 3 não foi detectada, bem como a passagem entre os ambientes 3 e/ou 6 (*tablinum*) e o *cubiculum*. O *tablinum* e a cozinha possuíam passagem detectada na escavação. No entanto, é plausível uma passagem entre o pátio e o ambiente 3, tendo em conta a função central do primeiro. O único compartimento sem acesso directo ao pátio era o cubículo, situado no extremo se da casa.

O ambiente 4 apresenta a única remodelação detectada nesta casa. O lajeado circundante constitui o único pavimento conhecido (os lajeados que cobrem os drenos neste ambiente e parcialmente os drenos nos ambientes 6 e 7 são os únicos pavimentos detectados nesta casa.

No ambiente 7 verifica-se ainda um alisamento da rocha de base) e cobre, selando, um dreno preenchido pela UE 517=484=483=521=520=519=518. Esta UE continha materiais arqueológicos, cujos elementos datantes são compostos por um fragmento de bojo de ânfora lusitana, 1 fragmento de bordo de Drag. 27 em *terra sigillata* hispânica, um fragmento de fundo de *terra sigillata* africana A e um fragmento de bordo de uma H. 14 em *terra sigillata* africana A2, que conferem uma cronologia de finais do século II ou primeira metade do século III para o enchimento. Assim, teríamos, numa primeira fase (segunda metade do século I à primeira metade do século III), uma casa com pátio aberto, sem *impluvium*, mas servido de um dreno circundante que desagava na parte este da casa passando pelo *tablinum*; numa segunda fase (primeira metade do século III a meados do século V), este pátio estaria coberto e transformado num átrio com um passadiço circundante feito com lajes calcárias e algumas de xisto. Casos semelhantes ocorrem no Ocidente do Império Romano, com uma cronologia semelhante, e são interpretados como uma adaptação climática a temperaturas e humidades mais agressivas, de tipo atlântico ou continental, para as quais a casa-modelo clássica, mediterrânica, não seria a ideal (Garcia Merino, 1991, p. 244). Apesar do pátio inicial estar virado a Oeste, aproveitando assim o Sol de fim de tarde, a exposição demasiada à humidade, à pluviosidade e ao vento não deveriam tornar muito agradável a vida nesta habitação, tendo em conta a extrema humidade e a intensidade dos ventos do quadrante so, especialmente durante o Inverno, nesta região. A falta de luz deve ter obrigado os seus habitantes a abrir janelas nos compartimentos, situação essa que foi impossível de detectar durante as escavações, pois a altimetria restante dos muros não era suficiente para fornecer esse tipo de informação.

A elaboração de casas com um pátio fechado pode até ocorrer em épocas mais antigas, como é o caso da “Casa de los Plintos o del Lampadario”, escavada em *Uxama Argaela*, na Meseta (García Merino, 1991, p. 244). Com uma planta em muito distinta daquela que agora estudamos, bem como com uma área bem maior (cerca de 400 m²), e situada junto ao *forum* da cidade mesetenha, esta casa também organiza os seus compartimentos em torno de um pátio, ao que parece, fechado desde início (ver Anexo 5, Figs. 3 e 4). Numa primeira fase, datada de meados do século I d.C. a começos do século II, este pátio fechado (n.º 1) não possuía ainda passadiço, mas estava ligado ao *tablinum* (n.º 8), tal como acontece na casa em estudo. Numa segunda fase, datada dos séculos II e III, é construído um passadiço (n.º 2) e um muro separa então o pátio (n.º 1) do antigo *tablinum* cuja função agora se desconhece (n.º 13). O pórtico, na parte sul do pátio, em conjunto com o muro que então divide o pátio e o antigo *tablinum* formam um outro passadiço (n.º 2). Nesta fase foram detectadas seis vigas de madeira carbonizadas, perpendiculares três a três, que comprovam a existência de um telhado. O chão é de terra batida e não foi detectado nenhum dreno, nem qualquer estrutura de *impluvium*. Embora o passadiço ainda não seja totalmente claro na primeira fase, os autores defendem a clausura do pátio desde os momentos iniciais. A formação dos passadiços, na segunda fase, tem então um outro significado: o pátio deixa de ser um ponto nuclear da casa, autonomizando-se (Garcia Merino, 1991, p. 243). Tal não acontece na casa que agora estudamos, pois o passadiço é feito no próprio pátio, que continua a axializar a casa e a estabelecer a comunicação entre os ambientes 3, 6 e 7.

A frequência de escória de ferro nesta habitação de Chãos Salgados, bem como na vala com ela relacionada (UE 351), algo que também se passa na construção n.º 2 da encosta do Museu e na *Domus* da calçada (construção n.º 3), que ora estudamos, levanta igualmente uma questão de funcionalidade destes espaços. Se para as construções n.ºs 1 e 3, a habitação é evidente, tal não acontece na construção n.º 2.

Esta zona um tanto periférica da cidade romana estaria ao que parece ligada economicamente à indústria metalúrgica do ferro, embora os espaços funcionais, propriamente ditos, não

sejam ainda conhecidos. Níveis de grande concentração de cinzas a Oeste da construção n.º 2 levantam a hipótese de haver estruturas de fundição no topo da encosta do Museu.

Outras casas são conhecidas, no Império Romano, cuja funcionalidade conjugou habitação e indústria. Na actual Valência foi escavada uma *Domus* de pátio central e cinco divisões, com uma cronologia situada entre o séculos III (ou antes) e os inícios do século IV, sendo que no extremo de um dos compartimentos existia um forno para confeccionar vidros e uma outra divisão estaria relacionada igualmente com funções artesanais (Albiach Descals e Soriano Sánchez, 1991, p. 57-60).

2.2. Ambiente exterior norte

2.2.1. Terra sigillata sudgálica

As peças sudgálicas estratigrafadas constituem um conjunto bastante pequeno, que se dispersa ao longo de toda a diacronia, mas no qual se verifica uma maior concentração na fase I, alto-imperial. A escassez de exemplares torna igualmente muito relativas as conclusões de carácter cronológico sobre cada um dos vasos.

Na fase mais antiga, Ia (segunda metade, ou apenas o terceiro quartel, do século I d.C), encontram-se as peças mais antigas, nomeadamente a Drag. 29 decorada com o motivo de *Nautilus*, cuja cronologia pode recuar à época tiberiana. Os dois exemplares de Drag. 18 e 27 possuem diâmetros de bordo passíveis de datação neroniana e flaviana, respectivamente, estando associados a dois exemplares de Drag. 15/17 e 27 de Andújar, o que torna plausível uma datação de terceiro quartel do século I d.C. para a fase Ia.

A fase Ib pode representar o último nível estratigráfico em que se encontra *terra sigillata* sudgálica com cronologia de fabrico minimamente consentâneo com a datação da camada de deposição. Datada do século II, podendo recuar ao último quartel do século I, contém um fundo de prato sudgálico com pé-de-anel cujo diâmetro mede 82 mm, podendo situar-se o seu fabrico em época flaviana.

As restantes fases, datadas entre finais do século II e o século V, contêm *terra sigillata* sudgálica, em épocas que esta já não seria importada no território actualmente português. De uma maneira mais nítida do que a fase I, evidenciam o carácter secundário deste contexto deposicional.

QUADRO DESCRITIVO

Fase	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
Ia	458=469	1 (Mir-759-1+2+3+4)	D18	b,c		2	3	db: 172 mm	
Ia	458=469	4 (Mir-758-19+22)	D27	b	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 117 mm	
Ia	458=469	2 (Mir-759-6)	D29	bj		3	3	dbj: 189 mm	troço de motivo de "Nautilus"
Ib	375	8 (Mir-717-34)	D29 ou 37	bj		3	3		motivo vegetalista?
Ib	375	7 (Mir-717-813)	p	f		2	2	dp: 82 mm	
IIa	376	22 (Mir-736-4+5)	p	f		3	3	dp: 100 mm	
IIb	331=400=392=413=343	31 (Mir-699-579 +580+581+582 +583+584+585)	D27	f,c		3	3	dp: 70 mm dc: 114 mm	

NMI: D18(1); D27(2); D29(1); D29 ou 37 (1 , embora na estatística final do trabalho os exs. de D.29 ou 37 tenham sido integrados nos NMI de D29 e D37.

2.2.2. A evolução do conjunto cerâmico ao longo da estratigrafia

Depois da análise das características intrínsecas das diversas unidades estratigráficas e dos materiais arqueológicos que embalavam, optámos por uma divisão em duas grandes fases, I e II, que se explicam, no entanto, não propriamente por evidentes diferenças de coloração ou textura das terras, mas por uma distribuição diversa de materiais arqueológicos (ver Anexo 4, Fig. 2; Anexo 3).

Assim, e fazendo uma primeira abordagem da situação, a Fase I era composta por menos cerâmica de construção e por uma concentração maior de *terra sigillata* sudgálica e hispânica; a Fase II seria caracterizada por uma maior concentração de *terra sigillata* africana e de material cerâmico de construção, sendo igualmente nesta fase que detectamos material anfórico.

No seio de cada uma destas duas grandes fases é possível ainda distinguir diferenças nas importações de *terra sigillata* e também nos contentores anfóricos.

Esquemáticamente, podemos então definir o seguinte faseamento:

- Fase Ia – UE 458=469 —: mais rica em *terra sigillata* sudgálica, sendo a hispânica ainda esporádica; apontamos uma cronologia da segunda metade do século I, talvez restringida ao terceiro quartel.
- Fase Ib – UE 375 —: mais rica em *terra sigillata* hispânica, sendo a sudgálica mais reduzida e a africana apenas emergente; apontamos uma cronologia do século II, embora seja plausível que possa recuar o seu início até à época flaviana;
- Fase IIa – UE 376 —: sendo a *terra sigillata* hispânica ainda a mais representada, a sudgálica pontual e a africana inexistente, surgem os primeiros fragmentos de ânfora, Classes 20/21 e 23. A cronologia de fabrico desta última ânfora sugere, em conjunto com a *terra sigillata*, uma datação da unidade de finais do século II;
- Fase IIb – UE 331=400=392=413=343 —: com 1 exemplar de *terra sigillata* sudgálica, ainda alguns (5) de hispânica, sobretudo de *Tritium Magallum*, e uma grande concentração de *terra sigillata* africana, em concreto de produções do Baixo-império (A1/2, A2, C2, C3 e D1-I.ª fase); constata-se um novo exemplar da ânfora Classe 23. Apontamos uma cronologia dos séculos III, IV e primeira do V.

A Fase Ia possui poucos materiais datantes. O mais antigo é um fragmento de Drag. 29, sudgálica, com um motivo decorativo, estilo “*Nautilus*”, que pode recuar o seu fabrico a épocas pré-cláudias; a datação do fragmento de Drag. 27 sudgálica é pré-flaviniana; a cronologia de fabrico dos outros dois exemplares de *terra sigillata* de Andújar, Drag. 15/17 e 27, pode iniciar-se nos anos 30 ou 40, embora a cronologia mais aceite seja a cláudia, sendo estes dois exemplares classificáveis nas variantes mais tardias; no entanto, também na mesma unidade, e mais concretamente no fundo da UE 458=469, onde surge igualmente o exemplar sudgálico decorado, surge um outro fragmento sudgálico, da forma Drag. 18, cujo fabrico se inicia em Cláudio. Definimos assim, uma cronologia da segunda metade do século I para esta fase Ia. Nesta perspectiva concorre igualmente a inexistência de *terra sigillata* itálica. O exemplar, n.º Mir.759.5 levantou, desde o início, muitas dúvidas quanto à sua classificação como *terra sigillata*, a ver pela má qualidade da pasta e pela ausência de verniz; a sua posição estratigráfica foi para nós um forte indicador de estarmos apenas perante um fragmento de cerâmica comum, com bastantes semelhanças à forma Hayes 14 de *terra sigillata* africana, mas diga-se, até com uma curvatura no bojo não tão usual neste tipo de cerâmica fina.

A Fase Ib é bastante rica em materiais datantes. Para além de dois exemplares indetermináveis de *terra sigillata* sudgálica e do primeiro fragmento de *terra sigillata* africana, em concreto, do tipo Hayes 9a, cujo fabrico pertence ao século II, os quantitativos indicam um primado das impor-

tações hispânicas, sobretudo das procedentes do Nordeste da península. Apesar de não estar presente nenhum exemplar dos chamados “serviços flavianos”, o que poderia fazer recuar a cronologia das formas presentes para momentos anteriores aos anos 70, *grosso modo*, a verdade é que os exemplares de *Tritium* (Drag.15/17, 27 e 18?) e o fragmento de Andújar (Drag. 15/17) são fabricados entre a segunda metade do século I e todo o século II, sendo ainda muito difícil precisar o fim de laboração destas oficinas. Além disso, estes exemplares hispânicos estão classificados nas variantes formais 2, 3 e 4 de Mayet, o que lhes confere uma datação mais recente dentro das balizas conhecidas. Finalmente, a ausência de Drag. 29 — pré-flaviana — e a presença de Drag. 37 — com início na época flaviana — aliada à constatação do tipo Hayes 9a em *terra sigillata* africana induzem-nos a datar a Fase Ib no século II, sendo possível que possa recuar o seu início à época flaviana.

A Fase IIa teve como elemento determinante na sua datação o material anfórico, dado que o conjunto de *sigillata* sudgálica (um exemplar) e hispânica (três exemplares) não conferia à UE 376 características distintas à da fase precedente. A ânfora lusitana, da sua primeira fase de produção, Classe 20/21, em conjunto com a Classe 23, bética, esta considerada numa segunda fase de laboração das indústrias ocidentais, conferem à unidade [376] uma datação plausível de finais do século II, data mais documentada para o início do fabrico da Classe 23, muitas vezes explicado pela “crise” de finais do século II.

A Fase IIb levanta algumas questões interessantes, pelo volume do seu material datante.

Consideramos o fragmento de *terra sigillata* sudgálica fora do seu contexto de vida e muito provavelmente até de deposição, podendo a sua posição estratigráfica dever-se a uma simples contaminação.

O fragmento de asa de lucerna local ou regional pouco ou nada nos informa sobre a cronologia desta fase.

Os cinco exemplares de origem hispânica, apesar de não estarmos perante uma quantidade estatisticamente viável, sugerem-nos as hipóteses de trabalho mais recentes, sobre as produções de *Tritium* e de Andújar, que aceitam cronologias de fabrico abrangentes do século III, em particular para as formas Drag. 15/17 e 27 (Roca Roumens e Fernández García, eds., 1999, p. 285). O contexto em análise é, contudo, demasiado exíguo para aferições deste tipo, pois este fenómeno estratigráfico pode apenas ser reflexo de sobrevivências de utilização. Aliás, nesta unidade encontra-se um fragmento de Hisp. 4, oriunda de *Tritium*, cuja datação não ultrapassa os anos de 150 ou 160 d.C.

Embora os exemplares de *terra sigillata* africana A1/2 e 2, bem como o fragmento da ânfora lusitana da Classe 23, possam recuar ao século II, o conjunto, onde se enquadra a *terra sigillata* africana C e D, levam-nos a excluir uma datação tão alta, até pela datação já proposta para as fases anteriores.

Os três fragmentos de *terra sigillata* africana D1-1.^a fase, forma Hayes 61B e os dois exemplares decorados em estilo A(ii) e A(ii)-(iii) determinam o fim da formação desta realidade estratigráfica entre os finais do século IV e meados da centúria seguinte.

2.3. Os restantes ambientes

2.3.1. A evolução do conjunto cerâmico ao longo da estratigrafia

A. Ambiente 1

Este ambiente externo apresenta dados bastante interessantes, pela sua antiguidade no seio do contexto cronológico desta *Domus* em estudo.

Os quatro diâmetros de bordo de Drag. 18 balizam-se em cronologias pré-flavianas. Um deles (n.º Mir-727-166), com um valor de 151 mm, que poderia ser já flaviano, possui canelura no fundo interno, pelo que deverá ainda pertencer a uma época intermédia, neroniana. Um

pouco mais tardio deverá ser o n.º 51 (Mir-727-111), um bojo de Drag. 37 com grinalda, cuja cronologia começa mais provavelmente nos flávios.

Para além das peças de *terra sigillata* sudgálica, todo o restante espólio é composto por *terra sigillata* hispânica, proveniente de *Tritium*, Andújar e de uma outra proveniência desconhecida, que optámos por aproximar a Andújar, no seguimento de uma proposta já feita anteriormente (Quaresma, 1999a, p. 157).

Assim, encontra-se na UE 449, que preenche a vala de fundação, ao que parece nunca utilizada como tal — sendo um contexto de deposição secundário — a combinação de Drag. 18 e 37 sudgálica, Drag. 24/25 e 15/17, tal como de Drag. 27 e 18 de centros hispânicos, sendo a forma mais tardia a Drag. 37, que apenas começa o seu fabrico na época flávia (Mayet, 1984, p. 83). Em face disto, apontamos uma cronologia de meados do século I ao primeiro quartel do século II para o processo de enchimento da vala, tendo em conta as cronologias de fabrico destas formas (Mayet, 1984, p. 71-73).

Acresce ainda o facto de não se constatar nenhum fragmento de *terra sigillata* africana, nem mesmo da sua etapa precoce, A1, cuja comercialização alcança o Ocidente peninsular no último quartel do século I (*Atlante*, I, p. 19). Os dados da camada de superfície que cobria esta vala vêm confirmar, tanto ao nível das origens como das formas, o que caracteriza a UE 449.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
449	51 (Mir-727-111)	D37	bj		2	3		grinalda bifoliada
449	49 (Mir-727-57+58)	D18	b		2	2	db: 167 mm	
449	48 (Mir-727-54)	D18	b		2	3	db: 232 mm	
449	Mir-727-117	?	bj		3	?		
449	Mir-727-38	t	f		3	4	dp: ?	
449	Mir-727-121	?	bj		2	3		
449	50 (Mir-727-183)	D18	b	canelura externa imediatamente abaixo do bordo	2	3	db: 183 mm	
449	Mir-727-123	D18	b		2	3	db: ?	
449	Mir-727-32	D27	c		3	3	dc: ?	
449	Mir-727-166	D18	c	canelura no fundo interno	2	2	dc: 151 mm	

NMI: D18(3); D27(1); D37(1).

QUADRO DESCRITIVO

Restante *terra sigillata*.

	T.S.Hispânica		T.S.Andújar			T.S.Andújar*		T.S. <i>Tritium</i>		
UE 449	D.15/17 2	D.18 1	D24/25 2	D.27 2	D.37 1	D.15/17 2	D.27 1	D.15/17 1	D.18 3	D.27 3
Superfície:	T.S.Hispânica		T.S.Andújar		T.S.Andújar*					
UE 230= 270=309 =341=377 =381=386 =387=262 =299	D.15/17? 1	D.27 3	D.15/17 2	D.15/17 1	D18 1	D27 1	D37 1			

* Corresponde ao fabrico determinado em Quaresma, 1999a, p. 157.

B. Ambiente 2

Escasso em *terra sigillata* sudgálica — contendo apenas uma Drag. 27 numa camada baixo-imperial (UE 311=245=256=300=368) —, este ambiente de deposição secundário apresenta, no entanto, a par do ambiente exterior norte alguma coerência crono-estratigráfica, a ver pelo espólio exumado. Na UE 335=286=287=426, para além de um fragmento de Drag. 15/17 hispânico, depositou-se um outro, cuja exiguidade do bordo não torna fácil a classificação formal, nem a leitura da pasta e do verniz. Contudo, parece ser um bordo de *Conspetus* 22, com cerca de 100 mm de diâmetro, com fabrico entre as últimas duas décadas antes de Cristo e os inícios de Tibério (Ettlinger et al., 1990, p. 90). Frisamos, contudo, a dificuldade de classificação desta peça, não excluindo a hipótese de se tratar de uma Ritt. 5 sudgálica, frequente em Tibério e que finda a sua produção em 40 d.C. (Polak, 2000, p. 114). Esta peça, bem como o n.º 2 (Mir-759-6), da UE 458=469 — na base do ambiente exterior norte —, são as mais antigas em cronologia de fabrico nesta *Domus*.

A UE 311=245=256=300=368, que se encontra por cima, contém espólio onde a origem africana é notória. Uma datação baixo-imperial para este estrato é plausível: de finais do século II, através da H. 14, até à cronologia final da casa, a ver pelo fragmento de Ostia III (*Atlante*, I, p. 33; Quaresma, 1999b, n.º 24) correlacionando-o com as fases IIa e IIb do ambiente exterior norte.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
256	52 (Mir-609-18)	D27	b	bordo perolado e canelura interna	3	3	db: 75 mm; hbc: 17 mm

QUADRO DESCRITIVO

Restante *terra sigillata*.

	T.S.Itálica?	T.S.H.	
UE 335=286=287=426	? I	D15/17 I	
	T.S. <i>Tritium</i>	T.S.Af.A2	T.S.Af.D2 – 1.ª fase
UE 311=245=256=300=368	D.15/17 I	H.14 I	Ostia III I*

* Quaresma, 1999b, n.º 24

C. Ambiente 3

O ambiente 3 é escasso em espólio de *terra sigillata*, mas coerente. A UE 379=447=477, mais antiga, contém dois elementos de Drag. 27 de origem hispânica, em particular de Andújar, e do fabrico associado a Andújar (ver *supra*, ambiente 1). A mesma forma, mas proveniente de *Tritium*, surge na UE 393=446, *supra*-jacente, associada a um exemplar de H. 9A, em *terra sigillata* africana A1, da primeira metade do século II à primeira metade do século II, para estas duas UEs. No entanto, esta cronologia não é coerente com a interpretação que se faz das duas unidades. Sendo elas originadas pelo derrube da casa, algo bem claro no caso da UE 393=446, o espólio a elas associado deveria ser mais tardio, em face da cronologia final proposta para a ocupação da *Domus*.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

	T.S.Andújar	T.S.Andújar*
UE 379=447=477	D.27 I	D.27 I
	T.S.Tritium	T.S.Af.A1
UE 393=446	D.27 I	H.9A=L.2a I

D Ambiente 4

Como já afirmado, é o único ambiente que fornece evidências de reconstrução nesta *Domus*, o que lhe confere uma importância maior em relação aos restantes ambientes internos estudados.

Numa primeira fase haveria um pátio aberto, sem *impluvium*, cujo dreno foi preenchido e selado por um lajeado entre finais do século II e a primeira metade do século III, ou pouco depois: a UE 517=484=483=521=520=519=518 contém uma Drag. 27 hispânica, um exemplar indeterminado de *terra sigillata africana* A e uma H. 14, em *terra sigillata africana* A2, sendo esta a peça mais tardia e que lhe confere a cronologia. Estas duas fases do pátio podem relacionar-se com as diferenças estratigráficas encontradas no ambiente exterior norte: as fases Ia e Ib, datadas de meados do século I a todo o século II, com menor frequência de cerâmica de construção; e as fases IIa e IIb, datadas dos séculos III a V, com maior frequência de cerâmica e blocos pétreos de construção.

As duas UEs que se depositam no solo deste ambiente (UEs 425=464 e 429=467) apresentam características alto-imperiais, com *terra sigillata* hispânica (forma Drag. 15/17) e africana A1, embora a interpretação das UEs não condiga com esta cronologia, pois estariam relacionadas com derrubes finais da casa em época tardia.

É já na UE 382 que, para além das *terra sigillata* alto-imperiais hispânicas (Drag. 15/17 e 24/25 ou 27), surge um fragmento de *terra sigillata africana* D1-I.^a fase, forma H. 67, com cronologia decorrente na segunda metade do século IV e a primeira do V, condizendo com a datação proposta para o fim da ocupação do edifício.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

	T.S.H.	T.S.Af.A	T.S.Af.A2
UE 517=484=483 =521=520=519=518	D.27 I	ind. I	H.14 I
	T.S.Andújar*	T.S.Af.A1	
UE 425=464	D.15/17 I	ind. I	
	T.S.H.		
UE 429=467	D.15/17 I		
	T.S.Andújar	T.S.Tritium	T.S.Af.D1-I. ^a fase
UE 382	D.15/17 I	D.24/27 ou 27 I	D.15/17 I H.67 I

E. Ambiente 5

Apenas uma UE, a 480, possui *terra sigillata*, o que torna este ambiente irrelevante para o tema em questão.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

T.S.Andújar	
UE 480	D.27 I

F. Ambiente 6

É o ambiente interno da habitação mais rico em espólio de *terra sigillata*, mas a sua evolução estratigráfica não é muito coerente, apesar de conter alguns dados de interesse.

Tal como os ambientes 1 e exterior norte, neste ambiente encontra-se um outro elemento com potencialidades de datação para os inícios da construção. Na vala de fundação do muro norte da *domus*, cujo enchimento é realizado pela UE 478=472=482, a única peça de *terra sigillata* existente é uma Drag. 18 sudgálica, com canelura no fundo interno e um diâmetro de bordo de 221 mm, o que lhe confere uma cronologia pré-flaviana, possivelmente até pré-neroniana.

Do nível superficial (UE 383=268=264=266=416) provém um outro prato Drag. 18 sudgálico, com diâmetro pré-neroniano.

Uma Drag. 27, de diâmetro de bordo flaviano, e outros bojos sudgálicos provém das UEs 414=297 e 415=298, ricas em material do século III, época desfazada do balizamento cronológico normal do comércio de *terra sigillata* sudgálica neste território.

AS UEs mais próximas do solo da habitação, 481 e 450=451=452=319, contêm peças cujas cronologias de fabrico transcorrem um período entre os meados do século I (Drag. 15/17 de Andújar) e o segundo quartel do século IV — Sal. D2a em africana D1-1.^a fase — (*Atlante*, I, p. 81).

Nas UEs 414=297 e 415=298 surgem peças africanas que formam um conjunto coerente do século III, podendo alcançar os inícios da centúria seguinte. Assim, para além de uma Drag. 27 de Andújar, regista-se *terra sigillata* africana A2 (H. 27 = L. 9a2) e *terra sigillata* africana C2 — H. 50A = L. 4obis — (*Atlante*, I, p. 31 e 65). A presença desta última forma, *in situ*, na UE 415=298, camada rica em cinzas, reflecte uma situação ocorrida na casa, a qual a escavação não esclareceu, mas que possui uma cronologia relativamente segura, apesar da pequenez do estrato.

A UE 383=268=264=266=416, no topo do diagrama deste compartimento, contêm novamente materiais de âmbito cronológicos díspares: Drag. 27 de Andújar e H. 50A = L.4obis em africana C2.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
478= 472=482	55 (Mir-773-12)	D18	b	canelura no fundo interno	3	3	db: 221 mm
414=297	54 (Mir-733-23)	D27	b,bj	bordo de secção sub-triangular	2	3	db: 130 mm; hbc: 19 mm; dp: 50 mm
414=297	Mir-733-25	?	bj		3	?	
415=298	Mir-732-85	?	bj		3	?	
415=298	Mir-732-86	?	bj		3	?	
383=268= 264= 266=416	53 (Mir-721-6)	D18	b		2	2	db: 280 mm

NMI: D18(2); D27(2)

QUADRO DESCRITIVO

Restante *terra sigillata*.

T.S.Andújar			
UE 481	D.15/17 I		
T.S.Af.A1		T.S.Af.C2	T.S.Af.D1 – 1.ª fase
UE 450=451=452=319	H.9B=L.2b I	H.50A=L.4obis I	Sal.D2 I
T.S.Andújar		T.S.Af.A2	T.S.Af.C2
UE 414=297	D.27 I	H.27=L.9a2 I	ind. I
T.S.Af.A2		T.S.Af.C2	
UE 298=415	H.27=L.9a2 I	H.50A=L.4obis I(in situ)	
T.S.Andújar		T.S.Af.C2	
UE 383=268=264=266=416	D.27 I	H.50A=L.4obis I	

G. Ambiente 7

Este ambiente é marcado pela presença de material africano do Baixo-Império, nomeadamente H. 27 = L. 9a em africana A1/2, na UE 355=456=473, e H. 14 em africana A2 e H. 58A (Quaresma, 1999b, n.º 2) em africana D1-1.ª fase, na UE 486=487, que se estende ao ambiente 6. Contudo a relação estratigráfica destas duas unidades é inversa à cronologia das peças.

Na UE mais alta surge a única peça de cronologia alto-imperial, uma Drag. 27 de Andújar.

QUADRO DESCRITIVO

Terra *sigillata*.

T.S.Andújar		
UE 481	D.15/17 I	
T.S.Af.A2		T.S.Af.D1 – 1.ª fase
UE 486=487	H.14 I	H.58A I*
T.S.Af.A1/2		T.S.Af.A2
UE 355=456=473	H.27=L.9a I	H.27=L.9a I
T.S.Andújar		
UE 317	D.27 I	

*Quaresma, 1999b, n.º 2

H. Camada superficial (de toda a casa, excepto ambiente 1)

A este nível encontra-se material alto-imperial de Andújar (Drag. 15/17 e 24/25 ou 27) e de origem relacionada com Andújar (Drag. 15/17 e 18?), bem como peças africanas tardias, em africana A2 (H. 27 = L. 9a2) e africana D1-1.ª fase (H. 59B — Quaresma, 1999a, n.º 5), estas últimas próximas dos momentos finais da habitação deste espaço.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

UE	T.S.Andújar		T.S.Andújar*		T.S.Af.A2	T.S.Af.D1 – 1.ª fase
230=270=309=341=377 =381=386=387=262	D.15/17 2	D.24/25 ou 27 1	D.15/17 1	D.18? 1	H.27=L.9a2 1	H.59B 1*

*Quaresma, 1999b, n.º 5 (ambiente exterior norte)

3. O espaço entre as construções n.ºs 1 e 2 (encosta do museu)

3.1. *Terra sigillata sudgálica*

Do espólio pertencente à encosta do museu destacam-se as duas peças depositadas na UE 351, já que as restantes unidades referem-se a camadas superficiais ou de materiais rolados. A UE 351 realiza o enchimento de uma vala na rocha-mãe, com bastante escória de ferro, perto da construção n.º 1. As duas peças exumadas, um bordo de Drag. 37 (Mir-753-5) e 3 bojos de Drag. 29 ou 37 (n.º 56: Mir-753-4+6+7) poderão pertencer à mesma peça — que seria uma Drag. 37 —, embora ligeiras diferenças na coloração das pastas não tornem essa hipótese totalmente segura, pelo que preferimos separá-las. A cronologia para ambas as peças situa-se, contudo, no último quartel do século I, o que pode indicar uma primeira pista para o início da actividade industrial nesta área.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
235	Mir-608-17	?	bj	3	3		
351	Mir-753-5	D37	b	3	3	db: 174 mm	Troço de fiada de óvulos quase totalmente desgastado.
351	56 (Mir-753-4+6+7)	D29 ou 37	bj	3	3		Métopas com pares de aves. Campos definidos por cordões finalizados por rosetas.
457	58 (Mir-800-291)	D17b?	b	2	3	db: 180 mm	
490	Mir-860-41	t	f	2	3	hp: 11 mm; dp: 46 mm	
497	57 (Mir-1086-9)	D27	b	3	?	db: 109 mm	
superfície	59 (Mir-0-661)	?	bj	2	3		Troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor. Abaixo, um cordão ondulado define superiormente friso ou métopa.

4. Construção n.º 2

4.1. *Descrição geral*

De planta ainda não integralmente conhecida, com área de pelo menos 140 m², esta construção teria uma funcionalidade difícil de hoje ser determinada. É provável que tivesse habitação, mas outras funções apresentam-se credíveis: a frequência de escória e a existência de níveis

de cinzas a Oeste da construção, mais junto ao topo da encosta, indiciam ligação a actividades artesanais metalúrgicas. A sua planta muito pouco comum, bem como o espaço de rituais na sua vertente oeste deixam igualmente supor funções simbólicas (Barata, 1999).

4.2. Terra sigillata sudgálica

A escassez de *terra sigillata* sudgálica na construção n.º 2 é em parte condizente com a menor quantidade de materiais cerâmicos que este sector forneceu, devido à maior erosão sofrida por esta zona, através dos trabalhos agrícolas. Os pouco exemplares sudgálicos não permitem, por isso, uma análise muito conclusiva. O diâmetro largo da Drag. 18, n.º 62 (Mir-626-42), indica cronologia pré-neroniana, mas provém de camada que se deposita sobre um derrube de telhado; o n.º 61 (Mir-692-1) possui um diâmetro contemporâneo e provém da UE 314.

O n.º Mir-708-1, fundo com moldura interna, datará de época pré-flaviana. Provém de uma vala de fundação, mas a falta de outros elementos datantes dificulta a datação do início da construção n.º 2.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
259	Mir-626-45	?	bj		3	3	
259	62 (Mir-626-42)	D18	b		3	2	db: 231 mm
314	61 (Mir-692-1)	D18	b	Perfil pesado	3	3	db: 242 mm
328	Mir-708-2	?	bj		3	3	
328	Mir-708-1	p	f	fina moldura interna	3	3	

5. Construção n.º 3 (*Domus*)

5.1. Descrição geral

(P= + 0 — 26 N; M= + 114 — 132 W)

Esta construção é uma *Domus* clássica de pátio central, com compluvium e impluvium. As divisões restantes não estão integralmente conhecidas por duas razões: a escavação encontra-se ainda em decurso (neste momento interrompida) e a erosão provocada pelos trabalhos agrícolas suprimiu parte da vertente este desta casa. No entanto, na área já determinada podemos registar um valor de, pelo menos, 460 m². Possui uma escadaria, na face oeste, que daria acesso a um primeiro andar. A frequência de escória de ferro deixa igualmente em aberto a hipótese de complementaridade de funções habitacionais e artesanais metalúrgicas.

5.2. Terra sigillata sudgálica

A frequência de *terra sigillata* sudgálica é bastante fraca nesta *domus*, ao contrário da con-génere de origem hispânica. A única forma determinável é uma Drag. 27, com diâmetro tendencialmente pré-flaviano, n.º 63 (Mir-593-5), mas pertencente a uma unidade superficial.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
104	Mir-502-12	?	F	duas caneluras no fundo interno	3	3	
154	Mir-516-2	?	bj		2	3	
156	63 (Mir-593-5)	D27	B	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 76 mm; hc: 13 mm

6. Área circundante à construção n.º 3

6.1. Descrição geral

Outros muros de época romana em conexão já determinada ou não, deixam antever que em futuras escavações se determine um complexo habitacional nesta área que não integrará apenas a *Domus* (construção n.º 3). A capela de São Brás, por exemplo, está parcialmente fundamentada em muros romanos.

6.2. Terra sigillata sudgálica

Sobre o conjunto de materiais recolhidos na escavação das unidades circundantes à *domus*, construção n.º 3, a cronologia estende-se desde época pré-flaviana, até aos flávios, possivelmente Domiciano.

As peças mais antigas deverão ser a Drag. 17b e a Drag. 18, n.º 66 (Mir-404-3), com 240 mm de diâmetro, possivelmente ainda da primeira metade do século I. A Drag. 18 n.º 67 (Mir-384-2), com 182 mm de diâmetro, poderá ser já de época neroniana.

As duas peças com cenas de caça e métopas situam-se em época flaviana, podendo alcançar os finais da centúria.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração	Marca/Grafito
51	67 (Mir-384-2)	D18	b		3	3	db: 182 mm		
53	64 (Mir-383-7)	t	f	Canelura no fundo interno	3	4	hp: 12 mm; dp: 56 mm		
60	65 (Mir-388-4)	D15/17	b		3	3	db: 157 mm; hbc: 26 mm		
67	66 (Mir-404-3)	D18	b		2	3	db: 240 mm		
112	201 (Mir-531-187)	t	f		3	3	dp: 42 mm; hp: 9 mm		"Nebulosa"/ "XI" no fundo interno
112	70 (Mir-531-191)	D29 ou 37	bj		3	3		Motivo vegetal com folhagem recortada e ramos terminando em botão.	

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]*Terra sigillata* sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração	Marca/Grafito
126	71 (Mir-522-3+4)	D29 ou 37	bj		2	2		Cena de caça(?): os dois fragmentos possuem troço de friso ou métopa marginalizada por cordão ondulante, contendo elementos vegetais (tufos) e dois animais em corrida podendo ser um deles (Mir-522-3) um javali, com crista no dorso e focinho alongado	
126	Mir-522-5	D24/25	c	roleta grosseira	3	4	dc.124 mm		
126	68 (Mir-522-6)	D30	bj		2	3		Troço de fiada de óvulos	
168	69 (Mir-518-1)	D29 ou 37	bj		3	3		Animal correndo em salto sobre "flabellum". Métopa definida por cordão de óculos rematado por roseta imperfeita.	
178	Mir-566-16	D17b	b		2	3	db: ?		

IX. A interacção

1. A curta/média distância: da Ilha do Pessegueiro ao Baixo Sado

A faixa litoral grosso-modo delimitada a Sul pela foz do rio Mira/Serra do Cercal, a Norte pela foz do Sado/Serra da Arrábida e a Este pelo Sado, na região actualmente denominada por Alentejo, não deve ser tomada como uma única unidade de paisagem, mas como um conjunto de várias, parcialmente integradas: “Alentejo litoral com elevações”, “Depressão do Sado” e “Maciços Calcários da Extremadura e Arrábida” (Ribeiro, 1991, p. 188). A sua configuração orográfica e paisagística, bem como os dados arqueológicos disponíveis, ainda relativamente escassos, levam-nos a tomar esta área como uma primeira escala para comparação de dados, um pouco como já havíamos realizado anteriormente (ver Anexo 5, Fig. 5; Quaresma, 1999b, p. 168).

De uma maneira geral, as importações sudgálicas parecem ser as primeiras de relevo nesta área, particularmente na Ilha do Pessegueiro e em Tróia, com excepção de Alcácer do Sal. A transição para as importações hispânicas e africanas também revelam bastantes semelhanças a Chãos Salgados.

Na Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993, p. 85-101) não foram detectados materiais itálicos; a *sigillata* sudgálica representa 36%; a hispânica, 33% e a africana A, 24%. A importação média anual mais elevada é a sudgálica (15), baixando para 7 na hispânica e 2,8 na africana A.

O espólio sudgálico é semelhante ao de Chãos Salgados: apenas 10% de formas decoradas e um reportório limitado de tipos. A Drag. 15/17 e a 24/25 estão bem representadas (17 e 9%), suplantadas pelas Drag. 18 e 27, sendo esta última taça mais adquirida do que o prato (18,7 e 38%), ao invés do sucedido em Chãos Salgados. O espólio é ainda composto por R. 9, Drag. 33 (apenas 2%, à semelhança de Chãos Salgados), serviço Drag. 35/36 (5%, aproximando-se de Chãos Salgados), e Drag. 30 e 37 (2 e 8%, relação inversa à de Chãos Salgados).

Os primeiros níveis alto-imperiais da Ilha do Pessegueiro pertencem à fase IIA, da segunda metade do século I d.C., quando a ilha terá assumido uma função comercial (Silva e Soares, 1993, p. 85-6). O início desta fase consuma-se na camada 3 do corte P, datada de época cláudio-neroniana, onde apenas existe *sigillata* sudgálica, pelas formas 24/25, 15/17, 27, 18 e 30. O fim desta fase é conhecido pela camada 7 do corte K, datada do último quartel do século I, interpretada como lixeira, rica em material sudgálico (com destaque para a Drag. 37) e hispânico, surgindo as primeiras aquisições africanas, pela forma Hayes 8A. No total da fase IIA, a *terra sigillata* sudgálica representa 69,7%, a hispânica 30% e a africana A apenas 0,3%.

Na fase IIB, datada do século II e primeira metade do III, surgem as estruturas industriais de salga de peixe (Silva e Soares, 1993, p. 101). Os fragmentos de *sigillata* sudgálica podem ser considerados residuais (3,1%). As importações hispânicas tornam-se dominantes (56,8%) e a africana A já está bem representada, com 39,7%. Tal como em Chãos Salgados, o domínio das importações hispânicas parece consumir-se no século II, e a presença de africana A só se torna importante nesta mesma centúria.

Em Sines, os dados exumados no interior da cerca e no Largo S. João de Deus (complexo de tanques de salga de peixe e forno de cerâmica), apontam para um início de actividade igualmente em meados do século I (Silva e Soares, s.d.; Diogo e Reiner, 1987, p. 114). A capacidade volumétrica dos tanques de Sines, 34 634 m³, assemelha-se aos valores da Ilha do Pessegueiro, cujas estruturas DI4 e PI6 atingem 36 265 e 41 426 m³ (Étienne e Mayet, 1993-4, p. 209).

Desta cidade, estão publicados dois exemplares de *terra sigillata* sudgálica, com marca de oleiro (Diogo; Trindade e Costa, 1997). Pertencem a dois oleiros cujas peças também alcançaram Chãos Salgados: *Libertus* (prato, possivelmente Drag. 18, com cartela mal impressa e repetida, IBER[...]IBER[...]) e *Mercator* (taça, possivelmente Drag. 27, com marca OFMERC). A denominação de *officina* por *Mercator* distingue esta peça das outras duas de Chãos Salgados, onde surge em nominativo.

A existência de um pedestal referente a uma estátua de Marte Augusto, datada da segunda metade do século III, sugere um estatuto urbano, pelo menos, no Baixo-Império (Encarnação, 1996).

Da necrópole de Deixa-o-Resto (Santo André) provém um exemplar de Drag. 15/17, com marca de *Sabinus*, OF.SABI, semelhante a um dos três exemplares de Chãos Salgados (Artur, 1955-1956).

Da Courela dos Chãos (possível *villa*, com calçada e hipocausto detectados) conhecem-se 60 fragmentos de *terra sigillata*. Nenhum é itálico e apenas três são sudgálicos, de formas indetermináveis. As produções hispânicas estão igualmente ausentes, e a africana A está representada por escassos 6 exemplares. O grosso da ocupação parece ser baixo-imperial (Coelho-Soares, 1987).

Os dados da parte interior desta área de estudo são muito limitados. Na Herdade dos Conqueiros (Alvalade-Sado), já próximo do rio Sado, conhecem-se um fragmento de *sigillata* hispânica e um outro sudgálico, Drag. 37. A cronologia da ocupação desta possível *villa* começa no século I e estende-se aos finais do século IV (Amaro, 1979).

No baixo-Sado, o volume de dados é mais rico e permite observar a diversidade histórica que uma área pode encerrar.

Em Alcácer do Sal, a escavação de um depósito no castelo deu a conhecer 1014 exemplares de *terra sigillata* (Dias, 1978). A importação de cerâmicas itálicas é maior em face das sudgálicas e hispânicas, num processo decrescente: 8,2 peças/ano, nas primeiras; 7,2, nas segundas; 4,1, nas terceiras.

Apenas 12,7% dos exemplares sudgálicos são decorados e as peças marmoreadas equivalem a 2,3% do espólio liso; 2,3% das peças lisas estão marcadas (Dias, 1978).

Na área do castelo de Alcácer, o oleiro *Labijs* está presente com uma marca (Dias, 1978), bem como *Iucundus* (Silva et al., 1980-1981) e *Vitalis* (Diogo, 1984). Uma forma rara, o cantil H. 13, possui um exemplar (Silva et al., 1980-1981).

A maior vitalidade de Alcácer do Sal parece não ultrapassar o principado de Tibério (Diogo, 1984, p. 51), cedendo o seu papel de polarizador económico a Setúbal e a Tróia, a partir de meados do século I (Serrão, 1990, p. 432).

A evolução das importações em Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 26-32) condiz com a de Chãos Salgados. As importações itálicas representam apenas 0,2 peças/ano. Também aqui, a *terra sigillata* sudgálica é a primeira produção adquirida em altas quantidades: com 6 peças/ano. As produções hispânicas são bastante menos importantes, com 1,2 de IMA, bem como a africana A, com 1,0.

A implantação das maiores unidades de salga de peixe em Tróia terá ocorrido, assim, em meados do século I, embora o início da ocupação possa recuar alguns anos (Étienne; Makaroun e Mayet, 1994, p. 26-32).

Com uma relação lisas/decoradas semelhante: 84,8/15,2%, o reportório formal é tão diversificado quanto o de Chãos Salgados, não englobando a tigela Ritt. 5, nem o cálide Drag. 11, ou o prato 2 do serviço F, mas contendo outras, conhecidas apenas aqui: 4 exemplares da taça R. 12 e C. 11 e 1 exemplar do tinteiro R. 13. Estão presentes formas antigas como a Drag. 17b, Ritt. 1 e 8, ou a Drag. 16. Os valores dos binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27 são semelhantes aos de Chãos Salgados: equiparação do Número de Exemplares no primeiro caso (41/42 exemplares) e domínio do prato Drag. 18, no segundo (81/45 exemplares). Também aqui a Drag. 33 é residual e o serviço Drag. 35/36 apresenta valores próximos: 9 exemplares. Nas decoradas, os quantitativos de Drag. 29 e 37 equivalem-se (18 e 16 exemplares) e os da Drag. 30 são mais baixos (8 exemplares), distinguindo-se de Chãos Salgados, neste aspecto.

Conhecem-se 6 exemplares marmoreados (Sousa, 1996) em Drag. 24/25 ou 27, mas também em Ritt. 8 e Drag. 35/36.

Uma das marcas de oleiro sudgálicas pertence a *Sabinus* (Baltasar, 1984-1985).

A estratigrafia conhecida na Praça do Bocage, na área urbana de Setúbal, revela uma evolução das importações de *sigillata* coerente com a tendência dominante, conhecida na área em estudo, com predomínio dos produtos sudgálicos até finais do século I (Silva e Coelho-Soares, 1980-1981). Os 13 fragmentos da fase I (terceiro quartel do século I) correspondem a 1 itálico, 11 sudgálicos (Drag. 24/25, 15/17, 18, 36 e 37) e 1 hispânico. Na fase IIA (implantação da unidade de salga de peixe no último quartel do século I), existem apenas fragmentos de *sigillata* sudgálica, formas Drag. 18 e 24/25 ou 27. A fase IIB corresponde ao funcionamento propriamente dito da unidade fabril, em finais do século I e século II: 11 fragmentos de *sigillata* sendo 9 sudgálicos (Drag. 15/17, 18, 27 e 29), 1 hispânico e 1 de africana A.

2. A Península Ibérica

Apesar do desequilíbrio dos dados disponíveis sobre a dispersão da *terra sigillata* sudgálica na Península Ibérica (ver Anexo 5, Fig. 5 e bibliografia anexa ao mapa) — sendo notório um certo vazio de estudos na área interior, se compararmos com as regiões litorais, em especial a costa este —, procuraremos, neste capítulo, esboçar as tendências comerciais que os dados peninsulares permitem concluir.

2.1. As produções gálicas ao longo do espaço (ver Anexo 4, Fig. 11)

A distinção entre produções de La Graufesenque e Montans é hoje tomada como difícil, como já referido atrás, quando apenas aplicada uma observação macroscópica das pastas e vernizes. Contudo, os estudos existentes, embora embuídos geralmente deste problema analítico, demonstram áreas preferenciais de distribuição, mais credíveis até pela própria identificação da proveniência de alguns oleiros.

Em 1990, Beltrán-Lloris (p. 97) afirmava que as produções de La Graufesenque pareciam dominar a maior parte do território peninsular, enquanto que Montans alcançava de forma significativa a zona da *Via Hispania in Aquitania*, na face esquerda da bacia do Ebro, sendo pontual nas áreas costeiras peninsulares e alcançando pontos interiores mais diminutos, nórdicos (*Celsa*, *Bilbilis* e *Tiermes*).

A escassez de *terra sigillata* sudgálica no Sul da Meseta é explicado por Sánchez-Lafuente (1985), pelo facto de La Graufesenque ter uma difusão essencialmente marítima, enquanto Montans, essencialmente terrestre, pelo que esta área ficaria algo desviada das principais correntes de fornecimento.

As observações possíveis de realizar actualmente não diferem grandemente, apesar de em muitas publicações apenas se indicar proveniência “sudgálica”. La Graufesenque atinge altas percentagens na costa este, em *Valeria* (Sánchez-Lafuente, 1985), Tossal de Manises (Ribera i Lacomba, 1988-9), Morè (VV.AA., 1997), *Ilici* (Montesinos i Martínez, 1998), Valência (Montesinos i Martínez, 1998) e *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1998); na costa sul, em *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991); na faixa ocidental sul e central, em Mérida (Mayet, 1978), S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), Represas (Lopes, 1994), Santarém (Viegas, 2001), *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975) e *Aeminium* (Carvalho, 1998). Mesmo na região noroeste, o domínio de La Graufesenque é defendido por Carretero Vaquero (2000) e Naveiro López (1991). Segundo este autor, a grande maioria dos motivos decorativos e das marcas são de La Graufesenque, datados de época cláudio-neroniana, e em muitos destes sítios ocorrem peças

marmoreadas. As classificações dos principais sítios revelam abundância de La Graufesenque: em Braga (Delgado e Santos, 1984; Delgado, 1985; Morais, 1997-1998), Monte Mozinho (Carvalho, 1993), Castro de Vigo e Rosinos de Vidriales (Carretero Vaquero, 2000).

A *sigillata* de Montans é dominante no litoral do actual País Basco, em sítios como *Flavio-briga*-Castro Urdiales (Pérez González, 1989), Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994), La Matra (Izquierdo, 1994) e em *Pompaelo* (Izquierdo, 1994). Em *Iuliobriga*-Reinosa, já na bacia do Ebro, os dois centros equivalem-se (Pérez González, 1989) e em Herrera de Pisuerga, a maioria das importações provém de La Graufesenque (Pérez González, 1989). *Numancia* (Romero Carnicero, 1985), com domínio de La Graufesenque, reflecte o papel desta produção no interior da península.

No Noroeste peninsular situam-se valores fracos, mas um pouco acima do panorama da restante península: em Castro de Vigo e Monte Mozinho, as percentagens são de 8,6 e 8,7 (Carvalho, 1993). A *sigillata* de Montans terá sido escoada, então, pelo golfo da Aquitânia, encontrando no Norte Peninsular a sua área preferencial de mercado (Izquierdo, 1994).

Na maioria dos sítios, os valores de Montans são baixíssimos, geralmente inferiores a 1%: *Ilici*, Valência, *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1998), *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991), Merida (Mayet, 1978), Monte da Cegonha e Tourega (Viegas, 2001), S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), *Conimbriga* (Delgado, Mayet, Alarcão, 1975), *Aeminium* (Carvalho, 1998), Braga (Morais, 1997-1998).

Uma marca de Le Rozier, centro satélite de La Graufesenque, surge em *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991).

Banassac (em actividade no século II), cuja dispersão atinge o Norte de África (Vernhet, 1986a), está presente em alguns sítios orientais e meridionais do litoral: Valência e *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1998), *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991), Mérida (Mayet, 1978) e *Balsa* (Nolen e Real, 1994).

Os produtos centro-gálicos de Lezoux ou Martres-de-Veyres são também escassos, surgindo em — entre outros sítios (Beltrán-Loris, 1990): Tossal de Manises, Morè e *Ilici* (Ribera i Lacomba, 1988-1989; VV.AA., 1997; Montesinos i Martínez, 1998), concelho de Vila Viçosa (Alarcão, 1960-1961), ou Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989) e Chãos Salgados.

Se analisarmos a situação geográfica das formas mais antigas de *terra sigillata* sudgálica (ver Anexo 4, Fig. 12), verificamos que a pré-*sigillata* (formas indetermináveis) surge apenas na costa este, em *Baetulo*, Tarraco e Tossal de Manises (Madrid Fernández, 1999; Dupré i Raventos e Carreté i Nadal, 1993; Ribera i Lacomba, 1988-9) e que as formas mais antigas de *sigillata* alcançam, embora ainda em fraca quantidades, alguns sítios que se distribuem por toda a península, embora sobretudo na faixa litoral. Este facto é elucidativo quanto à capacidade comercial dos produtos sudgálicos, desde época inicial.

O cálice decorado Drag. 11, um pouco mais numeroso, surge numa série de sítios onde se destaca a costa este, mas onde se incluem quase todas as outras, à excepção do Noroeste, e apesar do interior meseteno só estar representado por *Arcobriga* (Castellano Castillo, 2000). A esta região chegou ainda a tigela H. 31, a *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989).

Já o prato Drag. 17a alcança o Noroeste, em Monte Mozinho (Carvalho, 1993), tal como o Drag. 2/21, em Braga.

Embora os sítios da costa oriental estejam bem representados, estes primeiros produtos alcançam a um nível semelhante a zona ocidental, onde se destaca Represas, importador de Drag. 11, 17a, 17b, 24, lagoena, Drag. 19 e 2/21 (Lopes, 1994).

O comércio de formas mais raras atinge igualmente o espaço peninsular de maneira abrangente, constituindo um outro indicador da competitividade dos oleiros e fornecedores sudgálicos (ver Anexo 4, Fig. 13).

Dois sítios, nas áreas sul e ocidental, destacam-se por um maior número de formas raras nos seus espólios: *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991) e Represas (Lopes, 1994). O primeiro recebeu o cálice H. 4, a taça Ritt. 12, os pratos Drag. 15 e 16 e H. 2/12, o tinteiro Ritt. 13, a garrafa H. 15, e a taças decoradas K. 78 e H. 9. Ao longo do século I, Represas também importou a taça R. 12, os pratos Drag. 16 e 4/22, H. 2/12, o cantil H. 13, bem como exemplares de copo, pátera, forma fechada não diagnosticada e de garrafa (sem tipos atribuídos).

Formas cujo início de produção é essencialmente flaviano — embora possa recuar a Nero — demonstram a continuidade do alcance geográfico desta *sigillata*: os elementos dos “serviços flavianos” encontram-se em poucos sítios, mas alcançam igualmente as várias regiões peninsulares. A taça Vernhet A3 chega a *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989), o prato Vernhet B2 encontra-se em Morè (AA.VV., 1997), o prato Vernhet C2 está documentado em Santarém (Viegas, 2001) e Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994), e a taça Vernhet DI, talvez em *Carthago Nova* (Castellano Castillo, 2000) e no Noroeste (Naveiro López, 1991, p. 31).

2.2. As produções itálicas, sudgálicas, hispânicas e africanas ao longo do tempo

2.2.1. Os dados estatísticos (ver Anexo 4, Fig. 14)

Na análise destes fenómenos e da sua interacção, optámos novamente por focar a nossa atenção nos cálculos da IMA e não tanto nos valores percentuais, já que, embora estes sejam importantes, não nos fornecem uma imagem tão clara da intensidade da oferta/procura de cada uma das produções de *sigillata*. De tal modo que, por vezes, as posições relativas de importância das produções invertem-se, quando calculada a IMA.

Apesar de os vasos sudgálicos serem, de um modo geral, os primeiros a atingir altos níveis de vendas na península, tendência revelada pelas diversas percentagens, com excepção de *Portus Illicitanus* (González Prats, 1984), Ibiza (apenas contando marcas, Fernández, Granados e Villaescusa, 1992) e Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989), a verdade é que os valores de importação média anual indicam uma importância maior para as compras de bens itálicos em diversos sítios, embora minoritários.

Assim acontece em sítios de funções militares, como Herrera de Pisuerga, importante já em época augustana, no Norte peninsular (Pérez González, 1989); em sítios de origem pré-romana no interior norte, como *Numancia*, *Complutum* e *Segobriga* (Romero Carnicero, 1985; Fernández-Galiano, 1984; Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989) ou na faixa ocidental, como Braga, Santarém ou Alcácer do Sal (Morais, 1997-8; Viegas, 2001; Dias, 1978; Diogo, 1984); ainda no Sul da faixa ocidental, o sítio romano da Lezíria (Arruda e Dias, 1985). Este fenómeno é mais intenso na costa oriental, onde valores itálicos ligeiramente inferiores aos sudgálicos sucedem-se em vários sítios, como *Ilici*, *Saguntum*, Valência, *Portus Illicitanus* e Tossal de Manises (Montesinos i Martínez, 1998; González Prats, 1984; Ribera i Lacomba, 1988-1989; Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989).

Em Tossal de Manises (Ribera i Lacomba, 1988-1989), a *sigillata* sudgálica sofre a concorrência, ainda que tímida, da congénere tardo-itálica (11,3%), produção mal conhecida na península, talvez por dificuldades de classificação macroscópica. Na costa ocidental, esta produção foi detectada em Tróia (24 fragmentos), Alcácer do Sal, *Conimbriga*, Represas e *Balsa*, bem como noutros sítios peninsulares, em áreas que não o Noroeste ou a Meseta interior (Sepúlveda, 1996).

Do conjunto das quatro produções em comparação, a *terra sigillata* sudgálica detém os níveis percentuais mais altos, excepto em *Portus Illicitanus* (González Prats, 1984) e Ibiza (Fernández, Granados e Villaescusa, 1992), devido à *sigillata* itálica; e em Valência (Montesinos i

Martínez, 1989), *Valeria* (Sánchez-Lafuente, 1985, Represas (Lopes, 1994), S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), Mte. Mozinho (Carvalho, 1993), Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989) e *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989), devido à hispânica. Contudo, se aplicarmos o cálculo da IMA, a situação é análoga, mas com alguns sítios diferentes: A *sigillata* hispânica é mais importante igualmente em S. Cucufate e Monte Mozinho (também no Noroeste, é a mais numerosa de Castro de Vigo — Hidalgo Cuñarro, 1987), mas também em Povos (Dias, 1995-1997), *Numancia* e *Complutum* — já não em *Segobriga* — (Romero Carnicero, 1985; Fernández-Galiano, 1984) e igualando-se à sudgálica em Herrera de Pisuerga. Assim, um consumo mais intenso, mas nem sempre maioritário, de *terra sigillata* hispânica é verificável em sítios do Norte central e ocidental, e em dois casos do centro-sul ocidental, não se verificando esse fenómeno no Oriente — apesar da proximidade aos centros produtores, nomeadamente do Ebro —, nem no Sul, em *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991). De modo análogo, na costa norte, Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994) é claramente dominado pelas produções sudgálicas, distinguindo-se da “norma” dos sítios mais interiores.

Em vários dos sítios apresentados não é possível indicar os valores de *terra sigillata* africana A, por desconhecermos os dados estatísticos. Contudo, esta produção apresenta, em todos os sítios indicados, valores de IMA baixos ou muito baixos (entre 0,1 e 3), excepto em *Baelo*, na costa sul, com 15 peças/ano, valor superior ao hispânico (Bourgeois e Mayet, 1991). A sua distribuição peninsular ter-se-á realizado essencialmente na metade sul e na costa este (Quaresma, 1999b, p. 173). A Ocidente, *Conimbriga* parece ser o limite setentrional da sua difusão, a Norte da qual só se detecta esporadicamente (Quaresma, 1999b, p. 173).

A menor importância da *terra sigillata* hispânica na costa este pode ter como explicação o consumo preferencial desta produção africana, desde finais do século I d.C. (Ribera i Lacomba, 1988-1999, p. 184; Reynolds, 1984, p. 475), embora fosse necessário especificar qual o peso da fase A1.

Ambas terão, no último quartel do século I, substituído gradualmente o consumo dos vasos sudgálicos na península.

2.2.2. Os dados estratigráficos

Não são muitos os contextos crono-estratigráficos disponíveis acerca da evolução do comércio da *terra sigillata* na península, ao longo do século I d.C., podendo atingir os inícios do século II.

Em *Baetulo* (Comas et al., 1994; Madrid Fernández, 1999), as escavações têm proporcionado alguns contextos fechados, cuja informação tem permitido explicar o fenómeno desde Tibério a finais da centúria ou inícios do século II.

Na segunda fase estratigráfica do *cardo* e de uma casa do Carrer Lladó, datada dos últimos 20 anos do século I a.C., surgem alguns fragmentos de possível pré-*sigillata* sudgálica.

Na Casa do Carrer Fluvià, um poço inutilizado nos anos 20/30 do século I comprova o início das importações de *sigillata*, em época tiberiana. As importações itálicas são as mais abundantes e coexistem com 6/7 fragmentos sudgálicos (Ritt. 9, Drag. 29, possível *gobelet* decorado). Paredes finas, tipo Mayet XIV, XVII e XXIV (com ausência das béticas cláudias), estão associadas.

Um contexto de época cláudia, igualmente um enchimento, mas de uma cisterna de uma *Domus*, na rua Pajol, proporcionou paredes finas cláudias tipo Mayet XXXIV e XXXIII e 53 fragmentos de *sigillata*: os vasos itálicos são residuais e 40 fragmentos são sudgálicos (Drag. 2/21, 15/17, 24/25, 18a, 27 e 29b; os pratos têm canelura no fundo interno). Embora já haja cerâmica africana de cozinha, a *terra sigillata* africana A está ausente.

Níveis de abandono de duas *Domus* na rua Lladó e na rua Fluvià, bem como de um edifício de taberna na praça Font i Cusso, foram datados de época flaviana. As percentagens sudgálicas são ainda predominantes (76%), seguidas pelas hispânicas (Drag. 18 e 37, H. 13), com somente 22% e pelas da africana A, que surge timidamente, com 2%, composta por formas fechadas domicianas. Este contexto pode ser um bom exemplo para a necessidade de rever o papel concorrencial da *terra sigillata* africana A, na época flaviana, já que é provável que a fase A1 africana seja ainda residual em muitos sítios da península, tal como acontece em Chãos Salgados.

A *sigillata* sudgálica deste contexto continua rica em formas (por ordem de importância): Drag. 29, 27, 37, 18, 24/25, 35, 29/37, 33, 15/17, 30, H. 12, Ritt. 8 e Drag. 2/21. Contudo, estima-se que a importação de vasos sudgálicos termine nos finais do século I ou inícios do século II (Madrid Fernández, 1999, p. 165).

Em Valência e *Saguntum* (Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994), apesar de haver poucos dados estratigráficos relativos à época júlio-cláudia, parece ocorrer um predomínio da *sigillata* sudgálica a partir de Cláudio. As importações hispânicas surgem em Vespasiano e rapidamente suplantam as sudgálicas, particularmente em Valência, quando se verifica um forte desenvolvimento urbano. Nesta cidade, nos anos 70-80 d.C., a *sigillata* hispânica corresponde a 58% e a sudgálica a 42%; entre 80 e 100 d.C., as hispânicas representam 79%, as sudgálicas 20% e surge a Africana A (tal como em *Baetulo*), com 1%. Nos finais da época flávia terminarão as importações sudgálicas.

Em *Complutum* (Fernández Galiano, 1984), a escavação de El Viso forneceu uma estratigrafia que percorre quase todo o século I: no nível IV (1.º quartel do século I), surge apenas *sigillata* itálica; no nível III (20-45 d.C.), a *sigillata* itálica tem 16 fragmentos e a sudgálica 1 fragmento; no estrato II (45-60 d.C.), a importação sudgálica torna-se predominante, com 22 fragmentos, contra 8 itálicos e 1 hispânico; no estrato I (60-70 d.C.), subsiste o domínio sudgálico, mas a *sigillata* hispânica aumenta os valores.

Na Península Itálica, as escavações de *Ostia* e de Roma têm revelado este comércio entre a época júlio-cláudia e os inícios do século II, embora sempre em fracas percentagens, pois os fabricos itálicos são sempre dominantes. Apesar de Martin (1994, p. 116) distinguir um pico estatístico em Cláudio-Nero e uma diminuição do volume das importações ao longo dos flávios, a verdade é que os dados apresentados indicam um claro aumento das importações em época flávia, ao contrário do que o autor conclui: as camadas flavianas do *Forum Transitorium* incluem 13,7% de *sigillata* sudgálica (p. 118) e as camadas domicianas — camada V do ambiente VI, camadas da fase II da área NE, e camada V da área SO — das Termas do Nadador, possuem 6,9, 14,7 e 16,0%, respectivamente. Estas percentagens contrastam com as camadas conhecidas, júlio-cláudias e trajanas, cujas percentagens se situam entre 0,4 e 4,8%. No interior do espólio sudgálico, os produtos de La Graufesenque são claramente dominantes (Martin, 1994).

Este conjunto de estratigrafias coloca um pouco em questão o hábito de datar de Cláudio-Nero as fases de domínio sudgálico, já que este pode manter-se em época flaviana, embora provavelmente apenas na parte inicial, grosso-modo vespasiana, no que toca à Península Ibérica. As percentagens flavianas na Península Itálica são um outro indicador das potencialidades do comércio sudgálico nesta época.

2.3. Aspectos estruturais dos espólios

A composição à base de formas lisas é um aspecto recorrente dos espólios sudgálicos ao longo da península (ver Anexo 4, Fig. 15). Em muito poucos casos, o conjunto das formas decoradas atinge valores próximos das primeiras e restringem-se apenas à costa este: Valeria

(45,8%), *Ilici* (44%) e Morè (43,9%) (Sánchez-Lafuente, 1985; Montesinos i Martínez, 1998; VV.AA., 1997).

Somente em dois casos, no Ocidente, apenas ocorrem cerâmicas lisas: Povos e Monte Moziño (Dias, 1995-1997; Carvalho, 1993).

Na região do Algarve, o espólio de Lezíria é demasiado reduzido para uma estatística fiável (Arruda e Dias, 1985) e a colecção de *Balsa* parece ser uma recolha premeditada de peças de escavação (Nolen e Real, 1994).

A constância do valor aproximado de 80%/20% para a relação lisas/decoradas assemelha-se ao do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV — 72,1-27,9% — (Nieto Prieto et al., 1989).

Uma tendência semelhante parece ocorrer ao nível das marcas. Novamente surgem sítios da costa este com um valor de peças marcadas mais alto: *Valeria* — 17,6% — (Sánchez-Lafuente, 1985), *Ilici* — 11,1% — (Montesinos i Martínez, 1998) e Valência — 11,8% — (Ribera i Lacomba, 1981); mas também em *Baelo* — 14,9% — (Bourgeois e Mayet, 1991) e em Azeitada, junto a Santarém — 13,1% — (Quinteira, 1998). Mais uma vez, consideramos os dados de *Balsa* como resultantes de uma amostra desvirtuada (Nolen e Real, 1994).

As peças marmoreadas (ver Anexo 4, Figs. 16 e 17), fabricadas em La Graufesenque entre 40 e 70 d.C. (Vernhet, 1976) atingem todo o espaço peninsular, em percentagens reduzidas, destacando-se dois sítios da costa este (*Valeria* e *Cartago Nova*) e *Baelo* (Sánchez-Lafuente, 1985; Castellano Castillo, 2000; Bourgeois e Mayet, 1991), cujos valores rondam os 5%, bem como Mérida, com o valor mais alto de todos — 6% — (Mayet, 1978). Na Península Itálica, as peças marmoreadas chegam a atingir 50% dos espólios de certas formas, sobretudo lisas, o que revela um outro mercado, com capacidade de aquisição diferente da do ibérico (Martin, 1994).

Na Meseta, este comércio atinge *Segobriga*, com valores razoáveis — 2,6% — (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989) e no Noroeste surge em vários sítios (Carretero Vaquero, 2000, p. 350).

As formas mais comuns são as Drag. 15/17, 18, 24/25, 27, 35/36 ou a Ritt. 8.

Em Cartago Nova, surge o tinteiro H. 18 e a Drag. 29 (Castellano Castillo, 2000). Esta forma decorada também surge em *Ilici* (Montesinos i Martínez, 1998) e Numância (Romero Carnicero, 1985). Outra peça decorada, a Déch. 67, bem como a Drag. 29 surgem em *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989).

Os espólios mais diversificados surgem em *Segobriga* e na costa leste, em *Ilici* e Cartago Nova, mas também em *Baelo*, que tal como Cartago Nova importou o prato Drag. 4/22 (Bourgeois e Mayet, 1991).

O verniz marmoreado surge realizado com diferentes técnicas, em Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989), Numância (Romero Carnicero, 1985) e Tróia (Sousa, 1996). Nos três sítios surgem exemplares de Drag. 27, H. 13 e Ritt. 8, respectivamente, com verniz totalmente amarelo, técnica já referida por Hermet (1934, p. 178).

Em Herrera de Pisuerga surgem ainda peças com verniz branco e listas vermelhas de tom mais acentuado do que o normal nas marmoreadas e que Perez Gonzalez (1989, p. 319) sugere serem imitações de marmoreadas. Peças realizadas com a mesma técnica surgem noutros sítios do Norte peninsular (Pérez González, 1989, p. 319).

Diferentes comportamentos regionais na aquisição de *sigillata* sudgálica são espelhados por outros fenómenos como os valores da tigela Drag. 33 (ver Anexo 4, Fig. 18). Esta forma surge em quantidades muito baixas na esmagadora maioria dos sítios peninsulares, geralmente não atingindo a dezena de exemplares. Dois sítios ocidentais destacam-se pelo número elevado de peças: Represas (Lopes, 1994) e *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975), o primeiro com 183 exemplares e o segundo com 20 exemplares. A alta frequência de Represas possibilita o questionamento do significado funcional desta suposta *villa*, enquanto foco redistribuidor (Lopes, 1994, p. 103; Serão e Marques, dirs., 1990, p. 435), e pode ser uma hipótese explicativa dos valores de *Conimbriga*.

Aquando da apresentação do espólio de Chãos Salgados referiu-se a problemática do conceito de “serviço” na funcionalidade da *sigillata* sudgálica. Coligindo os dados peninsulares sobre as frequências dos dois binómios prato/tigela mais importantes, Drag. 15/17-24/25 e 18-27, concluiu-se que em poucos casos se verifica um equilíbrio — podendo este ser um reflexo de uma materialização do conceito de serviço — entre pratos e tigelas (ver Anexo 4, Fig. 19). Esse equilíbrio ocorre nos dois binómios, em *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989), Mérida (Mayet, 1978) e Santarém (Viegas, 2001). Em Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994), *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975) e Mte. Mozinho (Carvalho, 1993) existe um equilíbrio no binómio mais antigo, que se perde no segundo.

Em Tróia e Monte Mozinho, o desequilíbrio é provocado pelo aumento da frequência do prato Drag. 18. O aumento da aquisição de pratos, em detrimento das tigelas, ao longo do século I, é verificável em muitos outros sítios, em toda a península, excepto na Meseta: *Valeria* (Sánchez-Lafuente, 1985), *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991), Valência (Castellano Castillo, 2000), Mérida (Mayet, 1978), Represas (Lopes, 1994) e Azeitada (Quinteira, 1998).

Outros sítios mantêm a preferência pelas tigelas ao longo dos dois binómios: Ilici (Montesinos i Martínez, 1998), Cartago Nova (Castellano Castillo, 2000), Tossal de Manises (Ribera i Lacomba, 1988-9), na costa leste; *Arcobriga* (Castellano Castillo, 2000), Numância (Romero Carnicero, 1985) e Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989), no Centro-Norte.

Em dois sítios uma maior aquisição de prato é substituída por uma maior aquisição de tigela: Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993) e Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994).

Em *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975), um equilíbrio no primeiro binómio dá lugar a uma maior aquisição da tigela Drag. 27.

Examinar estes valores só por si pode ser desvirtuador, já que as flutuações podem por vezes ser condicionadas pelas conjunturas económicas dos povoados. Apesar do equilíbrio estatístico, parece haver uma ligeira tendência para o aumento da aquisição de pratos, vendo o fenómeno no seu todo. Esta ideia vem igualmente expressa pelos dados de Cala Culip IV, vespasiano (Nieto Prieto et al., 1989), cujo espólio integra 85 exemplares de Drag. 15/17, 309 de Drag. 24/25, 974 de Drag. 18 e 518 e Drag. 27, o que perfaz um total de 1059 pratos e 827 tigelas.

2.4. Distribuição de oleiros: algumas pistas (ver Anexo 4, Fig. 20)

Em trabalho recente, Castellano Castillo (2000) definiu dois grandes grupos de oleiros sudgálicos (com um catálogo que não abrange a totalidade dos mesmos), tendo como critério a distribuição geográfica peninsular das suas peças.

Um primeiro grupo — A — era constituído por oleiros com dispersão basicamente restringida à costa mediterrânica: *L. Cosius Virilis* e *Masculus* (presentes em Chãos Salgados), mas também *Atticus*, *Bilicatus*, *Celere*, *Cenatus*, *Cosius Rufinus*, *C. Iulius Prim Surus*, *Cotto*, *Crispus*, *Crobiso*, *Macrinus*, *Manertus*, *Maternus*, *Melainus*, *Montanus*, *Pleveus*, *Polio*, *Sextus et Canus*, *Vasilius L. Iulius. Vava* e *Vibinus* (Castellano Castillo, 2000, p. 162).

Um segundo grupo — B — era constituído por oleiros cujas peças se difundem por toda a península, embora subdividido em dois sub-grupos: um primeiro, mais reduzido, cujos oleiros atingem mais facilmente o interior (*Primus* e *Vitalis* — presentes em Chãos Salgados —, e também *Secundus* e *Silvanus*); um segundo, mais numeroso, cujo comércio continua a ser predominantemente litoral (*Iucundus*, *Labio*, *Mommo*, *Murranus* — presentes em Chãos Salgados —, mas também *Albinus*, *Capito*, *Castus*, *Cocus*, *Firmo*, *Modestus*, *Memor*, *Patricius*, *Severus*, *Silvinus*, *Silvus* e *Verecundos*) (Castellano Castillo, 2000, p. 163).

Poderíamos ainda acrescentar ao grupo A *Bassus*, *Bassinus*, *Libertus* e *Passenus*, presentes em Chãos Salgados, mas cuja difusão é mais intensa na costa mediterrânica.

Os restantes oleiros presentes em Chãos Salgados parecem englobar-se no grupo B de vertente litoral, apenas sendo mais nítido que alguns surgem em bastantes sítios (*Chrestus-io*, *Rufinus* e *Sabinus*), e outros atingem um número muito limitado, mas difuso (*Iunius*, *Mercator*, *Murrus*, *Nicius*, *Pater* e *Primulus*).

Comparando os dados peninsulares com os itálicos e norte-africanos, Castellano Castillo (2000, p. 163) observa ainda outras quatro situações:

- oleiros mal representados na península (até 5 sítios) não estão presentes em África e Itália, ou são raros; embora alguns oleiros, como *Cosius Rufinus*, *Cennatus*, *Volubilis* e *Sextus Canus* existam em Cartago Nova e na Tingitana, mas não na Itália;
- oleiros representados em 5/10 sítios peninsulares têm uma difusão predominantemente situada na Península Ibérica e Norte de África (*Severus* e *Iustus* de La Graufesenque; *Ingenuus* e *Celer* de Montans; *Perrus* de Banassac);
- oleiros representados na península em 11/15 sítios têm uma presença mais forte no Norte de África e Itália (*Silvius*, *Firmus* e *Modestus*);
- oleiros com peças em mais de 15 sítios peninsulares encontram-se sempre na Itália (excepto *Crestio*) e Norte de África (*Mommo*, *Vitalis*, *Iucundus*, *Sabinus*, *Murranus*, *Crestio* e *Primus* — presentes em Chãos Salgados —, e *Secundus*, *Patricius* e *Silvanus*).

Alguns oleiros presentes em Chãos Salgados incluem-se, então, neste último grupo de Castellano Castillo.

Dos 5 oleiros com fraca presença peninsular, presentes em Chãos Salgados, *Iunius*, *Nicius*, *Primulus*, *Mercator* e *Murrus*, apenas os últimos dois atingem o Norte de África, na Mauritânia Tingitana (Laubenheimer, 1979).

Bassinus, *Libertus*, *Masculus*, *L.C. Virilis* (Tingitana) e *Passenus* (Argélia e Tingitana) (Laubenheimer, 1979; Guéry, 1979) podem incluir-se no segundo grupo de Castellano Castillo, já que não surgem na Península Itálica. *Crestus-io* (Argélia), embora muito bem representado na península, não surge na Itália (Martin, 1994).

Bassus (Tingitana), *Iucundus*, *Labio*, *Mommo*, *Murranus*, *Primus*, *Rufinus* e *Vitalis* (Argélia e Tingitana) atingem igualmente a Itália (Laubenheimer, 1979; Guéry, 1979; Martin, 1994), pelo que deverão pertencer ao quarto grupo de Castellano Castillo.

Um outro estudo, que inclui alguns oleiros presentes em Chãos Salgados, realizado por Mees (1994), utiliza uma escala menor, procurando ver a dispersão de um conjunto de oleiros ao longo do Ocidente romano. As frequências obtidas indicam uma dispersão na Tarraconense para *Iucundus*, sendo mesmo o único oleiro nesta posição; *Sabinus* centra o seu comércio na Narbonense; *Mommo*, na Narbonense e Itália; *L.C. Virilis*, *Passienus* e *Masculus*, na Gália Lugdunense, na Gália Bélgica e na Germânia Superior; *Murranus*, *M. Crestio* e *Vitalis*, na Britânia e na Germânia Inferior.

X. Reconsiderações sobre economia antiga: organização, padronização e preço na *terra sigillata* sudgálica

I. Organização

A partir dos anos 40 do século I d.C, detectou-se um conjunto de fenómenos, ao nível das marcas, que reflete um salto qualitativo na produção de *terra sigillata*, na área de La Graufesenque: uma intensificação de produção acompanhada de um outro substancial aumento do número de produtores que assina uma mesma produção; as formas que se desenvolvem a partir desta época nunca possuem marca de oleiro, ao contrário das antigas que continuam a ter (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197). A diminuição desse hábito epigráfico na peças sudgálicas é contrastante com os espólios itálicos, onde as frequências são maiores (Pucci, 1993, p. 74).

A questão do tempo e do modo da produção e da comercialização da *terra sigillata* de La Graufesenque é, no entanto, de complexa análise devido à disparidade de argumentos entre os vários autores.

Os principais dados utilizados no debate consistem nos grafitos de pré-cozedura com indicações de oleiros, donos de fornos, formas e quantidades, geralmente sob a forma de lista, “bordereaux d’enfournement”, segundo R. Marichal (1986).

Este último autor contabiliza em 168 o número de grafitos conhecidos, datando 85% entre Cláudio e Vespasiano, 15% entre Cláudio e Trajano, sendo 50% da época de Nero.

Já Polak data o primeiro dos seus três grupos de listas, o grupo A, do terceiro quartel do século I (Polak, 1998), o que torna o início do fenómeno um pouco mais recente, muito provavelmente da época de Nero, teoria mais aceite pelos vários autores, embora ainda plausível nos últimos anos de Cláudio.

Estamos, portanto, a falar de um conjunto de fenómenos que se passam entre os anos 40/50 (onde se enquadra a discrepância cronológica entre as marcas referidas acima e as listas de grafitos) e os finais do século I ou inícios da centúria seguinte.

O modo de produção e comercialização, ou seja a organização do trabalho, levanta ainda mais divergências de interpretações.

Para Marichal (1986), as listas representam clientelas. Na verdade, muitos oleiros não possuíam forno próprio, necessitando de recorrer a outros que pudessem prestar serviços nessa área. Estas clientelas não seriam estáveis, pois poderiam mudar consoante as fornadas, tal como defende Polak (1998). Marichal aceita o conceito antropológico proposto por Jacob e Lerede, em 1986, de “artisanat groupé”, ou seja, de um ou vários conjuntos de produtores, cujas relações profissionais não seriam estáveis, mas casuísticas.

Marichal vai, no entanto, mais longe ao aceitar a hipótese de organizações de trabalho mais sólidas, estruturadas por um quadro jurídico mais amplo e conhecido no mundo romano: os *collegia*. Alguns grafitos são para o autor indicadores de uma realidade identificável ou semelhante. A palavra gaulesa *casidanos* — constante em vários grafitos — seria passível de traduzir por *flamen*, em latim; a palavra latina surge mesmo num dos grafitos apresentados por Marichal (1986, p. 19, n.º 7); mas outros sentidos como *curator*, *magister* ou *iudex* são admitidos pelo autor francês.

A autorização imperial que estende a figura jurídica do *collegium* para além dos de tipo funerário, *tenviorum*, datará algures do principado de Cláudio (Marichal, 1986).

Há, assim, uma discrepância cronológica entre esta possível lei de Cláudio, extensível ou não à *terra sigillata* de La Graufesenque, e os primeiros grafitos, que muito provavelmente só surgem na época de Nero.

A partir dessa ordem de razões, Jacob e Lerede (1986) desvalorizam a hipótese dos *collegia*. Sustentam-se noutros argumentos. A saber: na verdade, não se conhece nenhuma disposição legal que obrigue os produtores ou vendedores a estamparem as peças; além disso, as maneiras de o fazer apresentam divergências; por conseguinte, estamos perante possíveis regras do direito consuetudinário.

Consideram errado o conceito de capitalismo para estruturas tão débeis ou incipientes e defendem mesmo uma total independência entre oleiros e vendedores nos planos da organização, da produção e da posse de meios de produção. No entanto, admitem que o vendedor pudesse actuar como um mercador, capaz de negociar com vários produtores e ser ele a peça-chave de uma estrutura pré-capitalista.

Um outro indicador de uma rede de trabalho mais complexa é a existência de fornos com capacidade para 30 ou 40000 peças, utilizados por vários oleiros em La Graufesenque (Vernhet, 1981), e cujo tamanho das fornadas seria consentâneo com uma comercialização conjunta, até porque muitas peças não eram marcadas, o que dificultava a separação após a cozedura (Nieto Prieto et al., 1989, p. 202).

As listas de fornadas apresentam oleiros com diferentes capacidades de produção, alguns deles evidenciando forte capacidade competitiva, chegando a produzir, numa mesma fornada, a maioria dos vasos: o grafito n.º 3 de Hermet (1934) refere-se a uma fornada de 28420 vasos, dos quais 15000 são de *Masuetos* (*apud* Nieto Prieto et al., 1989, p. 202).

A escavação do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV forneceu alguns dados relevantes quanto à comercialização e difusão da *terra sigillata* de La Graufesenque. A sua principal carga seria exactamente esta cerâmica sudgálica, mas continha uma carga mista secundária que incluía ainda paredes finas e ânforas oleárias da Bética e lucernas de Roma (Nieto Prieto, 1986, p. 86; Nieto Prieto et al., 1989).

No espólio verifica-se que 92,1% dos exemplares Drag. 29 estão assinadas por 4 oleiros; 80% da Drag. 15/17 são de uma marca; 97,7% da Drag. 18A são também de uma marca; 60,3% da Drag. 27A são de 2 marcas; 94,15% da Drag. 27B são igualmente de 2 marcas; e 82,6% da Drag. 24/25B são de apenas uma marca (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Diagnosticaram-se 58 marcas diferentes e algumas relações oleiro(marca)/forma, que pressupõem especialização. Por exemplo, excepto a marca OF MOM, que surge em Drag. 18A (lisa) e 29 (decorada), as restantes surgem em formas lisas, ou em formas decoradas, o que parece ser uma organização exclusivista. A origem das cerâmicas lisas também obedece a uma lógica própria: as marcas que surgem em formas lisas, relacionam-se com um tipo de vaso, ou no máximo dois, como é o caso das marcas dos oleiros *Iucundus* e *Tabivirtutis*. As duas formas possíveis são taças ou páteras e quando se produzem taças, distinguem-se produtores de grandes e de pequenas (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

A defesa de uma especialização por parte de Nieto Prieto é baseada igualmente em listas de fornadas: segundo o grafito n.º 6 de Hermet (1934), *Masuetos* produziu *acitabili* e *paraxidi*; *Privatus* fabricou *licvias*; *Felix*, *Teccius* e *Tritus* fizeram *catili*; e *Deprosagilos*, *paraxili* (Nieto Prieto, et al., 1989, p. 202).

Outro elemento que concorre na teoria da especialização de trabalho é a troca de punções e moldes entre os produtores, fenómeno que seria maioritário, segundo Hofmann (1971, p. 6), em oposição a Knorr (1919, p. 119), para o qual as decorações eram realizadas pelos fabricantes dos vasos. Esta teoria de Knorr marcou grandemente os estudos sobre *terra sigillata*, pensando muitas vezes poder identificar-se estilos a partir das marcas de oleiros. Segundo Hofmann (1971, p. 6), o oleiro *Libertus* seria um dos que fabricaria peças, moldes de decorações e moldes de punções, afirmando-se como um produtor independente.

A intensificação da produção reflecte-se também numa outra nomenclatura, expressa nas marcas de oleiro: em La Graufesenque, a partir dos anos 40 d.C., aumenta significativamente a utilização do termo *officina* e os oleiros associados a este termo são geralmente dos mais produtivos (Polak, 2000, p. 145). Por outro lado, as marcas com as expressões *fecit*, *manus* ou simplesmente em nominativo estarão sobretudo relacionadas com oleiros de menor capacidade (Polak, 2000, p. 145). Os oleiros de Montans raramente utilizam o termo *officina* (Mees, 1994, p. 19).

A dispersão regional mais acentuada de certos oleiros reflecte possíveis tentativas de controlo de áreas comerciais, bem como um controlo da comercialização das peças, após as fornadas. Na costa valenciana, 9 oleiros detêm 30% do total sudgálico: *Bassus*, *Cantus*, *Crestus*, *Iucundus*, *Lucceius*, *Primus*, *Sabinus*, *Secundus* e *Vitalis*; 22 oleiros produziram 50% do total e os restantes 20% foram realizados por 150 oleiros (Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994, p. 97).

O estatuto dos comerciantes da *terra sigillata* sudgálica não possui uma resposta suficientemente fundamentada, pelo que não é possível conhecer as relações entre *officinatores*, *mercatores*, *diffusores* e *negotiatores*. A existência de termos como *negotiatores cretarii* ou *negotiatores artis cretariae*, em inscrições datadas do século I d.C. — CIL III.5833, XII.1906, 2033, 4336, 6366, 6524, 7588, 8350, 8793 (*apud* Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 207) — sugerem a Pucci (1993, p. 76) duas hipóteses: a supremacia dos *negotiatores* que deteriam os meios de produção; ou a acumulação de certos oleiros, *officinatores*, com as funções de *negotiatores*, adoptando este último termo, embora não o aplicando nas peças. Estas hipóteses são plausíveis, tendo em conta que o termo *negotiator* parece ser mais abrangente, englobando actividades que poderão ir da produção à comercialização, ao passo que os termos *mercator*, *diffusor* e *navicularius* estariam mais associados a actividades puramente comerciais, podendo até assumir uma faceta especializada (García Brosa, 1999, p. 181-2).

2. Padronização

As 168 listas conhecidas referem 30 formas, ao longo de cerca de 1 milhão de vasos, dos quais 96% pertencem a 6 formas: *acitabili*, *catili*, *paraxidi*, *licuras*, *pannas* e *mortari* (Polak, 2000, p. 131).

- *Catili* deve ser o nome para os pratos lisos e roletados (Polak, 2000, p. 131) provavelmente Drag. 15/17 e 18 (Tyers, 1993, p. 136);
- *Catini* e *Canastri*, somente para pratos roletados;
- *Pannas* nomeará as taças Drag. 29 e 37;
- *Mortari*, a taça ou almofariz Ritt. 12;
- *Acitabili*, tigelas, provavelmente pequenas;
- *Paraxidi*, tigelas, provavelmente as médias e grandes;
- *Licuias*, termo só conhecido em La Graufesenque, talvez se identifique com as tigelas grandes (Polak, 2000, p. 131).

Embora na maior parte das listas apenas se indiquem quantidades, são conhecidos alguns tamanhos de algumas das formas:

- *Catili* são *pedales* em 480 casos, *besales* em 650, *trientales* em 760 casos (Tyers, 1993, p. 136);
- *Acitabili* não são objecto de informações métricas conhecidas (Polak, 2000, p. 132);
- *Paraxidi* são *besales* em 2 listas, embora a exiguidade dos fragmentos torne a leitura duvidosa (Marichal, 1988, p. 256; Polak, 2000, p. 132);
- *Pannas* têm tamanhos registados na maioria das listas em que surgem: 60% são *besales*; os restantes tamanhos somam menos de 10% do total (Polak, 2000, p. 133);
- *Licuias* são objecto de raras informações (Polak, 2000, p. 133);
- *Mortari* têm geralmente os tamanhos indicados: predominantemente *besales* ou *trientales*; raramente *pedales* (Polak, 2000, p. 133).

Os quatro tamanhos conhecidos (*Pedalis* = 1 *pes* = 297 mm, *Besalis* = 2/3 *pes*, *Semipedalis* = 1/2 *pes*, e *Trientalis* = 1/3 *pes*), são geralmente interpretados como referentes aos tamanhos das peças antes da cozedura, pelo que o seu tamanho final podia ser reduzido por esta (Polak, 2000, p. 134; Tyer, 1993, p. 136).

Contudo, este fenómeno poderia ser evitado, caso os oleiros fizessem as peças com um tamanho propositadamente maior.

Segundo Tyers (1993, p. 136), a contracção das argilas durante a cozedura varia entre valores de 5-15%; Hofmann considera o factor de contracção equivalente a 10,79% (*apud* Polak, 2000, p. 133); e Picon admite que este factor possa atingir 20% (*apud* Polak, 2000, p. 133).

Podemos assim, elaborar uma tabela de tamanhos-ideais (diâmetros de bordo) para a *terra sigillata*, aplicando o valor de 10% para uma contracção não compensada pelo oleiro (ver Anexo 4, Fig. 21). Contudo, é extremamente difícil relacionar estes quatro (ou oito) tamanhos com os espólios existentes. Na maior parte das colecções, sobretudo sem dados estratigráficos, não é fácil definir grupos de tamanhos, tendo em conta que existe uma evolução dos mesmos ao longo da diacronia da *terra sigillata* sudgálica, como debatemos ao longo da análise do espólio de Chãos Salgados. Mesmo em trabalhos — como o de Vechten — nos quais os estudos estatísticos permitiram equacionar grupos de tamanhos e respectivas evoluções cronológicas, concluiu-se que existem formas com mais tamanhos do que os expressos nas listas (Polak, 2000, p. 133).

Optámos assim, por comparar com dois contextos fechados, de cronologia restrita — La Nautique (Nero) e Cala Culip IV (Vespasiano) —, que nos permitissem observar a aplicação dos tamanhos expressos pelas listas nas remessas existentes no mercado.

No primeiro caso (Fiches; Guy e Poncin, 1978, p. 209-11), o estudo métrico das Drag.24/25 e 27 revelou dois diâmetros principais (35 e 55 mm) e um secundário, intermédio (47 mm), todos eles abaixo do valor mais pequeno das listas — *Trientalis*. Os autores deste estudo apontam uma explicação para os tamanhos relacionada com a aplicação da unidade *Digitus* (=1/16 do *pes* = 19mm). A relação directa entre os valores de bordo, diâmetros de base e altura, permitiu-lhes elaborar uma outra tabela (ver Anexo 4, Fig. 22).

As séries métricas de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) apresentam valores flutuantes e nunca exactos, mas com algumas semelhanças aos tamanhos-ideais (valores de pré-cozedura), sendo o grupo de possíveis *semipedales* o mais consistente — Drag. 15/17, 18 e 36 — (ver Anexo 4, Fig.23).

3. Preço

Conhecem-se dois grafitos interpretados como preços de *terra sigillata*: um prato do tipo Lud. Tb ou Ta', produzido em Rheinzabern, na segunda metade do século II, e encontrado em Salzburg, possuía o grafito "AS XII" no fundo interno (Kovacovics, 1987); uma taça decorada, tipo Drag. 37, de *Cinnamus*, produzida em Lezoux, igualmente na segunda metade do século II, encontrada em *Flavia Solvia* (Áustria), possuía o grafito "PANNA VERECUNDAES EMPTA VIGES" — taça de Verecundo, vendida por 20 (asses) — (Noll, 1972). Temos assim, um prato com o preço de 12 asses, e uma taça decorada com o preço de 20 prováveis asses (Noll, 1972, p. 149; Darling, 1998, p. 169).

Não se conhecem séries de preços de época romana que permitam comparações eficazes para os poucos dados sobre preços disponíveis (Carreras Monfort, 2000, p. 194).

Segundo Darling (1998, p. 169), um ordenado diário de um soldado, em Domiciano, seria de 13 asses; enquanto que na época de Sétimo Severo seria de 20 asses.

Quanto a custos de outros produtos, sabe-se, através do *Epigrama Martialis* (12,76), datado de c.101 d.C., que uma ânfora de vinho custaria 20 asses e um *modius* de cereal, 4 asses, pelo que um litro de vinho poderia custar cerca de 1 asse (1 ânfora = 26 litros), e um litro de cereal, 1/2 asse (1 *modius* = 8,75 litros) (Noll, 1972, p. 151).

Uma refeição, numa *taberna*, poderia custar cerca de 2 asses (Carreras Monfort, 2000, p. 170).

Os gastos diários de uma família pompeiana, composta por 3 pessoas, uma delas escrava, somariam 25 asses, traduzidos na aquisição de bens alimentares como pão, vinho, azeite, queijo, cebolas, sémola, carnes, etc. (Carreras Monfort, 2000, p. 175; CIL IV.4428).

Apesar dos desfazamentos cronológicos e espaciais dos dados, os preços de *sigillata* — se bem que não sudgálica — parecem acessíveis nas possibilidades de uma classe média, livre, à qual pertenceriam os soldados ou a família pompeiana citada, de acordo com a visão geralmente seguida para a *terra sigillata* (Mayet, 1984, p. 242).

Considerações finais: alguns enquadramentos para estudos futuros

Procurámos, ao longo deste trabalho, delinear uma estrutura de investigação e de apresentação de resultados dividida em três grandes núcleos:

- o tratamento dos dados tipológicos, no qual, para além de uma sistematização das principais propostas descritivas e cronológicas, aplicámos esses conceitos ao espólio em análise. Pode considerar-se, de certa maneira, que constitui um percurso mais “técnico” da análise, mas que nos parece essencial para conhecer as características intrínsecas dos materiais, sem cujo conhecimento não é possível fundamentar devidamente qualquer teoria historicizante. Para além do mais, tendo em conta uma certa fase de estagnação em que se encontram os estudos de *terra sigillata* sudgálica, já que continua por fazer uma compilação tipológica e uma revisão cronológica integral desta produção desde os anos 20 do século XX (e as restantes principais produções de *terra sigillata* já foram alvo de sistematizações recentes), entendemos que os estudos mais aprofundados devem ter esta fase da análise em consideração e não cair no sistemático repetir puro e simples de propostas pré-existentes. Os estudos de *sigillata* sudgálica obrigam-nos, por isso, a leituras múltiplas de autores, desde Dragendorff a Vernhet e, particularmente, Polak. Para além destes estudos tipológicos, recorreremos à análise comparada com os resultados de contextos específicos, nos quais destacamos as propostas de *Baelo* ou de USK, mas também uma série de contextos fechados, de cronologia restrita, como as fossas 78, 79 e 80 e o depósito Cluzel 15 de La Graufesenque, mas também La Nautique, a chamada “caixa de pompeia” e o naufrágo de Cala Culip IV;
- para que a referida “repetição pura e simples de propostas” não se realize, é fundamental a existência de espólios ricos e bem fundamentados estratigraficamente. Os dados disponíveis a este nível não contêm abundante informação, no que respeita a Chãos Salgados, já que o ideal seria a verificação de estratos múltiplos e de cronologias finas e seguras. Apesar de tudo, e tomando essencialmente os resultados obtidos no estudo estratigráfico da construção n.º 1, apresentámos algumas propostas de evolução crono-estratigráfica da *terra sigillata* em Chãos Salgados;
- para além das conclusões monográficas que o espólio nos permitia retirar para a História do sítio, integrámos essa parcela de conhecimento numa outra mais vasta, para uma melhor estruturação dos dados. A análise dos processos económicos peninsulares, com algumas comparações à Península Itálica e Norte de África, deu um outro significado aos dados de Chãos Salgados: apesar da percepção de movimentos constantes, estruturais do processo histórico, constatou-se uma diversidade de casos evolutivos, que se prendem não só com a dinâmica intrínseca dos sítios, mas também com multiplicidades regionais, políticas e económicas, sociais e simbólicas, que os diversos estudos vão conformando.

Permanecendo discutível a atribuição largamente efectuada do topónimo *Mirobriga* das fontes clássicas ao sítio de Chãos Salgados, optou-se assim por utilizar o topónimo actual, permanecendo o de *Mirobriga* interrogado.

No título da dissertação denomina-se o sítio arqueológico por “centro de consumo”, em primeiro lugar por uma óbvia oposição a “centro de fabrico”, já que a *sigillata* sudgálica trata-se de uma importação, e, em segundo lugar, pela função que o sítio deve ter exercido, numa primeira instância, no comércio desta tipologia cerâmica.

Deve esclarecer-se, no entanto, que as conceptualizações de cidade clássica radicadas em estudos antigos como os de Sombart e Weber, nos finais do século XIX, não podem ser aplica-

das integralmente na caracterização de povoados romanos como o de Chãos Salgados, já que explicar uma cidade romana de uma forma tão estanque é limitar em muito a dinâmica histórica destas realidades. Embora este povoado apresente as estruturas usuais de uma cidade romana: *forum*, banhos públicos e ainda um circo, a componente comercial assume algum destaque, se compararmos a mancha de lojas com a habitacional, mas é ainda praticamente desconhecida a interação social e económica do povoado com o seu entorno imediato, embora comecem a surgir os primeiros dados de trabalho metalúrgico junto das áreas habitacionais objecto de escavações recentes.

O processo de urbanização romana de Chãos Salgados continua a apresentar muitas incertezas, sobretudo cronológicas. Apesar de já se conhecer uma boa parcela da planta do sítio, o facto de ter sido escavado sem consequente registo estratigráfico na sua maior parte impede-nos de entender o ritmo e o modo como se realizou. Embora já possuamos alguns dados estratigráficos relevantes para a História do povoado, a partir da segunda metade do século I d.C. (quando as três construções em estudo começaram a funcionar, bem como possivelmente a área escavada por Olívio Caeiro e alguns pavimentos e *Domus* na área central do povoado) e transição do primeiro para o segundo século (quando se erguem os edifícios dos banhos público), a verdade é que as fases mais antigas de transição do povoado indígena para o romano continuam, no essencial, por conhecer. A datação do *forum* romano, apesar de uma proposta luso-americana para o terceiro quartel do século I d.C., dificilmente será conhecida sem o recurso a novas escavações junto ao perímetro do mesmo. Paralelamente, as diversas *tabernae* conhecidas não possuem datações disponíveis, pelo que só a escavação de outras poderá indicar as suas fases históricas.

Desconhecendo, então, a História do povoado desde os finais da Idade do Ferro até à primeira metade do século I d.C., não é possível igualmente traçar a sua evolução urbanística com segurança, nem enquadrar devidamente as datações disponíveis para as áreas essencialmente residenciais, algo periféricas, objecto das escavações recentes: englobam-se num único plano urbanístico romano, ou numa fase, algures da segunda metade do século I d.C., de planos urbanísticos sucessivos e graduais?

Denominou-se a *terra sigillata* de sudgálica e não de La Graufesenque, pelas dificuldades de distinção entre as pastas e vernizes deste centro com os de Montans, facto já enunciado em trabalhos de outros autores. No decurso deste trabalho constataram-se ainda outras dificuldades: uma parte do espólio que se pensava ser sudgálico, foi classificado agora de hispânico, pelo que os quantitativos de *terra sigillata* hispânica conhecidos têm de ser reavaliados. Ou seja, para além de uma distinção difícil entre La Graufesenque e Montans, parece-nos extremamente difícil, em não poucos casos, a distinção entre os espólios sudgálicos e hispânicos, nomeadamente das oficinas do Nordeste. Nos grupos de pastas e de vernizes estabelecidos na classificação do espólio de Chãos Salgados, uma importante percentagem de pastas — mais de 40% — e de vernizes — mais de 70% — encontram-se nos grupos n.º 3, de pastas que contêm bastantes elementos não plásticos, e de vernizes cuja tonalidade é mais escura e mate do que o habitual nas descrições dos materiais de La Graufesenque. Estas dificuldades de classificação macroscópica só poderão ser resolvidas pelo recurso a análises laboratoriais.

Na quantificação do espólio aplicámos o cálculo do Número de Fragmentos, bem como o cálculo do Número Mínimo de Indivíduos. Este último instrumento não pode ser aplicado a todo o espólio conhecido, já que das cerca de 4 centenas de fragmentos depositados no Museu Municipal de Santiago do Cacém, apenas pouco mais de um quarto foram inventariados por Luísa Ferrer Dias, sendo os restantes apenas quantificados por tipos. Como não podemos observar este espólio tornou-se de todo impossível a sua transformação em NMI e o mesmo problema se colocou na atribuição dos grupos de pastas e vernizes estabelecidos.

O espólio estudado apresenta características medianas em qualidade, a ver pela importância das pastas e vernizes de tipo 3, que se verificam tanto nas formas mais antigas, como a Ritt. 1 ou a Drag. 17b, entre outras, como nas formas mais recentes, como os serviços flavianos. Embora esta característica se possa dever também às propriedades ácidas dos solos de Chãos Salgados, a verdade é que a constância deste factor, tal como a importância das formas lisas, com cerca de 80%, bem como a quantidade de marcas, com cerca de 6%, e a escassez de vasos marmoreados pressupõem um poder de compra não muito elevado.

O repertório formal inclui 5 pratos, 5 tigelas e uma taça/prato lisos, bem como 1 cálice e 3 taças decoradas. É possível apontar o início das importações para a época tiberiana, segmento temporal em que se situam 11% das importações. Ter-se-ão adquirido, então, os pratos Ritt. 1, Drag. 17b e 15/17, as tigelas Ritt. 5, 8 e Drag. 24/25, bem como os dois exemplares decorados de cálice Drag. 11 e iniciado a importação da taça Drag. 29.

O ritmo de procura acelera em época cláudia, quando 25% do total do espólio terá sido adquirido e o repertório formal se alarga. Aos pratos acresce a Drag. 18 e a importação de taças é acompanhada por novas formas, como as Drag. 27 e 33. Surge um novo tipo decorado: a Drag. 30.

O auge estatístico das importações é atingindo em Nero, totalizando 28% do espólio. O repertório formal de pratos e tigelas é semelhante ao de Cláudio, o mesmo acontecendo com a importação de taças decoradas.

O ritmo das importações mantém-se alto em época vespasiana, com 22% do espólio, embora abaixo dos valores cláudio-neronianos. A aquisição de pratos far-se-á provavelmente apenas através da Drag. 18 e o repertório de tigelas é igualmente reduzido, contando apenas com as Drag. 27 e 33. A taça decorada Drag. 29 será provavelmente substituída pela Drag. 37, continuando a importação de Drag. 30 e surgindo a Drag. 35/36.

A procura de *sigillata* sudgálica deve cessar em finais do século I. Os serviços flavianos, mal representados, chegam a Chãos Salgados pela Drag. 35/36 e por um único fragmento do tipo 2 do serviço F.

O pico estatístico neroniano pode ser antevisto igualmente pela importância do binómio Drag. 18/27, mas também pelas *tendências evolutivas* dos diâmetros das Drag. 18 e 27, bem como da Drag. 24/25, tomando em linha de conta as propostas de Polak e de Passelac e Vernhet.

A evolução cronológica do espólio de marcas revela algumas diferenças em face dos resultados estatísticos obtidos para o espólio total. Apesar de atingir igualmente o valor mais alto em época neroniana, os valores de Cláudio são, ao nível das marcas, mais fracos: pouco mais de metade em face de Nero; em Vespasiano, os valores mantêm-se altos, mas superiores aos de Cláudio. É provável que a importância estatística do espólio de marcas em época vespasiana se relacione com o fenómeno idêntico ocorrido ao nível da importação de formas decoradas: teríamos, assim, um decréscimo nos valores dos números de vasos de *sigillata* comprados, mas um ligeiro aumento na qualidade dos produtos adquiridos, dando-se algum destaque a formas decoradas e vasos com selo de fabricante, que deveriam ter um custo superior.

A escavação do ambiente exterior norte da construção n.º 1 do presente estudo, um contexto de deposição secundária, revelou uma estratigrafia decorrente desde os meados do século I d.C. até meados do século V. A fase mais antiga, Ia, datada da segunda metade ou apenas do terceiro quartel do século I, é composta por exemplares sudgálicos, Drag. 18, 27 e 29 e hispânicos, Drag. 15/17 e 27. Na fase Ib, datada do século II, podendo recuar ao último quartel do século I, surgem as quantidades apreciáveis de *sigillata* hispânica — Drag. 15/17, 27 e 37 e o primeiro exemplar de africana A1, pela forma H. 9A.

A estratigrafia deste contexto parece confirmar duas ideias: a fraca quantidade de *sigillata* itálica em Chãos Salgados — pela reduzida frequência de ambientes da primeira metade do século I — e a importância da *sigillata* sudgálica ao longo da segunda metade do século I,

sofrendo nessa época uma concorrência limitada da congénere hispânica e quase insignificante da africana A1.

A estratigrafia de Chãos Salgados é coincidente com outras conhecidas na Península Ibérica, nomeadamente na sua costa oriental. As escavações de Badalona, ou de *Saguntum* e Valência têm explanado a evolução do comércio de *sigillata* itálica, sudgálica e africana desde a época tiberiana até finais do século I, falando apenas do segmento temporal que interessa aqui abordar. As conclusões obtidas revelam um predomínio das importações itálicas em Tibério, suplantadas pelas sudgálicas a partir de Cláudio, cujos índices se mantêm predominantes em época flaviana. Nesta época já a *sigillata* hispânica atinge níveis algo elevados, mas sem alcançar ainda os da sudgálica, e a *sigillata* africana é ainda residual. O final do século I ou os inícios do século II são comumente aceites como datação final das importações sudgálicas. As percentagens de *sigillata* sudgálica parecem ter comportamentos semelhantes na península itálica, onde se revelam importantes desde época cláudio-neroniana até aos flávios.

Os dados estatísticos disponíveis ao longo da península ibérica revelam uma grande competitividade das importações sudgálica, se compararmos as percentagens ou os níveis de IMA desta com os das importações itálicas ou hispânicas. As importações itálicas parecem ser mais intensas em vários sítios da costa oriental, ou em sítios de cariz militar como Herrera de Pisuerga, em centros mesetenhos, ou ainda em Alcácer do Sal, Santarém e Braga. Tal como em Chãos Salgados, na maior parte dos sítios peninsulares, os índices mais elevados de *sigillata* sudgálica revelam uma intensificação da actividade comercial a partir *grosso modo* de meados do século I, bem como uma competitividade que as produções hispânicas não parecem posteriormente igualar, só atingindo valores mais elevados nalguns sítios mesetenhos, no Noroeste e em São Cucufate.

Na base desta competitividade estará certamente a própria estrutura organizativa da produção e comercialização da *terra sigillata* sudgálica, nomeadamente de La Graufesenque, no terceiro quartel do século I, a ver pelas informações obtidas pelos grafitos de pré-cozedura. Os reflexos desta complexificação são visíveis em espólios como os do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV, onde o conjunto de marcas de oleiro revela especialização de certos oleiros em formas lisas ou decoradas e em tipos restritos. A dispersão regional mais acentuada de certos oleiros reflecte possíveis tentativas de controlo de áreas comerciais. Na costa valenciana, 9 oleiros detêm 30% do total sudgálico; 22 oleiros produziram 50% do total e os restantes 20% foram realizados por 150 oleiros.

A Chãos Salgados chegaram peças de oleiros com maior dispersão geográfica, como *Primus* e *Vitalis*, *Iucundus*, *Labio*, *Mommo* e *Murranus*, mas a maioria dos oleiros presentes integram-se em correntes comerciais de cariz mais litoral, embora possam atingir pontos mais interiores.

A evolução da *sigillata* sudgálica em Chãos Salgados apresenta paralelismos com outros sítios da sua área, como a Ilha do Pessegueiro ou Tróia, onde os meados do século I assistem igualmente a um intensificar da romanização, parcialmente visível também em Sines, distinguindo-se de Alcácer do Sal, cuja dinâmica comercial é mais intensa até Tibério, como reflecte o alto consumo de *sigillata* itálica. Em meados do século I são instaladas unidades comerciais na ilha do Pessegueiro e a indústria da salga de peixe tem início nos outros dois sítios. Apesar das muitas dúvidas que ainda se levantam na evolução urbanística de Chãos Salgados, a escavação das três construções da área habitacional parecem integrar-se igualmente nesta periodização regional fazendo da segunda metade do século I d.C., uma época importante da implementação de estruturas romanas na região.

Análise das formas e oleiros sudgálicos presentes em Chãos Salgados

1. Análise das Formas

1.1. Formas lisas

1.1.1. Pratos

1.1.1.1. Ritt. 1

Segundo Ritterling, este prato, com parede baixa e arqueada, é inspirado no prato augustano Loeschecke 4 de Haltern (= Consp. 4.4 de Ettlenger et al., 1990). No espólio de Hofheim o arqueamento da parede é constante nos poucos exemplares exumados, bem como a canelura na superfície interna da parede, mais próximo do bordo; um ressalto na união interna da parede com o fundo ocorre igualmente. O lábio possui um sulco estreito. Gradualmente esta forma evolui para o tipo 2 de Ritterling — Drag. 18 — (Ritterling, 1912, p. 204).

A descrição formal realizada posteriormente por Oswald e Pryce pouco acrescenta ao que já havia dito Ritterling alguns anos antes. Na esteira do arqueólogo alemão, Oswald e Pryce denominam-na Ritterling 1 e reafirmam a evolução contínua entre esta forma e a Drag. 18, fenómeno visível através do espessamento progressivo do lábio (Oswald e Pryce, 1920, p. 181).

Cronologicamente, os autores ingleses apontam os exemplares de Xanten e Aislingen, augusto-tiberianos, como os mais antigos de um tipo que não deverá atingir a época flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 181).

Polak não aceita a relação evolutiva entre a forma itálica, Loesch. 4 = Consp. 4.4 e a sudgálica Ritt. 1, pois a cronologia da forma itálica atinge a época cláudia, sendo que a Ritt. 1 começa a ser produzida já no primeiro quartel dessa centúria (Polak, 2000, p. 83).

O autor da monografia de Vechten propõe o reinado de Nero — por volta do ano de 65 d.C. — como término da produção desta forma. Os dados mais recentes são uma marca do oleiro *Germanus*, cuja actividade se inicia em 60 d.C., os exemplares recolhidos na fossa de *Galicanus* e no depósito Cluzel 15, em La Graufesenque, datados de 60 d.C., e dois outros exemplares pertencentes a Oberwinterthur, encontrados em níveis de destruição neronianos (Polak, 2000, p. 83).

Polak apresenta ainda alguns dados sobre a evolução formal deste tipo, procurando dar-lhe algum enquadramento cronológico. Assim, considera que nos exemplares mais antigos o bordo não se projecta claramente para o exterior e estes exemplares estão munidos muitas vezes de asa cega em espiral; os vasos cláudio-neronianos têm geralmente paredes menos curvas e bordos mais volumosos que se distinguem mais pronunciadamente da parede; o ressalto passível de existir na união interna ou externa da parede com o fundo pode ter um significado temporal restrito, embora o caracterize como um atributo mais frequente em épocas altas (Polak, 2000, p. 83).

Passelac e Vernhet (1993, p. 577) situam esta forma entre os anos de 20 e 60 d.C.

Dos quatro exemplares de Chãos Salgados destacamos três, um dos quais já publicado por L. Ferrer-Dias. Este último exemplar possui as características propostas pelos vários autores para as fases mais antigas da produção desta forma, com parede bem arqueada, lábio pouco pronunciado e ressalto externo na união da parede com o fundo; é muito parecido com um exemplar recolhido em níveis tibério-cláudios de Mainz (Oswald e Pryce, 1920, est. XLIV, n.º 3). O n.º 72 (Mir-23-5[600?]) é constituído por duas caneluras internas — menos usual —, um lábio ainda pouco pronunciado, mas com uma parede algo recta, o que lhe confere uma cronologia cláudio-neroniana; tal como o n.º 73 (Mir-200-24), provavelmente ainda mais tardio neste âmbito temporal, de parede curva, mas lábio bem pronunciado.

Os valores dos diâmetros das peças de Chãos Salgados variam entre 140 e 161 mm, o que lhes confere uma certa homogeneidade, apesar da escassez de exemplares. A mesma constância parece ocorrer ao nível dos vernizes e das pastas, sendo que o exemplar mais tardio, n.º 73 (Mir-200-24), possui a pasta de menor qualidade.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
73 (Mir-200-24)	b		3	3	db: 16 mm
Mir-274-II	b	duas caneluras internas	2	3	db: 14 mm
72 (Mir-23-5[600?])	b	duas caneluras na parede interna	2	3	db: 140 mm
263 (Dias, 1976-1977, n.º 65)	b,c,f				db: 159 mm

1.1.1.2. Drag. 17b

A forma 17 de Dragendorff foi posteriormente sub-dividida em Drag. 17a e 17b por Vernhet (1986b), sofrendo ainda uma ulterior proposta de divisão por Polak (2000), autor que acrescenta um sub-tipo, Drag. 17c, equivalente à proposta de Vernhet (1986b) de Drag. 2/21.

A forma Drag. 17a, não representada no espólio de Chãos Salgados, é aquela que segundo Polak mais se aproxima da forma 17 de Dragendorff e deriva da *sigillata* itálica Loesch.2a (=Consp. 18.2 de Ettliger et al., 1990). Possui uma parede curva tendente ao exterior, por vezes roletada, e a sua evolução física é bastante restrita ou mesmo nula (Polak, 2000, p. 87; Vernhet, 1986b, p. 98).

A sua produção sudgálica deve ter começado a par do próprio início de laboração das oficinas desta região, sendo por isso, frequente em sítios de época augustana, ou tiberianos, como Aislingen (Polak, 2000, p. 87). A cronologia desta forma é análoga à da Drag. 15/17, com um fim comum por volta do ano 40 d.C. (Polak, 2000, p. 87).

A Drag. 17b — que nos interessa discutir mais profundamente — apresenta grandes semelhanças com o sub-tipo Drag. 17c, de tal modo que o autor holandês opta por discuti-las em conjunto na sua monografia sobre o acampamento de Vechten (Polak, 2000, p. 89). Ambas têm parede plana, ou quase plana, ligeiramente inclinada para o exterior. O bordo da Drag. 17b é extrovertido e a união da parede e do fundo deste sub-tipo é realizado com um ressalto externo. Na Drag. 17c existem apenas caneluras internas ou externas junto ao bordo e na união da parede com o fundo (Polak, 2000, p. 89).

Sucessora da forma itálica Loesch. 5a (=Consp. 20.1-5 de Ettliger et al., 1990), a sua produção começará igualmente durante Augusto, nas oficinas sudgálicas. Segundo os dados de Vechten, as três variantes da Drag. 17 terão até sido produzidas parcialmente por oleiros comuns. Assim, neste acampamento do baixo Reno, as marcas demonstram que o oleiro *Cantus* produziu Drag. 17b e 17c, o oleiro *Silvanus*, Drag. 17a e 17c, e por último, *Tertius* comercializou Drag. 17a e 17b (Polak, 2000, p. 89).

A comercialização desta forma deve ter ocorrido de maneira mais perceptível em época alta, segundo Polak. Surge em sítios augustanos como Aislingen; mas em contextos mais tardios, apenas é conhecida pelas escavações de La Graufesenque: no depósito de Cluzel 15, neroniano, no qual se detecta alguma evolução física, com um espessamento da parede e do pé. Outro aspecto evolutivo destas peças relaciona-se com o tamanho: os exemplares grandes — cuja cronologia é geralmente considerada alta — são conhecidos no NW do Império, os exemplares pequenos são conhecidos através do depósito Cluzel 15, neroniano (Polak, 2000, p. 89).

É conhecido ainda um exemplar de Vechten com roleta (Polak, 2000, p. 90) e outros planos, mas com asa cega em espiral, ao longo do Império (Polak, 2000, p. 90). Um exemplar com asa foi datado em Mainz, de época tibério-cláudia (Oswald e Pryce, 1920, est. XLII, n.º 10).

Por analogia com as datações propostas para a Drag. 15/17 e 17a, Polak propõe o ano 40 d.C., como provável fim da produção deste tipo (Polak, 2000, p. 90). No entanto os dados do depó-

sito Cluzel 15 de La Graufesenque, datado de época neroniana suscitam algumas dúvidas quanto ao término proposto pelo autor holandês.

Passelac e Vernhet (1993, p. 572) situam este tipo entre 25 e 60 d.C.

Em Chãos Salgados detectámos três exemplares: um sem contexto estratigráfico, outros dois provenientes da escavação da encosta do museu e da área circundante à *Domus* da calçada (construção n.º 3).

O n.º 74 (Mir-16-28), sem contexto, possui um diâmetro mais largo, com cerca de 201 mm e parede delgada, talvez próximo dos espólios mais antigos referidos por Polak.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Sector	UE	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições
74 (Mir-16-28)	—	—	D17b	b	2	2	db: 201 mm?

Pelo contrário, o n.º 58 (Mir-800-291), recolhido na UE 457 — sem grande significado no contexto da ocupação da encosta, pois trata-se de terras contendo materiais de provável rolamento — apresenta, contudo, aspectos interessantes para uma análise cronológica: o espessamento da parede e do bordo, bem como o seu diâmetro relativamente mais pequeno (180mm) suscitam a hipótese de uma cronologia mais baixa, próxima da do depósito de Cluzel 15, neroniano, ou do término proposto por Polak, por volta do ano 40 d.C..

A sua forma menos comum ao geralmente representado nas estampas (Oswald e Pryce, 1920, est. XLII, n.ºs 9, 10 e 11. Vernhet, 1986b, p. 98) deixa, contudo, algumas dúvidas quanto à classificação.

Os diâmetros de ambas as peças de Chãos Salgados são semelhantes ao da peça n.º 11 da est. XLII de Oswald e Pryce (1920), proveniente de níveis tibério-cláudios de Mainz.

O n.º Mir-566-16 é demasiado pequeno para se fazer uma leitura adequada do perfil e do diâmetro e provém de uma camada de derrubes no exterior oeste da *Domus* da calçada.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições
Encosta do museu	1997-2000	457	58 (Mir-800-291)	D17b?	b	2	3	Db: 180 mm
Área circundante a C3	1995-6	178	Mir-566-16	D17b	b	2	3	db: ?

1.1.1.3. Drag. 15/17

Ritterling atribuiu a nomenclatura de 4a e 4b da sua tipologia à Drag. 17, descrevendo-a como um prato com parede de perfil muito trabalhado e moldura em quarto de círculo, derivada da Loesch. 3 itálica (=Consp. 19.2 de Ettlenger et al., 1990). Segundo o mesmo autor, costuma possuir duas caneluras externas na parede, sendo esta um pouco reentrante entre elas. O bordo é estreito e tem uma moldura interna bem marcada e é aplanado no topo. O perfil da parede é diverso em alguns exemplares (Ritterling, 1912, p. 206).

Por outro lado, nesse mesmo ano, Knorr havia optado pela denominação de Drag.15 ao debruçar-se sobre a mesma forma (Polak, 2000, p. 66; Oswald e Pryce, 1920, p. 173).

Em 1920, Oswald e Pryce (p. 173) criam então o tipo conjunto Drag.15/17, procurando sintetizar as propostas dos três autores.

Estes autores ingleses dão algum destaque à forma Drag. 17 — não fazendo qualquer distinção de sub-tipos —, no seio do conjunto 15/17. Segundo eles, a forma 17 possuía uma parede

praticamente vertical que raramente continha moldura interna, ou poderia ter parede convexa na metade inferior (Oswald e Pryce, 1920, p. 173).

A Drag.17 será posteriormente sub-dividida em 17a e 17b, por Vernhet (1985b), assunto que aprofundamos no capítulo sobre a Drag. 17b presente no nosso espólio. Este autor francês apresenta igualmente as formas Drag. 15, 16 e 15/17, como independentes (Vernhet, 1985b).

Polak interpreta a Drag. 15 como uma evolução tardia da Drag. 15/17, embora a aceite como um tipo com identidade própria. Nomeadamente pela presença de roleta em vários exemplares (Polak, 2000, p. 66).

Oswald e Pryce haviam igualmente individualizado a forma Drag. 16 (1920, p. 172), que Ritterling denomina com o n.º 3 da sua tipologia (Ritterling, 1912, p. 206), considerando-a uma derivação da itálica Loesch. 1. Na verdade, este tipo sud-gálico deriva da itálica Loesch. 2a e possui uma cronologia que abrange os tempos de Tibério até à época neroniana, a ver pelos exemplares da fossa de *Galicanus* e do depósito Cluzel 15, em La Graufesenque (Polak, 2000, p. 87).

A Drag. 15/17 sudgálica começou a ser produzida nos inícios do século I d.C., provavelmente na mesma altura que a Drag. 17a, embora a única prova desta possível relação cronológica seja a presença de vários exemplares de ambas as formas com marcas dos mesmos oleiros, na fossa de *Cirratius*, em La Graufesenque, de datação um pouco avançada, 35-40 d.C. A par da taça Drag. 24/25 foi o prato mais importante da primeira metade do século I; a sua percentagem diminui fortemente a partir do ano 60 d.C. (Polak, 2000, p. 86), embora ainda possa surgir, excepcionalmente, em quantidades dominantes, como acontece nas escavações de níveis neronianos de Narbonne (Fiches; Guy e Poncin, 1978, p. 192). Nos níveis flavianos de Hofheim a sua frequência é nitidamente inferior em face dos valores observados nos níveis cláudios (Ritterling, 1912; Oswald e Pryce, 1920). Continua a ser produzida em época flaviana, surgindo em Rottweil — 33 exemplares — (Knorr, 1912), ou no exterior da fortaleza de Nijmegen — mais de 500 exemplares — (Polak, 2000). Conhecem-se vários oleiros produtores desta forma, como *Flavius Germanus*, *Suplicius* e *L. Cosius Virilis*, datados do último quartel do século I (Polak, 2000, p. 86-7). Para Oswald e Pryce, esta forma foi produzida apenas no século I (1920, p. 175); Polak levanta algumas dúvidas, mas apenas baseado no facto do centro fundado por volta de 100 d.C., de Martre-en-Veyre, na Gália central, ter produzido também este tipo (Polak, 2000, p. 87).

Segundo Oswald e Pryce (1920, p. 173), esta peça tende ao esvasamento, através de um aumento do ângulo produzido pela união da parede com o fundo; a concavidade externa da parede pode ser mais frequente nas peças tardias, bem como um maior afastamento do ressalto na superfície interna da parede; a partir de Cláudio o fundo da peça deixaria de ser horizontal para aumentar de altura no seu centro. Na época flaviana, além da maior obliquidade da parede, verifica-se um acentuar da profundidade dos vasos.

Quanto ao desenvolvimento da moldura interna, na união da parede com o fundo, Polak não aceita a proposta de Ritterling quanto à maior extensão daquela em épocas mais recentes, pois conhecem-se vasos flavianos contendo moldura igualmente pouco extensa (Polak, 2000, p. 86; Oswald e Pryce, 1920, est. XLIII).

Em 1993, Tyers (p. 133) propôs a divisão em dois subtipos, baseado apenas nas caneluras e molduras da superfície externa da parede dos exemplares dos níveis neronianos de USK:

- Drag. 15/17a: com parede quase recta possuindo apenas uma única canelura larga laçada inferior e superiormente por uma canelura fina;
- Drag. 15/17b: com parede menos recta, projectada para o exterior, possuidora apenas de uma fina canelura, ou por vezes, duas espaçadas.

Os dados flavianos do Naufrágio de Cala Culip IV vieram trazer novas explicações para a diversidade formal destas peças, nomeadamente quanto à configuração da superfície externa da parede. Ultrapassando o conceito de “tipo”, Nieto Prieto et al. (1989, p. 150-152) propõem uma diversidade assente na criatividade dos vários oleiros. Baseados nas peças marcadas pelos fabricantes, apresentam quatro diferentes vasos de Drag. 15/17.

Nas peças do oleiro com a marca O CIRNI (4.1 do seu catálogo), a moldura é feita na parte inferior da parede e acima dessa moldura há uma grande canelura ladeada de duas pequenas;

Nas peças de OF. IVCVN (2.3 do seu catálogo), a canelura é mais central e a parede mais plana; a moldura é muitas vezes desenvolvida e até irregular ao longo da peça;

Nas peças de OF. SABINI (12.1 do seu catálogo), a moldagem é muito uniforme e angulosa, na parte inferior da parede, constituída por duas caneluras mais marcadas, podendo a inferior ter o dobro da largura da superior; o troço de parede acima das caneluras é muito plano;

Por fim, nas peças de OF. PATRICI, as caneluras são semelhantes às de OF. SABINI, mas a parte superior da parede é convexa e não recta, como acontece no segundo oleiro.

As peças neronianas de USK possuem diâmetros que variam entre 160 e 190 mm, em 85% dos casos, havendo um máximo incomum de 340 mm (Tyers, 1993, p. 133).

Os diâmetros das peças flavianas de Cala Culip são mais pequenos e variam entre 153 e 160 mm, o que lhes confere uma grande uniformidade neste aspecto. Apenas duas peças, em 85 NMI, têm diâmetros próximos de 140 mm. A altura do pé possui um valor constante de 10 mm (Nieto Prieto et al., 1989, p. 80).

Em Neuss, ocupado em Tibério e reconstruído na era flaviana, a maioria dos cerca de 600 exemplares possui diâmetros variáveis entre 160 e 240 mm, âmbito extremamente lato, havendo um máximo de 400 mm, incomum no espólio (*apud* Tyers, 1993, p. 133).

Quanto ao espólio de Chãos Salgados, os diâmetros dos 29 bordos com valor determinável variam entre 126 e 320 mm, embora o valor médio se situe nos 186 mm, já que os valores acima dos 200 mm são mais raros — apenas 8 bordos. A variedade caracteriza nitidamente o espólio em estudo: na casa dos 120 mm existem 2 exemplares; na dos 130 mm, 2 exemplares; na dos 140 mm, 3 exemplares; na dos 150 mm, 5 exemplares; na dos 160 mm, 2 exemplares; na dos 170 mm, 3 exemplares; na dos 180 mm, 2 exemplares; na dos 190 mm, 3 exemplares. Esta variedade, num espólio basicamente sem contexto estratigráfico, que deve enquadrar-se, por isso, no âmbito cronológico vasto do tipo Drag. 15/17, assemelha-se aos resultados obtidos em Neuss. A única característica comum, no seio do espólio de Chãos Salgados, é o esvasamento das peças, o que pode conferir-lhe uma cronologia um pouco mais avançada no âmbito cronológico da produção da forma nas oficinas sudgálicas.

Das 43 peças estudadas directamente por nós, 27 possuem pasta do tipo 2, 15 possuem pasta do tipo 3 e apenas 1 possui pasta do tipo 1. O verniz de tipo 2 surge 16 vezes e o de tipo 3, em 27 exemplares. Assim, se o verniz mais fraco é maioritário, já ao nível das pastas a coleção de Drag.15/17 indica uma situação inversa, com um maior cuidado de fabrico.

Três possuem marca de oleiro e um fragmento de pé, com 137 mm de diâmetro, possui um grafito.

Os quatro fragmentos de bordo melhor preservados apresentam paredes inclinadas e finas caneluras, duas características constantes no espólio. O n.º 78 (Mir-3-305) apresenta ainda o arranque da moldura externa na parede, que marca a inflexão da mesma. A posição das caneluras é variável, bem como a do ressalto na superfície interna abaixo do bordo.

Apesar da exiguidade da maioria dos fragmentos, é possível igualmente constatar a existência de dois tipos de parede, embora sem quantificações precisas: uma recta e outra levemente curva. A primeira é representada pelo n.º 75 (Mir-120-275); a segunda pelos n.ºs 76 (Mir-16-3), 77 (Mir-63-5) e 78 (Mir-3-305).

O n.º 65 (Mir-388-4) possui enquadramento estratigráfico, proveniente de uma camada superficial, a Norte da *Domus* da calçada (construção n.º 3). Possui parede recta, leves caneluras e a inflexão marcada pela moldura interna.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			187 (Dias, 1976-1977, n.º 107)	f					OF.LA[BIO]
			189 (Dias, 1976-1977, n.º 110)	f					MASCVLVSF.
			204 (Dias, 1976-1977, n.º 117)	f					PRIMVLI
			75 (Mir-120-275)	b	Bordo liso e moldura na superfície interna e caneluras na externa	2	3	db: 146 mm	
			76 (Mir-16-3)	b	Bordo liso e moldura interna e incisões externas	3	2	db: 136 mm	
			78 (Mir-3-305)	b	Moldura interna e incisão externa ao bordo liso	3	3	db: 212 mm; hbc: 29 mm	
			77 (Mir-63-5)	b	Bordo liso e caneluras externas e interna	2	2	db: 156 mm	
			Mir-72-9	f		2	3	dp: 137 mm	Grafito
área circundante a C3	1995-1996	60	65 (Mir-388-4)	b		3	3	db: 157 mm; hbc: 26 mm	

1.1.1.4. Drag. 18

Ritterling (1912) e Oswald e Pryce (1920) consideram esta forma como sucedânea da Ritt. 1 sudgálica; mais recentemente, Polak admitiu a possibilidade desta forma derivar antes da itálica Consp. 4.3 (Ettlinger et al., 1990), já que apresenta semelhanças formais mais nítidas e torna mais fácil explicar a sucessão das duas formas no tempo, pois a Ritt. 1 e Drag. 18 possuem épocas de fabrico parcialmente sobrepostas (Polak, 2000, p. 91).

Foi fabricada no espaço sudgálico, e nomeadamente em La Graufesenque, entre 10 e 120 d.C., embora a sua exportação significativa se inicie apenas sob Cláudio (Polak, 2000, p. 91).

Ritterling correspondeu a sua forma 2 à n.º 18 de Dragendorf, descrevendo-a como um prato com parede levemente curvada, de maior ou menor inclinação, e lábio de secção em meio-círculo. Descreveu-a igualmente como possuidora de uma moldura interna na união parede/fundo, podendo surgir o mesmo fenómeno na superfície externa dos vasos mais antigos. A forma evoluía tendendo ao espessamento da parede e do lábio, bem como a uma maior inclinação da parede. Os lábios mais antigos podiam possuir canelura na parte superior. Na verdade, Ritterling tinha já noção das diferenças entre as variantes a e b da sua forma 2 e ao longo da sua descrição fala também da Drag. 31, apercebendo-se de que representava um momento cronológico diferente, sucedâneo da Drag. 18 (Ritterling, 1912, p. 205).

A mesma evolução formal foi apreendida por Oswald e Pryce (1920, p. 181) que tratam as formas Drag. 18 e 31, mas propondo igualmente uma nova classificação de Drag. 18/31, para uma fase de transição. Datam esta fase de Domiciano-Trajano, segundo os dados de Wiesbaden

Kastell, Bregenz “Cellar-find” e Gellygaer, situados entre 80 e 110 d.C., sendo que as marcas destes vasos são de oleiros que começam a sua actividade na época flávia.

Em 1993, Passelac e Vernhet (p. 572) propõem as nomenclaturas de Drag. 18a e Drag. 18b, equivalendo esta última à Drag. 18/31; datam a primeira forma de 15-60 d.C. e a segunda de 60 a 150 d.C.

Os autores ingleses consideram, tal como Ritterling, que a moldura externa ou interna na união parede/fundo é característica sobretudo dos exemplares mais antigos, embora não considerem este atributo como um parâmetro cronológico seguro devido à sua ausência em vasos antigos (Oswald e Pryce, 1920, p. 181). Este atributo é considerado pré-flaviano por Polak, a partir do estudo do espólio de Vechten (Polak, 2000, p. 91). Os materiais cláudio-altoneronianos de *Camulodunum* possuem geralmente este atributo que tende a desaparecer na década de 50 do século I d.C.. Nos materiais neronianos de USK, 2/3 não possuem o ressalto externo e raramente apresentam o interno (Tyers, 1993, p. 133).

O topo do bordo pode ser marcado por uma canelura, datada da primeira metade do século I d.C., por Polak (2000, p. 91), existente ainda nos níveis cláudios de Hofheim (Ritterling, 1912, p. 205; Oswald e Pryce, 1920, p. 181). O lábio pré-flaviano pode ser também levemente biselado (Polak, 2000, p. 91).

Os fundos mais tardios já não são horizontais e tomam uma secção transversal alteada no centro, por vezes quase cónica (Oswald e Pryce, 1920, p. 181).

Quanto às medidas das peças desta forma, os estudos de Vechten, USK e Cala Culip vieram trazer novos contributos com aspectos interessantes para o debate cronológico.

Em Vechten, os pratos com mais de 175 mm de diâmetro de bordo são geralmente pré-flavianos; com menos de 160 mm são geralmente flavianos (Polak, 2000, p. 76).

Em 80% dos exemplares neronianos de USK, os diâmetros variam entre valores de 160-190 mm (Tyers, 1993, p. 133).

Os dados do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV são porventura os mais interessantes, pois contêm duas séries métricas: uma primeira, com 140 mm; uma segunda, com 160 mm. Contudo, para os autores, a grande diferença entre as duas séries de peças não é a distribuição bimodal dos diâmetros, mas antes o próprio perfil, que nos exemplares de maior diâmetro é mais compacto, mais profundo e de paredes mais rectas, ou seja, sem a quebra de perfil típica da Drag. 18. Identificam esta segunda série à Drag. 18/31 (Nieto Prieto et al., 1989, p. 145-146).

Temos então as duas formas, a Drag. 18 e Drag. 18/31 — de transição para a Drag. 31 (ou seja, o perfil mais pesado da Drag. 18) — a serem elaboradas na mesma época. Com esta constatação não pretendemos afirmar que sejam duas formas distintas como defendia Dragendorf, mas antes notar que a evolução física de uma forma pode apresentar momentos de simbiose entre aspectos de etapas sucedâneas, o que, a ser verdade, nos obriga a olhar com mais cuidado para uma visão puramente estatística dos atributos cronológicos, tal como já ficou em aberto com a discussão dos pratos Drag. 15/17 do mesmo naufrágio, os quais apresentavam diferenças estilísticas segundo os vários oleiros. Estas características respeitantes à “arte” de cada oleiro não foram, contudo, identificadas no espólio de Drag. 18 de Cala Culip (Nieto Prieto et al., 1989, p. 149).

O pé-de-anel da segunda série é mais alto, com 10 mm, do que o da primeira série, com 8 mm (Nieto Prieto et al., 1989, p. 149). A existência de duas medidas levanta uma questão semelhante para o debate cronológico. Segundo Polak (2000, p. 75), os pés mais altos são mais antigos do que os mais baixos; em Cala Culip IV, os pés mais altos surgem na série 2, assimilada à Drag. 18/31, que, pela lógica, deveria então possuir pés mais baixos.

Quanto aos materiais de Chãos Salgados podemos, no que respeita à forma em questão, falar de peças sem contextos e de algumas com contexto conhecido, sendo que, algumas destas

provêm de escavações antigas cuja contextualização não é estratigráfica, mas meramente sectorial, no âmbito da planta do sítio.

Nos 87 exemplares passíveis de estudo directo, 53 exemplares possuíam pasta de tipo 2, 29 exemplares de tipo 3, e 5 exemplares de tipo 1, o que revela algum cuidado na escolha das pastas. Tal não acontece na confecção dos vernizes: o tipo 3 surge em 66 exemplares, o tipo 4 em 1 exemplar, o tipo 2 em 18 exemplar; o verniz 5 (marmoreado) surge em 1 exemplar, de escavações antigas, mas com situação conhecida, sendo oriundo da “casa dos frescos” que pensamos ser a *domus* situada em frente à construção n.º 3 do nosso estudo.

Os diâmetros dos bordos variam entre 104 e 282 mm, tendo como valor médio 172 mm. Apresentamos de seguida um quadro dos valores por escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
100-109 mm	2
110-119 mm	5
120-129 mm	4
130-139 mm	5
140-149 mm	9
150-159 mm	8
160-169 mm	6
170-179 mm	10
180-189 mm	4
190-199 mm	6
200-209 mm	1
210-219 mm	1
220-229 mm	4
230-239 mm	3
240-249 mm	5
250-259 mm	0
280-289 mm	2

Se aceitarmos as propostas de Polak (2000) para a datação dos diâmetros, teríamos então a seguinte *tendência evolutiva* de tamanhos:

- um primeiro grupo pré-flaviano, com os maiores valores métricos, englobando 20 exemplares;
- um período intermédio, tendo em conta os dados neronianos de USK — cujos valores variam entre 160 e 190 mm (Tyers, 1993) —, bem como da fossa de *Galicanus*, em La Graufesenque, datada de 55-60 d.C. — com dois grupos de diâmetros de 135 e 170 mm (Polak, 2000, p. 70) —, englobando 20 exemplares;
- um período flaviano e possivelmente também pós-flaviano, com os menores valores, nos quais se integram também as duas séries de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989), englobando 33 exemplares.

Parece-nos, enfim, haver leituras contraditórias ao longo dos vários trabalhos, que por vezes associam os maiores diâmetros e perfis mais pesados à Drag. 18/31, como acontece na monografia de Cala Culip IV. Na verdade, esta forma mais pesada, não tem necessariamente os

maiores diâmetros, aceitando que estes diminuem ao longo do tempo, como propõe Polak, embora este mesmo autor refira que os valores são algo flutuantes ao longo do tempo (Polak, 2000, p. 75). Na fossa de *Galicanus*, os diâmetros acima mencionados — um pequeno, cujo valor principal é de 135 mm e um grande, cujo valor principal é de 170 mm — constituem os dois grupos dominantes, mas existem peças de todos os diâmetros; embora Polak aponte o valor de 150 mm como linha divisória, a diversidade é tal que ambos os grupos se sobrepõem parcialmente (Polak, 2000, p. 75).

Segundo os dados de Vechten, além dos diâmetros diminuírem, a altura dos pratos aumenta, pelo que entende que pratos com mais de 40 mm de altura “não são anteriores a Nero” e pratos com menos de 39 mm de altura são “geralmente pré-flavianos” (Polak, 2000, p. 76).

A leitura mais recente de Polak dos dados de Vechten é contraditória, em face das propostas geralmente aceites. O próprio Polak aceita a Drag. 31 como uma simples evolução da Drag. 18, propondo a designação única de Drag. 18, mas não esclarece totalmente a contradição destes dados por si obtidos. Refere, contudo, que muitos autores pensam que os diâmetros maiores da Drag. 18, no século I, são Drag. 18/31, o que, para ele, é errado, a ver pelas estatísticas de Vechten. Cremos que, se Polak tivesse elucidado sobre o eventual espessamento das paredes e dos lábios, a par do aumento da altura e da diminuição dos perfis, poderíamos aceitar o quadro evolutivo de um só tipo — Drag. 18 —, de uma forma mais coerente.

A análise de outros atributos das peças de Chãos Salgados revelou a existência de três peças com incisão no topo do bordo, como o n.º 87 (Mir-14-67) — de 242 mm de diâmetro — usual na primeira metade do século I d.C..

Seis exemplares possuem canelura no fundo interno — Polak (2000, p. 81) refere que muitos exemplares da primeira metade do séc I d.C. possuem dupla canelura; em níveis neronianos de escavações efectuadas no porto de Narbonne, surgem exs. de Drag. 18 com canelura no fundo interno (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 3). O n.º 193 (Mir-2001-019-28[CENAC]) possui igualmente marca.

O ressalto interno na união parede/fundo surge 12 vezes (2 das quais como incisão) e externamente 1 vez. Usual também nos exemplares pré-flavianos, foi detectado em peças de diâmetros variáveis: em quatro casos as peças possuíam bordos cujos diâmetros eram de 113, 159, 170 e 244 mm. O n.º 80 (Mir-4-2), possui igualmente canelura externa imediatamente abaixo do bordo, caso que acontece ao todo, em 4 exemplares.

Apenas 5 exemplares possuíam perfil pesado e os diâmetros eram passíveis de medição em quatro exemplares, com 149 (84: Mir-196-75), 168, 175 (83: Mir-3-341) e 242 mm (61: Mir-692-1). O n.º 84 (Mir-196-75) é de perfil profundo, mas lábio saliente pouco espessado, com canelura imediatamente abaixo e parede fina.

Para além de uma marca já referida, um exemplar possui grafito.

Dois exemplares pertencem a uma escavação antiga da “casa dos frescos”, sendo um deles marmoreado, e outro, n.º Mir-991-18-8-2, de diâmetro no valor de 133 mm, o que poderia conferir-lhe uma datação a partir da época flaviana.

Dois outros fragmentos foram exumados das termas este, na campanha luso-americana, e encontravam-se em camadas datadas dos inícios do século II d.C.. Um deles tem um diâmetro de 170 mm, o outro aparenta um perfil pesado.

Quanto aos materiais das escavações recentes, dois exemplares provêm da construção n.º 2 e da área circundante a C3. Ambos possuem diâmetros muito largos: o n.º 62 (Mir-626-42), 231 mm; o n.º 61 (Mir-692-1), 242 mm. O perfil do segundo é pesado. O primeiro pertence à UE 259, que se depositava sobre derrube; o segundo pertence à UE 314, com materiais recentes misturados.

Dois exemplares encontravam-se em camadas de superfície da área circundante à construção n.º 3: n.ºs 66 (Mir-404-3) e 67 (Mir-384-2).

Cinco exemplares pertencem à UE 449 do ambiente 1 da construção n.º 1. Um deles, o n.º 48 (Mir-727-54) possui parede fina, mas algo funda, e um diâmetro acentuado de 232 mm. Esta UE — enchimento precoce de uma vala de fundação que nunca serviu como tal —, está datada de meados do século I ao primeiro quartel do século II d.C.

Outros dois exemplares provêm do ambiente 6 desta construção. O n.º 53 (Mir-721-6) pertence à UE 383=268=266=416, que se deposita sobre os derrubes do ambiente; o n.º 55 (Mir-773-12) pertence à UE 478=472=482 que preenche vala de fundação na rocha-mãe e apenas possui *terra sigillata* sudgálica.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cronologia
			214 (Dias, 1976-1977, n.º 124)	f					grafito: IVN M [?]	no fundo exterior.
			82 (Mir-125-3302)	b		2	3	db: 162 mm		
			87 (Mir-14-67)	b	Bordo perolado com leve incisão no topo	2	3	db: 242 mm		
			84 (Mir-196-75)	b	Leve canelura externa abaixo do bordo. Perfil pesado.	2	3	db: 149 mm		
			193 (Mir-2001-019-- 28 [CENAC])	f	Canelura no fundo interno	3	2		JON	
			83 (Mir-3-341)	b	perfil pesado	3	3	db: 168 mm ou +		
			80 (Mir-4-2)	b	incisão interna na inflexão	1	2	db: 168 mm		
			81 (Mir-4-9)	b		1	2	db: 222 mm		
			79 (Mir-991-6-34)	b	bordo com canelura externa imediatamente abaixo	3	2	db: 146 mm		
Área circundante a C3	1995-1996	51	67 (Mir-384-2)	b		3	3	db: 182 mm		
Área circundante a C3	1995-1996	67	66 (Mir-404-3)	b		2	3	db: 240 mm		
C1	1997-2000	383=268=266=264=416	53 (Mir-721-6)	b		2	2	db: 280 mm		
C1	1997-2000	449	Mir-727-123	b		2	3	db: ?		
C1	1997-2000	449	Mir-727-166	c	canelura no fundo interno	2	2	dc: 151 mm		
C1	1997-2000	449	50 (Mir-727-183)	b	canelura externa imediatamente abaixo do bordo	2	3	db: 183 mm		
C1	1997-2000	449	48 (Mir-727-54)	b		2	3	db: 232 mm		

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cronologia
Cr	1997-2000	449	49 (Mir-727-57+58)	b		2	2	db: 167 mm		
Cr	1997-2000	469 =458	1 (Mir-759- 1+2+3+4)	b,c		2	3	db: 172 mm		
Cr	1997-2000	482	55 (Mir-773-12)	b	canelura no fundo interno	3	3	db: 221 mm		
C2	1997-2000	259	62 (Mir-626-42)	b		3	2	db: 231 mm		
C2	1997-2000	314	61 (Mir-692-1)	b	Perfil pesado	3	3	db: 242 mm		
Casa dos frescos			Mir-991-18-11	b		3	5	db: 196 mm		
Casa dos frescos			Mir-991-18-8-2	b		3	2	db: 133 mm		
Termas este	Luso- -americana	room 12, locus 003	299 (Biers, 1988, n.º III. 78-804-)	b	Perfil pesado					at least early 2nd c.
Termas este	Luso- -americana	room 12, locus 003	300 (Biers, 1988, n.º III. 79-806-)	b	Bordo quase liso			db: 170 mm		at least early 2nd c.

1.1.1.5. Fundos de Drag. 15/17 ou 18

Considerámos que quatro fragmentos de fundo pudessem pertencer a qualquer um destes tipos.

Em três casos verifica-se a existência de canelura no fundo interno, datada por Polak como geralmente anterior a 60 d.C. (Polak, 2000), embora possa surgir em Drag. 15/17 e Drag. 18 mais recentes, nomeadamente flavianas, como em Cala Culip IV (Nieto Prieto, 1989, figs. 99, 102-3, 105).

Um deles é liso e possui marca de oleiro (n.º 182: Dias, 1976-1977, n.º 122).

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca
86 (Mir-168-2)	f	canelura no fundo interno	2	2	dp: 79 mm; hp: 10 mm	
182 (Dias, 1976-1977, n.º 122)	f					[BAS] SI
85 (Mir-3-455)	f	canelura no fundo interno	2	2	dp: 101 mm; hp: 10 mm	
Mir-28-2	f	canelura no fundo interno	1	3	dp: 80 mm	

1.1.1.6. Drag. 36

Este prato corresponde à forma 2 do serviço flaviano A, proposto por Vernhet, e datado entre o ano 60 d.C. — quando surge a decoração barbotinada, bem como o verniz marmoreado, em La Graufesenque — e os meados do século II, embora a decoração barbotinada, em La Graufesenque, termine por volta de 120 d.C. (Vernhet, 1979, p. 15).

Segundo Oswald e Pryce (1920, p. 192), esta forma não é tão numerosa quanto a taça Drag. 35, em época flaviana, mas é mais frequente do que esta última durante o século II. Vernhet (1979) não faz distinções cronológicas quanto às Drag. 35 e 36, que correspondem aos tipos A1 e A2, respectivamente.

Em 1993, este último autor e Passelac propõem uma cronologia de 60-150 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 578).

A sua produção intensifica-se a partir dos flávios (Vernhet, 1976, p. 15). Nos níveis neronianos de USK é rara — a Drag. 35/36 representa 0,23%, na fase I, e 0,93%, na fase II — (Tyers, 1993, p. 136). Está bem representada em Rottweil e Newstead (Oswald e Pryce, 1920, p. 192; Vernhet, 1976, p. 15).

Vernhet (1979, p.15) baliza os diâmetros de bordo entre os valores de 120 e 290 mm.

No naufrágio de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) existem dois grupos de tamanhos:

- com um NMI de 21 exemplares, um grupo com diâmetros de bordo de 155-160 mm, diâmetros de pé de 62-70 mm, e alturas de 33-34 mm;
- com um NMI de 3 exemplares, um grupo com diâmetros de bordo de 250-280 mm, diâmetro de base de 101 mm, e altura de 51 mm

Em Chãos Salgados, os diâmetros de bordo variam entre 172 e 228 mm, que representam valores medianos face aos obtidos no naufrágio vespasiano.

No primeiro grupo métrico de Cala Culip IV foram diferenciados 9 estilos decorativos com ligeiras diferenças quanto ao número ou à posição das folhas de águas e das "lágrimas". Oito estilos apresentam as folhas dispostas da esquerda para a direita; um outro estilo apresenta as folhas em disposição inversa (Nieto Prieto et al., 1989, p. 153).

Um exemplar não é decorado, pelo que esta forma pode conter peças lisas que podem confundir-se com o serviço F de Vernhet (1976).

No segundo grupo métrico de Cala Culip IV há 2 esquemas decorativos que apresentam as folhas dispostas da direita para a esquerda (Nieto Prieto et al., 1989, p. 158).

Em Chãos Salgados, no único exemplar em que é visível a folha de água, esta apresenta-se posicionada da esquerda para a direita (Dias, 1976-1977, n.º 84).

O n.º 95 (Mir-191-8[694]) possui apenas o pé da folha de água e esta deveria posicionar-se para o lado de dentro, ao contrário da folha do n.º 279 (Dias, 1976-1977, n.º 84). Estas diferenças foram atestadas ao longo de vários estilos de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 153-8).

Todos os exemplares de Chãos Salgados aparentam uma qualidade de fabrico mediana: pasta 2 e verniz 3.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
279 (Dias, 1976-1977, n.º 84)	b			db: 188-210 mm	folhas de água a barbotina
95 (Mir-191-8 [694])	b	2	3	db: 223 mm	folha de água a barbotina

1.1.1.7. Forma 2 do Serviço F

Classificámos com reservas o n.º 96 (Mir-23-152-B-) neste tipo sud-gálico, datado de 90 a 150 d.C., por Vernhet (1976); proposta esta confirmada pelo mesmo autor e por Passelac, anos mais tarde (Passelac e Vernhet, 1993, p. 580).

O pequeno fragmento de bordo em questão parece não possuir decoração a barbotina e embora tenha um ligeiro ressalto no início da superfície superior da aba, não é possível verificar a existência de canelura interna abaixo do bordo. A decoração e a canelura são normais no serviço A, ao qual pertencem as Drag. 35 e 36. O serviço F é sempre liso na parte superior, con-

tendo apenas uma roseta estampada no fundo interno. Tem geralmente, como acontece com o nosso exemplar, um ligeiro espessamento da extremidade da aba (Vernhet, 1976, p. 24).

Vernhet distingue 3 grupos de diâmetros de bordo no prato tipo F2, ao qual se aproxima o nosso exemplar: 110-120, 160-180 e 240-270 mm. Os 40 mm do exemplar de Chãos Salgados ultrapassam em muito os valores conhecidos para a forma. Segundo Vernhet, nenhuma forma dos seis “serviços flavianos” por ele apresentados atinge sequer 300 mm de diâmetro de bordo.

O fabrico do n.º 96 (Mir-23-152-B-) é mediano: pasta 2 e verniz 3.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições
96 (Mir-23-152-B-)	b	2	3	db: 400 mm

1.1.1.8. Fundos de pratos indetermináveis

Foram inventariados 62 fragmentos de fundo (serão 67 exemplares, se contabilizarmos ainda o n.º 66 de Dias, 1976-1977, que possui perfil completo de Drag. 18, e os 4 exemplares de Drag. 15/17 ou 18), aos quais preferimos não atribuir qualquer classificação formal devido à exiguidade do campo de leitura.

No interior destes exemplares estudados, 8 possuem banda roletada, 30 possuem canelura — sendo que em 4 exemplares a canelura é dupla e em 1 exemplar existe também canelura externa a meia-altura do pé — e os restantes são lisos.

Além destes exemplares inventariados, Dias (1976-1977, p. 368) indica ainda a existência de 42 fundos (sendo provável que alguns possuam canelura) e de outros tantos com banda roletada.

Alguns autores ingleses preferem acrescentar a letra “R” à nomenclatura tipológica dos vasos que possuem roleta no seu fundo interno (Polak, 2000, p. 67).

Este atributo é frequente nas formas não decoradas Drag. 15/17, 18, surgindo em Vechten, igualmente na Drag. 17a; em *Camulodunum*, em Drag. 17b; e, em Mainz, em Drag. 17c (Polak, 2000, p. 92). O autor da monografia do espólio do acampamento do baixo-Reno, prefere, na linha dos arqueólogos ingleses, denominá-las de Drag. 15/17R, 18R e 17aR (Polak, 2000, p. 92).

Os diâmetros determináveis dos pés-de-anel variam entre valores de 60 e 141 mm, tendo como ponto médio 91 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
60-69 mm	3
70-79 mm	13
80-89 mm	12
90-99 mm	10
100-109 mm	6
110-119 mm	2
120-129 mm	2
130-139 mm	1
140-149 mm	1

Como já seria de esperar, os valores são mais homogêneos do que os dos diâmetros de bordo — que estudámos apenas na Drag. 18.

Em Vechten (Polak, 2000, p. 92), foram identificados 5 grupos de tamanhos: 88-98 mm (pequeno), 99-106 mm (pequeno ou médio), 107-133 mm (médio), 134-136 mm (médio ou grande), 137 mm ou mais (grande ou muito-grande).

Em Chãos Salgados assinala-se a presença de diâmetros inferiores em fundos que pertencem a pratos e não a tigelas, como poderíamos admitir aceitando um erro de análise na primeira fase do trabalho. Vinte e oito exemplares possuem diâmetros de pé inferior a 90 mm; com valores entre 90 e 109 mm, existem 16 exemplares. Constata-se assim uma maior concentração em valores que correspondem aos escalões pequeno e médio de Vechten, o que, de algum modo, condiz com os dados obtidos em Chãos Salgados no que respeita aos diâmetros de bordo da Drag. 18, nos quais se detectam maiores frequências a partir de Nero (?), com diâmetros em evolução descendente ao longo da diacronia: 20 exemplares seriam de valores grandes (pré-neronianos); 20 exemplares seriam médios (neronianos); e 3 exemplares, pequenos (flavianos).

Segundo Polak, a relação proporcional diâmetro do pé-de-anel/diâmetro de bordo nem sempre é fiável, pelo que a extrapolação pode induzir em erro (Polak, 2000, p. 75). Se para os diâmetros de bordo pudémos encontrar uma relação minimamente coerente entre os dados de Vechten e da fossa de *Galicanus*, no caso dos diâmetros de pé-de-anel isso não acontece. Neste contexto de La Graufesenque e em Oberwinterthur (destruído provavelmente em 69-70 d.C.) existem dois diâmetros: pequeno (com menos de 70 mm) e grande (com mais de 84 mm), que não condizem com Vechten (Polak, 2000, p. 75). No caso de Chãos Salgados, os diâmetros pequenos de bordo que datámos da época flaviana teriam assim um correspondente anacrónico nos diâmetros de pé-de-anel pequenos, cujos melhores paralelos são os grupos pequenos de Oberwinterthur e da fossa de *Galicanus*, de finais da etapa júlio-cláudia.

A frequência de caneluras, que atinge quase 50% dos casos, é um indicador de algum equilíbrio entre hipotéticas cronologias pré e pós ano 60 d.C.; no mesmo sentido aponta a frequência de roleta, já que Dias (1976-1977) indica a presença de 42 fundos deste género para além das peças inventariadas no seu artigo. No espólio analisado por nós, verifica-se um valor de apenas 8 exemplares roletados, que se distribuem pelos vários tipos de diâmetros: 80 mm, 82 mm, 98 mm, 102 mm, 128 mm, 135 mm. Apesar da variação de diâmetros, constata-se uma relação entre roleta e pés altos de secção transversal rectangular ou sub-rectangular.

A altura dos pés varia entre valores de 6 a 13 mm, tendo um ponto médio de 10 mm

Dois exemplares possuem marca de oleiro e outros 2 possuem grafito.

Em escavações antigas foram encontrados 2 exemplares na ponte, 1 exemplar na “casa dos frescos”, 1 exemplar no *forum* e 1 exemplar no templo.

No ambiente externo norte da construção n.º 1 deste estudo foram encontrados 2 exemplares, um na UE 375 (século II, talvez recuando à época flaviana) e outro na UE 376 (finais do século II): n.ºs 7 (Mir-717-813) e 22 (Mir-736-4+5), respectivamente. Na construção n.º 2 foi encontrado um exemplar, n.º Mir-708-1, na UE 328, constituída por um enchimento de vala de muro.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			208 (Dias, 1976-1977, n.º 120)	p	f] ABIN [
			209 (Dias, 1976-1977, n.º 121)	p	f] ABIN
			215 (Dias, 1976-1977, n.º 125)	p	f					Grafito: LV]. no fundo exterior

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			217 (Dias, 1976-1977, n.º 126)	p	f					Grafito: OM no fundo interior
			94 (Mir-125-653)	p	f	canelura no fundo interno	2	3	dp: 91 mm; hp: 9 mm	
			89 (Mir-137-131)	p	f	fundo interno com banda roletada	3	3	dp: 83 mm; hp: 12 mm	
			92 (Mir-183-30) [534-69]	p	f	canelura no fundo interno	3	3	dp: 88 mm; hp: 9 mm	
			91 (Mir-2-42)	p	f	duas caneluras no fundo interno	2	2	Dp: 115 mm	
			90 (Mir-3-423)	p	f		1	2	dp: 70 mm; hp: 11 mm	
			88 (Mir-37-1)	p	f		2	2	dp: 92 mm; hp: 6 mm	
C1	1997-2000	375	7 (Mir-717-813)	p	f		2	2	dp: 82 mm	
C1	1997-2000	376	22 (Mir-736-4+5)	p	f		3	3	dp: 100 mm	
C2	1997-2000	328	Mir-708-1	p	f	fina moldura interna	3	3		
Casa dos frescos			Mir-991-18-10(5) +Mir-991-6-32	p	f	duas caneluras no fundo interno	3	3		
Forum	1967		Mir-991-16-5	p	f	canelura no fundo interno	1	3	dp: 83 mm	
Ponte	1970		Mir-2001-019-34	p	f		1	3		
Ponte	1970		Mir-2001-019-46	p	f	banda roletada no fundo interno	2	3	dp: 82 mm; hp: 11 mm	
Templo	1970		Mir-991-14-3	p	f	canelura no fundo interno	3	3	dp: 97 mm	

1.1.2. Tigelas

1.1.2.1. Ritt. 5

Esta forma foi produzida desde os inícios da actividade das oficinas sudgálicas, inspirada na forma itálica, Consp. 22 (Ettlinger, 1990), cuja produção havia começado em 20 a.C.

Bastante divulgada na época tiberiana, atinge o fim da sua vida por volta de 40 d.C., em Vehten, mas os últimos dados encontram-se em Hofheim (3 exemplares) (Ritterling, 1912) e Burghöfe (1 exemplar) (Polak, 2000, p. 114). Polak considera que a produção de Ritt. 5 terá começado antes de Tibério, mas terminado antes de Cláudio, não aceitando a proposta de cronologia tibério-cláudia de Oswald e Pryce (Oswald e Pryce, 1920, p. 169; Polak, 2000, p. 114).

Os dados de Hofheim, Burghöfe, bem como de Wiesbaden (Oswald e Pryce, 1920, p. 169) permitem, no entanto, equacionar a possibilidade desta forma ainda se comercializar em época cláudia, embora em fracas quantidades.

Ritterling descreveu este tipo, a partir dos 3 exemplares exumados em Hofheim, como uma tigela de parede cónica e bordo vertical, sem decoração roletada no bordo (1912, p. 207). A ausência de decoração com roleta nas peças sudgálicas foi reafirmada por Oswald e Pryce (1920, p. 169). Mary desmente esta proposta a partir de exemplares com roleta de Neuss, que datou como anteriores a 25 d.C. (*apud* Polak, 2000, p. 114).

O bordo pode ser oblíquo, ou mesmo acentuadamente convexo, em exemplares tibério-cláudios (Oswald e Pryce, 1920, est. XXXVIII, n.º 3).

O único exemplar de Chãos Salgados possui bordo vertical, sem roleta. Equivale ao tipo Ritt. 5c, proposto e datado por Passelac e Vernhet entre 30 e 50 d.C. (1993, p. 577). Estes autores estabelecem uma divisão em três sub-tipos sucedâneos, Ritt. 5a, b, c, considerando que a forma começa a ser produzida no ano 5 d.C.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Medições
281 (Dias, 1976-1977, n.º 86)	b,c	db: 120 mm

1.1.2.2. Ritt. 8

É considerado um tipo pré-flaviano por Oswald e Pryce (1920, p. 184), bem como por Polak (2000, p. 114), derivado das formas itálicas Loeschcke 13 e 6.

Os exemplares mais recentes conhecidos provêm do depósito Cluzel 15, em La Graufesenque, datado de 60-65 d.C., de Oberwinterthur — em níveis de 69-70 d.C. — e do exterior do acampamento de Nijmegen. Neste último caso, o espólio de Ritt.8 é de 25 exemplares numa coleção de *terra sigillata* que ronda os 16 000 exemplares (Polak, 2000, p. 114). Em Hofheim, este tipo surge apenas nos níveis cláudios, e em Aislingen (diacronia tibério-domiciana) ocorre apenas nos níveis mais antigos (Oswald e Pryce, 1920, p. 184).

Passelac e Vernhet (1993, p. 577) sub-dividem este tipo em Ritt. 8a, b, c, formas sucedâneas, com começo em 15 d.C. e fim em 120 d.C., o que constitui uma datação contrastante em face das propostas sobre o fim da produção estabelecidas pelos outros autores, as quais são mais altas.

Ritterling (1912, p. 208) descreveu-a como uma pequena tigela em forma de meia esfera, com parede lisa.

O bordo pode apresentar-se de uma forma recta ou introvertida e por vezes é plano (Polak, 2000, p. 114). Os exemplares de Hofheim possuem sempre canelura interna e externa (1912, p. 208; Oswald e Pryce, 1920, p. 184), formando um lábio mais nítido.

Na parede externa pode haver caneluras. Muito raramente se verifica a decoração com roleta ou a ocorrência de asa cega em espiral (Polak, 2000, p. 116).

O pé pode possuir canelura externa a meia-altura. Na denominação destes exemplares, Polak prefere seguir as propostas dos autores ingleses e aplicar o termo “Ritt. 8g” (Polak, 2000, p. 116).

Polak descreve 4 tamanhos de diâmetros de bordo da coleção de Vechten: 65, 80, 100 e 120 mm. Estes valores têm correspondência nos dados obtidos na fossa de *Galicanus*, em La Graufesenque: 60-74, 70-92, 92-118, 118-138 mm (Polak, 2000, p. 102).

Nos níveis neronianos das escavações de USK, apenas foram encontrados dois exemplares, com 100 mm de diâmetro (Tyers, 1993, p. 136). Em Neuss, os 115 exemplares exumados possuem valores balizados entre 60 e 130 mm (Tyers, 1993, p. 136).

Os 3 exemplares de Chãos Salgados não permitem fazer mais do que uma avaliação incipiente do espólio. Nenhum deles possui contexto conhecido e as pastas e os vernizes, tipos 2 e 3, respectivamente, denunciam fabricos sem especial qualidade. Os diâmetros encaixam nos valores do grupo com os segundos maiores valores da fossa de *Galicanus*, mas a extrema variedade de diâmetros desta forma, em momentos sincrónicos, como evidencia este contexto de La Graufesenque, não permite fazer extrapolações cronológicas. A única aproximação possível é realizada pela semelhança dos exemplares de Chãos Salgados com o subtipo Ritt. 8b de Passelac e Vernhet (1993, p. 577), datado entre 30 e 80 d.C.

QUADRO DESCRITIVO

UE	N.º de Inventário	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
	97 (Mir-23-32[671])	b	bordo perolado, incisão interna e canelura externa	2	3	db: 113 mm
	280 (Dias, 1976-1977, n.º 85)	b	Ressalto interno e canelura externa			db: 110 mm
Superfície	Mir-484-16	b	Canelura interna abaixo do bordo	2	3	db: 105 mm

1.1.2.3. Drag. 24/25

Esta forma sudgálica deriva da itálica Loeschcke 12 (Consp. 33 e 34 de Ettlenger et al., 1990), cujo fabrico se inicia em época augustana (Polak, 2000, p. 117).

A forma 25 de Dragendorf distinguia-se da forma 24 pelo facto de possuir uma pequena asa cega em espiral. A primeira delas possui uma cronologia augustana e é mais antiga do que a segunda. Apesar desta diferença morfológica detectada por vários autores, após Dragendorf, tem-se optado pela designação conjunta de Drag. 24/25, pois a exiguidade dos bordos geralmente encontrados não permite averiguar a existência de asa. Assim, Ritterling corresponde a sua forma 6 às Drag. 24 e 25 (Ritterling, 1912, p. 207). Oswald e Pryce (1920, p. 171-172) adoptam a nomenclatura de Drag. 24/25.

Mais recentemente, foi acrescentado um novo subtipo à forma mais nova — Drag. 24 —, pois pode possuir canelura externa a meia-altura do pé-de-anel, recebendo o nome de Drag. 24g, no seguimento das propostas de autores ingleses (Polak, 2000, p. 117).

O apogeu da comercialização desta forma é a época tiberiana — é abundante nos níveis antigos de Aislingen (Oswald e Pryce, 1920, p. 171-2) —, embora seja elaborada em níveis apreciáveis até cerca de 60 d.C., segundo Polak (2000, p. 118). O mesmo autor defende que a Drag. 25 deve ter o seu fim por volta de 40 d.C., já que são raras as taças com asa em Hofheim (Ritterling, 1912, p. 207), e que a Drag. 24 deve terminar por volta de 70 d.C., sendo conhecidos alguns exemplares dessa altura em Rottweil (Oswald e Pryce, 1920, p. 171-2) e no naufrágio de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989). Contudo, a percentagem de Drag. 24/25 neste último caso — 11,4% —, face ao total de *terra sigillata* existente no naufrágio, levanta a hipótese de a produção desta forma se prolongar um pouco mais para além de 70 d.C., embora a maior parte dos contextos conhecidos com Drag.24/25 sejam pré-flavianos (Polak, 2000, p. 117) e a maioria dos oleiros que produziram esta forma sejam igualmente pré-flavianos, com excepção de dois casos — *Libertus* e *Pontus* (Oswald e Pryce, 1920, p. 171-172).

Tanto Ritterling (1912, p. 207), como Oswald e Pryce (1920, p. 171) descrevem o pé como baixo; Polak (2000, p. 118) considera esta característica como pertencente às peças mais antigas, defendendo um aumento de altura do pé-de-anel ao longo do tempo.

Segundo Ritterling (1912, p. 207), os tamanhos dos materiais de Hofheim são muito diversos e podem variar entre 60 e 140 mm de diâmetro de bordo, por 30 e 60 mm de altura de peça, respectivamente.

A colecção neroniana de USK possui dois grandes grupos de diâmetros — 80 e 120/140 mm — sendo o segundo o mais frequente (Tyers, 1993, p. 135).

A escavação do naufrágio flaviano de Cala Culip IV (Nieto Prieto, 1989) revelou aspectos interessantes para o debate crono-morfológico deste tipo de *terra sigillata*. Nesta colecção existem dois grupos de tamanhos:

- diâmetro de bordo de 70-75 mm; diâmetro de pé de 35 mm; altura de 35 mm (NMI = 33);
- diâmetro de bordo de 110 mm; diâmetro de pé de 50 mm; altura de 50-55 mm (NMI = 276).

Ambos os grupos apresentam valores de diâmetro de bordo perfeitamente medianos face à balizas métricas concluídas em Hofheim — cláudio — ou em USK — neroniano. Tão importante

como esta constatação é o facto do espólio da série de diâmetros mais pequenos de Cala Culip indicar diferenças de fabrico consoante os oleiros, tal como já víramos em relação à Drag. 15/17. Assim:

- os vasos de OF IVCVNDI (n.º 2.7 do seu catálogo; 19 exemplares) são mais compactos; os seus bordos são verticais e altos e possuem um *guillochis* espesso separado do topo do bordo por uma funda canelura;
- a marca 26.1 (4 exemplares) surge em peças com bordo um pouco mais introvertido e *guillochis* mais fino; a moldura que une o bordo e a parede é curva por cima e plana por baixo;
- nas peças da marca 2.7 a moldura que une o bordo e a parede é plana por cima e curva por baixo, ao contrário da marca 26.1.

No espólio de Chãos Salgados, 23 exemplares possuem pasta 2, 14 exemplares a pasta 3, e 2 exemplares a pasta 1. O verniz 3 surge 23 vezes, o verniz 2 surge 12 vezes, o verniz 4 surge em 1 exemplar, e o verniz 5 (marmoreado) surge em 3 exemplares. Apesar da boa frequência das pastas 2 e 1 — de boa qualidade —, a predominância do verniz 3 denota uma qualidade que não ultrapassa em muito um patamar médio. Um exemplar apresenta sinais de sobre-cozedura.

A roleta surge em 19 casos, sendo raramente fina, como no n.º 102 (Mir-2001-019-52-XVIC).

O bordo possui constantemente uma canelura interna e outra externa que define um incipiente lábio. O n.º 286 (n.º 92 de Dias, 1976-1977) não possui canelura interna.

Geralmente o lábio é arredondado, embora no n.º 101 (Mir-41-1) ele surja com secção transversal sub-triangular, por biselamento.

O bordo é normalmente vertical. O n.º 287 (n.º 93 de Dias, 1976-1977) é uma excepção, com bordo ligeiramente introvertido. Segundo Polak (2000, p. 118), esta característica surge nas peças mais antigas.

O n.º 103 (Mir-2001-019-20-XII-), para além da canelura externa junto ao lábio, possui outras duas a meio do bordo vertical e uma outra no topo da moldura que une o bordo e a parede. O seu pé é relativamente baixo, mas possui canelura externa a meia-altura, podendo ser classificado como Drag. 24/25g, de acordo com as propostas mais recentes inglesas (Polak, 2000, p. 118). O seu fabrico é bem cuidado — pasta 2 e verniz 2 —, com bom polimento final. O seu tamanho — 94 mm de bordo e 49 mm de altura — é mediano face aos valores conhecidos nos sítios referidos e em face das características do espólio de Chãos Salgados. O n.º 195 (n.º 114 de Dias, 1976-1977) também possui canelura externa no pé, mas o seu bordo é roletado, o que contradiz a proposta de Polak, segundo a qual este tipo de peças nunca possui *guillochis* (Polak, 2000, p. 118).

Neste espólio, os diâmetros de bordo variam entre 51 e 151 mm, com um ponto médio de 100 mm. A frequência de escalões de diâmetros é a seguinte:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
50-59 mm	2
60-69 mm	2
70-79 mm	2
80-89 mm	3
90-99 mm	3
100-109 mm	3
110-119 mm	5
120-129 mm	5
130-139 mm	2
140-149 mm	0
151 mm	1

Os valores são bem diversos, embora se possa concluir que os diâmetros de 100 a 129 mm são os mais importantes, com 13 exemplares. Se considerarmos as propostas de Passelac e Vernhet (1993, p. 573) — segundo as quais a Drag.24/25 pode ser subdividida em Drag. 24/25a, b, c, datadas entre 15/40, 40/70 e 70/120 d.C., respectivamente, e nas quais se verifica uma evolução tendente à diminuição do diâmetro e a uma maior profundidade da peça —, poderíamos então pensar numa maior concentração de exs. de Chãos Salgados nas épocas mais altas, e particularmente entre 40 e 70 d.C. Contudo, a divergência das propostas cronológicas entre Passelac e Vernhet e os restantes autores, nomeadamente em relação à continuidade da produção depois de 70 d.C. e ao predomínio de diâmetros largos no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV, leva-nos a ter algumas precauções na aceitação destes resultados.

A altura bordo/carena também é bastante variável e baliza-se entre valores de 10 e 31 mm, tendo como ponto médio 17 mm. É nitidamente proporcional ao tamanho da peça.

Apenas dois diâmetros de pé são conhecidos — 36 e 44 mm — e uma altura de pé-de-anel — 6 mm.

Apenas um exemplar possui marca, o n.º 195. Três exs. são marmoreados.

Dois exemplares possuem contexto estratigráfico. Um provém das escavações luso-americanas das termas este, e em particular de um nível datado de inícios do século II, o que deve significar uma cronologia de uso já após a “normal” datação do fabrico desta forma. Este exemplar, n.º 301 (Biers, 1988; n.º III.80-803) possui *guillochis* grosseiro.

O segundo exemplar provém das escavações da Construção n.º 3. A camada em que se encontrava era superficial, o que pouco adianta ao seu estudo. Possui *guillochis* grosseiro; o diâmetro da carena é de 124 mm; a exiguidade do fragmento não permite fazer uma análise mais completa.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cron./ Observ.
		195 (Dias,1976- -1977, n.º 114)	f					MV[
		Mir-125-900+2492	b	Bordo liso e canelura interna	2	3	db: 98 mm		sobre cozedura na superfície externa
		103 (Mir-2001- 019-20 -XII-)	b,bj,f	Caneluras interna e externas abaixo do bordo e no fundo interno. Leve canelura a meia altura do pé-de-anel	2	2	db: 94 mm; hbc: 21 mm; dp: 44 mm; hp: 6 mm; h: 49 mm		
		102 (Mir-2001- 019-52-XVI c-)	b	canelura interna e externa. Roletada	2	2	db: 101 mm; hbc: 21 mm		
		101 (Mir-41-1)	b	bordo liso e incisão interna e externa abaixo dele.	2	3	db: 62 mm; hbc: 10 mm		
Área circundante a C3/ Campanha de 1995-6	126	Mir-522-5	c	roleta grosseira	3	4	dc: 124 mm		
Termas este/ campanha luso- -americana	room 12, locus 003	301 (Biers, 1988, n.º III. 80-803-)	b,f	canelura interna abaixo do bordo			db: 78 mm; dp: 36 mm		at least early 2nd c.

1.1.2.4. *Drag. 27*

Esta forma sudgálica deriva da itálica Loeschcke II (= Consp. 31 e 32 de Ettlenger et al., 1990). A sua produção deve coincidir com o próprio início da actividade das oficinas sudgálicas, segundo Oswald e Pryce (1920, p. 186). Polak (2000, p. 118) considera o seu início tardo-augustano. Deixou de ser produzida por volta do ano 120 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573), ou em meados do século II (Oswald e Pryce, 1920, p. 186).

As peças mais antigas denotam ainda normais influências das peças itálicas, como a existência de roleta na superfície externa abaixo do bordo (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573), ou de uma canelura ou moldura na zona da quebra de perfil, sendo que as peças tardias podem também possuir esta canelura (Polak, 2000, p. 118). A roleta pode surgir igualmente em épocas mais recentes. Assim acontece no espólio neroniano do porto de Narbonne (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 3).

Os bordos mais antigos não possuem lábio e ao longo do tempo a secção espessa-se, formando um lábio nítido. Na primeira metade do século I, o bordo pode possuir canelura na sua parte superior (Polak, 2000, p. 118). Segundo Polak, os bordos da época cláudio-neroniana podem ser de secção triangular; no entanto, esta característica surge igualmente em peças com diâmetros largos — 115-120 mm —, no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 138). Estes factos desmentem Oswald e Pryce (1920, p. 187), os quais defendiam ser um atributo apenas das peças mais antigas.

A canelura interna do bordo é essencialmente pré-flaviana, sendo pouco frequente nas peças tardias (Oswald e Pryce, 1920, p. 187).

Os pés mais antigos costumam possuir canelura externa a meia-altura. Os materiais de Hofheim são assim caracterizados por Ritterling (1912, p. 208). Na época flaviana, a frequência de *Drag. 27* não canelada no exterior do pé aumenta nitidamente. Os vasos sem canelura são típicos a partir de 70 d.C., embora já existam antes (Polak, 2000, p. 118). No naufrágio de Cala Culip IV, embora a percentagem de *Drag. 27* canelada não seja calculada, várias estampas deste tipo possuem canelura no pé (Nieto Prieto et al., 1989, fig. 88).

Na linha de autores ingleses, pode optar-se pela denominação de *Drag. 27g* para os vasos com pé-de-anel canelado (Polak, 2000, p. 67).

A altura do pé tende a diminuir ao longo do tempo, tal como acontece nos pratos e ao contrário da *Drag. 24/25* (Polak, 2000, p. 118).

Ritterling constatou que os diâmetros mais pequenos correspondiam às peças mais antigas e os maiores às mais recentes, no espólio de Hofheim (Ritterling, 1912, p. 208). Oswald e Pryce (1920, p. 187) consideram as peças mais pequenas pré-flavianas, embora notem que as peças de grandes diâmetros podem surgir em todas as épocas.

No estudo do espólio de Vechten, Polak concluiu que as taças pequenas aumentavam de tamanho ao longo do século I e que o contrário sucedia às taças médias, defendendo que a evolução metrológica proposta por Ritterling e Oswald/Pryce pode não ser sempre correcta ou fácil de constatar. Defende, contudo, que se pode traçar uma *tendência evolutiva* dos diâmetros de bordo, considerando que as peças com valores até 80 mm possuem uma cronologia que não deve ultrapassar o ano 80 d.C. e que as taças com valores a partir de 90 mm são geralmente flavianas (Polak, 2000, p. 107).

No espólio de Chãos Salgados a mediania da qualidade de fabrico também está patente nesta forma de *terra sigillata*: a pasta 3 surge 28 vezes e a pasta 2 surge 38 vezes; o verniz 3 surge 47 vezes, o verniz 2 em 7 exemplares, o verniz 4 em 2 exemplares e o verniz 5 (marmoreado) surge em 1 exemplar.

Os 48 diâmetros de bordo mensuráveis variam entre valores de 46 e 138 mm, tendo como ponto médio 94 mm. São as seguintes as frequências de exs. em cada escalão métrico:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
40-49 mm	1
50-59 mm	0
60-69 mm	2
70-79 mm	5
80-89 mm	9
90-99 mm	6
100-109 mm	9
110-119 mm	8
120-129 mm	4
130-138 mm	4

Se aplicarmos a proposta de Polak (2000, p. 107), elaborada a partir dos dados de Vechten, teríamos em Chãos Salgados 16 exemplares anteriores ao ano 80 d.C. e 31 exemplares flavianos, subsistindo um período intermédio indefinido. Ou seja, um reforço das frequências desta forma no último quartel do século I, tal como acontece com o prato Drag. 18.

O espólio neroniano de USK possui dois grupos de diâmetros: 70-90 mm e 120-140 mm, próximos dos resultados obtidos em *Camulodunum*, com 75 mm e 140 mm (Tyers, 1993, p. 134).

Em Cala Culip (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) foram também diagnosticados dois grupos:

- um, minoritário — NMI de 69 —, com diâmetros de bordo de 70-75 mm, diâmetros de pé de 37 mm e altura de 36-42 mm;
- um outro, maioritário — NMI de 449 —, com diâmetros de bordo de 115-120 mm, diâmetros de pé de 50-55 mm e altura de 60 mm

Nos três sítios descritos (USK, *Camulodunum* e Cala Culip IV) não existem diâmetros de bordo inferior a 70 mm, o que poderá constituir um valor acima do qual se centram os materiais de finais do período júlio-cláudio. A ser verdadeira esta hipótese, poderíamos precisar um pouco melhor uma fase intermédia na *tendência evolutiva* proposta por Polak.

Os três diâmetros de pé, medidos em Chãos Salgados, possuem valores de 70, 50 e 42 mm, sendo que no primeiro e no último caso foi possível medir também a altura do pé, cujos valores eram de 11 e 10 mm, respectivamente. O pé de 50 mm de diâmetro pertence a uma peça com bordo de 130 mm de diâmetro.

Um fragmento de pé-de-anel possui duas caneluras externas, típicas do período pré-flaviano. Esse exemplar é marmoreado e foi encontrado à superfície da “Casa dos frescos”.

Dos 51 bordos, 34 possuem canelura interna junto ao bordo e 17 são lisos. Esta característica, considerada pré-flaviana surge na maioria das peças, o que não condiz com os resultados dos diâmetros. A este nível, os resultados estatísticos são exactamente opostos: 16 pré-flavianos e 31 exemplares flavianos. Parece-nos um bom exemplo das dificuldades subsistentes na elaboração de conclusões seguras, a partir das diferentes propostas dos vários autores.

O bordo é comumente perolado. Em quatro casos, como no n.º 107 (Mir-399-186), a secção transversal pode ser sub-triangular, normal num segmento temporal do terceiro e provavelmente do último quartel do século I. Os diâmetros das quatro peças são de 99, 100, 110 e 138 mm — valores grandes que suportam uma cronologia mais baixa.

A altura bordo/quebra de perfil foi medida em 10 exemplares e varia entre 13 e 28 mm, tendo como ponto médio 19 mm.

O n.º Mir-484-118 provém de recolha de superfície na área escavada por Olívio Caeiro nas campanhas luso-americanas.

Um outro fragmento foi encontrado na superfície do *circus*, durante a mesma campanha de trabalho.

De escavações antigas da “casa dos frescos” provêm 3 exemplares, dos quais apresentamos um deles, o n.º 109 (Mir-991-18-8-1), com 122 mm de diâmetro. O outro fragmento de bordo da mesma escavação tem um diâmetro de 134 mm — n.º Mir-991-18-10(13). O fragmento de carena n.º Mir-991-18-8-3 apresenta um valor mais baixo: 90 mm.

O n.º 63 (Mir-593-5), de pequenas proporções — 76 mm de diâmetro — provém de uma camada de superfície da construção n.º 3. O seu pequeno porte indicia uma cronologia alta, pré-flaviana.

O n.º 57 (Mir-1086-9), com 109 mm de diâmetro e sem canelura interna junto ao bordo — provém de uma camada de materiais rolados da encosta do museu, a Sul da construção n.º 1. As suas características apontam para uma cronologia flaviana. Um outro fragmento de bordo sem canelura, o n.º 302 (Biers, 1988, n.º III.81-790), com 110 mm de diâmetro, provém de uma camada datada de inícios do século II.

A escavação da construção n.º 1 forneceu vários exemplares deste tipo.

Dois deles pertencem ao ambiente exterior norte — um contexto secundário. O n.º 4 (Mir-758-19+22), com 117 mm de diâmetro de bordo com canelura interna provém da UE 458, da fase Ia, datada da segunda metade do século I, ou talvez apenas do terceiro quartel dessa centúria. O n.º 31 (Mir-699-579+580+581+582+583+584+585), com um diâmetro na quebra de perfil de 114 mm, provém da UE 331=400=392=413=343, da fase IIb, datada dos séculos III, IV e V.

O n.º 52 (Mir-609-18), com 75 mm de diâmetro, sem canelura interna e com bordo algo aguçado, pertence à UE 311=245=256=300=368 do ambiente 2 — contexto secundário —, UE datada possivelmente de época baixo-imperial. Este fragmento sud-gálico estará assim depositado num contexto final nada relacionado com o seu tempo normal de utilização.

O n.º 54 (Mir-733-23) pertence à UE 414=297, do ambiente 6 (*tablinum?*), UE datada do século III, ou inícios do IV. O seu contexto de deposição é, pois, largamente posterior ao seu tempo de vida. Tem 130 mm de diâmetro de bordo, sendo este algo aguçado, e uma canelura externa marca a quebra de perfil — este atributo surge mais frequentemente em peças antigas. No espólio de Chãos Salgados, apenas um outro exemplar possui esta canelura — o n.º 282 (Dias, 1976-1977, n.º 87), sem contexto estratigráfico.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição	Pasta	Verniz	Medições	Cronologia
			104 (Mir-21-26+28)	b	bordo perolado e incisão interna	3	2	db: 85 mm; hbc: 23 mm	
			106 (Mir-3-465)	b	bordo perolado e incisão interna	2	3	db: 110 mm	
			105 (Mir-3-496)	b	bordo perolado e incisão interna	3	3	db: 8 mm	
			107 (Mir-399-186)	b	bordo perolado	3	3	db: 110 mm; hbc: 20 mm	
			108 (Mir-991-6-29)	b	canelura interna. Bom acabamento	3	2	db: 81 mm; hbc: 19 mm	
CI	1997-2000	256	52 (Mir-609-18)	b	bordo perolado e canelura interna	3	3	db: 75 mm; hbc: 17 mm	
CI	1997-2000	331	31 (Mir-699-579+580+581+582+583+584+585)	f,c		3	3	dp: 70 mm; hp: 11 mm; dc: 114 mm	

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Cronologia
CI	1997-2000	414	54 (Mir-733-23)	b,bj	bordo de secção sub-triangular	2	3	Db: 130 mm; hbc: 19 mm; dp: 50 mm	
CI	1997-2000	449	Mir-727-32	C		3	3	dc: ?	
CI	1997-2000	458	4 (Mir-758-19+22)	B	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 117 mm	
Encosta do museu	1997-2000	497	57 (Mir-1086-9)	B		3	?	db: 109 mm	
C3	1995-1996	156	63 (Mir-593-5)	B	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 76 mm; hbc: 13 mm	
Casa dos frescos			Mir-991-18-10(13)	B	leve canelura interna	3	2	db: 134 mm	
Casa dos frescos			109 (Mir-991-18-8-1)	B	canelura interna	3	4	db: 122 mm; hbc: 19 mm	
Casa dos frescos			Mir-991-18-8-3	C		3	2	dc: 90 mm	
Casa dos frescos		sup.	Mir-484-82	f	duas caneluras externas no pé-de-anel.	2	5	dp: 42 mm; hp: 10 mm; dc: 74 mm	
Field North of Circus	luso- -americana	sup.	298 (Biers, 1988, n.º I.21-833-)	B					
M=175, 452 W; P=1,564 S		sup.	Mir-484-118	C		3	4	dc: 92 mm	
Termas este	luso- -americana	room 12, locus 003	302 (Biers, 1988, n.º III.81-790-)	b	perfil muito esguio; ausência de canelura interna abaixo do bordo			db: 110 mm	at least early 2nd c.

1.1.2.5. *Drag. 33*

Derivada da forma itálica Loeschcke 10, a *Drag. 33* começa a ser produzida nas oficinas sudgálicas na época cláudia, surgindo em sítios como Hofheim, nos níveis pré-flavianos de Wiesbaden; torna-se numerosa no período antonino, a ver pelos dados de Newstead e Niederbiber (Oswald e Pryce, 1920, p. 189). Já antes de Oswald e Pryce, Ritterling havia afirmado uma cronologia pré-flaviana para o início da produção desta forma (1912, p. 209). Mais recentemente, Polak afirma que a cronologia inicial deste tipo é idêntica à das oficinas de La Graufesenque, recuando a datação cerca de meio século, baseando a sua proposta nas marcas de oleiro encontradas em Vechten (Polak, 2000, p. 119).

Ritterling (1912, p. 209) descreve a sua forma n.º 10 de Hofheim como uma tigela de parede lisa, cujo lábio é ladeado interna e externamente por caneluras.

Segundo Polak, os exemplares pré-flavianos têm geralmente a parede levemente convexa, embora esta característica se mantenha em períodos mais recentes, quando a parede surge mais frequentemente recta (Polak, 2000, p. 119; Oswald e Pryce, 1920, p. 189).

A junção entre o fundo e a parede é marcada por um ressalto interno, ou, por vezes, uma canelura externa (Oswald e Pryce, 1920, p. 189). O ressalto interno é substituído por caneluras internas, na época flávia (Polak, 2000, p. 121).

O pé-de-anel torna-se mais baixo ao longo do tempo e o ângulo formado por ele e pela parede amplia-se igualmente (Polak, 2000, p. 189). Esta última característica está directamente

relacionada com a evolução do diâmetro e da altura das peças. Já Ritterling havia notado diferenças de tamanho entre as peças mais antigas e as mais recentes, sendo as primeiras maiores em diâmetro de bordo e altura. Polak propõe a denominação de Drag. 33a e 33b para as formas mais antigas e recentes, respectivamente, embora não esclareça com rigor qual a divisória morfológica dos dois sub-tipos. Adianta, embora com cautela, que o subtipo Drag. 33b possa começar na época flaviana (Polak, 2000, p. 121).

Passelac e Vernhet (1993, p. 574) datam a Drag. 33 entre 20 e 160 d.C., sub-dividindo a forma em 3 sub-tipos sucedâneos. As variantes mais largas e mais antigas denominam-se Drag. 33a1 (com parede mais fina e ligeiramente convexa, de cronologia mais alta, entre 20 e 60 d.C.), a2 e Drag. 33b (estas duas, bem como a Drag. 33c de paredes mais espessas e convexas); a variante mais alta denomina-se Drag. 33c. Contudo, a principal discrepância entre esta proposta e a de Polak reside na cronologia: as Drag. 33a2 e Drag. 33b começam em 60 d.C. e atingem os anos de 120 d.C. e a forma mais alta, Drag. 33c, começa apenas em 100 d.C.

Nos níveis neronianos das escavações do porto de Narbonne (Fiches; Guy e Poncin, 1978, fig. 3) surgem exemplares mais largos, com parede espessa e convexa, condizendo com a estampa da forma Drag. 33a2 de Passelac e Vernhet. A inexistência de exs. de Drag. 33 no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989) impede-nos, contudo, de equacionar com mais fundamento a existência de uma etapa intermédia entre os dois grandes sub-tipos.

Os diâmetros dos 46 bordos existentes em Vechten distribuem-se por cinco grupos de tamanhos: 80, 100, 130, 170 e 200 mm; a maioria dos exemplares enquadra-se em valores de 130-170 mm (Polak, 2000, p. 103).

Em Neuss, os 44 exemplares de bordo possuem diâmetros balizados entre 110 e 140 mm (Tyers, 1993, p. 135).

Os dois fragmentos de bordo de USK possuem diâmetros de 130 e 150 mm (Tyers, 1993, p. 135).

Nos 13 exemplares de Chãos Salgados que puderam ser examinados directamente por nós, 8 possuem pasta 2, 4 possuem pasta 3 e 1 a pasta 1. O verniz 2 surge 4 vezes e o verniz 3, 9 vezes. Tal denota uma produção de qualidade mediana. Uma das peças teve problemas de cozedura e a sua pasta está enegrecida.

Os diâmetros de bordo são largos (130, 141, 149, 160, 183 mm), excepto em três casos (87, 94, 100 mm), o que indica uma certa primazia de materiais pré-flavianos (variante larga, Drag. 33a).

O fragmento de fundo n.º 100 (Mir-125-391) é o único diâmetro de pé conhecido, com 73 mm, tendo uma altura de pé-de-anel de 9 mm. O fundo dessa peça possui canelura interna e é praticamente horizontal, como parecem ser os três fragmentos de fundo lisos n.ºs 292, 293 e 186 (inventariados por Luísa Ferrer-Dias, 1976-1977, n.ºs 103, 104, 123). O primeiro destes três exemplares possui canelura externa, na ligação do fundo e da parede, e o último possui marca de oleiro.

As paredes dos exemplares conhecidos de Chãos Salgados são sempre rectas. Apresentam geralmente caneluras finas externas cujas posições na parede podem ser próximas do bordo ou a meia-altura. O bordo possui sempre canelura interna, como no n.º 98 (Mir-3-201). O n.º 99 (Mir-125-2486+3306) é o único fragmento de bordo liso conhecido.

O único exemplar com estratigrafia registada provém de um nível de inícios do século II, nas termas este, exumado nas campanhas luso-americanas (n.º 303: Biers, 1988, III.82-785-) e o seu diâmetro pequeno — 100 mm — condiz com uma cronologia a partir da época flaviana.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cron./ Observ.
		292 (Dias, 1976- -1977, n.º 103)	f,bj	Canelura externa na união parede/fundo					
		186 (Dias, 1976- 1977, n.º 123)	f					IVNI	
		99 (Mir-125-2486 +3306)	b	bordo liso	2	2	db: 141 mm		
		100 (Mir-125-391)	f	duas caneluras no fundo interno	2	2	dp: 91 mm		problemas de excesso de cozedura
		98 (Mir-3-201)	b	incisão interna e externa ao bordo liso	2	3	db: 130 mm		
termas este Campanha lusó- -americana	room 12, locus 003	303 (Biers, 1988, n.º III.82-785-)	b				db: 100 mm		at least early 2nd c.

1.1.2.6. Tigelas Indetermináveis (Drag. 24/25 ou 27?)

Um conjunto de 48 fundos e/ou bojos indetermináveis fazem parte de tigelas cujas classificações mais prováveis serão as de Drag. 24/25 e Drag.27.

Deste conjunto, 23 exemplares possuem pasta 2, 21 exemplares possuem pasta 3 e 3 exemplares são de pasta 1; o verniz 3 surge 30 vezes, o verniz 2 surge 7 vezes, o verniz 4 em 8 exemplares, e o verniz 1 em 2 exemplares.

Nas análises metrológicas e morfológicas decidimos acrescentar os dados conhecidos para as Drag. 24/25 e 27, tratados atrás.

Os valores dos diâmetros de pé-de-anel variam entre 29 e 86 mm, tendo como ponto médio 55 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
29 mm	1
30-39 mm	6
40-49 mm	16
50-59 mm	10
60-69 mm	6
70-79 mm	3
80-86 mm	1

As alturas de pé variam entre 6 e 13 mm, tendo como ponto médio 9 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
6 mm	6
7 mm	1
8 mm	5
9 mm	10
10 mm	7
11 mm	3
12 mm	4
13 mm	3

Os diâmetros concentram-se sobretudo entre valores de 40 e 60mm; as alturas de pé centram-se em valores de 8 a 10 mm.

Dezasseis exemplares possuem canelura exterior no pé-de-anel, o que lhes confere uma cronologia essencialmente pré-flaviana.

Em 7 fragmentos de fundo verifica-se uma canelura interna, como é o caso do n.º 112 (Mir-25-2).

Nove exemplares possuem marca de oleiro. Os seus diâmetros variam entre 38 e 56 mm, pelo que seriam de peças pequenas ou médias.

Apenas 4 exemplares possuem contexto estratigráfico. Os n.ºs 64 (Mir-383-7) e 201 (Mir-531-187) — este último com marca e grafito — provém de UEs superficiais da área circundante à construção n.º 3.

O n.º Mir-727-38 pertence à UE 449 — ambiente 1 da construção n.º 1 —, datada de meados do século I ao primeiro quartel do século II.

O n.º Mir-860-41 pertence a uma UE com materiais rolados da encosta onde se situam as construções 1 e 2.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/ Grafito
			216 (Dias, 1976-1977, n.º 127)	bj					Grafito: ONI [?] No fundo exterior
			198 (Mir-125-2485)	f		3	3	dp: 48 mm; hp: 12 mm	PASSENI MA
			175 (Mir-125-898)	f		2	4	dp: 41 mm; hp: 9 mm	---
			213 (Mir-138-19)	f		3	3	dp: 48 mm; hp: 6 mm	VITALIS
			110 (Mir-164-1-27-)	f		3	1	dp: 72 mm; hp: 8 mm	
			177 (Mir-164-2-465-)	f		2	3	dp: 44 mm; hp: 6 mm	"nebulosa irreductível"
			176 (Mir-200-59)	f		3	3	dp: 51 mm; hp: 6 mm]F
			178 (Mir-2-40)	f	Canelura externa a meia altura do pé-de-anel	3	3	dp: 38 mm; hp: 12 mm]M

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			112 (Mir-25-2)	f	Canelura no fundo interno e a meia altura do pé	1	2	dp: 56 mm; hp: 13 mm	
			180 (Mir-25-7)	f		2	3	dp: 56 mm; hp: 10 mm	IV[
			111 (Mir-36-1)	f		2	1	dp: 29 mm; hp: 6 mm	
			174 (Mir-4-23)	f	Canelura externa a meia-altura do pé-de-anel	2	3	dp: 54 mm; hp: 10 mm]V
			113 (Mir-5-6)	f		3	4	dp: 41 mm; hp: 9 mm	
			114 (Mir-8-19)	f	Canelura a meia altura do pé	3	4	dp: 40 mm; hp: 9 mm	
área circundante a C3	1995-1996	53	64 (Mir-383-7)	f	Canelura no fundo interno	3	4	hp: 12 mm; dp: 56 mm	
área circundante a C3	1995-1996	112	201 (Mir-531-187)	F		3	3	dp: 42 mm; hp: 9 mm]MA / Grafito: "XI" no fundo interno
CI	1997-2000	449	Mir-727-38	F		3	4	dp: ?	
Encosta do museu	1997-2000	490	Mir-860-41	F		2	3	hp: 11 mm; dp: 46 mm	

1.1.3. Taças

1.1.3.1. Drag. 35

Esta taça possui a mesma cronologia que o prato Drag. 36 (= forma 2 do serviço A), tratada anteriormente. Vernhet classificou-a como a peça 1 do serviço A (Vernhet, 1976). Oswald e Pryce (1920, p. 192) consideram-na mais frequente do que a Drag. 36, em época flaviana.

Vernhet baliza os diâmetros de bordo dos exemplares desta forma entre os valores de 70 e 140 mm (Vernhet, 1976).

No naufrágio de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) definiram-se dois grupos de tamanhos:

- com um NMI de 24, peças com 82-92 mm de diâmetro de bordo, 35-42 mm de diâmetro de pé, e 32 mm de altura;
- com um NMI de 10, peças com 115-125 mm de diâmetro de bordo, 50 mm de diâmetro de pé, e 40-50 mm de altura.

Os diâmetros de bordo dos exemplares de Chãos Salgados variam entre 82 e 149 mm, havendo um valor de 170 mm que não é seguro (Dias, 1976-1977, n.º 102).

Neste exemplar, a decoração surge não apenas sobre o bordo, mas também sobre a superfície externa do bojo.

Em Cala Culip IV foram determinados vários estilos decorativos, relacionados com o número de folhas e de lágrimas e com o posicionamento das primeiras, tal como já havia sido feito no estudo da forma Drag. 36 (Nieto Prieto et al., 1989, p. 134 e 140).

Nos exs. de Chãos Salgados passíveis deste tipo de observação, a decoração em folhas de água dispõe-se da esquerda para a direita.

Tal como com a Drag. 36, também esta forma pode ter exemplares não decorados a barbotina. Nos dejectos de um forno de La Graufesenque existe pelo menos um exemplar liso, datado de Trajano/Adriano (Vernhet, 1981, fig. 11).

Em 3 exemplares a qualidade de fabrico é mediana: pasta 3 e verniz 3; noutros dois, a qualidade é um pouco superior — verniz 3, mas pasta 2 —, como acontece com o n.º 115 (Mir-26-6).

Um exemplar tem registo estratigráfico e provém de uma camada datada de inícios do século II, nas termas este, durante as campanhas luso-americanas: n.º 304 (Biers, 1988, n.º III.83-805).

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração	Cronologia
Termas este/ Campanha luso- -americana	room 12, locus 003	304 (Biers 1988, n.º III. 83-805)	b				folha de água a barbotina	at least early 2nd c.
		291 (Dias, 1976- -1977, n.º 102)	b,bj			db: 170 mm?	folhas de água a barbotina sobre o bordo e motivos fitomórficos a barbotina sobre o bojo.	
		115 (Mir-26-6)	b	2	2	db: 149 mm	folhas de água a barbotina	

1.1.4. Marmoreadas

O verniz marmoreado está datado, em La Graufesenque, entre os anos de 40 e 70 d.C. (Vernhet, 1976, p. 15).

As dez peças de Chãos Salgados apresentam uma qualidade de fabrico algo fraca: 7 exemplares de pasta 3.

O bordo da Drag. 18, n.º 125 (Mir-991-18-11), com 196 mm de diâmetro, integra-se no período intermédio (neroniano?), proposto para a “tendência evolutiva” dos diâmetros de bordo da Drag. 18.

Os dois fundos de prato, possivelmente de Drag. 18, já que é a única forma de prato representada, possuem valores de diâmetro de pé de 75 e 90 mm, os quais pertencem a escalões bem representados — cerca de 25 exemplares — no espólio de pratos indefinidos.

Os três bordos de Drag. 24/25, com 110, 112 e 120 mm de diâmetro de bordo, integram-se igualmente nos escalões mais representados desta forma, com cerca de 10 exemplares no total (ver *supra*).

O n.º 119 (Mir-484-82), com 74 mm de diâmetro na quebra de perfil do bojo, permite extrapolar um diâmetro de bordo inferior a 90 mm, o que condiz com as propostas de datação pré-flaviana para a Drag. 27.

Estes exemplares, ainda que poucos e sem contexto estratigráfico, possuem, então, uma característica em comum — a de pertencerem a escalões métricos medianos nas balizas do espólio, sendo que dois deles — no caso das Drag. 18 e 27 — foram até objecto de uma proposta mais segura de datação neroniana ou pré-flaviana. Não será lícito extrapolar, em absoluto, esta hipótese, para confirmar a “tendência evolutiva” da Drag. 24/25 proposta por Passelac e Vernhet, 1993), mas pretendemos deixar em aberto essa hipótese de trabalho, o que indicaria um cume de importações destas três formas numa época grosso-modo coincidente com os finais do período júlio-cláudio.

Em dois exemplares foi possível aceder à informação da sua proveniência: os n.ºs 125 (Mir-991-18-11) e 119 (Mir-484-82) pertenciam à “casa dos frescos”.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição morfológica	Pasta	Verniz	Medições
		123 (Mir-7-26)	D18	c		3	5	dc: 78 mm
		117 (Mir-200-60+105-196)	D24/25	b	Incisão interna imediatamente abaixo do bordo. Roleta.	2	5	db: 110 mm; hbc: 19 mm
		122 (Mir-23-180(9024))	D24/25	b	Canelura externa imediatamente abaixo do bordo.	3	5	db: 112 mm; hbc: 17 mm
		116 (Mir-3-187)	D24/25	b	caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta.	2	5	db: 120 mm; hbc: 17 mm
		121 (Mir-208-53)	D24/25 ou 27	bj		3	5	dc: 81 mm; dp: 43 mm
		124 (Mir-62-13)	D27	c		3	5	dc: 97 mm?
		120 (Mir-7-109)	P	f		3	5	dp: 75 mm; hp: 6 mm
Casa dos frescos		125 (Mir-991-18-11)	D18	b		3	5	db: 196 mm
Casa dos frescos	superfície	119 (Mir-484-82)	D27	f	duas caneluras externas no pé-de-anel.	2	5	dp: 42 mm; hp: 10 mm; dc: 74 mm
zona do touro "casa dos estuques"		118 (Mir-59-1[380-69])	P	f		3	5	dp: 90 mm; hp: 10 mm

1.2. Formas decoradas

1.2.1. Cálice

1.2.1.1. Drag. 11

Esta forma é considerada taça ou cálice, segundo Oswald e Pryce (1920, p. 65), ou apenas cálice, segundo Passelac e Vernhet (1993, p. 570).

É um vaso hemisférico, esvasado na sua parte superior, com bordo moldurado, de pedestal.

O único exemplar de Chãos Salgados — sem contexto — corresponde ao tipo Drag. 11A de Oswald e Pryce (1920, p. 65), considerado uma cópia de oleiros gálicos, a partir da forma homóloga da península itálica.

A sua cronologia centra-se no período tardo-augustano e júlio-cláudio, embora seja sempre produzida em quantidades baixas (Fiches, 1977, p. 133).

Nos níveis cláudios de Hofheim existem apenas 4 ou 5 exemplares (Ritterling, 1912, p. 212). Nos níveis flavianos deste último sítio, bem como em Rottweil e Newstead não existe qualquer exemplar (Oswald e Pryce, 1920, p. 65).

Mais recentemente, Passelac e Vernhet (1993, p. 570-1), estabeleceram 5 subtipos, denominados Drag. 11A-E., cujas cronologias se balizam entre 10 e 80 d.C. O tipo Drag. 11A — equivalente ao tipo A de Oswald e Pryce — está datado entre 10 e 80 d.C.

O exemplar de Chãos Salgados é passível, assim, de ter uma datação mais baixa do que o suposto geralmente para este tipo de peças sudgálicas, tidas a maior parte das vezes como ela-

boradas em épocas altas da vida das oficinas sudgálicas, embora a pequenez do fragmento de bojo, com finas caneluras, impeça qualquer outra apreciação sobre o seu estilo, nomeadamente quanto à sua decoração, já que não restou qualquer troço do campo ornado da peça.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia
220 (Dias, 1976-1977, n.º 22)	bj

1.2.2. Taças

1.2.2.1. Drag. 29

Segundo Ritterling (1912) e Oswald/Pryce (1920), a Drag. 29 descende de cálices augustanos itálicos, de entre os quais alguns elementos metálicos poderão ter servido de protótipo para a forma gálica.

Alguns estudos demonstraram, entretanto, que a forma clássica sudgálica foi precedida de uma etapa prévia, durante a qual se estabeleceu a base do que viria a ser a Drag. 29 propriamente dita. Esta etapa prévia foi até ao momento atestada nas oficinas sudgálicas de La Graufesenque e Aspiran, entre 10 e 25/30 d.C. (Fiches, 1978, p. 43), ou, segundo Polak (2000, p. 124), até 20 d.C. Estes vasos não eram elaborados segundo a técnica normal da *terra sigillata*, parecendo pertencer à fase que podemos chamar de “imitação de *sigillata*” ou “*pré-sigillata*”, nomeadamente de La Graufesenque (Polak, 2000, p. 124; Fiches, 1978, p. 43). Nesta fase prévia, os exemplares de Drag. 29 possuem bordo de uma só moldura (Fiches, 1978, p. 43), ou de duas muito finas, roletadas (Fiches, 1978, fig. 1), o pé só raramente possui canelura na base e, como aspecto mais importante, a decoração é efectuada por estampa (Polak, 2000, p. 124; Fiches, 1978, p. 43).

Não é muito fácil perceber qual a data de transição desta fase prévia para a fase clássica da forma. A Drag. 29 terá começado a ser fabricada por volta de 10 d.C., segundo Passelac e Vernhet (1993, p. 573), embora estes autores não se refiram a qualquer etapa prévia. É uma forma essencialmente júlio-cláudia, com dados de comercialização seguros até aos inícios da era flaviana, quando as suas percentagens descem fortemente nos sítios de consumo. Passelac e Vernhet (1993, p. 573) situam o fim da produção em 90 d.C.; Polak (2000, p. 124) defende um término em 85/90 d.C., já que vários fragmentos desta forma surgem em sítios com níveis do último quartel do século I d.C., como Inchtutil, Bad Cannstatt, Saalburg e Watercrook, ou Rottweil (Knorr, 1912). Por outro lado, as decorações metopadas, ou com frisos contendo animais em corrida, ou ainda caracterizando animais livres no campo — esta última percussora do “estilo livre” do oleiro *Germanus* — são indicadores estilísticos de uma continuidade produtiva no último quartel do século I d.C., embora surjam em finais da época júlio-cláudia de forma esporádica (Oswald e Pryce, 1920, p. 74-5). Além do mais, Banassac e Martres-de-Veyres também produziram este tipo.

O decréscimo da sua exportação na época flávia é tido geralmente como seguro a partir de dados quantitativos de sítios de consumo: é o caso da “caixa de Pompeia”, datada de finais da década de 70 do século I d.C., na qual se encontraram 36 exemplares de Drag. 29 e 54 exemplares de Drag. 37, considerada a sua sucessora (Atkinson, 1914, p. 28). Contudo, no naufrágio de Cala Culip IV, vespasiano, as quantidades de Drag. 29 e 37 ainda se equivalem — 361 e 368 exemplares, respectivamente — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 165).

Desde Ritterling (1912), Oswald/Pryce (1920) e Hermet (1934), os vários autores são unânimes em aceitar uma divisão morfológica em Drag. 29a e Drag. 29b, enquanto formas sucedâneas no tempo. A década de 40 deve marcar a transição formal em questão (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573; Polak, 2000, p. 127). A primeira forma é mais hemisférica do que a segunda, com bordo

mais vertical, geralmente de apenas uma moldura roletada de pouca altura, ou de duas molduras iguais roletadas; o pé-de-anel, geralmente baixo, possui canelura na base e une-se ao fundo produzindo um ressalto (Polak, 2000, p. 127; Oswald e Pryce, 1920, p. 67). O campo decorativo é composto por dois frisos separados por uma faixa igualmente roletada (Polak, 2000, p. 128). Esta forma está fracamente representada em sítios cláudios como Hofheim (Ritterling, 1912, p. 216).

A forma Drag.29b é claramente maioritária já em sítios cláudios como Hofheim (Ritterling, 1912, p. 216). A forma não é hemisférica, mas carenada; o seu bordo é mais extrovertido perdendo a verticalidade da fase anterior e possuindo apenas uma moldura, roletada; o pé-de-anel aumenta um pouco de altura e torna-se igualmente mais espesso, podendo até já não possuir canelura na base; a dupla canelura do fundo interno, típica da Drag. 29a, passa a uma única canelura (Polak, 2000, p. 128). Os dois campos decorativos são divididos por uma moldura, que por vezes possui duas linhas de pérolas, como em Cala Culip IV. Neste naufrágio a maioria dos bordos possuem não uma, mas duas molduras roletadas (Nieto Prieto et al., 1989, p. 166). Em vários exemplares da Drag. 29b surgem três campos decorativos. É o caso de algumas peças da colecção cláudia de Hofheim (Ritterling, 1912, p. 217). Esta particularidade é mais numerosa na época flaviana, segundo os dados de Rottweil, Pompeia e Newstead (Oswald e Pryce, 1920, p. 68).

O estudo recente de Polak sobre o sítio de Vechten lança hipóteses quanto a conjuntos de diâmetros de bordo. O autor define 5 grupos, embora afirme que eles se sobrepõem parcialmente e que podem não reflectir uma evolução cronológica. Esses grupos são:

- A: cerca de 140 mm;
- B: cerca de 170 mm;
- C: cerca de 190 mm;
- D-E: cerca de 220-250 mm;
- F: cerca de 285 mm

Refere que na época pré-flaviana as *rationes* entre os grupos são constantes, com uma liderança do grupo E, e que na época neroniana o grupo C, de diâmetros mais pequenos, torna-se dominante. Poderíamos então perspectivar uma evolução dos tamanhos dos diâmetros em modo decrescente (Polak, 2000, p. 126-8 e fig. 6.74).

O naufrágio vespasiano de Cala Culip IV apresenta uma extrema diversidade de diâmetros, o que torna a proposta de Polak, já de si algo tímida, ainda menos fiável. Neste contexto, os diâmetros variam entre valores de 157 mm — por 70 mm de altura — e 262 mm — por 106 mm de altura — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 167).

Hermet (1934) estabeleceu 4 fases de evolução estilística das decorações das peças de *terra sigillata* de La Graufesenque: período primitivo (20-40 d.C.), período de esplendor (40-70 d.C.), período de transição (70-85 d.C.) e período de decadência (80-120 d.C.). Mais recentemente, Passelac e Vernhet (1993, p. 569) estabeleceram 6 fases estilísticas: período de ensaio (entre 10 e 20 d.C.; com justaposição de pequenos motivos geométricos ou florais), período primitivo (20-40 d.C., com motivos essencialmente vegetais, cuidadosos e sóbrios; período de esplendor (40-60 d.C.; com decoração vegetal cuidada, motivos mitológicos, cenas de circo ou de caça, alternância de métopas, cruces de Santo André e medalhões); período de transição (60-80 d.C.; decoração pesada, preponderância da simetria, sobreposição de zonas vegetais, métopas divididas, preenchimento barroco); período de decadência (80-120 d.C.; com decoração compartimentada em métopas rectangulares, personagens, cenas eróticas); período tardio (120-150 d.C.; decoração sem ordem nem simetria, novo predomínio de motivos geométricos simples).

Em Chãos Salgados, apenas foram determinados dois diâmetros de bordo com valores de 149 e 141 mm, desconhecendo-se o corpo decorativo da peça.

Este conjunto foi fabricado em pasta 3 (2 exemplares) e pasta 2 (2 exemplares); em verniz 3 (3 exemplares) e verniz 2 (1 exemplar).

O n.º 2 (Mir-759-6) é um fragmento de bojo com troço de decoração com o motivo de “Nautilus”, típico nos frisos inferiores das formas mais antigas da Drag. 29, embora ainda possa existir em época neroniana, através de oleiros como *Vitalis* (Oswald e Pryce, 1920, p. 72; Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193). Este fragmento provém de uma unidade de base do ambiente exterior norte da construção n.º 1 do nosso estudo, cuja fase Ia está datada da segunda metade do século I d.C. Este fragmento constitui o indicador cronológico mais antigo para este ambiente.

O n.º 127 (Mir-8-10), frag. de carena com 129 mm é decorado com um possível troço de Cruz de Santo André, realizada por cordão de óculos e roseta. Os cordões de óculos são característicos da primeira metade do século I d.C. (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193).

O n.º 126 (Mir-79-3), com 141 mm de diâmetro, é de difícil classificação. A sua moldura pouco desenvolvida, embora roletada, pode ser o quarto de círculo superior de uma Drag. 27; mas o ressalto interno tão marcado levou-nos a considerá-lo como um fragmento de Drag. 29 de fabrico descuidado.

Quanto aos materiais já publicados por Dias, a sua coerência estilística é apenas quebrada por um fragmento de bordo, n.º 221 (Dias, 1976-1977, n.º 23), com uma moldura fina roletada e uma segunda lisa, o qual poderá pertencer à fase prévia da produção de Drag. 29, referida acima. A confirmar-se esta hipótese, este exemplar seria uma das primeiras importações de *terra sigillata* sudgálica neste sítio. Refira-se, contudo, que Dias descreve a pasta e o verniz de forma semelhante aos dos restantes exemplares do espólio: “pasta rosa vivo; engobe vermelho-rosado, medianamente brilhante”.

Os restantes fragmentos de bojo decorados integram-se na fase de esplendor, cláudio-neroniana, determinada por Hermet (1934, p. 182).

Os ornatos de folhagem, como os n.ºs 222 e 223 (Dias, 1976-1977, n.ºs 24 e 25), são extremamente frequentes nas Drag. 29 de La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 76). Ornatos semelhantes ao do n.º 223 (n.º 25 de Dias, 1976-1977) surgem nos níveis neronianos de La Nautique, onde são abundantes (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 7, n.º 13). São comuns na primeira metade do século I d.C., embora atinjam a época flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 73; Nieto Prieto et al. 1989). Podem conjugar-se com motivos animais que preenchem as concavidades inferiores dos ornatos, como acontece no n.º 222 (n.º 24 de Ferrer-Dias, 1976-1977). Esta decoração é normal no friso inferior, surgindo em peças da primeira metade do século I d.C. (Oswald e Pryce, 1920, p. 70.) e neronianas, como La Nautique e o depósito Cluzel 15 de La Graufesenque (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193; Fiches, 1978, p. 49), mas tornando-se mais frequentes na era flaviana.

Os triângulos e imbricações, como n.º 225 (n.º 27 de Ferrer-Dias, 1976-1977) possuem uma cronologia semelhante (Johns, 1993).

Os festões, duplos como no n.º 227 (n.º 29 de Dias, 1976-1977), são abundantes na Drag. 29 de La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 82). Surgem frequentemente em peças neronianas ou de inícios dos flávios (Johns, 1993, fig. 95, n.º 89; Nieto Prieto et al., 1989).

A Cruz de Santo André — n.ºs 224 e 226 (n.ºs 26 e 28 de Dias, 1976-1977) — é frequente na Drag. 29 (Hermet, 1934, p. 105). Surge em peças tibério-cláudias (Knorr, 1952). Nos níveis neronianos de La Nautique são um motivo bem representado, alternando com arcaturas e festões, composições arbóreas e medalhões (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193), como acontece no n.º 224, onde surgem dois troços de medalhões, sendo perceptível um sátiro. Esta alternância de cruces de Santo André com medalhões é frequente na Drag. 29 (Hermet, 1934, p. 126). A decoração figurativa, nomeadamente com temas mitológicos, pode indiciar uma cronologia mais baixa, flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 77), embora seja igualmente característico do período de esplendor (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570).

Os dois fragmentos são compostos por cordões ondulantes, considerados sucedâneos aos cordões de óculos, tendo o ano 50 d.C. como ponto de transição (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193), pelo que serão dos inícios da segunda metade do séc I d.C.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
		221 (Dias, 1976- -1977, n.º 23)	D29	b				
		222 (Dias, 1976- -1977, n.º 24)	D29	bj				"friso limitado inferior e superiormente por uma linha de pérolas e composto por uma grinalda espiralada; recesso inferior ocupado por um coelho sentado à esquerda[...], recesso superior ocupado pela espiral e por uma roseta de seis pétalas."
		223 (Dias, 1976- -1977, n.º 25)	D29	bj				"Grinalda de tipo reflectido-decorrente; recesso superior preenchido por uma folha grande, muito recortada[...]; astragalo duplo, trifoliado."
		224 (Dias, 1976- -1977, n.º 26)	D29	bj				"Cruzes de Santo André alternando com figuras humanas dentro de uma moldura circular formada por três círculos concêntricos." A figura humana do círculo da esquerda poderá ser um Sátiro. Friso encimado por fiada de pérolas. "Figura alada dentro de motivo
		225 (Dias, 1976- -1977, n.º 27)	D29	c				"Dois frisos da zona inferior, separados por fina moldura. O primeiro friso era constituído por triângulos imbricados limitados lateralmente por linhas onduladas paralelas; do segundo resta a cabeça de um leão."
		226 (Dias, 1976- -1977, n.º 28)	D29	bj				"Decoração metopada formada por Cruzes de Santo André enquadradas por um motivo trifoliado entre dois cordões ondulados." Métopa definida por grinaldas trifoliadas. "Palmas"; grinaldas verticais a separar as métopas.
		227 (Dias, 1976- -1977, n.º 29)	D29	bj				"Friso inferior composto por um festão voluteado formado por uma linha bifida rematada por uma roseta de nove pétalas; do «jugum» cai um pendente terminado em ponta de seta."
		Mir-23-21(?)	D29	bj	3	3		Fiada de óculos intercalados com pés de flor na parte superior do friso. Abaixo, parte de um medalhão cuja figura é irreconhecível. À esquerda, talvez um troço de um ramo.
		126 (Mir-79-3)	D29	b	2	2	db: 141 mm	roletada
		127 (Mir-8-10)	D29	c			dc: 129 mm	canto de uma cruz de Santo André (?) com roseta. Um colar de óculos define inferiormente o friso.
Cr / 1997- -2000	469	2 (Mir-759-6)	D29	bj	3	3	dbj: 189 mm	troço de motivo de "Nautilus"

1.2.2.2. *Drag. 30*

A *Drag. 30* não sofreu uma evolução morfológica tão forte quanto a *Drag. 29*; no entanto, Ritterling (1912) — a partir dos exemplares do acampamento de Hofheim, Oswald e Pryce (1920) e, mais recentemente, autores como Passelac e Vernhet (1993) aceitam a separação entre dois subtipos, sucedâneos no tempo: *Drag. 30a* e *Drag. 30b*.

Passelac e Vernhet (1993, p. 573-4) datam a *Drag. 30a* entre 10 e 40 d.C. e descrevem este tipo como uma taça cilíndrica, de bordo moldurado roletado, com parede vertical que se une ao fundo côncavo produzindo uma carena. Os mesmos autores datam a *Drag. 30b* entre 40 e 110 d.C. e apontam como alterações em relação ao subtipo antecedente, o facto de a moldura do bordo se desenvolver em altura e não ser roletada. Adiantam ainda que os exemplares mais tardios podem ser ligeiramente esvasados.

Este esvasamento já havia sido assinalado por Oswald e Pryce (1920, p. 86 e 93), que o datavam a partir da época flaviana, segundo exemplares de Newstead e Rottweil. Ressalvam que, no entanto, o bordo vertical coexiste com as peças mais esvasadas, nestas épocas mais baixas. Indicam igualmente alguns aspectos morfológicos que podem ser tidos em consideração na datação dos espólios: o crescimento do troço plano entre a moldura e o campo decorativo, a partir da época cláudia; a existência de caneluras no pé-de-anel em épocas mais antigas, atributo que se torna mais raro nas peças recentes. Apesar de indicarem diferenças entre peças mais antigas e recentes, não distinguem sub-tipos, nem apontam uma clara cronologia de transição. Estes autores apenas sublinham que a *Drag. 30* foi realizada sobretudo por oleiros cláudio-neronianos, sendo menos usual em época flávia. Na "caixa de Pompeia", datada dos anos 70 do século I d.C., não existe nenhum exemplar (Atkinson, 1914)

Ritterling — autor que também apresenta uma única nomenclatura de *Drag. 30* = Ritt. 18 — classifica a maioria dos 50 exemplares de Hofheim como sendo de época cláudia e refere que os valores das alturas aumentam nas poucas peças flavianas, fenómeno este acompanhado por uma diminuição dos valores dos diâmetros; proposta que é aceite por Oswald e Pryce (Ritterling, 1912, p. 225; Oswald e Pryce, 1920, p. 86).

Na tabela tipológica apresentada por Vernhet, em 1986 (Vernhet, 1986b, p. 97), ainda não se distingue igualmente *Drag. 30a* e *Drag. 30b*, adoptando-se uma nomenclatura única de *Drag. 30*.

Em Chãos Salgados, mais nitidamente do que no espólio de *Drag. 29*, é visível uma melhor qualidade de fabrico nas produções decoradas, embora ainda sejam importantes os quantitativos de vernizes e pastas de tipo 3. Assim, determinámos as seguintes frequências de tipos de pastas e vernizes: pasta 1 (1 exemplar), pasta 2 (15 exemplares), pasta 3 (16 exemplares); verniz 1 (2 exemplares), verniz 2 (9 exemplares) e verniz 3 (21 exemplares).

Os diâmetros variam entre 91 e 164 mm, tendo como ponto médio o valor de 124 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
6 mm	6
91-99 mm	1
100-109 mm	2
110-119 mm	3
120-129 mm	6
130-139 mm	4
140-149 mm	3
150-159 mm	1
160-164 mm	2

Raramente existem dois frisos no campo decorativo da Drag. 30. Conhecem-se alguns exemplares em La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 117) Hofheim e Aislingen (Oswald e Pryce, 1920, p. 90). Os fragmentos de Chãos Salgados são demasiado pequenos para se perceber a existência de dois frisos.

Os fragmentos de bordo conhecidos são todos verticais e a moldura é lisa, o que poderá conferir-lhes uma cronologia entre 40 e 110 d.C., de acordo com as propostas acima referidas para a Drag. 30b.

Apenas uma grinalda foi detectada, no n.º 136 (Mir-191-2), e seria ladeada de ambos os lados por cordão de óculos. A raridade deste motivo no espólio estudado é coerente com outras informações, como as fornecidas por Hermet sobre La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 117).

Os topos de friso conhecidos possuem sempre uma linha de óculos, motivo largamente maioritário nesta zona do friso decorado das Drag.30, nomeadamente em La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 117).

Em 3 fragmentos surge a Cruz de Santo André. Em dois deles, n.ºs 131 (Mir-124-12) e 138 (Mir-143-9-t.29.III-), não é possível saber quais os motivos com os quais alternavam ao longo do friso. Segundo Hermet (1934, p. 126) e Oswald/Pryce (1920, p. 91), este motivo alterna frequentemente com medalhões e arcadas, plantas e animais figurados. No caso do n.º 236 (n.º 38 de Dias, 1976-1977), este motivo conjuga-se com uma métopa rectangular preenchida por folhas imbricadas e uma outra com figura masculina nua, parcialmente conservada. Se os dois primeiros exemplares podem ser considerados júlio-cláudios, em peças de Drag. 30 e 29 (Knorr, 1952, est. III; Oswald e Pryce, 1920, p. 91; Johns, 1993, fig. 91), já o terceiro fragmento pode ter uma datação mais recente, graças à maior divisão do campo decorativo, com uma métopa de folhas imbricadas, e à presença de uma figura humana, elementos que surgem com mais frequência nas épocas de transição ou decadência (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570), embora sejam conhecidos em peças cláudio-neronianas, como em *Margidunum* (Oswald et al., 1948, est. I).

As arcadas são frequentes na Drag. 30 (Hermet, 1934, p. 126) e podem surgir alternando com outros motivos, o que acontece com o n.º 234 (n.º 36 de Dias, 1976-1977) e talvez também com o n.º 141 (Mir-2001-019-27-CENAC 63-). Em ambos os casos o arco contém um animal. No segundo caso, trata-se de um grifo, conhecido no último quartel do século I d.C., em Rottweil (Knorr, 1919, est. XCVIII). No primeiro caso, trata-se de um possível cão. Neste fragmento, o arco conjuga-se com uma figura humana. Este conjunto de motivos indica uma cronologia flaviana para as duas peças, época em que, justamente, as arcadas são mais frequentes (Oswald e Pryce, 1920, p. 92).

O n.º 232 (n.º 34 de Dias, 1976-1977) contém uma figura feminina segurando uma ânfora, sob arco, igualmente, com semelhanças a uma peça neroniana de La Nautique (Fiches; Guy e Poncin, 1978, fig. 12. n.º 9).

As imbricações ou folhas em forma de pontas de seta surgem no n.º 231 (n.º 33 de Dias, 1976-1977) e nos n.ºs 135 (Mir-991-8-1) e 134 (Mir-2001-019-4). Nestes dois últimos casos, preenchem métopas que se conjugam com outros motivos animais ou vegetais, respectivamente. Segundo Hermet (1934, p. 90), é normal surgirem junto a métopas com motivos de caça, como será o primeiro caso. Em USK, existem 3 fragmentos de Drag. 29, com imbricações datados de época cláudio-neroniana (Johns, 1993, n.º 32, 50 e 66). Imbricações sob ornato de folhagem, de modo semelhante ao do n.º 33 de Dias (1976-1977), surgem em Hofheim, na época cláudia (Oswald e Pryce, 1920, est. III).

Os temas de “estilo livre”, começados em época neroniana por oleiros como *Bassvs* e *Coelvs* (Oswald e Pryce, 1920, p. 93), tornam-se mais frequentes na era flávia, através de *Germanus* (Oswald e Pryce, 1920, p. 93). O n.º 294 (Mir-2001-019-26 = Pereira, 1971, n.º 1) possui bastantes semelhanças com Drag.29 flavianas de Rottweil, atribuídas ao último oleiro (Knorr,

1912, est. XII), tal como acontece com o n.º 235 (n.º 37 de Dias, 1976-1977), cujo felino tem paralelos em Drag. 30 e 37 de Rottweil, fabricadas pelo mesmo oleiro *Germanus* (Knorr, 1912, ests. XII e XIII).

O punção com o pássaro do n.º 140 (Mir-196-10) está datado por Oswald (1936-1937, n.º 2294) como nero-vespasião.

O n.º 133 (Mir-200-69) pode conter uma dançarina ou, mais provavelmente, um sátiro, com um paralelo em Drag. 37 de USK, datável dos finais do período flaviano ou trajano (Johns, 1993, n.º 142.), ou de Domiciano-Nerva, em *Margidunum* (Oswald et al., 1948, est. XXIII).

Uma figura mitológica — a de Baco — surge no n.º 233 (n.º 35 de Dias, 1976-1977), a par de um esquema de métopas subdivididas (o problema da metopização dos campos decorativos será abordado de maneira mais atenta aquando da análise das peças Drag. 29 ou 37), o que, em conjunto, confere aos dois exs. uma cronologia mais avançada, já que estes estilos são mais frequentes a partir dos flávios, sobretudo em Drag. 37 (Oswald e Pryce, 1920, p. 95-100).

O n.º 59 (Mir-0-661), proveniente de superfície da encosta do museu, bem como o n.º 68 (Mir-522-6), proveniente da UE 126 — possível enchimento de buraco de poste da construção n.º 3, contém apenas a fiada de óvulos que encimava o friso, o que não permite um comentário estilístico mais apurado. O segundo exemplar, embora depositado num buraco de poste, pode ter um significado cronológico pouco especial, pois a camada apresenta materiais modernos misturados.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		228 (Dias, 1976- -1977, n.º 30)	b				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa flor imperfeita, sobre uma fina linha ondulada".
		229 (Dias, 1976- -1977, n.º 31)	b				"Linha de óvulos quase imperceptível".
		230 (Dias, 1976- -1977, n.º 32)	bj				"Linha de óvulos dupla, imperfeita, com lingueta muito fina terminando numa roseta sobre uma linha ondulada".
		231 (Dias, 1976- -1977, n.º 33)	b				"linha de óvulos dupla terminando num motivo trifoliado parcialmente destruída aquando da implantação do bordo. O recesso inferior é decorado com motivos vegetais triangulares imbricados". Motivo vegetal.
		232 (Dias, 1976- -1977, n.º 34)	bj				"Friso de arcadas contendo figuras humanas: uma figura feminina virada à direita e levando na mão esquerda um vaso em forma de ânfora; para um e outro lado, figuras que não é possível classificar".
		233 (Dias, 1976- -1977, n.º 35)	bj				"Decoração de métopas simples alternando com métopas compartimentadas" (submétopas). "Conserva-se parcialmente, das primeiras, uma figura de Baco; das segundas, um coelho sentado à direita, no interior de um arco ornado com quatro borlas".

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		234 (Dias, 1976- -1977, n.º 36)	bj				"Da decoração metopada resta apenas uma coluna encimada por uma arquivolta enquadrando um cão em pé de que se conservam apenas as patas dianteiras; a linha divisória das métopas ornada de dois pedúnculos longos, ondulados, rematados por folhas (?), vestígios do que parese ser uma figura humana."
		235 (Dias, 1976- -1977, n.º 37)	bj				"Leoa saindo de uma caverna".
		236 (Dias, 1976- -1977, n.º 38)	c				"A decoração metopada entre linhas onduladas rematas por rosetas de oito pontas, apresenta três motivos diferentes: uma Cruz de Santo André com motivos vegetais bastante comuns; motivos trifliados laterais; folha trifoliada central; um painel de folhas imbricadas; uma figura masculina à esquerda, com as pernas nuas"
		237 (Dias, 1976- -1977, n.º 39)	c				
		238 (Dias, 1976- -1977, n.º 40)	f				
		239 (Dias, 1976- -1977, n.º 41)	f				
		240 (Dias, 1976- -1977, n.º 42)	c				
		131 (Mir-124-12)	bj	3	3	dbj: 132 mm	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor imperfeitos. Separada deste por um cordão ondulante uma cruz de Santo André.
		Mir-125-3305	bj	2	3		troço de fiada de óvulos com relevo insuficiente por mau fabrico.
		138 (Mir-143- 9-t.29.III-)	bj	3	2		troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Separados destes por um cordão ondulante muito gasto encontra-se um troço da parte superior de uma cruz de Santo André constituída por uma roseta muito gasta e botão lanceolado.
		136 (Mir-191-2?)	bj	3	2		grinalda octofoliada ladeada por cordão de óculos.
		140 (Mir-196-10)	bj	2	3		fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Um colar de óculos separa este motivo de um outro onde se vê a parte superior de uma ave.
		294 (Mir-2001- 019-26-V-)	bj	3	3		motivo vegetal: arbusto contorcido com frutos. Pata de animal (?). (Pereira, 1971, n.º 1)
		141 (Mir-2001- 019-27-CENAC 63)	bj	2	3		Grifo enquadrado em arcatura(?)
		134 (Mir-2001- 019-4-XIV)	c	2	3	dc: 144 mm	pontas de seta entre motivos vegetais (cordões ondulantes e folhas recortadas) enquadrados por cordões ondulantes.
		129 (Mir-2001- 019-6)	b	2	1	db: 125 mm	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de roseta

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		133 (Mir-200-69)	bj	3	3	dbj: 91 mm	Possíveis dois troços vegetais separados por uma possível dançarina ou sátiro. Os troços vegetais apresentam folhas de palma e uma roseta.
		139 (Mir-200-88)	bj	3	3		canto de cruz de Santo André (?) e restante motivo indecifrável.
		Mir-20-20	b	2	2	db: 133 mm	
		128 (Mir-3-261)	b	2	3	db: 142 mm?	Limite superior do campo decorativo: fiada de óvulos e grinalda pouco perceptível imediatamente abaixo.
		137 (Mir-58-3)	bj	2	3		troço central de cruz de Santo André.
		130 (Mir-991-6-30)	b	3	2	db: 149 mm	Troço de fiada de óvulos intercalados com pé de roseta e abaixo uma folha de palma e outra folha recortada
Área circundante a C3/ 1995-1996	sup.	132 (Mir-484-88)	bj	3	3	db: 108 mm	Troço de fiada de óvulos intercalados com pés-de-flor. Um colar de óculos separa este motivo de um ornato vegetal com uma roseta..
Encosta do museu/ 1997-2000		68 (Mir-522-6)	bj	2	3		troço de fiada de óvulos
scala magno/ 1970	sup.	Mir-0-661	bj	2	3		troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor. Abaixo, um cordão ondulado define superiormente friso ou métopa.
		135 (Mir-991-8-1)	c	2	2	dc: 136 mm	métopas com pontas de seta e animal (bovino?) em rotação de 90 graus

1.2.2.3. Drag. 37

Esta taça hemisférica de bordo espessado foi dividida em dois subtipos sucedâneos, por Passelac e Vernhet (1993, p. 574). A Drag. 37a possui sempre uma fiada de óvulos a encimar o friso decorativo e, em alguns casos, está apetrechada de um bico e de duas asas; a Drag. 37b diferencia-se pela sua banda lisa mais extensa em altura, entre o bordo e a decoração, e pelo pé-de-anel mais baixo e largo. Estes autores datam a primeira forma entre 60 e 100 d.C. e a segunda forma entre 100 e 150.

Segundo Oswald e Pryce (1920, p. 95) esta forma deve ter como antecedente a Ritt. 8, cuja cronologia de fabrico mais intenso é da primeira metade do século I d.C. As peças mais recentes são de perfil mais pesado e lábio mais espessado, dois aspectos a acrescentar à proposta efectuada posteriormente por Passelac e Vernhet.

Os dados mais antigos provêm de contextos neronianos de Hofheim, sítio onde se detetaram 4 ou 5 exemplares (Ritterling, 1912, p. 231).

A sua produção torna-se mais intensa a partir da época flávia, segundo sítios como Cannstatt (Oswald e Pryce, 1920, p. 95), ou a “caixa de Pompeia” — onde predomina em face da Drag.29 — (Atkinson, 1914).

Os diâmetros de bordo das peças vespasianas de Cala Culip IV balizam-se entre valores de 127 e 260 mm, enquanto que as alturas das peças variam entre 62 e 129 mm (Nieto Prieto et al., 1989, p. 176).

No espólio de Chãos Salgados foi possível medir o diâmetro de bordo de 11 fragmentos, com valores de: 159, 161, 165, 174, 191, 204, 205, 212, 219, 231 e 239 mm. Em 6 fragmentos determinou-se os diâmetros de pé-de-anel: 66, 80, 82, 89, 91 e 108 mm. Apenas em 2 exemplares foi possível medir a altura do pé-de-anel: 7 e 11 mm.

Tal como nas outras formas estudadas, as pasta e os vernizes das peças de Drag. 37 situam-se em níveis medianos de qualidade. A pasta 1 ocorre em 1 exemplar, a pasta 2 em 7 exemplares, a pasta 3 em 8 exemplares; o verniz 1 ocorre em 1 exemplar, o verniz 2 em 3 exemplares, o verniz 3 em 12 exemplares.

Os n.ºs 254 e 255 (n.ºs 56 e 57 de Dias, 1976-1977) são datados pela própria autora na era de Domiciano-Nerva, proposta que condiz com os dados de outros sítios, como *Margidunum*, onde peças de Drag. 37 com figuras humanas e animais são frequentes nesta época (Oswald et al., 1948). A quase sub-metopização formada pelo cordão ondulante acima do pássaro e do *flabellum*, que se encontram numa concavidade do ornato vegetal do n.º 255, indica igualmente uma cronologia possível da mesma época (Hermet, 1934, p. 139). As propostas de Passelac e Vernhet (1993, p. 570), para a datação deste tipo de decoração, mais “barroca”, com um certo excesso de motivos e sobreposição de zonas vegetais, vão, contudo, no sentido de uma datação mais alta, do período de transição, situado entre 60 e 80 d.C..

A peça n.º 147 (Mir-991-10-1) alterna uma Cruz de Santo André com um medalhão contendo um Cupido. A alternância destes dois motivos é frequente nas Drag. 37 de La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 137). Oswald e Pryce (1920, p. 100) consideram as figuras mitológicas como motivos característicos do período de Trajano, embora temas mitológicos como os medalhões contendo Cupidos estejam atestados em Drag. 37 de época mais antiga, flaviana, em *Margidunum*, onde, em várias peças, se verifica a alternância dos motivos da peça de Chãos Salgados (Oswald et al., 1948, ests. XII, XIII). O facto do Cupido estar contido num medalhão deixa em aberto a hipótese de uma cronologia do período de esplendor (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570).

Os n.ºs 246 e 251 (n.ºs 48 e 53 de Dias, 1976-1977), com personagens mitológicas, enquadradas em métopas ou frisos, podem, no seguimento das propostas de Oswald e Pryce, acima descritas, situar-se na época de decadência, entre 80 e 120 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570). O punção de Apolo do n.º 246 é semelhante ao n.º 79A de Oswald (1936-7). Em *Conimbriga* surge um Apolo, mas enquadrado por um possível medalhão, datado em Cláudio-Vespasiano (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, est. XVII, n.º 5).

O n.º 250 (n.º 52 de Dias, 1976-1977) será de época flaviana, segundo a própria autora; existem paralelos da mesma época em Drag. 29 de USK (Johns, 1993, n.º 125).

Um possível “estilo livre”, ou de animais em corrida no campo, e a metopização dos n.ºs 249 e 252 (n.ºs 51 e 54 de Dias, 1976-1977) apontam para uma cronologia flaviana, no período de transição (Oswald e Pryce, 1920; Passelac e Vernhet, 1993, p. 570).

A mesma cronologia flaviana pode ser aplicada ao n.º 296 (n.º 3 de Pereira, 1971), com um leão figurando ao lado de um *flabellum*.

Todos os topos de friso de Chãos Salgados possuem a habitual linha de óvulos, num caso, muito mal elaborada: n.º 242 (n.º 44 de Dias, 1976-1977).

Um dos fragmentos com linha de óvulos estava depositado na UE 351, da encosta do museu: uma vala aberta na rocha-mãe com detritos cerâmicos e escória, onde se detectou também uma Drag. 29 ou 37 sudgálica.

O frag. de bojo n.º 51 (Mir-727-III) contém um pequeno segmento de uma grinalda bi-foliada e pertence à UE 449, do ambiente 1 da construção n.º 1, datada de meados do século I ao primeiro quartel do século II d.C.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		241 (Dias, 1976- -1977, n.º 43)	b				"Linha de óvulos dupla, muito imperfeita; lingueta terminando num motivo trifoliado ou numa pequena flor mal desenhada".
		242 (Dias, 1976- -1977, n.º 44)	b				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa flor imperfeita".
		243 (Dias, 1976- -1977, n.º 45)	b				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado".
		244 (Dias, 1976- -1977, n.º 46)	bj				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa roseta imperfeita sobre uma linha ondulada. Grinalda rectilínea e muito estreita formada por motivos vegetais trifoliados".
		245 (Dias, 1976- -1977, n.º 47)	bj				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado sobre linha ondulada".
		246 (Dias, 1976- -1977, n.º 48)	bj				"Da decoração resta apenas uma linha de óvulos dupla, bastante imperfeita alternando com uma lingueta que termina num motivo floral de quatro pétalas (?); uma linha ondulada separa os óvulos do resto da decoração, de que apenas se conserva uma figura de Apolo"
		247 (Dias, 1976- -1977, n.º 49)	b				"Linha de óvulos dupla, com lingueta, tudo muito imperfeito".
		248 (Dias, 1976- -1977, n.º 50)	bj				"Linha de óvulos dupla, com lingueta".
		250 (Dias, 1976- -1977, n.º 52)	bj				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado: friso superior formado por um festão: «jugum» e pendente em forma de longo botão enrolado; sobre um dos arcos dentados, restos de um pássaro à direita".
		251 (Dias, 1976- -1977, n.º 53)	bj				"Da decoração metopada apenas resta um sátiro, à direita, com um cacho de uvas na mão direita; e um centauro marinho sobre dois tufos vegetais de oito folhas, assente por sua vez num festão voluteado".
		252 (Dias, 1976- -1977, n.º 54)	bj				"Da decoração conserva-se parcialmente um friso dividido em métopas separadas por duas linhas onduladas e rematadas inferiormente por uma grinalda trifoliada entre dois cordões ondulados. A junção das linhas que formam os painéis é marcada por uma roseta
		254 (Dias, 1976- -1977, n.º 56)	f				"A decoração apresenta uma grinalda serpenteada com o recesso inferior cortado horizontalmente por uma linha ondulada com rosetas nas extremidades e tendo na parte inferior dois pássaros afrontados. Este friso era rematado por uma grinalda trifoliada"

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		255 (Dias, 1976- -1977, n.º 57)	bj				"Decoração de frisos o central é ocupado por uma grinalda larga serpenteada, com os recessos inferiores compartimentados; o inferior apresenta uma grinalda rectilínea de quatrifólios imbricados. [...] Rosácea de quatorze pétalas; tufo vegetal; roseta de seis pontas; pássaro."
		Mir-125-383	b	2	3	Db: 205 mm	
		Mir-138-117(um-77)	b	3	3	Db: 159 mm	
		142 (Mir-170-1[417])	b	2	3	Db: 239 mm	
		145 (Mir-31-1)	f	1	1	dp: 91 mm; hp: 7 mm	troço de grinalda bifoliada no limite inferior do campo decorativo
		Mir-3-433	b	3	3	db: 212 mm	
		143 (Mir-3-8)	b	2	3	Db: 219 mm	troço do limite superior do campo decorativo com fiada de óvulos muito desgastada
		144 (Mir-56-8[17-67])	b	3	2	Db: 204 mm	troço de fiada de óvulos no limite superior do campo decorativo
		146 (Mir-7-11[360])	f	2	2	dp: 89 mm	
		296 (Pereira, 1971, n.º 3)	f			Dp: c. 66 mm	animais (um deles um leão) separados por "flabellum", sobre grinalda trifoliada (=Almeida, 1964, fig. 74).
		297 (Pereira, 1971, n.º 4)	b			Db: c. 165 mm	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor suspensos num cordão ondulante
C1 /1997- 2000	449	51 (Mir-727-111)	bj	2	3		grinalda bifoliada
Casa do peixe/1970		147 (Mir-991-10-1)	bj	3	3	db: 160 mm	Sector inferior do campo decorativo da peça: Cruz de Sto. André; medalhão com Cupido em friso definido por colar de óculos; em baixo, grinalda trifoliada.
Encosta do museu/ 1997-2000	351	Mir-753-5	b	3	3	Db: 174 mm	troço de fiada de óvulos quase totalmente desgastado.

1.2.2.4. *Drag. 29 ou 37 e Drag. 29, 30 ou 37*

As cruces de Santo André n.ºs Mir-14-33, 153 (Mir-58-8), 152 (Mir-163-31), 151 (Mir-196-12), 150 (Mir-196-22), 149 (Mir-200-3), 148 (Mir-200-74), pela exiguidade do campo de leitura — que torna também relativa a classificação do punção —, não são fáceis de datar, pelo que optamos por uma cronologia do período de esplendor — 40 a 60 d.C. — (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570), tendo igualmente em atenção o uso de linhas de óvulos na sua execução, o que as situa como anteriores a 50 d.C. (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193).

Os ornatos de folhagem dos fragmentos n.ºs Mir-3-97, 156 (Mir-20-25), 157 (Mir-82-2), 158 (Mir-157-6-um28-), 159 (Mir-991-18-10-7-) e n.ºs 253 (com pássaro), 257 e 258 (n.ºs 55, 59 e 60 de Dias, 1976-1977) enquadram-se nos períodos de esplendor e transição — entre 40 e 80 d.C. — (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570). A folha do n.º 156 e 262 (n.º 64 de Dias, 1976-1977) surge em sítios como La Nautique — na época de Nero — (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 8), e em *Drag. 37* da época vespasiana, em La Graufesenque (Hermet, 1934, fig. 80).

O festão duplo espiralado do n.º 161 (Mir-2001-019-36) surge em Drag. 29 e 27, de contextos nero-flavianos, como USK (Johns, 1993, n.º 89) e Rottweil (Knorr, 1952, est. XX), sendo habitual nos frisos decorativos deste último sítio.

A grinalda do n.º 162 (Mir-32-5) é frequente em peças de Drag. 37, nomeadamente da “caixa de Pompeia”, podendo ter uma cronologia flaviana (Oswald e Pryce, 1920, ests. XIV e XV). Esta grinalda e uma outra semelhante à do n.º 164 (Mir-174-2) surgem igualmente em Drag. 37 de inícios da época flaviana, em USK (Johns, 1993, n.ºs 109 e 110).

Frisos representando animais livres no campo (cão do n.º 166: Mir-200-83), ou em corrida (javali do n.º 165 e animal do n.º 249), considerado um estilo precursor do “estilo livre”, datam de época nero-flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 75).

Como já abordado no capítulo sobre a Drag. 37 (ver *supra*), medalhões contendo Cupido, alternando com Cruzes de Santo André, surgem em vasos desde Cláudio aos Flávios, e sobretudo nesta última época, sendo essa a baliza temporal do n.º 169 (Mir-23-104?).

Na época flávia tornam-se igualmente mais frequentes as figuras humanas (Oswald e Pryce, 1920, p. 77), como as dos n.ºs 167 (Mir-145-19) e 168 (Mir-2001-019-10). A exiguidade de ambos os fragmentos impede uma leitura satisfatória dos frisos decorativos. O n.º 167 pareceu-nos, numa primeira leitura, que continha um homem segurando um copo e a mão de um segundo homem; contudo, o único paralelo encontrado caracteriza dois sacrificadores ladeando um altar, ambos posicionados de maneira frontal, idêntica à da peça de Chãos Salgados, embora estejam de mãos livres (Hermet, 1934, est. 23, n.º 260 e 261).

As peças de cronologia mais tardia, no seio deste conjunto, são decoradas com figuras mitológicas, nomeadamente sátiros, integrados em frisos n.º 259 (n.º 61 de Dias, 1976-1977) e n.º 170 (Mir-2001-019-21), ou em métopas divididas, n.ºs 172 e 171 (Mir-2001-019-54 e Mir-991-9-3). O sátiro do n.º 171 segura uma ânfora, o mesmo acontecendo, provavelmente, com o n.º 170. São conhecidos sátiros que seguram, não uma ânfora, mas cachos de uvas, com datações igualmente de finais do século I d.C. (Johns, 1993, n.º 142; Oswald et al., 1948, est. XXIII).

Embora Hermet afirme que as métopas divididas surjam apenas em vasos cilíndricos e hemisféricos — Drag. 30 e 37 — (Hermet, 1934, p. 139), na verdade, existem igualmente taças de Drag. 29 com este tipo de decoração (Oswald e Pryce, 1920, p. 75).

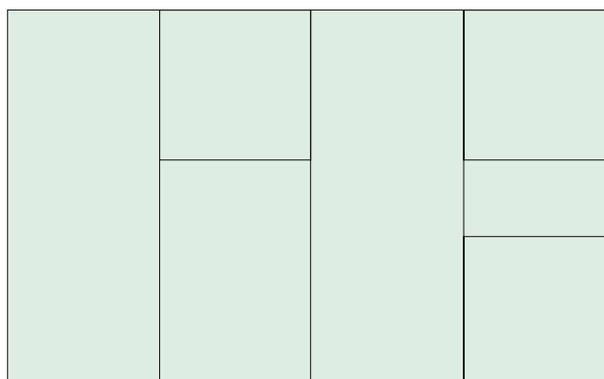
O sátiro de mãos livres, no interior de métopa, surge em peças domicianas (Knorr, 1952, est. XXIX).

Apesar de em dois fragmentos de Chãos Salgados, os personagens surgirem em frisos, supostamente, com ornatos vegetais, a datação para todos estes exemplares com sátiros deverá balizar-se entre Domiciano e Trajano (Johns, 1993, n.º 142; Knorr, 1952, est. XXIX; Oswald et al., 1948, est. XXII; Oswald e Pryce, 1920, p. 100).

As métopas divididas são datadas por Hermet (1934, p. 139) e Oswald/Pryce (1920, p. 75), a partir da época domiciano, o que condiz com as propostas cronológicas para os sátiros. Passelac e Vernhet (1993, p. 70) datam as métopas divididas do período de transição, entre 60 e 80 d.C., o que tornaria o reinado de Domiciano como ponto central para as peças de Chãos Salgados. Segundo estes dois autores franceses, a simetria é um aspecto preponderante no período de transição, entre 60 e 80 d.C., deixando de o ser no período seguinte, de decadência. De facto, este fenómeno de organização dos esquemas decorativos em métopas parece ser o mais recente do espólio decorado de Chãos Salgados.

O esquema decorativo do n.º 171 deve ser idêntico ao da fig.2 da monografia de Hermet sobre La Graufesenque (1934, p. 140). Nele observamos uma sequência denominada pelo autor como 1,2 — 1,3 — 1,2- 1,3. No caso de Chãos Salgados — tal como no exemplar de Hermet — o n.º 1 é uma métopa com uma figura (provavelmente mitológica); o n.º 2 é uma métopa dividida

em duas, com um sátiro em baixo e uma ave em cima; o n.º 3, a existir, será então uma métopa dividida em três, com possíveis motivos animais e festões duplos espiralados. É o seguinte este esquema, de um modo gráfico simplificado:



O estudo de Bémont (1972-3), sobre a composição das decorações no século I d.C., destaca a organização das zonas decoradas em torno de eixos de simetria, realizada de formas diversas, mas denotando uma coerência e unidade de raciocínio por parte dos oleiros. O modelo da Fig. 4,2-4 de Bémont aplica-se ao caso de Chãos Salgados, definido como divisão da superfície em grupos idênticos de métopas, mas com conteúdos divergentes, ou seja, em cada um dos tipos de métopas — 1, 2 e 3 —, os motivos podem não ser iguais.

Nos poucos fragmentos com contexto estratigráfico, o n.º 56 (Mir-753-4+6+7), provenientes da UE 351 da encosta do museu, denota uma organização em métopas simples, cujos conteúdos (pássaros diferentes) estão dispostos de maneira simétrica ou estática (Bémont, 1972-1973, p. 28).

O esquema de métopas, com *flabellum* e animais em corrida, nomeadamente javalis, surgem nos n.ºs 69 (Mir-518-1) e 71 (Mir-552-3+4), provenientes das UES 168 e 126, na área circundante à construção n.º 3. A combinação dos vários motivos decorativos indica uma cronologia flaviana, talvez domiciana, no seguimento do exposto acima.

Da mesma zona provém o n.º 70 (Mir-531-191), da UE 112, decorado com festões duplos espiralados, de datação nero-flaviana.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Pasta	Verniz	Decoração
		295 (Pereira, 1971, n.º 2)	D29 ou 37			motivo vegetal: arbusto contorcido com frutos
		170 (Mir-2001-019-21)	D29 ou 37	2	3	troço de de coração figurativa (medalhão?) com sátiro
		168 (Mir-2001-019-10)	D29 ou 37	2	3	troço de decoração figurativa (mulher): campo inferior da peça
		161 (Mir-2001-019-36)	D29 ou 37	2	3	troço de friso compsto por festões e volutas intercalados com pés de flor
1971		171 (Mir-991-9-3)	D29 ou 37	2	3	submétopas com motivos figurativos: sátiro; ave; outro motivo não reconhecível. Submétopas definidas por colares de óculos unidos por rosetas.
		172 (Mir-2001-019-54)	D29 ou 37	2	3	submétopas definidas por colares de óculos unidos por rosetas. Numa das submétopas é visível um sátiro a dançar. Em baixo grinalda.

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Pasta	Verniz	Decoração
		249 (Dias, 1976- -1977, n.º 51)	D29 ou 37			Da decoração conserva-se parcialmente um «flabellum» [...] e as patas dianteiras de um animal formando salto. Uma linha ondulada sublinha esta decoração e enquadra, com outra linha lisa, uma grinalda composta por um motivo vegetal".
		253 (Dias, 1976- -1977, n.º 55)	D29 ou 37			"Da decoração conserva-se apenas parte de uma grinalda de tipo reflectido-decorante; folha cordiforme; folha lanceolada; ganso".
		259 (Dias, 1976- -1977, n.º 61)	D29 ou 37			"Da decoração resta parte de uma grinalda serpenteada com recessos inferiores ocupados por figuras e folhas: sátiro dançando, à esquerda".
		260 (Dias, 1976- -1977, n.º 62)	D29 ou 37			"Da decoração resta apenas parte do corpo de uma lebre à direita, sobre uma linha ondulada".
		261 (Dias, 1976- -1977, n.º 63)	D29 ou 37			"Grinalda reflectida-decorrente de que se conserva uma pequena porção".
encosta do museu/ 1997-2000	351	56 (Mir-753-4+6+7)	D29 ou 37	3	3	métopas com pares de aves. Campos definidos por cordões finalizados por rosetas.
área circundante a C3/ 1995-1996	168	69 (Mir-518-1)	D29 ou 37	3	3	animal correndo em salto sobre um "flabellum". Métopa definida por cordão de óculos rematado por roseta imperfeita.
área circundante a C3/ 1995-1996	112	70 (Mir-531-191)	D29 ou 37	3	3	motivo vegetal.com folhagem recortada e ramos terminando em botão.
C1/ 1997-2000	375	8 (Mir-717-34)	D29 ou 37	3	3	Motivo vegetalista?
		151 (Mir-196-12)	D29 ou 37	3	3	troço de Cruz de Santo André (em baixo) separada por um colar de óculos de fiada de óculos com rosetas (?) intercaladas.
		Mir-3-77	D29 ou 37	2	3	troço de ornato de folhagem (?) com limite do campo decorativo materializado por cordão irregular
		158 (Mir-157-6-um28-)	D29 ou 37	1	2	troço de grinalda bifoliada separada de ornato de folhagem(?) por colar de óculos com roseta incorporada.
		152 (Mir-163-31)	D29 ou 37	2	3	troço central de cruz de Santo André.
		Mir-11-8	D29 ou 37	2	3	troço demasiado exíguo para uma leitura
		153 (Mir-58-8)	D29 ou 37	2	3	troço central de cruz de Santo André.
		Mir-14-33	D29 ou 37	2	3	troço central de cruz de Santo André.
		157 (Mir-82-2)	D29 ou 37	2	3	troço de ornato de folhagem com finos ramos ondulantes.
		164 (Mir-174-2)	D29 ou 37	2	3	troço de grinalda trifoliada marginalizada por cordão liso.
		162 (Mir-32-5)	D29 ou 37	2	3	campo inferior da peça com troço de grinalda bifoliada marginalizada por colar de óculos e festão duplo bifoliado, com espiral terminando em roseta; de um provável jugo cai um pendente parcialmente visível que termina em ponte de seta com aletas.
		149 (Mir-200-3)	D29 ou 37	2	3	troço de cruz de Santo André (?) com botão lanceolado.

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Pasta	Verniz	Decoração
		148 (Mir-200-74)	D29 ou 37	3	3	troço de cruz de Santo André (?) com roseta.
		150 (Mir-196-22)	D29 ou 37	2	3	troço de fiada de óculos intercalados com pés de flor de três pétalas. Um colar de óculos muito gasto separa este motivo de uma possível cruz de Santo André e do terminus de um motivo vegetal(?).
		156 (Mir-20-25)	D29 ou 37	3	3	troço de ornato de folhagem com ramo terminando em folha recortada.
		173 (Mir-200-89)	D29 ou 37	2	3	colares de óculos com canto de roseta definem duas sub-métopas. Numa delas parede existir um ornato de folhagem
		165 (Mir-3-103)	D29 ou 37	2	3	parte mesial e anca de um animal (javali?), em corrida.
		166 (Mir-200-83)	D29 ou 37	2	3	cabeça e pata de cão em frente a folhagem larga.
		163 (Mir-7-20-190-)	D29 ou 37	3	3	muito gasta: dois festões sob colar de óculos (?)
		169 (Mir-23-104?)	D29 ou 37	2	3	medalhão com a figura de Cupido. À esquerda do medalhão encontra-se um motivo vegetal talvez pertencente a uma cruz de Santo André
		167 (Mir-145-19)	D29 ou 37	2	2	dois homens afrontados, sendo apenas visível a cabeça e o braço de um deles e a mão de ambos (o da direita segura um copo?) — dois sacrificadores (?) .
área circundante a C3/ 1995-1996	126	71 (Mir-522-3+4)	D29 ou 37	2	2	cena de caça(?): os dois fragmentos possuem troço de friso ou métopa marginalizada por cordão ondulante, contendo elementos vegetais (tufos) e dois animais em corrida podendo ser um deles (Mir-522-3) um javali, com crista no dorso e focinho alongado; o

N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Decoração
256 (Dias, 1976-1977, p. 58)	D29, 30 ou 37	bj	"Tufo vegetal muito comum, formado por oito folhas sobre linha de pequenas pérolas, rematada por rosetas".
257 (Dias, 1976-1977, p. 59)	D29, 30 ou 37	bj	"Da decoração resta um fragmento de grinalda. [...] Folha recortada, com sete pontas; botão alongado".
258 (Dias, 1976-1977, p. 60)	D29, 30 ou 37	bj	"A decoração é, aparentemente, formada por Cruzes de Santo André alternando com uma figura humana.[...] O que resta da figura humana não permite identificação".
262 (Dias, 1976-1977, p. 64)	D29, 30 ou 37	bj	"Da decoração resta apenas o pé de uma figura humana dentro de uma moldura circular formada por três círculos concêntricos, e uma folha trifoliada".

2. Análise dos Oleiros

Bassus i — Segundo Bémont (1976) e Polak (2000), trabalhou em La Graufesenque; Bémont e Bourgeois (1986) acrescentam a este centro Boucheporn, Carrade e Lezoux. A cronologia tibério-vespásiana é defendida por Bémont (1976) e Hofmann (s.d.). Polak (2000, p. 177) indica o início da actividade por volta de 45 d.C., tendo uma produção predominantemente cláudio-neroniana, e terminando a sua actividade em 70 d.C. Está presente em La Nautique — Nero — (Fiches, Guy e Poncin, 1978), mas não surge em Cala Culip IV — Vespásiano — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Crestus ou **Crestio** — Situado em La Graufesenque, por Bémont e Bourgeois (1986), foi datado de Cláudio-Vespásiano por Oswald (1931) e de Nero-Vespásiano por Bémont (1976). Hofmann (s.d.) estende a sua cronologia entre 40 e 90 d.C.. Polak (2000, p. 213-216) data este oleiro entre 50 e 110 d.C. e não aceita a proposta de Hartley e Dickinson (Polak, 2000, p. 213-6) da existência de um oleiro *Crestio*, pré-flaviano e de um oleiro *Crestus*, pós 70 d.C.; duvida igualmente que o nome *Crestus* tenha existido em La Graufesenque e aponta como provável origem do punção *Chrestus*, a Itália, opondo-se a Oswald (1931) e Bémont (1976). Está presente nos níveis neronianos de La Nautique (Fiches, Guy e Poncin, 1978).

Iucundus i e ii — O oleiro *Iucundus* trabalhou em La Graufesque e Montans (Bémont e Bourgeois, 1986) e tem uma cronologia cláudio-flaviana, segundo Oswald (1931), podendo recuar a Tibério, segundo Knorr (1952, pl. XXIV; Bémont, 1976, p. 46). Surge em contextos antigos como a fossa de *Cirratius* (35-40 d.C.) e Velsen 1 (Polak, 2000, p. 242); em La Nautique — Nero — (Fiches; Guy e Poncin, 1978) e em níveis flavianos de Corbridge e Watercrock (Polak, 2000, p. 262). Polak (2000, p. 262) propõe a existência de dois oleiros que tenham trabalhado sucessivamente no tempo: um *Iucundus i*, entre 40 e 70 d.c. e um *Iucundus ii*, entre 70 e 100 d.C.. O primeiro assinaria com um punção em nominativo (IVCVND) e o segundo com as indicações de *officina*, seguida de genitivo (OF IVC). Esta proposta de Polak é corroborada pelos dados do naufrágio vespásiano de Cala Culip IV, onde a marca de IVCVND é rara e a marca de OF.IVCVNDI é predominante (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Iunius — À semelhança de Oswald (1931), Bémont (1976) situa este oleiro em La Graufesenque e data-o como cláudio-flaviano.

Labio — Trabalhou em La Graufesenque, Banassac e Lubié (Bémont e Bourgeois, 1986). Oswald (1931) data-o de Cláudio-Nero. Polak (2000, p. 249) considera que este oleiro está bastante bem representado neste período, em sítios como Hofheim, La Nautique, fossa de *Galicanus*, mas os dados de Velsen 1 podem fazer recuar o início da sua actividade a Tibério; além disso, surge em sítios de raiz flaviana como Chester ou York, pelo que a sua actividade pode estender-se até esta época, embora não surja em Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197). Esta cronologia de século I não se conjuga com a hipótese de ter trabalhado em Banassac, pelo que o oleiro deste centro deve ser um outro, homónimo.

Libertus — Trabalhou em La Graufesenque, Lezoux, Lubié e Les Martres-de-Veyre (Bémont e Bourgeois, 1986). Oswald (1931) considera-o cláudio-neroniano. Polak (2000, p. 251-252) estende a cronologia até 70 d.C., embora o considere essencialmente pré-flaviano. Este oleiro não está presente em La Nautique, nem em Culip IV (Fiches, Guy e Poncin, 1978; Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Masculus i — Trabalhou em La Graufesenque (Bémont, 1976), durante Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931), tendo existido um segundo oleiro com o mesmo nome, em Domiciano (Oswald, 1931; Polak, 2000). O primeiro oleiro surge na fossa de *Cirratius*, pelo que a sua cronologia pode recuar a Tibério (Polak, 2000, p. 263-264) e estender-se até aos anos 70 d.C.: os dados posteriores a esta década são raros e entre eles conta-se a presença de 1 marca de *Masculus*, na fossa 79 — datada de Domiciano/Trajano — (Vernhet, 1981), tendo o autor do estudo deste depósito identificado um grupo de 727 peças, constituído por este oleiro e *L. Tertius Masculus*, com 726 exemplares (Polak, 2000, p. 263).

Mercator — Segundo Bémont — seguindo Oswald (1931) — (1976, p. 52), terá trabalhado em La Graufesenque e Banassac, embora a mesma autora considere posteriormente ser apenas proveniente de La Graufesenque (Bémont e Bourgeois, 1986). Oswald (1931) propõe cronologia domiciana-trajana, embora Knorr (1919, est. 57) recue a Vespasiano. Polak (2000, p. 269), aceita esta cronologia vespasiana, já que considera existirem Drag. 24/25 de perfil menos cuidado, posteriores a 70 d.C., com a sua marca, e defende o fim da actividade deste oleiro por volta de 100 d.C. Está presente na fossa 79 (Vernhet, 1981). As suas marcas surgem essencialmente em nominativo, geralmente abreviado (MERCATO, MERCA, MERC) e poucas vezes em genitivo (Polak, 2000, p. 270), o que seria indicador de uma cronologia mais alta.

Mommo — Bémont (1976) e Bémont e Bourgeois (1986) situam este oleiro em La Graufesenque e datam-no de Cláudio-Vespasiano, como Oswald (1931). Hofmann (s.d.) aponta uma cronologia entre 40 e 80 d.C. Surge em níveis de combustão de *Camulodunum*, dados de inícios dos anos 60 d.C., e em contextos domicianos como Corbridge, Saalburg e Salisburg, pelo que Polak (2000, p. 273-274) estende a sua cronologia entre os anos 50 e Domiciano. É provável que os 7 exemplares de marca MO presentes em La Nautique — Nero — se refiram a este oleiro (Fiches, Guy e Poncin, 1978); surge no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197), na Caixa de Pompeia (Atkinson, 1914) e na fossa 79, domiciana-trajana (Vernhet, 1981).

Murranus — Segundo Oswald e Bémont, trabalhou em La Graufesenque, entre Cláudio e Vespasiano (Bémont, 1976, p. 55). Bémont e Bourgeois (1986) acrescentam um outro centro produtor, o de La Madeleine, a este oleiro. Polak (2000, p. 276) defende o início da sua actividade em Tibério, segundo dados de Velsen 1, embora admita uma cronologia principal cláudio-neroniana. Este oleiro produziu moldes para Drag. 29, cujas decorações são de meados de século I d.C.; surge ainda em sítios flavianos, como Corbridge. Uma marca em La Nautique — Nero — pode pertencer-lhe (Fiches, Guy e Poncin, 1978).

Murrus — Tal como Oswald (1931), Bémont (1976) situa este oleiro em La Graufesenque e data-o de Cláudio-Vespasiano.

Nicius — Oswald (1931) situa-o em La Graufesenque e Montans e data-o de Nero-Vespasiano. Surgem 4 marcas no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV: 1 marca de F NICI, em Drag. 27, e 3 marcas de F NICIO, em Drag. 24/25 (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197).

Passenus ou **Passienus** — À semelhança de Oswald (1931), Bémont (1976) data este oleiro de Nero-Vespasiano e situa-o em La Graufesenque, posição também defendida por Hofmann (s.d.). Polak (2000, p. 282) estende a sua cronologia até à década de oitenta, a ver

pela sua presença em Chester, Nijmegen e York. Contudo, este oleiro não surge na fossa 79 (Vernhet, 1981). Embora não surja em La Nautique (Guy; Fiches e Poncin, 1978), está muito bem representado num contexto neroniano de *Vitodorum-Oberwintherthur*, na Suíça (Ebnöther, Mees e Polak, 1994; Mees, 1994). Surge em Cala Culip IV — Vespasiano —, com 34 marcas sobre Drag. 29 (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Pater — Oswald (1931 e Bémont (1976) situam-no em La Graufesenque e datam-no de Cláudio-Vespasiano. Bémont e Bourgeois (1986) situam este oleiro num leque de centros: La Graufesenque, Lezoux, Les Martres-de-Veyre, Saint-Saturnin.

Primulus — Segundo Bémont e Bourgeois (1986), trabalhou em La Graufesenque, Montans e Lezoux. Polak (2000, p. 295) acrescenta Espalion, defendendo que houve um oleiro de Montans, mais antigo, e um segundo de La Graufesenque e Espalion, mais recente, embora não especifique; indica um outro oleiro homónimo de Banassac, no século II. Oswald (1931) data um só oleiro de Cláudio-Nero, cronologia reiterada por Hofmann (s.d.). Polak (2000, p. 296) propõe cronologia nero-flaviana, pois surge em Corbridge. Está presente no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV, em 11 exemplares de Drag. 18 (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197).

Primus — Bémont (1976) propõe cronologia cláudio-vespasiana, à semelhança de Oswald (1931), e La Graufesenque e Montans como centros de produção; posição reiterada por Hofmann (s.d.). Posteriormente, Bémont e Bourgeois (1986) identificam uma série ampla de centros onde este oleiro terá trabalhado: Avocourt, Carrade, La Graufesenque, Jonquières, Montans, Le Rozier, Saint-Saturnin, Terre-Franche, Valèry. Polak (2000, p. 296-302) defende a existência de vários oleiros homónimos, já que surgem 114 marcas em Vechten, datadas entre 20 e 80 d.C., sendo que muitas podem datar-se do terceiro quartel do século I d.C. e muitas outras de épocas anteriores. Os esquemas decorativos de *Primus* datam-se de 70-85 d.C. e a sua heterogeneidade é um argumento para a existência de vários oleiros homónimos (Polak, 2000, p. 296-302). Está presente em La Nautique — Nero — (Guy, Fiches e Poncin, 1978) e Cala Culip IV — Vespasiano — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197) e uma datação ligeiramente posterior a Vespasiano pode ser corroborada pela sua presença na fossa 79 (Vernhet, 1981).

Rufinus — Bémont e Bourgeois (1986) situam este oleiro em La Graufesenque, Montans e Heilingenberg. Oswald (1931), Bémont (1976) e Hofmann (s.d.) datam-no de Nero-Domiciano. Surge em contextos vespasianos como Cala Culip IV e a Caixa de Pompeia (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197; Atkinson, 1914) e na fossa 79 de La Graufesenque, domiciana-trajana (Vernhet, 1981).

Sabinus — Bémont e Bourgeois (1986) indicam um grupo de centros onde este oleiro trabalhou: Chémery, Le Rozier, La Madeleine, Montans, Les Martres-de-Veyre e Le Rozier, excluindo La Graufesenque. Oswald (1931) data-o de Nero-Vespasiano. Na sequência de Oswald (1931), Polak (2000, p. 313) defende a existência de vários oleiros homónimos (*Flavius Sabinus* e *L.S.Sabinus* em cerâmica lisa; *C(aius)I(ulius) SA(binus)* em cerâmica decorada), sendo que vários terão trabalhado em La Graufesenque, e propõe cronologia da segunda metade do século I d.C.. Em Vechten, todos os punções estão em *cognomen* e datados de 45-100 d.C., no entanto, Polak distingue cronologicamente punções com letras mais regulares (50-80 d.C.) de outros mais irregulares (65-100 d.C.). Este autor distingue

igualmente a cronologia dos moldes deste oleiro: um, datado de 50-80 d.C., para Drag. 30 e H. 15; outro, não especificado, datado de finais do século I d.C.. *Sabinus* surge em La Nautique (Guy, Fiches e Poncin, 1978), Cala Culip IV (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197) e na fossa 79 (Vernhet, 1981).

L.C. Virilis — Trabalhou em La Graufesenque, segundo Bémont e Bourgeois (1986). Oswald (1931) data-o da época flaviana, embora pense que *L. Cosius* e *Virilis* são oleiros distintos, já que podem surgir em marcas diferentes. Polak sugere a existência de um oleiro *L.C. Virilis*, datado entre 75 e 110 d.c., julgando que ele e *Virilis* são a mesma pessoa, que por vezes apenas usa o *cognomen*. Baseia-se essencialmente na fossa 79 de La Graufesenque (Vernhet, 1981), onde surgem *Virilis* e *L. Cosius Virilis*, largamente representados (juntamente com *Cosius Rufinus* atingem 94 exemplares) e onde surge igualmente um oleiro *L. Cosius*, com 30 exemplares de Drag. 37, sendo que alguns destes vasos ilustram a vitória de Trajano sobre os Partos, em 116 d.C., pelo que este oleiro é necessariamente mais tardio.

Vitalis ii — A existência de um oleiro em La Graufesenque, entre Cláudio e Domiciano, foi defendida por Bémont (1976). Posteriormente, Bémont e Bourgeois (1986) alargaram o número de centros em que ele teria trabalhado: Avocourt, La Graufesenque, Lavoye, Lezoux, Les Martres-de-Veyre, Le Pont-des-Rèmes, Vichy. Segundo Polak (2000, p. 353-4) terão existido dois oleiros homónimos. *Vitalis i*, entre 45 e 70 d.C. consta na lista de oleiros A1, presentes em grafitos de pré-cozedura de La Graufesenque; este grupo A1, data do terceiro quartel do século I d.C. e consiste em duas listas inscritas em pratos, uma delas contendo a marca de *Castus* (Polak, 1998). *Vitalis ii* terá trabalhado entre 65 e 110 d.C. e surge em 3 das 4 listas do grupo C de grafitos de pré-cozedura de La Graufesenque, datada de finais do século I d.C. (Polak, 1998). Este oleiro surge em Hofheim e Wiesbaden, pelo que Polak (2000, p. 354-8) defende o seu início ainda em época júlio-cláudia, embora seja frequente em sítios ocupados a partir de 80 d.C. (Polak, 2000, p. 354-8). *Vitalis* não surge em La Nautique — Nero — (Guy, Fiches e Poncin, 1978), mas surge em Cala Culip IV e na Caixa de Pompeia — Vespasiano — (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197; Atkinson, 1914) e na fossa 79 de La Graufesenque (Vernhet, 1981). Produziu moldes para Drag. 29 e 30, com decorações de época flávia; mas também utilizou moldes de *M. Crestio* (Polak, 2000, p. 354-8).

Análise estratigráfica (Chãos Salgados)

1. Construção n.º 1

1.1. Ambiente exterior norte

1.1.1. Estratigrafia

A metodologia empregue nas escavações do actual projecto de investigação nas *Ruínas Romanas de Mirobriga* possui algumas características que a distinguem do modelo de Barker/Harris (Harris, 1991; Barker, 1982). Como procurei fazer uma adaptação, no intuito de elaborar uma árvore estratigráfica, urge então problematizar essas diferenças e explicar as propostas de adaptação que criei, as quais entendo como uma simples proposta de trabalho, ainda muito incipiente.

Apesar de se praticar uma *open area* e de, por conseguinte, além de uma leitura vertical, se dar bastante atenção a uma outra horizontal ou contextual, não se opta pela realização de plantas unitárias, mas, sistematicamente, compostas. Daqui resulta um problema de leitura estratigráfica: um insuficiente registo dos interfaces e dos elementos interfaciais (Brown e Harris, 1993). Por essa razão não pudemos apresentar um corte estratigráfico da realidade estudada, já que ao escavar-se várias unidades ao mesmo tempo, e não por ordem de menor antiguidade, segmentos de interfaces ou de elementos interfaciais são excluídos do registo, não se conhecendo o contorno tridimensional total de uma unidade de escavação — denominadas de “complexo” nas fichas de campo — embora neste trabalho atribua o conceito de “Unidade Estratigráfica”.

Os elementos interfaciais não recebem número de unidade, ou seja, apenas os enchimentos são numerados. Assim, as UEs 401 e 332, são enchimentos de cortes exercidos na UE 331=400=392=413=343, mas os elementos interfaciais não foram registados integralmente. Na árvore estratigráfica proposta surgem apenas as unidades estratigráficas positivas e não as negativas (embora se coloque a hipótese de mais tarde elas serem numeradas e incluídas no diagrama).

Na árvore estratigráfica apresentada são descritas unidades que cortam ou que se depositam parcialmente sobre outras: tal foi possível de aferir devido à existência de um perfil sul na sondagem D4. Assim aconteceu com a UE 376 que se deposita parcialmente sobre a UE 375, ou com a UE 401 que corta a UE 331=400=392=413=343.

Na elaboração do diagrama optámos pelo programa informático *HarrisMatrix*, aceitando as simbologias propostas nesse programa, nomeadamente a atribuição do sinal de = para UEs que se equivalem, as quais se colocam então na mesma caixa e a atribuição de um número secundário próprio de contemporaneidade para unidades contemporâneas, em vez de ligação por traço duplo (ver Anexo 4, Fig. 1).

O ambiente estudado neste capítulo consiste na área imediatamente a Norte da construção n.º 1 do mapa apresentado, constituída por um corte na rocha-mãe, para implantação casa romana, mas de tal maneira largo que serviu de zona de despejos ao longo da ocupação da dita casa, classificando-se como um contexto de deposição secundário (Tyers, 1993, p. 141). Teria também como função a drenagem das águas provenientes do ambiente 2. Apresenta cerca de 11m de comprimento ao longo do muro norte da casa), por 0,80 a 2,20 m de largura, na parte inferior e superior respectivamente, e com um enchimento que chega atingir 0,75 m de potência estratigráfica incluindo a camada superficial de terra recente.

UE 332, 412=265, 263, 394=267=402, 265=412: enchimentos das valas agrícolas recentes que cortam as realidades romanas existentes na encosta; esse enchimento é constituído por uma terra castanho-cinzenta, muito solta e humosa. Estas unidades podem atingir profundidades de 50 cm e apresentam uma largura média de 1,2 m.

UE 230=270=309=341=377=381=386=387=262: terra de sedimentação superficial, humosa, de cor castanho-escura, sendo de cor castanho mais claro e mais compacta nas altimetrias inferiores. Inclui a terra mais solta habitualmente resultante dos trabalhos agrícolas recentes, mas também a terra de sedimentação geológica, mais compacta. Deposita-se muitas vezes sobre a rocha-mãe, nas áreas periféricas da construção 2 e sobre as camadas arqueológicas existentes no interior da construção, bem como sobre os derrubes e enchimentos existentes no exterior imediato da mesma. Esta camada pode atingir 70 cm de profundidade, mesmo no interior da construção, envolvendo o topo dos muros sobreviventes. Sondagens B2, B3, D2, D4, D4 cont., E6, E6 cont., E7.

UE 401: terra castanha com bastante material de construção e pedras de calibre médio, que se depositou sobre o muro norte da casa e exterior norte da mesma, contendo muito xisto fragmentado. Esta unidade tem 30 cm de profundidade e corta a UE 413+392+400+331+443. D4 cont.. (M= 209,62-211,1 W; P= 19,0-19,48 S)

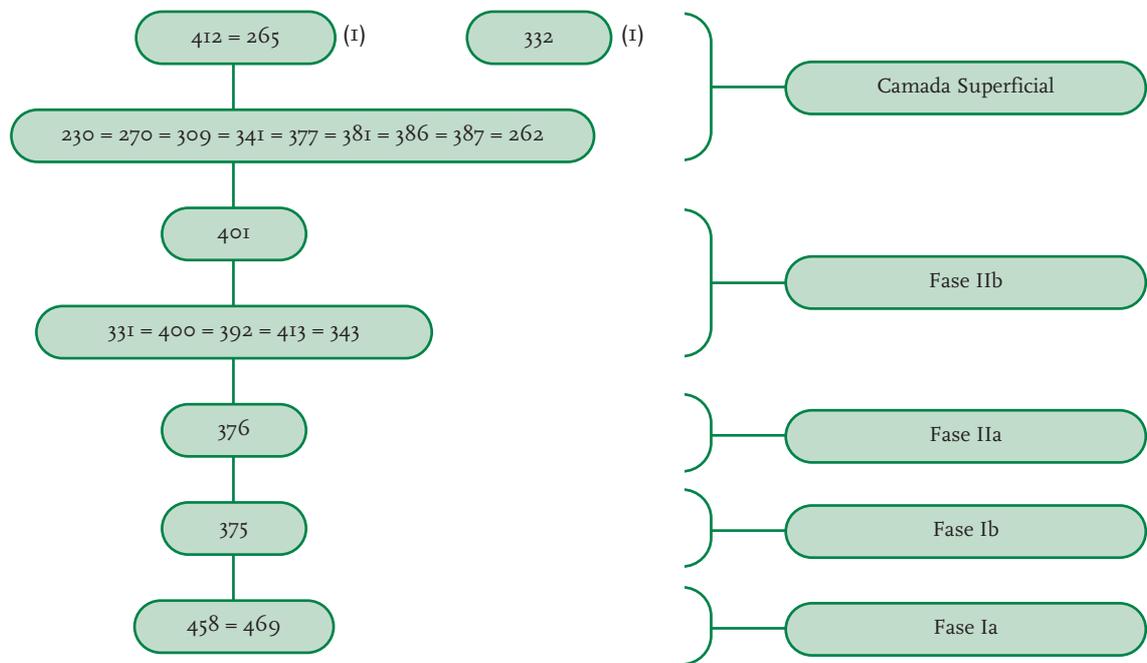
UE 413=392=400=331=343: Terra castanho-amarelada, também castanho-avermelhada, com muita cerâmica de construção e, sobretudo, pedras de calibre médio, que se depositou sobre o muro e exterior do compartimento, contendo muito xisto fragmentado. Esta unidade, com uma ligeira heterogeneidade na cor, é bastante rica em cerâmicas de construção, deposita-se sobre as UEs 376 e 375; tem uma espessura que varia entre 5 e 30cm. É diferenciável da UE 376 não só pela menor quantidade de pedras, mas também pela coloração mais clara. Esta unidade, além de possuir bastante cerâmica de uso quotidiano, caracteriza-se por conter muita cerâmica de construção. D2, D4, D4 cont. (M= 205,4-213,9 W; P= 14,8-19,9 S).

UE 376: terra castanha, com bastante material cerâmico concentrado, material de construção (telha e pedra de calibre médio). Esta UE deposita-se sobre a UE 375 e parcialmente sobre a UE 335=286=287=426; tem uma espessura que varia entre 5 e 25 cm. D4. (M=208,96-214,52 W; P= 17,8-18,96 S).

UE 375: terra castanha, com material de construção, cerâmica e pedra; tem uma espessura que varia entre os 5 e os 20cm. Deposita-se sobre a UE 458, na sua parte sul, e sobre a rocha-mãe, na sua parte norte. D4. (M=205,1-214,0 W; P= 16,7-19,0 S).

UE 458=469: terra castanho-amarelada, também castanho avermelhada, com fragmentos de xisto e materiais de construção misturados (telhas e cerâmica). D4, D4 cont. (M= 205,5-213,0 W; P= 18,9-21,0 S). Esta unidade, com uma ligeira heterogeneidade na cor, deposita-se sobre a rocha-mãe; tem uma espessura que varia entre 10 e 35 cm. As UEs 469=458 e 375 são bastante mais ricas em materiais cerâmicos de uso quotidiano e não tanto em materiais cerâmicos de construção.

Diagrama



1.2. Os restantes ambientes

1.2.1. Estratigrafia (ver Anexo 4, Fig. 1)

Ambientes exteriores

Ambiente 1

UE 378: Terra castanho clara, com muitos fragmentos de xisto; assenta imediatamente sobre a rocha-mãe no canto se da depressão da mesma, elaborada para o encaixe da construção. Deposita-se sobre as UEs 461 e 433 e encosta ao muro sul da construção. Tem uma espessura média de 5-10 cm. E6. (M= 208-217,2 W; P= 28,6-31,35 S).

UE 461: Terra de cor vermelha, com bastante material cerâmico de construção, interpretada como derrube de telhado. Deposita-se entre o declive da depressão aberta na rocha-mãe e o muro sul da construção. Tem 15-20 cm de profundidade e assenta quase toda na rocha-mãe e, na sua extremidade este, sobre a UE 443. E6. (M= 213,4-216,06 W; P= 28,76-30,2 S).

UE 443: Terra de cor castanho-avermelhada, com cinzas, materiais de construção. Atinge uma profundidade de 10-20 cm. Esta camada também pode ser definida como derrube da construção, embora não tão homogêneo quanto a UE 461. Possui, além disso, outras diferenças em relação a ela: a presença de cinzas, já referida, alguma acumulação de cerâmica comum — nomeadamente o bocal e pança de um vaso de bordo trilobado — e o facto de preencher a *supra* citada cavidade na rocha mãe. Esta cavidade apresenta um corte mais profundo, em toda a extensão do muro, com cerca de 30 cm de largura e 10 cm de profundidade, sendo, pois, preenchida pela UE 443. E6. (M= 208-214 W; P= 28,9-30,9 S).

UE 449: Terra castanho-clara, com fragmentos de xisto, e muitos materiais de construção pétreos e cerâmicos, bem como cerâmica utilitária. Esta camada preenche uma cavidade na rocha-mãe aberta e preenchida em época romana, possuidora de uma orientação análoga à da construção 1, da qual dista 2,5 m para Sul. Com planta em cotovelo, formando um ângulo de 90 graus, esta fossa tem uma extensão de 4 m no braço norte-sul e de 3,6 m no braço este-oeste, e uma largura de 1,3 m no braço norte-sul e 0,8 m no braço este-oeste. A profundidade varia entre 60 cm no extremo norte e 30 cm no extremo este. E6 cont., E7 (M= 212,0-216,4 W; P= 31,6-35,6 S).

Ambiente 2

UE 311=24=256=300=368: Derrube de telhado com terra castanho-avermelhada, compacta, e fragmentos de xisto. Esta camada tem uma profundidade de cerca de 20 cm e deposita-se sobre a UE 335=286=287=426. E6, B3, D2 (M= 214,0-215,9 W; P= 19,0-25,8 S).

UE 335=286=287=426: Terra castanho-avermelhada, algo compacta, com bastante material de construção, mas de uma forma menos homogênea do que na UE anterior. Tem cerca de 20 cm de profundidade e preenche já o recorte mais estreito na rocha-mãe, efectuado para o encaixe e protecção da construção. Deposita-se sobre a UE 342=337=470. E6, B3, D2 (M= 214,0-215,9 W; P= 16,70-25,8 S).

UE 342=337=470: Terra castanho-avermelhada, algo compacta, com xisto desfeito e menor frequência de materiais arqueológicos, nomeadamente de construção, do que nas UEs depositadas sobre ela. Tem uma profundidade de 20-30 cm. Deposita-se sobre a rocha-mãe. E6, B3, D2 (M= 214,80-215,8 W; P= 17,0-25,2 S).

Ambiente exterior este

UE 396: Terra castanha com bastantes fragmentos de xisto, compacta. Atinge 20 cm de profundidade. Deposita-se sobre a rocha-mãe e parcialmente sobre a UE 397; encosta ao muro este da construção. Contemporâneo à UE 382 do ambiente 4 e à UE 383=268=266=416 do ambiente 6. E6 (M= 203-204,86 W; 22,5-24,6 S).

UE 397: Terra castanho-avermelhada, algo compacta, com fragmentos de xisto e muito material de construção. Interpretado como derrube. Deposita-se sobre a rocha-mãe e encosta ao muro este da construção. Tem uma profundidade de 15-20 cm. E6 (M= 203,0-205,18 W; P= 23,52-25,68 S).

UE 416: Terra de cor castanho, pouco compacta, com alguma concentração de material cerâmico de construção e pedras de calibre médio. Espessura de 20-25 cm. Assenta sobre a rocha-mãe e encosta ao muro este da construção. D4 cont. (M=203-205,6; P= 19,0-21,0 S).

Ambientes interiores

Ambiente 3

UE 393=446: Terra castanho, por vezes castanho-escura, compacta, com nódulos de argamassa, cerâmica de construção e pedras de alvenaria com argamassa agregada; carvões. Interpretada como derrube do muro oeste da construção. Profundidade de 25-35 cm. Deposita-se sobre a UE 379=447=477 e encosta ao muro oeste da construção. E6 (M=213,4-214,6 W; P= 25,8-28,4 S).

UE 379(762)=447(796)=477(862): Terra castanho-avermelhada, por vezes castanho-amarelada, compacta, com cerâmica de construção e algumas pedras, carvões, fragmentos de xisto. Assenta na rocha-mãe e cobre todo o compartimento. Profundidade de 35-40 cm. E6 (M= 209,2-213,7 W; P= 25,8-28,9 S).

Ambiente 4

UE 382: Terra castanho-amarelada, com alguns materiais de construção. Espessura média de 25 cm. Assenta na UE 429; encosta às UEs 391 e 383=268=266=416. E6 (M=210,13-214,7 W; P= 22,5-25,8 S).

UE 429=467: Terra castanho-avermelhada escura, relativamente compacta, com alguma talisca. Pedras de alvenaria e cerâmica de construção. Interpretado como derrube do muro oeste da construção. Espessura média de 15 cm. Assenta sobre a UE 425=464; encosta à UE 466 e ao muro oeste da construção. E6 (M= 213,4-214,22; P= 22,5-25,44 S).

UE 425=464: Terra castanho-avermelhada, com bastantes materiais cerâmicos de construção e pedras de calibre médio, material osteológico. Algumas pedras de calibre grande e nódulos de argamassa. Espessura média de 10 cm. Encosta à UE 466 e assenta sobre a UE 517=484=483=521=520=519=518. E6 (M= 209,9-214,4 W; P= 25,9-29,0 S).

UE 466: Mancha de carvões. Espessura de 5 cm. Assenta sobre a rocha-mãe e encosta à UE 425=464. E6 (M= 212,66-213,6 W; P= 23,2-23,86 S).

UE 485: Terra castanho escura, arenosa, contendo cal desfeita, que se situava sob a estrutura de alvenaria idêntica à dos muros desta construção, com pedras agregadas com terra barrenta, no canto sudeste do compartimento (esta estrutura possuía cerca de 50 cm de altura e formava uma planta quadrangular de cerca de 60 cm de lado). Deposita-se sobre a UE 517=484=483=521=520=519=518.

UE 517=484=483=521=520=519=518: Terra taliscosa, semi-compacta, sob lajeado, preenchendo totalmente cavidade na rocha-mãe. Sob o lajeado (formado por pequenas lajes de calcário e algumas de xisto) que circundava este compartimento definiu-se, então, uma estrutura negativa escavada na rocha de base, com uma média de 30 cm de largura e 15 cm de profundidade. Em três locais, esta cavidade atingia maiores proporções: num ponto do braço oeste desta estrutura negativa a cavidade formava um sub-rectângulo com 45 cm de profundidade e 70 cm de largura; num ponto do braço sul, a cavidade era subcircular, com

38 cm de profundidade e cerca de 60 cm de diâmetro; por debaixo da soleira entre este ambiente 4 e o ambiente 6, a cavidade era sub-circular, com 27 cm de profundidade e cerca de 60 cm de diâmetro. No braço este, encontrava-se uma ímbrice inteira, num local onde não havia lajes, podendo a sua função ser exactamente a de colmatar a ausência destas. Este dreno está relacionado com o sistema de drenagem desta construção, particularmente com as UEs 510=511 e 514=515, do ambiente 6, para onde escoava a água deste dreno, enquanto foi utilizado.

Ambiente 5

UE 389: Terras castanho-amareladas, com alguma cerâmica de construção. É cortada por uma das valas agrícolas e assenta sobre as UEs 445 e 479. Tem uma profundidade de 8-10 cm. E6 (M= 205,2-209,0 W; P= 26,4-30,0 S).

UE 445: Terra castanho-avermelhada, com materiais de construção e fragmentos de cerâmica e resíduos de carvões muito dispersos. Espessura média de 10 cm. Assenta sobre as UEs 479 e 480; encosta à UE 444. E6 (M=207,0-208,86 W; P= 26,7-30,24 S).

UE 444: Terra castanho-avermelhada com fragmentos de xisto e grande concentração de materiais cerâmicos e nódulos de cinzas. Espessura média de 10 cm. Assenta sobre a UE 479; encosta à UE 445. E6 (M=206,4-207,4 W; P= 27,88-28,8 S).

UE 479: Terra castanho-amarelada, arenosa, algo compacta, com muitos fragmentos de xisto. Espessura de 5-10 cm. Assenta sobre a rocha-mãe e parcialmente sobre a UE 513; é contemporânea à UE 480. E6 (M= 206,1-208,8 W; P= 26,7-29,3 S).

UE 480: Terra castanho-escura, com muitos carvões e cinzas, muito compacta, com materiais cerâmicos e alguns fragmentos de xisto. Espessura de 5 cm. Assenta na UE 512. E6 (M= 207,6-208,7 W; P= 26,75-27,85 S).

UE 513: Terra castanha, taliscosa, com pedras de calibre médio; preenche cavidade no xisto (buraco de poste?). Definiu-se uma cavidade com cerca de 9 cm de profundidade e 35 por 18 cm de lado. E6 (M= 207,5-207,88 W; P= 27,15-27,85 S).

UE 512: Terra castanha, taliscosa, com fragmentos de cerâmica de construção e pedras; semi compacta; preenche cavidade na rocha-mãe. Definiu-se uma cavidade de planta sub-retangular, com cerca de 8 cm de profundidade e cerca de 30 por 15 cm de lado. E6 (M= 207,9-208,5 W; P= 26,4-26,72 S).

Ambiente 6

UE 383=268=266=416: Terra castanho-amarelada, com bastantes fragmentos de xisto de pequenas dimensões; contém algum material de construção. Espessura de 5-15 cm. Assenta sobre as UEs 298=415, 414=297, 450=451=452=319 e 325; encosta à UEs 382 e 391. E6, B2, D4 cont. (M= 205,4-210,0 W; P= 19,8-26,0 S).

- UE 298(653)=415: Terra de cor castanho, com muitas cinzas, telha e cerâmica fina em conexão. Espessura média de 10 cm. Assenta na UE 325 e encosta à UE 414=297. B2, D4 cont. (M= 208,0-209,2 W; P= 20,6-22,1 S).
- UE 414=297: Terra castanho-amarelada, com material de construção e pedras de calibre médio e xisto fragmentado. Espessura média de 30 cm. Encosta à UE 298=415 e deposita-se sobre as UEs 325 e 478=472. B2, D4 cont. (M= 206,04-209,36 W; P= 20,28-21,0 S).
- UE 450=451=452=319: Terra castanha, com fragmentos de xisto, cerâmica de construção. Espessura média de 5 cm. É contemporânea à UE 325 e assenta sobre a rocha-mãe e as UEs 471=474, 475, 476, 478=472, 481, 510=511, 514=515. E6 (M=205,8-219,0 W; P= 21,0-26,4 S).
- UE 325: Terra castanha, algo compacta. Espessura de 8-10 cm. É contemporânea à UE 450=451=452=319; assenta sobre a rocha-mãe e parcialmente sobre a UE 478=472=482. B2 (M= 21,0-22,5 W; P= 20,1,1-208,7 S).
- UE 478=472=482: Terra barrenta, muito compacta, com fragmentos de xisto, e alguns blocos pétreos de pequeno tamanho, que preenche vala da rocha-mãe para o muro norte da casa. D4 cont. (M=205,3-209,52W; P= 20,01-21,0 S).
- UE 475: Terra castanho-escuro, algo compacta, que preenche abertura semi-circular na rocha-mãe. E6 (M= 206,4-206,9; P= 25,0-25,8 S).
- UE 476: Terra castanha, que preenche pequeno orifício circular na rocha-mãe. E6 (M= 208,35-208,46 W; P= 24,8-24,9 S).
- UE 481: Terra castanha, taliscosa, que preenche vala da rocha-mãe para fundação do muro que divide os compartimentos 6 e 7. B2, B3, D4 cont. (M=209,04-210,36 W; P= 20,82-21,9 S).
- UE 510=511: Terra castanha, taliscosa, algo compacta, sob lajeado de calcário idêntico ao do ambiente 4 — embora apenas à base de calcário —, preenchendo cavidade na rocha-mãe.
- UE 514=515: Terra castanha, taliscosa, algo compacta, sob lajeado de calcário idêntico ao do ambiente 4, preenchendo cavidade na rocha-mãe.

A UE 510=511 preenche uma estrutura negativa, dreno, que acompanha todo o muro sul deste compartimento e possui uma largura média de 40 cm e uma profundidade média de 10 cm. Apresenta um braço perpendicular, largo, com direcção S-N, com cerca de 40 cm de largura, mas sem saída. Esta estrutura negativa indicia ter sido idealizada para funcionar em conexão com o dreno do ambiente 4, a ver por um segundo ímbrice *in situ*, junto ao muro que divide este compartimento e o ambiente 4, e pelo facto dos drenos de ambos os compartimentos apontarem para uma passagem através da parede divisória. No entanto, verificou-se que este muro assenta por completo na rocha de base, dando a entender que nunca terá havido ligação entre o dreno preenchido pela UE 510=511 e o dreno do ambiente 4. Esta ligação seria, então, efectuada pelo braço preenchido pela UE 514=515. Esta estrutura negativa apresenta profundidades que variam entre os 9 e os 14 cm, diminuindo bastante para Norte, chegando a apenas atingir 4/5 cm de profundidade. Este braço desembocava num outro dreno oriundo do ambiente 7, preenchido pela UE 486=487=522.

UE 474: Terra castanha, algo compacta, xistosa, que assenta na rocha-mãe e sobre a UE 474=486=487=522. E6. (M= 205,8-206,62 W; P= 23,2-24,6 S).

UE 471=486=487=522: Terra castanha, taliscosa, semi-compacta, que preenche o dreno procedente do topo oeste do ambiente 7 e que desagua no topo este do ambiente 6, também ele sob lajeado de calcário. No ambiente 7, este dreno forma, à partida — junto ao muro oeste — uma cavidade sub-elíptica, sub-dividida em duas cavidades internas relacionadas, com cerca de 40/45 cm de profundidade. Segue depois junto ao muro que divide este ambiente 7 e o ambiente 4, tendo nesse troço, cerca de 40 cm de largura e 10-12 cm de profundidade (no centro deste compartimento, um outro dreno, com planta em cotovelo e cerca de 1 m de comprimento, desemboca nele). Passa pela abertura que liga este ambiente ao ambiente 6 e desagua, como dito, na face este da construção. No ambiente 6, a largura é a mesma, mas a profundidade é menor, podendo apenas atingir 5 cm. A cloaca deste dreno perdeu-se devido à destruição causada por uma das valas agrícolas recentes.

Ambiente 7

UE 391=246=257=291=290=289: Terra castanho-amarelada, compacta, com algum material de construção. Espessura de 20-25 cm. É contemporânea às UEs 383=268=266=416 e 382; deposita-se sobre as UEs 317 e 355=456=473. D4 cont. (M= 209,9-214,0 W; P= 19,68-21,0 S).

UE 317: Terra castanho-clara amarelada, compacta, com fragmentos de xisto desagregado e alguma alvenaria dispersa. Espessura média de 20 cm. Deposita-se sobre as UEs 356 e 355=456=473. B3 (M=210,0-214,2 W; P= 21,0-22,5 S).

UE 356: Terra castanho-clara, pouco compacta, com fragmentos de xisto e bastantes materiais pétreos e cerâmicos de construção. Espessura de 10-15 cm. Interpretado como derrube do muro sul deste compartimento. Deposita-se sobre a UE 486=487 da qual pode possuir materiais revolvidos e sobre a UE 355=456=473. B3 (M= 210,0-214,16 W; P= 21,7-22,48 S).

UE 355=456=473: Terra compacta, de cor castanho-claro-amarelada, com fragmento de xisto. Espessura de 10-15 cm. Deposita-se sobre a rocha-mãe. B3, D4 cont. (M= 210,7-214,14 W; P= 21,02-21,9 S).

2. O espaço entre as construções n.ºs 1 e 2 (encosta do museu)

2.1. Estratigrafia

UE 351: Terra barrenta compacta, cor castanho clara, com fragmentos de xisto. Trata-se do enchimento de uma vala de romana aberta na rocha-mãe, contendo bastante escória de ferro e materiais cerâmicos. Tendo sido cortada na sequência da abertura de uma das valas agrícolas recentes (a vala que a corta corre sensivelmente com uma orientação NE-SO e possui cerca de 1,2 m de largura neste troço), é formada pelos complexos 351 (E5), 350 (B4) e 313 (E2). A Sul desta estrutura são visíveis recortes no xisto a M= 201,6 W e P= 16,7 S e M= 201,9 W e P= 17,8 S. Particularmente este último (a cerca de 1,4 m de distância para Sul da vala romana) parece consti-

tuir um buraco de poste de apoio a uma qualquer estrutura, em articulação com outras cavidades visíveis no plano 2 da Sond. D4 (a cerca de 1,4 m para Oeste de distância da vala) e plano 2 da Sond. E5 (a cerca de 2,1 m para Norte de distância da vala). Esta cavidade romana possui 4,1 m de comprimento por 1,0 a 1,15 m de largura, com uma profundidade média de 0,2 m e uma orientação, grosso-modo, Este-Oeste. Situa-se a 4,2 m para Norte em relação ao canto nordeste da construção 1. E5 (M= 199,2 — 210,0 W; P= 15,14 — 16,74 S)

UE 457: Terras de arrasto entre o estradão e a vala agrícola à cota mais baixa. Depósito de terras de coloração castanho-avermelhada com muitos fragmentos de xisto e materiais cerâmicos romanos e recentes. E5 (M= ± 189,0 — 201,0 W; P= 10 — 19 S)

UE 490: Terra castanha com fragmentos de xisto, compacta, quase estéril, sob a rocha. E5 (M= 190 — 195,5 W; P= 16,0 — 19,0 S)

UE 235: Terra acastanhada com fragmentos de xisto. C1 (M= 185,0 — 200,0 W; P= 50,0 — 52,0 S)

UE 497: Terra castanho-escura, xistosa compacta, argilosa, com carvões e materiais cerâmicos. C1 (M= 185,0 — 190,0 W; P= 50,0 — 52,0 S)

3. Construção n.º 2

3.1. Estratigrafia

UE 259: Terra castanha-avermelhada clara, compacta (sobre derrube) com alguns materiais cerâmicos. A3 (M= 210,0 — 218,5 W; P= 3,0 — 5,0 S)

UE 314: Terra castanho-clara, no interior de compartimento. A3 (M= 213,0 — 216,2; P= 3 — 5 S).

UE 328: Terra castanha clara, compacta, dentro de alicerce de muro escavado na rocha de base. D4 (M= 209,6 — 210,4 W; 5,4 — 6,1 S)

4. Construção n.º 3

4.1. Estratigrafia

UE 154: Achados de superfície na primeira área aberta em Agosto de 1996 (P 10-15 N; M= 110-115 W).

UE 156: Nova área aberta a Este do testemunho situado em P= 0-30 N; M= 119,5-120,5 W. Limpeza de superfície.

UE 104: Compartimento ainda indefinido junto à soleira da porta.

5. Área circundante à construção n.º 3

5.1. Estratigrafia

- UE 126: Sítio da fogueira. Terra queimada. Lixo. Materiais recentes misturados com romanos. Buraco de poste (?) no xisto. (M= 140 — 150 W; P= 20 — 24,3 N)
- UE 112: Complexo delimitado pelo muro alto e pelo meridiano 140W; entre os paralelos P= 10 — 20 N. (M= 132,3 — 138,4 W; P= 10 — 20 N)
- UE 168: Camada de escassa potência com afloramento xistoso. Materiais recentes misturados. (M= 120,5 — 127 W; P= 0 — 9 N).
- UE 178: Terra castanho-avermelhada, compacta e com materiais de construção misturados. Carvões dispersos em todo o complexo e ossos de animais queimados. (M= 131,6 — 135,40 W; P= 4,3 — 7,2 N)
- UE 51: Recolha de superfície. (M= 120 — 140 W; P= 30 — 50 N)
- UE 60: Camada superficial. (M= 130 — 135,96 W; P= 30 — 48 N)
- UE 53: Camada superficial. (M= 130 — 140 W; P= 40 — 48 N)
- UE 67: Camada superficial. (M= 135 — 136,6 W; P= 47 — 48 N)

Análise das formas de *terra sigillata*
hispanica, africana, ânforas e lucerna
do ambiente exterior norte da
construção n.º 1 de Chãos Salgados

1. *Terra sigillata hispânica*

1.1. Tritium Magallum

As questões cronológicas, tanto para o início como para — e sobretudo — o fim da actividade desta área produtiva continuam a suscitar muitas dúvidas, e a falta de dados estratigráficos seguros impede ainda a elaboração de um firme discurso a esse respeito.

A camada VII das escavações de *Pompaelo*, datada entre Cláudio e os Flávios, é considerada a mais antiga na datação destes materiais. Mayet constata características hispânicas em materiais dos meados do século I, o que a leva a considerar a época cláudia como o início da difusão em maior escala destes produtos, sendo que o início da actividade destas oficinas, ainda sob influências gálicas, poderia recuar aos tempos de Tibério (Mayet, 1984, p. 94).

A continuidade ao longo do século III permanece uma incógnita, devido à falta de contextos arqueológicos seguros. Parece ausente em *Conimbriga* (*apud* Mayet, 1984, p. 96); em *Pompaelo*, a camada IV, a única que poderia ser datada do século III, não possui materiais que garantam essa proposta, embalando mesmo cerâmicas tipo Drag. 37 do século II e de hispânica tardia idênticas às da camada III do Baixo Império (Mayet, 1984, p. 96).

1.1.1. Formas lisas clássicas

1.1.1.1. Drag. 15/17

Os fragmentos de bordo n.º 11 (Mir-717-59), 32 (Mir-699-339+352) e 10 (Mir-717-41+42) podem ser integrados no segundo grupo definido por Mayet, de parede pouco oblíqua e, no segundo caso, ainda com uma ligeira moldura no bordo. O terceiro caso, demasiado pequeno, parece indicar uma certa verticalidade da parede, o que o colocaria mais próximo do primeiro grupo desta forma, embora o largo diâmetro aponte, por seu lado, para uma classificação mais tardia, como poderia ser a do segundo grupo.

A peça n.º 9 (Mir-717-36), de parede oblíqua e bordo sem lábio, pode ser classificada no segundo, terceiro ou quarto grupos.

A forma Drag. 15/17 começou a ser produzida em meados do século I, não se possuindo grandes certezas quanto ao seu final, apontado para o século II. Mayet não define cronologias para os diferentes grupos, embora esteja implícita uma continuidade cronológica; no entanto, o segundo e o terceiro grupos podem ser contemporâneos (Mayet, 1984, p. 71).

10 (Mir.717.41+42): Fragmento de bordo extrovertido e arranque de parede inclinada para o interior; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz bem conservado, de cor R15=10R4/8=rouge=vermelho; db: 22,3 mm; UE 375; Fase I.

32 (Mir.699.339+352): Fragmento de bordo almendrado externamente e arranque de parede oblíqua; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 250 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase II.

11 (Mir.717.59): Fragmento de bordo biselado e levemente arredondado externamente e parede recta oblíqua; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; pouco dura; algo compacta, de

fractura grosseira e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db 200 mm; UE 375; Fase I.

9 (Mir.717.36): Fragmento de bordo arredondado e parede recta oblíqua; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; dura; compacta, de fractura pouco grosseira e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, fino, cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: indeterminável; UE 375; Fase I.

12 (Mir.717.46+17): Fragmento de bordo arredondado, parede oblíqua ligeiramente encurvada para o exterior e carena com a moldura interna suave e leve canelura externa; pasta de cor M37=2,5YR6/6=rouge clair=vermelho claro; pouco dura, compacta, com fractura algo grosseira e alguns elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, de cor R17=7,5R4/6=rouge; db: 240 mm; UE 375; Fase I.

1.1.1.2. *Drag*. 27

O n.º 14 (Mir-717-39) integra-se no primeiro grupo, ainda muito próximo de protótipos itálicos ou gauleses, com um lábio bem marcado, arredondado e de quarto de círculo bem definido.

Os restantes quatro fragmentos de bordo integram-se no terceiro ou quarto grupos, sem lábio e “quarto de círculo” mais esvasado. O n.º 15 (Mir-717-13) levantou até bastantes dúvidas quanto à sua classificação, tendo-se colocado a hipótese de pertencer ao tipo *Drag*. 18, mas a pequenez do seu diâmetro levou-nos a escolher a primeira opção. O bojo n.º 33 (Mir-699-349?) apresenta um diâmetro acentuado e algum esvasamento também, razões pelas quais optámos por uma mesma classificação.

Mayet concorda com Mesquíriz, quanto a um início da produção desta forma em meados do século I, embora os bordos arredondados sejam típicos nas produções gálicas somente em época flávia; Mesquíriz propõe o século IV como datação para o final da produção, mas Mayet, por falta de dados estratigráficos coerentes, recua essa datação aos inícios do sec. II (Mayet, 1984, p. 72).

13 (Mir.717.89): Fragmento de bordo arredondado e parede curva; pasta de cor L25=10R7/3=rose; dura; compacta, de fractura algo rectilínea e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 118 mm; UE 375; Fase Ib.

14 (Mir.717.39): Fragmento de bordo extrovertido e lábio arredondado e parede acentuadamente oblíqua; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz bastante bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 136 mm; UE 375; Fase Ib.

15 (Mir.717.13): Fragmento de bordo arredondado e parede esvasada; pasta de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 118 mm; UE 375; Fase Ib.

16 (Mir.717.58): Fragmento de bordo arredondado e parede oblíqua; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 148 mm; UE 375; Fase Ib.

33 (Mir.699.349?): Fragmento de bojo com quebra de perfil na união entre dois quartos de círculo; pasta de cor M37=2,5YR6/6=rouge clair=vermelho claro; dura, compacta, com fractura algo linear e alguns elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dc: 127 mm; UE 331=400=392=413=343, Fase IIb.

23 (Mir.736.13): Fragmento de bordo arredondado e arranque de parede oblíqua recta; pasta de cor M37=2,5YR6/6=rouge clair=vermelho claro; dura, compacta, com fractura algo linear e alguns elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, de cor R17=7,5R4/6=rouge=vermelho; db: 123 mm; UE 376; Fase IIa.

1.1.1.3. *Drag. 15/17 ou 18 ou 33*

Os fragmentos de fundo, n.^{os} 28 (Mir-735-12), 24 (Mir-736-8) e 18 (Mir-717-11), pela sua exiguidade, podem igualmente ser classificados no tipo Drag. 18, produzido entre a época flávia e os inícios do século II (Mayet, 1984, p. 71).

A peça n.º 17 (Mir-717-30), de bordo liso e parede oblíqua, apesar de se identificar com os três grupos já referidos para a Drag. 15/17, também pode ser classificada como Drag. 33, tipo produzido na segunda metade do século I ou inícios do II, geralmente com diâmetros de bordo mais reduzidos, como é o caso: 141 mm (Mayet, 1984, p. 73).

17 (Mir.717.30): Fragmento de bordo arredondado e parede recta oblíqua; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, fino, R17=7,5R4/6=rouge=vermelho; db: 141 mm; UE 375; Fase Ib.

28 (Mir.735.12): Fragmento de bojo com parede e união com o fundo; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: indeterminável; UE 331=400=392=413=34; Fase IIb.

18 (Mir.717.11): Fragmento de fundo em pé-de-anel relativamente alto e arredondado externamente e arranque de parede; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; dura; compacta, de fractura algo rectilínea e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: 98 mm; UE 375; Fase Ib.

24 (Mir.736.8): Fragmento de fundo em pé-de-anel alto de secção triangular e arranque da parede; pasta de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dura; compacta, de fractura rectilínea, depurada, com poucos elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: 103 mm; UE 376; Fase IIa.

1.1.2. Formas lisas hispânicas

1.1.2.1. Hispânica 4

O bordo em aba horizontal decorado por roleta identifica esta forma hispânica que, a seguir aos tipos Drag. 15/17 e 36, foi a forma mais difundida pelas oficinas hispânicas. Mayet não apresenta nenhuma proposta cronológica para este tipo (Mayet, 1984, p. 77); Roca Roumens e Fernández García propõem uma cronologia balizada entre os inícios da produção das oficinas e 150/160 d.C. (Roca Roumens e Fernández García, 1999, p. 285).

34 (Mir.699.347): Fragmento de aba decorada com canelura junto ao bordo; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz relativamente mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 196 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

1.1.3. Formas clássicas decoradas a molde

1.1.3.1. Drag. 37

Apenas um exemplar ao qual atribuímos uma cronologia do primeiro quartel do século II, tendo em conta a decoração com círculos, típica das oficinas hispânicas (Mayet, 1984, p. 83).

19 (Mir.717.25): Fragmento de bojo decorado com círculos concêntricos e linhas definidoras de métopa; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz bastante bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dbj: 188 mm; UE 375; Fase Ib.

1.2. Andújar

Esta área terá comeado a sua actividade produtiva, segundo Mayet, na época cláudia, embora M. Roca e M. Sottomayor ponderem o início da actividades destas oficinas em momentos anteriores, com Tibério. Mayet e Roca estão em sintonia quanto ao final da produção apontando uma datação de meados do século II, ou algures na segunda metade deste século, mas sem atingir os momentos finais desta centúria (Mayet, 1984, p. 53-5).

1.2.1. Formas lisas clássicas

1.2.1.1. Drag. 15/17

Apesar do reduzido campo de leitura dos quatro exemplares existentes, todos eles parecem intergrar-se nas variantes mais tardias deste tipo, com perfis já claramente hispânicos, abertos, de paredes levemente encurvadas para o exterior e bordos lisos, identificando-se apenas no exemplar n.º 29 (Mir-735-9) uma ligeira canelura abaixo do bordo. O fundo n.º 25 (Mir-736-7) é classificável na mesma categoria, com pé-de-anel baixo de secção rectangular e arranque de parede praticamente horizontal. Apontamos uma datação hipotética pós-flaviana para estes exemplares (Mayet, 1984, p. 45).

20 (Mir.717.27): Fragmento de bordo levemente biselado e bojo oblíquo; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média,

com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S37=2,5YR4/6=rouge=vermelho; db: 168 mm; UE 375; Fase Ib.

5 (Mir.758.16+13): Fragmento de bojo de carena contendo a canelura externa e a moldura interna que divide o fundo da parede oblíqua; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S37=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dc: 180 mm; UE 458=469; Fase Ia.

29 (Mir.735.9): Fragmento de bojo biselado com ressalto a separá-lo da parede oblíqua; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S37=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dbj: indeterminável; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

25 (Mir.736.7): Fragmento de fundo em pé-de-anel largo de secção rectangular e arranque da parede quase horizontal; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz bem conservado, fino, de cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: 93 mm; UE 376; Fase IIa.

1.2.1.2. *Drag. 27*

Um fragmento, com perfil nitidamente hispânico, alto e largo, com o quarto de círculo superior pouco encurvado e bordo sem lábio. A cronologia desta forma identifica-se com a da produção do centro de Andújar (Mayet, 1984, p. 45).

6 (Mir.758.6+5+4+7+8+1+3+2+11+12): Fragmento de bojo arredondado e parede em dois quartos de círculo; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz bem conservado, fino, de cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 152 mm; UE 458=469; Fase Ia.

2. *Terra sigillata africana*

2.1. *Terra sigillata africana A1*

É a etapa mais antiga da produção A, originária da área de Cartago, cuja cronologia se situa entre a etapa flávia e os meados do século II (*Atlante*, I, p. 19).

2.1.1. *Hayes 9A = Lamboglia 2a*

É a variante mais antiga da forma, possuindo decoração roletada, ao contrário dos exemplares mais tardios cujas faces não são decoradas. A cronologia da peça engloba-se na primeira metade do século II (*Atlante*, I, p. 27).

21 (Mir.717.26): *Terra sigillata* africana A1. Fragmento de bordo arredondado e bojo com duas caneluras e decoração roletada com traços verticais; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas dimensões; verniz relativamente mal conservado, espesso, de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; db: 144 m; UE 375; Fase Ib.

2.2. *Terra sigillata africana A1/2*

É uma etapa intermédia na produção cartaginesa, datada na segunda metade do século II (*Atlante*, I, p. 19).

2.2.1. *Hayes 26=Lamboglia 9b ou Hayes 27=Lamboglia 9a*

Devido à inexistência do fundo é impossível determinar qual dos subtipos corresponde à classificação mais correcta destes pratos com bordo inclinado para o interior e incisão separadora daquele e da parede esvasada. Segundo Lamboglia e Hayes, a forma data da segunda metade do século II; em Ostia surge em níveis de finais do século II (*Atlante*, I, p. 32).

47 (Mir.749.13+14): *Terra sigillata* africana A1/2. Fragmento de bordo levemente biselado e introvertido, com incisão interna a separá-lo do bojo esvasado; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz relativamente mal conservado, de espessura média, de cor R19=10R5/6=rouge=vermelho; db: 264 mm; UE 230=270=309=341=377=381=386=387=343; Camada Superficial.

2.3. *Terra sigillata africana A2*

A fase aqui tratada decorre de finais do século II a meados do terceiro século (Hayes 1972, p. 289).

2.3.1. *Hayes 14*

Também neste tipo se integram vários exemplares cuja exiguidade dos fragmentos não permitem determinar a forma correcta, algo que só poderia ser feito através do conhecimento do troço inferior da parede. A cronologia proposta no *Atlante* (I, p. 33) é de finais do século II e primeira metade do século III; porém, quatro exemplares da forma 14=Lamboglia 3b1 estão representados no naufrágio Cabrera III, datado do ano de 257, pelo numisma mais tardio (Bost et al., 1992), o que estende ligeiramente a cronologia desta forma e da própria produção da *terra sigillata A2* um pouco para além de meados do século III.

3 (Mir.759.5): *Terra sigillata* africana A2 (?). Fragmento de bordo arredondado e bojo ligeiramente aberto; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média,

com fractura grosseira, com bastantes elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz não conservado; db: 154 mm; UE 458=469; Fase Ia.

35 (Mir.699.789): *Terra sigillata* africana A2. Fragmento de bordo arredondado e bojo ligeiramente aberto; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz não conservado; db: 144 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

36 (Mir.699.792): *Terra sigillata* africana A2. Fragmento de bordo biselado internamente e bojo vertical; pasta de cor N37=2,5YR6/8=rouge clair=vermelho claro; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz relativamente mal conservado, espesso, de cor N19=10R6/6=rouge clair=vermelho claro; db: 242 m; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

2.4. *Terra sigillata* africana C2

É a segunda etapa da *terra sigillata* africana C, produzida na província da Bizacena, área que se torna um novo polo fundamental da economia romana, na conjugação de dois factores — o declínio económico e político de Cartago e Utica e a ascensão da dinastia africana em Roma (*Atlante*, I, p. 58). O início da primeira etapa, C1, está assim datado dos inícios do século III, mas o seu fim é um pouco impreciso (*Atlante*, I, p. 58). A etapa C2 foi datado por Hayes entre 240 e 320-30, parecendo começar um pouco depois do primeiro, mas também prolongando-se um pouco mais no tempo, alcançando o século IV, centúria que Hayes duvide que ainda assista à produção da C1 (*Atlante*, I, p. 58).

2.4.1. Hayes 50A/B

Este tipo possui uma cronologia imprecisa, em parte pelo seu perfil de transição (*Atlante*, I, p. 65); a seguirmos essa indicação poderia situar-se na primeira metade do século IV; no entanto, parece-nos que uma visão meramente tipológico-evolutiva pode distorcer a realidade e tal não acontece só com as etapas C1, C2, etc., cujas contemporaneidades parciais nos parecem indicar o estatuto, não de etapas, mas de focos produtivos; assim, outro argumento neste sentido é o facto de um exemplar de Hayes 50 A/B surgir no naufrágio de Cabrera III, datado do ano 257, o que confere um início mais alto para a produção deste tipo, quando se fabricava igualmente a forma dita anterior, Hayes 50A (Bost et al., 1992). O exemplar de Chãos Salgados não possui parede acentuadamente esvasada, como é normal nas peças Hayes 50A/B, mas o seu bordo já não é aguçado — como o são os bordos da forma Hayes 50A — sendo apenas afeiçoado externamente, o que o aproxima das características de alguns exemplares da Hayes 50B de bordos arredondados.

30 (Mir.735.14): *Terra sigillata* africana C2. Fragmento de bordo levemente biselado externamente e bojo oblíquo; pasta de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; fina, de fractura pouco grosseira, depurada, com muito poucos elementos não plásticos à base de feldspato de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, de cor R19=10R5/6=rouge=vermelho; db: 232 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

2.5. Terra sigillata *africana* C3

Segundo as escavações de Ostia, esta etapa decorreu entre inícios do século IV e meados do século V (*Atlante*, I, p. 59).

2.5.1. Hayes 50B

Esta forma foi datada por Hayes na segunda metade do século IV (*Atlante*, I, p. 65).

37 (Mir.699.577+578): *Terra sigillata africana* C3. Fragmento de bordo aguçado e bojo oblíquo suavemente curvo; pasta de cor N19=10R6/6=rouge clair=vermelho claro; fina, de fractura pouco grosseira, depurada, com muito poucos elementos não plásticos à base de feldspato de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 264 mm; Esp. UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

2.6. Terra sigillata *africana* D1 — 1.^a fase

Trata-se de uma etapa produtiva de cerâmicas provenientes da área de Cartago, desde finais do século III ou inícios do século IV até ao século V (*Atlante*, I, p. 78).

2.6.1. Hayes 61B

Três fragmentos de bordo de tigelas, com paredes esvasadas em maior ou menor grau, que não conservaram o verniz. A cronologia da forma ronda os anos de 380/390-450, segundo Hayes (*Atlante*, I, p. 83)

38 (Mir.699.18): *Terra sigillata africana* D1-1.^a fase. Fragmento de bordo vertical, com canelura fina na superfície interna, na união do bordo com a parede muito esvasada; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, mas compacta e depurada, de grão fino, de fractura grosseira, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 304 mm; (Quaresma, 1999b, est. 7). UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

39 (Mir.699.538): *Terra sigillata africana* D1-1.^a fase. Fragmento de bordo tendente ao interior, com canelura fina na superfície interna, na união do bordo com o bojo; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; algo branda, mas compacta e depurada, de grão fino, de fractura grosseira, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 253 mm; UE 331=400=392=413=343 (Quaresma, 1999b, est. 8); Fase IIb.

40 (Mir.699.215): *Terra sigillata africana* D1-1.^a fase. Fragmento de bordo tendente ao interior, com canelura fina na superfície interna, na união do bordo com o bojo; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, mas compacta, depurada, de grão fino, de fractura grosseira, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 295 mm (Quaresma, 1999b, est. 9). UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

2.6.2. Fragmentos de fundo decorados

O n.º 41 (Mir.699.22) apresenta parte de uma figura geométrica reticulada e ramo de palma, enquadráveis no estilo A(ii)-(iii), datado entre 350 e 450 d.C. (*Atlante*, I, p. 123 e 125).

O n.º 42 (Mir.699.38) está decorado com círculos concêntricos, pertencentes ao estilo A(ii), datável entre 350 e 380 d.C. (*Atlante*, I, p. 125).

41 (Mir.699.22): *Terra sigillata* DI-I.^a fase. Fragmento de fundo com decoração geométrica reticulada e ramo de palma; pasta dura, compacta, com fractura grosseira, depurada, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas ou médias dimensões, cor N19=10R6/6=rouge clair=vermelho claro; verniz não conservado; (Quaresma, 1999b, est. 13); UE 33I=400=392=413=343; Fase IIb.

42 (Mir.699.38): *Terra sigillata* DI-I.^a fase. Fragmento de fundo decorado com linhas circundantes e círculos concêntricos; pasta de cor R19=10R5/6=rouge=vermelho, tendo sofrido acção do fogo ou cozedura prolongada; dura, compacta, de fractura grosseira, depurada, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas ou médias dimensões; verniz não conservado; (Quaresma, 1999b, est. 15); UE 33I=400=392=413=343; Fase IIb.

3. Ânforas

3.1. Produções africanas

3.1.1. Classe 33 (=Africana I “Piccolo”)

O fragmento de asa em orelha abaixo descrito levanta um conjunto de duas hipóteses maiores: ou ser parte de uma ânfora de tradição púnica, cuja cronologia seria sempre muito alta em relação à datação da construção romana em que se depositou, ou pertencer a uma ânfora imperial. A pasta não se coaduna com as descrições dos fabricos béticos; também é verdade que o acabamento de cor mais clara descrito por Peacock e Williams (1986, p. 153) não se verifica nesta asa; no entanto, as características da pasta são semelhantes, apesar de não constatar a presença de calcite. Arriscamos, assim, e pelo facto de se encontrar num estrato superficial, uma classificação na classe 33, cuja área de produção é a Tunísia central e cuja funcionalidade estaria ligada ao transporte de preparados de peixe e de azeite. A datação do fabrico ronda os séculos III e IV, embora existam alguns exemplares em níveis de inícios de século II, em Ostia (Peacock e Williams, 1986, p. 153).

46 (Mir.683.44+2): Fragmento de asa em “orelha” com secção transversal sub-oval; pasta de cor M40=2,5YR7/8=rose=rosa; dura, compacta, mas com pequenos vácuos alongados, de fractura grosseira, com algum quartzo, mica branca, areias negras e algum feldspato de pequenas dimensões; superfície de cor M45=5YR7/7=jaune rouge=amarelo vermelho; diâmetro máximo: 3,7 cm. UE 230=270=309=341=377=381=386=387=262; Camada Superficial.

3.2. *Produções béticas*

3.2.1. *Forma indeterminável*

O fabrico do fragmento de bojo com arranque de asa, de seccção sub-oval (?), enquadra-se nas descrições das pastas gaditanas, sendo difícil uma classificação formal para um exemplar tão exíguo (García Vargas, 1998; Beltrán Lloris, 1977).

43 (Mir.699.537): Fragmento de bojo com arranque de asa; pasta de cor K29=2,5 YR8/4=rose=rosa; branda, mas compacta, de fractura grosseira, depurada, com quartzo, mica branca e areias negras de pequenas dimensões; superfícies da cor da pasta; db: 152 mm; UE 33I=400=392=413=343; Fase IIb.

3.2.2. *Classe 23 (=Alm. 51c =Keay XXIII)*

No espólio em estudo, possuímos um exemplar de proveniência bética e um outro — a analisar mais à frente — de origem lusitana. Estes contentores marcam, também na Bética, uma nova era na produção anfórica, que García Vargas considera mais homogénea (1998, p. 125).

A sequência cronológica com os contentores de transporte de preparados de peixe, bem como os restos de espinhas encontrados no naufrágio de Cabrera III, datado de 257 d.C. (Bost et al., 1992), levam os vários autores a supor uma mesma função para estas peças (García Vargas, 1998, p. 125).

Num centro produtor conhecido, Puente Melchor, o fabrico começa na transição entre os sécs. II e III, existindo também alguns exemplares em níveis do primeiro quartel do século IV, relacionados com o forno. Os fragmentos mais antigos conhecidos são provenientes da necrópole de Tipasa, em contextos do século II, embora não se saiba se o fabrico é bético ou lusitano (Fabião e Carvalho, 1990, p. 51; García Vargas, 1998, p. 126). Em Ostia, a sua presença inicia-se na primeira metade do século III; na cripta de S. Bonaventura, constata-se em níveis da segunda metade do mesmo século. Faz parte dos espólios dos naufrágios de Planier 7, Pampe-lone, datados do séc IV; dos naufrágios de Port Vendres I e Sud Lavezzi I, datados do século IV ou inícios do V (García Vargas, 1998, p. 126). Em *Magna Mater*, a sua cronologia está balizada entre 350 e 480 d.C. (García Vargas, 1998, p. 126).

26 (Mir.736.2I+20+I8+I9): Fragmento de fundo cilíndrico e onfalado, oco; lado externo com pasta e superfície de cor M45=5YR7/7=jaune rouge=amarelo vermelho; lado interno com pasta e superfície de cor M39=2,5YR6/8=rose; dura e compacta, de fractura grosseira, com bastante mica branca e areias negras de pequenas dimensões e algum quartzo de grandes dimensões; diâmetro fundo: 67 mm; UE 376; Fase IIa.

3.3. *Produções lusitanas*

3.3.1. *Classe 20/21*

Adoptámos a nomenclatura proposta por C. Fabião e A. Carvalho (1990, p. 41-2 e 48), concordando com a ideia defendida por estes autores de que continua a não ser praticável, ao nível morfológico, a separação dos materiais de origem lusitana e bética. A pasta da ânfora abaixo des-

crita enquadra-se nas descrições existentes sobre os centros oleiros dos baixos vales do Tejo e Sado (Raposo, 1990; Mayet, Schmitt e Silva, 1996), não sendo, porém, plausível efectuar uma distinção entre os produtos das duas áreas.

Os oleiros que fabricaram os primeiros contentores desta forma ter-se-ão inspirado noutros de origem bética, tardo-republicanos/alto-imperiais, como as Classes 14, 16 e 19 (Fabião e Carvalho, 1990, p. 47), bem como a Classe 15 (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 62). No que respeita ao território actualmente português, nos fornos de Abul, no Sado, está documentada essa transição formal, datada de Augusto-Tibério (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 62).

A produção da Classe 20-21 situa-se em meados do século I d.C. e estende-se até finais do século II ou primeira metade do terceiro, embora o exemplar mais antigo provenha do naufrágio de Sud-Lavezzi 3 (Córsega), datado do primeiro quartel do século I; e em Ostia o seu desaparecimento se verifique na primeira metade do século III (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 41-42 e 48).

As ânforas desta Classe transportavam *liquamen* e *muria* — segundo os *tituli picti* conhecidos — e possivelmente outros tipos de preparados de peixe, a ver pelos restos de fauna ictiológica encontrados em contentores no naufrágio de San Antonio Abad, ao largo de Ibiza (Fabião e Carvalho, 1990, p. 41-2).

Embora para alguns autores as variações de partes de uma ânfora não sejam suficientes para a determinação de sub-tipos, mas sim apenas a análise de todo o contentor (Fabião e Carvalho, 1990, p. 48), alguns arqueólogos apresentam certas diferenças estatísticas, que pelo, embora apenas possuamos um fragmento de bordo, parece-nos de alguma utilidade comparar. Assim, o fragmento em estudo pode ser enquadrado no grupo C) de Porto dos Cacos (Raposo, 1990, p. 125) ou no grupo C) de Pinheiro, bordo de lábio arredondado, considerado a variante mais difundida por esta unidade produtora, durante quase todo o século II (Mayet e Silva, 1998, p. 63).

27 (Mir.736.2): Fragmento de bordo perolado e colo tronco-cónico; pasta semi-compacta, com vácuolos alongados e fractura grosseira, com bastante quartzo de médias e grandes dimensões, mica branca e areias negras de pequenas dimensões; cor N45=5YR6/6=jaune rouge=amarelo vermelho e superfície externa de cor L47=2,5YR7/4=rose=rosa; db: 175 mm; altura de colo observável: 56 mm. UE 376; Fase IIa.

3.3.2. Classe 23 (=Alm. 51c)

Já nos referimos atrás sobre esta forma, acerca da congénere produzida na Bética. A discussão cronológica e funcional é geralmente feita em conjunto pelos autores, mas preferimos deixar para este ponto a apreciação de alguns dados respeitantes somente aos exemplares de origem lusitana.

O exemplar de Chão Salgados é um fragmento de fundo cilíndrico, oco, com arranque de bojo que indicia uma pança fusiforme, de fabrico lusitano, tagano ou sadino.

No centro produtor de Porto dos Cacos — datado entre os séculos I e IV/V — esta forma está bem representada, sendo mesmo maioritária. O exemplar em estudo integra-se no grupo d) dos fundos descritos pelo autor (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1995). Nos fornos 1 e 2 da Quinta do Rouxinol, centro produtor que laborou entre a segunda metade do século II e a primeira metade do século IV, este tipo também é predominante (Duarte e Raposo, 1995). Por fim, no centro do Pinheiro, este já no vale do Sado, esta ânfora está presente em larga escala e começa a ser produzida na segunda metade do século III (Mayet e Silva, 1998, p. 143).

Nas escavações da Travessa dos Apóstolos, em Setúbal, surge na camada 9, datada da transição entre os séculos II e III; as suas datações estão geralmente balizadas entre os séculos III e V (Fabião e Carvalho, 1990, p. 51).

44 (Mir.699.356+358+353+355+354+357): Fundo cilíndrico onfalado, oco e arranque de parede; pasta dura, compacta, de fractura grosseira, com bastante quartzo de médias e grandes dimensões, mica branca e areias negras de pequenas dimensões; cor N90=2,5Y6/4=olive pãle=oliva pálido internamente e externamente — bem como as superfícies, de cor M39=2,5YR=6/8=rouge clair=vermelho claro; diâmetro fundo: 56 mm; alt. fundo: 39 mm; largura máxima do bojo: 103 mm. UE 331=400=392=423=343; Fase IIb.

4. Lucernas

4.1. Provinciais

4.1.1. Forma indeterminável

Parece-me que pouco há a dizer sobre o único fragmento de lucerna encontrado, sendo até uma simples asa. A pasta integra-se nos grupos 1, 7 ou 8 definidos por Maria e Manuel Maia, no estudo sobre os materiais do depósito de Santa Bárbara, Castro Verde, constituído por lucernas cujos tipos derivam das formas Dr. 20/Loesch. VIII (Maia e Maia, 1997). A origem do exemplar de Chãos Salgados deverá, pois, ser local ou regional. A forma Dr. 20 difunde-se sobretudo a partir da época flávia (Beltrán-Lloris, 1990, p. 265).

45 (Mir.699.630): Asa arredondada, irregular, com orifício central; pasta semi-compacta, pouco dura, de fractura grosseira, depurada, com alguma calcite e nódulos ferruginosos de pequenas dimensões; cor L47=2,5YR7/4=rose=rosa; verniz, se existiu, desapareceu completamente; diâmetro máximo da asa: 22 mm. UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

Quadros

QUADRO 2

N.º de fragmentos das produções segundo as unidades de escavação do ambiente exterior norte da construção n.º I de Chãos Salgados.

	T.S. Sudgálica		T.S. Tritium				T.S. Andújar	T.S. Af. AI	T.S. Af. AI/2	T.S. Af. A2	T.S. Af. C2	T.S. Af. C3	T.S. Af. D1-1.ª fase	Ánf. Afr.	Ánf. Bética	Ánf. Lusitana	Lucerna Regional
	Drag. ind. 18	Drag. 27	Drag. 27	Drag. 15/17	Drag. 15/17	Drag. 4	Drag. 15/17	Hayes 9A	Hayes 26	Hayes 14	Hayes 50A/B	Hayes 50B	Hayes Fundo decor. 61B	Classe 33	ind. 23	Classe 20/21	Classe 23
Fase Ia UE 458=469	I	I	I	I	I	I	I	I	I?								
Fase Ib UE 375	I	I	I	4	4	2	I	I									
Fase IIa UE 376	I		I	I	I										I		
Fase IIb UE 331=400= 392=413=343	I		I	I	I	I			2	I	I	3	2			I	I
Camada superf. UE 230=270= 309=341= 377 =381=386=387 =262								I						I			

QUADRO 3

N.º de fragmentos de pastas e vernizes observados no espólio de Chãos Salgados.

Pastas	I	2	3	Total
Fragm.	29	317	246	592
%	4,8	53,5	41,5	100
Vernizes	I	2	3	4
Fragm.	7	133	422	13
%	1,1	22,7	72,1	1,7
				100

QUADRO 4

N.º de fragmentos de pastas e vernizes observados nas formas determinadas em Chãos Salgados.

		Formas	P1	P2	P3	V1	V2	V3	V4	V5	
Formas lisas	Pratos	R1		2	1			3			
		D17b		3			1	2			
		D15/17	1	27	15		16	27			
		D18	5	53	29		18	66	1	1	
		D15/17 ou 18	1	2			2	1			
		F2		1				1			
	Tigelas	R5									
		R8		2					2		
		D24/25	1	23	14		12	23	1	3	
		D27		38	28		7	47	2	1	
		D33	1	8	4		4	9			
Taça/prato	D35/36		5	3		1	7				
Formas decoradas	Cálice	D11									
	Taças	D29		2	2		1	3			
		D30	1	15	16	2	9	21			
		D37	1	7	8	1	3	12			
		D29 ou 37	1	16	5		1	23			
		D29, 30 ou 37									

QUADRO 5

Quadro estatístico de tipos representados em Chãos Salgados.

		Formas	N.º de frags. (com invent.)	N.º de frags. (incluindo o material citado por Dias (1976-7))	%	NMI (com invent.)	%
Formas lisas	Pratos	R1	4	4	0,5	4	1,4
		D17b	3	3	0,4	3	1
		D15/17	52	79	11,3	30	10,8
		D18	99	194	27,8	75	27
		D15/17 ou 18	4	4	0,5		
		F2	1	1	0,1	1	0,4
	Tigelas	R5	1	3	0,4	1	0,4
		R8	3	3	0,4	3	1
		D24/25	51	76	10,9	33	11,9
		D27	70	116	16,6	51	18,3
		D33	17	21	3	10	3,6
Taça/prato	D35/36	12	18	2,5	12	4,3	
Formas decoradas	Cálice	D11	1	2	0,2	2	0,7
	Taças	D29	12	14	2	9	3,2
		D30	45	69	9,9	29	10,4
		D37	32	37	5,3	15	5,4
		D29 ou 37	42	42	6		
		D29,30 ou 37	4	10	1,4		
Total		453	696		278		

Marmoreadas (10 frags. = 1,4%)

Marcas (44 frags. = 6,3%)

Grafitos (7 frags. = 1,0%)

Relação Formas de Pratos/Tigelas: 113/98 NMI = 53,6/46,4 %

Relação Formas Lisas/Decoradas: 223/55 NMI = 80,2/19,8%

QUADRO 6

Evolução cronológica do espólio de Chãos Salgados.

Espólio			Pratos		
Épocas	NMI	%	Épocas	NMI	%
Tibério	31	11,2	Tibério	13,5	12
Cláudio	70	25,2	Cláudio	32,5	28,8
Nero	80	28,8	Nero	33	29,2
Vespasiano	63	22,7	Vespasiano	20	17,7
Domiciano	34	12,2	Domiciano	14	12,4

Tigelas			Cálice e taças decorados		
Épocas	NMI	%	Épocas	NMI	%
Tibério	14	14,3	Tibério	3,5	6,7
Cláudio	24	24,5	Cláudio	13,5	24,5
Nero	33	33,7	Nero	14	25,5
Vespasiano	17	17,3	Vespasiano	20	36,4
Domiciano	10	10,2	Domiciano	4	7,3

D35/36		
Épocas	NMI	%
Flaviana	12	100

QUADRO 7

Evolução cronológica dos oleiros presentes em Chãos Salgados.

Época	Exs.
Cláudio	5,45
Nero	10,75
Vespasiano	11,25
Domiciano	4,05
Trajano	1

QUADRO 8

Quadro de marcas e grafitos de Chãos Salgados.

N.º de Inventário	Tipo	Marca – Leitura/ Oleiro	Marca – Caixilho	Grafito	Localização na peça	Cronologia/Morfologia/ Sector-Campanha/ Observações
174 (Mir-4-23)	t]V ... ?	Fragmento de caixilho rectangular fino, de extremidade arredondada arredondada, inserto em círculo.			P2;V3 Dp: 54 mm; hp: 10 mm Canelura externa a meia altura do pé.
175 (Mir-125-898)	t	Ilegível	Fragmento de caixilho de forma bi-troncocónica, muito gasto			P2;V4 Dp: 41 mm; hp: 9 mm
176 (Mir-200-59)	t]F(ecit)	Fragmento de caixilho de extremidade arredondada, inserto em círculo. Leitura duvidosa			P3; V3 Dp: 51 mm; hp: 6 mm
177 (Mir-164-2[465])	t	"nebulosa irreductível" (Hermet, 1934)	Caixilho mal impresso, de forma bi-troncocónica			P2; V3 Dp: 44 mm; hp: 6 mm
178 (Mir-2-40)	t ... ?]M	Fragmento de caixilho de extremidade arredondada. Letra truncada.			P2; V3 Dp: 38 mm; hp: 12 mm. Canelura externa a meia-altura do pé

QUADRO 8 [Cont.]

Quadro de marcas e grafitos de Chãos Salgados.

N.º de Inventário	Tipo	Marca – Leitura/ Oleiro	Marca – Caixilho	Grafito	Localização na peça	Cronologia/Morfologia/ Sector-Campanha/ Observações
179 (Mir-20-32)	t]O ... ?	Caixilho fragmentado, rectangular, muito gasto			P2; V3
180 (Mir-25-7)	t	V[Fragmento de caixilho de extremidade arredondada, inserto em círculo.			P2; V2 Dp: 56 mm; hp: 10 mm Leitura duvidosa
181 (Almeida, 1964, p.63, n.º 10)	Ind.	M	Caixilho rectangular de lados menores arredondados			
Almeida, 1964, p. 64	Ind.	"...O..."				Autor não apresenta estampa
Almeida, 1964, p.64b	Ind.	"IM..."				Autor não apresenta estampa
182 (Dias, 1976- -1977, n.º 122)	D15/17 ou 18	[BAS] SI ... BASSVS i	Caixilho muito pequeno, incompleto, de extremidade final arredondada			Tibério-Vespasiano (Bémont, 1976) 45-70 d.c. (Polak, 2000)
183 (Almeida, 1964, p.63, n.º 9)	Ind.	CHREST ... CHRESTVS ou CRESTIO	Caixilho rectangular de ângulos arredondados, inserto em círculo			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931) 50-110 d.c. (Polak, 2000)
184 (Mir-4-20+22)	p	IV[CUND] ... IVCVNDVS I	Fragmento de caixilho de extremidade arredondada			40-70 d.C. (Polak, 2000) ... P3, V3 Dp: 84 mm; hp: 9 mm
185 (Dias, 1976- -1977, n.º 106)	t	[O]F[.(ficina) IVC{(undi)] ... IVCVNDVS ii	Fragmento de caixilho muito estreito, arredondado na extremidade			70-100 d.C. (Polak, 2000)
186 (Dias, 1976- -1977, n.º 123)	D33	IVNI ... IVNIVS	Caixilho muito mal impresso, inserto num círculo irregular			Cláudio-Flávios (Oswald, 1931)
187 (Dias, 1976- -1977, n.º 107)	D15/17	OF.(ficina)LA [BIO(onis)] ... LABIO	Fragmento de caixilho rectangular arredondado na extremidade			Cláudio-Nero (Oswald, 1931) Tibério-Cláudio-Flávios (Polak, 2000)
188 (Dias, 1976- -1977, n.º 109 = Almeida, 1964, p. 63, n.º 5)	t	[L]IBERTVS ... LIBERTVS	Fragmento de caixilho rectangular de extremidade arredondada inserto num círculo			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) Cláudio-70 d.C. (Polak, 2000)
189 (Dias, 1976- -1977)	D15/17	MASCVLVSF. (ecit) ... MASCVLVS i	Caixilho rectangular, levemente arqueado, de ângulos arredondados			Cláudio-inícios de Vespasiano (Oswald, 1931) Tibério-Vespasiano (Polak, 2000)
190 (Dias, 1976- -1977, n.º III = Almeida, 1964, p. 63, n.º 7)	D15/17 ou 18	MERCATO[R] ... MERCATOR	Caixilho rectangular fragmentado			Domiciano-Trajano (Oswald, 1931) 70-100 d.C. (Polak, 2000)
191 (Dias, 1976- -1977, n.º 112 = Almeida, p. 63, n.º 1)	t	(ME)RCATOR ... MERCATOR	Caixilho rectangular muito pequeno e inserto num círculo irregular.			Domiciano-Trajano (Oswald, 1931) 70-100 d.C. (Polak, 2000)

QUADRO 8 [Cont.]

Quadro de marcas e grafitos de Chãos Salgados.

N.º de Inventário	Tipo	Marca – Leitura/ Oleiro	Marca – Caixilho	Grafito	Localização na peça	Cronologia/Morfologia/ Sector-Campanha/ Observações
192 (Mir-2001-019-67[XXIV] = Pereira, 1971, n.º 5	Ind.	[OF.(ficina)] MOMON[.(is)] ... MOMMO	Caixilho rectangular, fragmentado, com a extremidade arredondada			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931) Cláudio-Domiciano (Polak, 2000) ... P3, V2
193 (Mir-2001-019-28 [CENAC])	Di8	[OF.(ficina) MOM]ON[.(is)] ... MOMMO	Fragmento de caixilho rectangular, com extremidade arredondada			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931) Cláudio-Domiciano (Polak, 2000) ... P3, V2 Dp: 92 mm; hp: 11 mm ... Campanha de Frei Manuel do Cenáculo?
194 (Dias, 1976- -1977, n.º 113)	Ind.	OF.(ficina)MVR [RI] ou OF.MVR [RANI] ... MURRVS ou MURRANVS	Caixilho muito estreito, rectangular, extremidades arredondadas, inserto num círculo.			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931) ... Punção com paralelo em Vechten (Drag.27) – datado de 55-70 d.C. e Camulodunum (Drag.24/25) (Polak, 2000, p.277)
195 (Dias, 1976- -1977, n.º 114)	D24/25]MV[... MVRRVS ou MVRRANVS	Fragmento de caixilho muito mal impresso, com letras muito grandes			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931)
196 (Dias, 1976- -1977, n.º 115)	t	[F] NICIO ... NICIVS	Fragmento de caixilho, de extremidade arredondada, inserto num círculo			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931)
197 (Almeida, 1964, p. 63, n.º 4)	Ind.	OF [(.(ficina)] N[... NICIVS ?	Fragmento de caixilho rectangular de cantos arredondados			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931)
Artur, 1983, p. 55	Ind.	"NI" ... NICIUS ou PASSENVS?				Campanha de 1954-5 (não há estampa da autora)
198 (Mir-125-2485)	t	PASSENI MA.(nv) ... PASSENVS	Caixilho rectangular fino de cantos arredondados, muito gasto, de leitura difícil, centrado em círculo			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) Nero- anos 80 do séc. I d.C. (Polak, 2000) ... P3;V3 Dp: 48 mm; hp:12 mm
199 (Pereira,1971, n.º 6)	Ind.	[PA]SSENI MA [(.(nv)] ... PASSENVS	Caixilho fragmentado rectangular, de extremidade arredondada, inserto em círculo			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) Nero- anos 80 do séc. I d.C. (Polak, 2000)
200 (Mir-202-20)	t	[PAS]SENI MA[(.(nv)] ... PASSENVS	Caixilho fragmentado rectangular, de extremidade arredondada, inserto em círculo			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) Nero- anos 80 do séc. I d.C. (Polak, 2000) ... P3; V3 Dp: 42 mm; hp: 12 mm

QUADRO 8 [Cont.]

Quadro de marcas e grafitos de Chãos Salgados.

N.º de Inventário	Tipo	Marca – Leitura/Oleiro	Marca – Caixilho	Grafito	Localização na peça	Cronologia/Morfologia/Sector-Campanha/Observações
201 (Mir-531-187)	t]MA(nus) ... PASSENVVS?	Fragmento de caixilho rectangular, fino, inserto em círculo	XI	Fragmento de fundo. Interior	Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) Nero- anos 80 do séc. I d.C. (Polak, 2000) ... P2; V3 Dp: 42 mm; hp: 9 mm ... área circundante a C3 Escavação de 1995-1996.
202 (Dias, 1976-1977, n.º 116 = Artur, 1983, p. 78, n.º 3)	Ind.	PAT[E]R ... PATER	Pequeno caixilho rectangular, de cantos arredondados, bem impresso, excepto quanto ao "R" final (Dias, 1976-7)			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931) ... Campanha de 1954-5
203 (Mir-138-22 = Artur, 1983, p. 81, n.º 1)	t	[PATE]R ... PATER	Fragmento de caixilho de extremidade arredondada, inserto num círculo			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931) ... P3; V3 Dp: 50 mm; hp: 6 mm ... Campanha de 1954-5
204 (Dias, 1976-1977, n.º 117 = Almeida, 1964, p. 63, n.º 2)	D15/17	PRIMVLI ... PRIMVLVS	Caixilho rectangular de extremidades arredondadas, muito bem impresso			Cláudio-Nero (Oswald, 1931) Tibério-80 d.C. (Polak, 2000)
205 (Mir-120-273)	D18 ou 15/17	PRIM[VLI] ... PRIMVLVS	Caixilho rectangular fragmentado, de boa qualidade, no interior de circunferência			Cláudio-Nero (Oswald, 1931) Tibério-80 d.C. (Polak, 2000) ... P3; V2 Dp: 72 mm; hp: 9 mm Canelura no fundo interno
206 (Dias, 1976-1977, n.º 118)	t	[PR]IMI M[(anvs)] ... PRIMVS	Caixilho rectangular de cantos arredondados, incompleto, inserto num círculo imperfeito			Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1931)
207 (Dias, 1976-1977, n.º 119)	t	[O]F. RVFIN[I] ... RVFINVS	Caixilho rectangular, incompleto			Nero-Domiciano (Oswald, 1931)
208 (Dias, 1976-1977, n.º 120)	Ind.	[S]ABIN[VS] ou S]ABIN[i] ... SABINVS	Caixilho rectangular, incompleto			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) 50-100 d.C. (Polak, 2000)
209 (Dias, 1976-1977, n.º 121)	Ind.	[S]ABIN[VS] ou S]ABIN[i] ... SABINVS	Caixilho rectangular, incompleto			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) 50-100 d.C. (Polak, 2000)
210 (Almeida, 1964, p. 63, n.º 8)	Ind.	OF[.]SABI(ni) ... SABINVS	Caixilho rectangular de ângulos arredondados			Nero-Vespasiano (Oswald, 1931) 50-100 d.C. (Polak, 2000)

QUADRO 8 [Cont.]

Quadro de marcas e grafitos de Chãos Salgados.

N.º de Inventário	Tipo	Marca – Leitura/ Oleiro	Marca – Caixilho	Grafito	Localização na peça	Cronologia/Morfologia/ Sector-Campanha/ Observações
211 (Dias, 1976- -1977, n.º 108)	t	OF[, (ficina)] LCVIR[(ilis)] ... LUCIVS COSIVS VIRILIS	Fragmento de caixilho rectangular, com extremidade em forma de ponta de seta			Flávios(Oswald, 1931) 75-110 d.C. (Polak, 2000)
212 (Almeida [1964, p. 63, n.º 6])	Ind.	OF[, (ficina)] I[. (vcii)] C [.osii] VIR[ILIS] ... LUCIVS COSIVS VIRILIS				Flávios(Oswald, 1931) 75-110 d.C. (Polak, 2000)
213 (Mir-138-19 = Artur, 1983, p.63, n.º 31])	t	VITALIS ... VITALIS ii	Caixilho rectangular, muito gasto, no interior de círculo			65-110 d.C. (Polak (2000) ... P3; V3 Dp: 48 mm; hp. 6 mm ... Campanha de 1954-5.
Artur (1983, p. 64)	t	[VIT]ALIS ... VITALIS ii	Caixilho fragmentado, rectangular, inserto em círculo, na superfície externa da parede			65-110 d.C. (Polak (2000) ... Campanha de 1954-5. ... A autora apenas apresenta esboço
214 (Dias, 1976- -1977, Est. IX, n.º 26)	D18			IVN M [Fundo. Exterior	
215 (Dias, 1976- -1977, Est. IX, n.º 27)	Ind.			LV.[Fundo. Exterior	
216 (Dias, 1976- -1977, Est. IX, n.º 28)	Ind.			ONI[Parede. Exterior	
217 (Dias, 1976- -1977, Est. IX, n.º 29)	Ind.			OM	Fundo. Interior	
218 (Mir-26-2)	D18 ou 15/17			M.	Fragmento de fundo. Exterior	P2; V3 Dp: 76 mm; hp: 10 mm
219 (Mir-72-9)	D15/17			M ou A ou V ?	Fragmento de fundo. Interior	P2; V3 Dp: 137 mm

QUADRO 9

Chãos Salgados: n.º de fragmentos.

T.S.I.	T.S.S.G.	T.S.H
47	1023	268

QUADRO 10

Chãos Salgados: n.º de fragmentos classificáveis.

	T.S.I.	T.S.S.G.	T.S.H	T.S.C.G.	T.S.AFA	T.S.AFC	T.S.AFD	T.S.AFC/E	T.S.F.T.	T.S.H.T.	Total
Quantidade	21	696	78	1	139	130	36	3	5	2	1111
IMA	0,7	14	0,8	–	0,8	0,5	0,1	0,02	–	0,01	
%	1,9	62,7	7,1	0,1	12,5	11,7	3,2	0,3	0,5	0,2	

QUADRO 11

Relação La Graufesenque/Montans/Banassac/Lezoux, Martre de Veyre na Península Ibérica.

Sítio	Percentagem		Observações / outras proveniências
La Grauf. Montans			
<i>Valeria</i>	100		
Tossal de Manises			La Graufesenque predomina; 1 exemplar de <i>Ortvs Pavlvs</i> pode ser de Lezoux
Morè			La Graufesenque predomina; 1 exemplar de <i>C.Ivl.Vas(ilius)</i> talvez de Martre-de Veyre
<i>Ilici</i>	86,61	0,81	La Graufesenque/Montans (6,5%), sudgálico (1,62%), Lezoux (0,81%)
Valência	88,88		exemplares de Montans e Banassac
<i>Saguntum</i>	78,33		exemplares de Montans e Banassac
<i>Baelo</i>			La Graufesenque quase exclusivo; Montans (<i>Crispinvs</i>); Le Rozier (Linvs), Banassac (1 exemplar decorado)
Mérida			La Graufesenque predomina; 2 oleiros podem ser de Montans e Banassac
<i>Balsa</i>			Banassac (7 exemplares de Drag. 37)
Monte da Cegonha			possuem Montans
Tourega			possuem Montans
S. Cucufate	99,18	0,82	
M. P. D. Vila Viçosa			1 oleiro de Lezoux
Represas	99,18	0,82	
<i>Conimbriga</i>			La Graufesenque hegemónico; Montans raro
<i>Aeminium</i>			La Graufesenque (cerca de 100 exemplares); Montans (3 exemplares)
Santarém	100		
Braga			La Grauf. predomina; 2 exemplares de Montans
Castro de Vigo	91,4	8,6	
Mt. Mozinho	91,3	8,7	
Rosines de Vidriales			Predomínio de La Graufesenque
Sta. María del Juncal	5,5	94,5	
La Matra			Predomínio de Montans
Pamplona			Predomínio de Montans
<i>Iuliobriga</i>			La Graufesenque predomina
Herrera de Pisuegra			sudgálico (maioria); centro-gálico (1 exemplar de Déch. 72)
Numância			La Graufesenque predomina; 2 oleiros de Montans

QUADRO 12Primeiros produtos de *terra sigillata* sudgálica na Península Ibérica.

Produto	Descrição	Sítios
	Pré-Sigillata	Baetulo, Tarraco
Drag. 11	cálice decorado	Ilici, Valeria, Tarraco, Baetulo, Cartago Nova, Baelo, Lezíria, Represas, Aeminium, Conimbriga, Herrera de Pisuerga, Arcobriga
	cálice	Represas
Drag. 12	cálice decorado	Represas
Drag. 17a	prato	Morè, Baelo, Represas, Mte. Mozinho
Drag. 17b	prato	Valeria, Baelo, Troia, Represas, Santarém, Braga
Drag. 17	prato	Ilici, Represas
Drag. 24	tigela	Represas
Halt. 14	taça com asas	Herrera de Pisuerga
	lagoena	Represas
Drag. 19	prato	Represas
Déch. 57	copo decorado	Ilici
H.31	tigela	Baelo, Segobriga
Drag. 2/21	prato	Valeria, Tarraco, Baetulo, Baelo, Represas, Santarém, Braga
Drag. 3	prato	Cartago Nova

QUADRO 13Dispersão de formas de *terra sigillata* sudgálica mais residuais na Península Ibérica.

Época	Forma	Descrição	Sítios
Cláudio-Nero	H.4	cálice	Baelo
	C.11=R.12	taça	Ilici, Valeria, Cartago Nova, Baelo, Mérida, Troia, Represas, Santarém, Cardílio, Conimbriga, Braga, Herrera de Pisuerga, Segobriga
	H.5	taça decorada	Herrera de Pisuerga
Júlio-Cláudia	Drag.15	prato	Baelo
	Drag.16	prato	Valeria, Baelo, Represas, Troia, Conimbriga, Braga, Mte. Mozinho
Júlio-Cláudia e Flávia	Drag.4/22	prato	Valeria, Ilici, Cartago Nova, Represas, Conimbriga, Iuliobriga, Herrera de Pisuerga, Segobriga
	H.18 = R.13	tinteiro	Cartago Nova, Baelo, Troia, Conimbriga, Braga, Segobriga
	H.2/12	prato	Baelo, Represas
	H.15	garrafa decorada	Morè, Cartago Nova, Baelo, Santarém, Herrera de Pisuerga
Nero-Flávia	K.78	taça decorada	Valeria, Baelo
	H.9	taça decorada	Valeria, Baelo, Mérida, Conimbriga
	Déch.67	copo decorado	Valeria, Baetulo, Cartago Nova, Conimbriga, Aeminium, Rosinos de Vidriales, Segobriga
	Drag.56	taça/barbotina	Lacipo
	Vernhet A3	taça com pé/ barbotina	Segobriga
	Vernhet B2	prato/barbotina	Morè
	Vernhet C2=C.15	prato	Santarém, Sta. María del Juncal
	Vernhet D1	taça barbotina	NW, Cartago Nova ?
	H.7	taça lisa	Segobriga, Conimbriga
	H.9	taça lisa	Conimbriga
	Déch.72	taça barbotina	Herrera de Pisuerga
	Drag. 49	Taça lisa	Lacipo

QUADRO 13 [Cont.]

Dispersão de formas de *terra sigillata* sudgálica mais residuais na Península Ibérica.

Época	Forma	Descrição	Sítios
?	H.19	Taça	<i>Portus Ilicitanus</i>
	Drag. 32	Prato	Morè, <i>Iuliobriga</i>
	Drag. 31	Prato	Morè
	Drag. 26	Tigela	NW
	Drag. 40	Taça	NW
	Drag. 23	Tigela	<i>Iuliobriga</i>
	Drag. 67?	?	<i>Iuliobriga</i>
	H.13	Cantil	<i>Balsa</i> , Mérida, Represas, Alcácer do Sal
		Copo	Represas
		Pátera	Represas
		Fechada	Represas
		Garrafa	Represas
	H.25	taça lisa	<i>Segobriga</i>

QUADRO 14

Terra sigillata itálica, sudgálica, hispânica e africana A: percentagem e IMA.

Sítio	Quantitativo de T.S.	Percentagem				IMA			
		T.S.I.	T.S.SG.	T.S.H.	T.S.AF.A	T.S.I.	T.S.SG.	T.S.H.	T.S.AF.A
Troia	2478	0,3	12,7	4,9	7,1	0,2	6	1,2	1
Ilha do Pessegueiro	2094		36	33	24		15	7	2,8
Alcácer do Sal	1014	24	35,5	40		8,2	7,2	4,1	
<i>Ilici</i> *	775	29,8	60,5	9,7		9,9	12	0,9	
<i>Saguntum</i> *	819	24,9	62,7	12,4		6,8	10,3	10	
Valência*	582	11	31,9	57,2		2,1	3,7	3,3	
<i>Portus Ilicitanus</i>	?	17,24	12,3	3,4	5,9				
<i>Valeria</i> *	452	9,1	37,8	53,1		1,3	3,4	2,4	
Tossal de Manises*	425 marcas	29,1	54,8	2,3	T.S.TI.: 11,3	4,1	4,7	0,1	
Morè*	127	6,2	49,6	8,6	35,4	0,2	1,3	0,1	0,3
<i>Cartago Nova</i>	914						18,3		
Ibiza*	169 marcas	61,5	31,9	6,5		3,4	1,1	0,1	
<i>Baelo</i>	12334	6,9	24,3	10,5	21,9	28	60	13	15
<i>Balsa</i>	174	9,1	45,4	12	12	0,5	1,5	0,2	0,2
Lezíria*	102	23,5	37,2	46		0,8	0,8	0,5	
Represas	6508	12,8	31,8	34,6	8,7	28	41,2	22,4	3,1
S.Cucufate	3414	0,5	5,1	30	16,5	0,6	3,5	10,3	3,1
Azeitada	108	3,6	56,5	34,2	2,8	0,1	1,2	0,4	0,02
Povos	161		21,7	49,7	28,8		0,7	0,8	0,3
Santarém	Cerca de 3500	34,3	37,5	12,9	3,7	13	8,8	1,5	0,2
Cardílio*	127	3,9	55,1	29,9		0,2	1,4	0,4	
<i>Conimbriga</i>	5281	14	29,9	27,2	0,4	25	31,7	14,4	0,1
<i>Aeminium</i> *	Cerca de 200	50,7	49,3			3,3	2		

QUADRO 14 [Cont.]

Terra sigillata itálica, sudgálica, hispânica e africana A: percentagem e IMA.

Sítio	Quantitativo de T.S.	Percentagem			IMA				
		T.S.I.	T.S.SG.	T.S.H.	T.S.A.F.A	T.S.I.	T.S.SG.	T.S.H.	T.S.A.F.A
Braga*	Cerca de 844	40,8	59,2			11	10		
Mte. Mozinho*	2136	2,9	25	68		2	10,6	14,3	
Sta. María del Juncal*	336	0,9	81,3	17,9		0,1	5,4	0,6	
Herrera de Pisuerga*	Cerca de 2060	27,2	24,3	48,5		19	10	10	
Numância*	1128	4,6	4,1	91,2		1,7	0,9	10,2	
<i>Complutum</i> *	Cerca de 481	6,9	9,8	83,3		1,1	0,9	4	
<i>Segobriga</i>	2060	24,6	34,6	38,7		17	14,2	8	

* nestes casos as parcelas apresentadas prefazem 100%

QUADRO 15

Terra sigillata sudgálica – relação lisas/decoradas na Península Ibérica.

Sítio	N.º de exs. TSSG	% Lisas	% Decoradas	% Marcas
Alcácer do Sal	360	81,3	12,7	2,3
Ilha do Pessegueiro	753	90	10	
Troia	276	84,8	15,2	
Valeria	171	54,2	45,8	17,6
<i>Ilici</i>	604	56	44	11,11
Tossal de Manises	233 marcas	maioria	minoria	
Morè	63	57,1	43,9	
Ibiza	54 marcas	97,9	2,1	
<i>Cartago Nova</i>	914	93,1	6,9	5,2
Valência	186			11,8
<i>Baelo</i>	2907	74	26	14,9
Mérida		82	18	304 marcas
<i>Balsa</i>	79	31,7	69,3	19
Represas	2061	76,8	15,4	6,6
Lezíria	13	53,8	46,2	
Povos	35	100	0	
Santarém	246 NMI	78	22	8,5
Azeitada	61	75,4	24,6	13,1
Cardílio	70	maioria	escassos	
<i>Conimbriga</i>	1585	maioria	minoria	8,3
<i>Aeminium</i>	34	79,4	21,6	
Mt. Mozinho	532	100	0	7,5
Braga	500 exemplares (209 pré-flavianos)	89,5 (referente aos 209 exemplares pré-flavianos)	11,5 (referente aos 209 exemplares pré-flavianos)	8,8 (referente aos 500 exemplares)
Rosinos de Vidriales	43	65,1	34,9	2,3
Castro de Vigo	603	100	0	
Herrera de Pisuerga	Cerca de 500	64	36	5
Sta. María del Juncal	273	maioria	minoria	4,7

QUADRO 16

Valores de *terra sigillata* de La Graufesenque marmoreada na Península Ibérica.

Sítio	% total	% Formas Lisas	% Formas Decoradas
Alcácer do Sal		2,3	
Segobriga	2,6		
Valeria	5,2		
Tossal de Manises	2,1		
Valência	1,4		
Cartago Nova	4,35		
Portus Illicitanus	2,9		
Baelo	4,50	5	3,5
Mérida	6		
Represas	1,6		
Conimbriga	0,3		

QUADRO 17

Formas de *terra sigillata* de La Graufesenque marmoreada na Península Ibérica.

Sítio	Formas
Tróia	D24/25, 36, R8
Valdoca	D24/25
Conimbriga	D24/25, 18
Tongobriga	D36
Castro de Vigo	D15/17, R8
Herrera de Pisuerga	D18, 27, 35
Numância	D29
Segobriga	D24/25, 27, 35/36, 29b, R8, Déch.67
Ilici	R8, 9, 12, D15/17, 18, 24/25, 27, 36, 29
Cartago Nova	R8, D24/25, 27, 15/17, 4/22, 29, H18
Baelo	R8, D24/25, 27, 15/17, 18/31, 35/56, 4/22

QUADRO 18

Dispersão da tigela Drag. 33 na Península Ibérica.

Sítio	N.º Exs.
Alcácer do Sal	
Tróia	10
Iuliobriga	
Herrera de Pisuerga	1
Baetulo	4
Cartago Nova	
Valeria	2
Ilici	3
Baelo	2
Onuba	1
Mérida	2
Necrópole de Sto. André	1

QUADRO 18 [Cont.]

Dispersão da tigela Drag. 33 na Península Ibérica.

Sítio	N.º Exs.
Alto do Cidreira	1
Azeitada	1
Conimbriga	20
Represas	183
Povos	?
Santarém	3

QUADRO 19

Quantitativos dos binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27 na Península Ibérica.

Sítio	Drag.15/17	Drag.24/25	Drag.18	Drag.27
Ilha do Pessegueiro	128	68	141	286
Troia	41	42	81	45
Valeria	16	18	18	10
Ilici	15	45	45	55
Cartago Nova	13,60%	21%	20,40%	24,30%
Tossal de Manises	10	20	35	75
Baelo	309	340	573	423
Valência	10	-	21	1
Mérida	85-90	95-110	105-110	90-95
Represas	162	363	416	311
Santarém	35	39	51	58
Azeitada	5	8	16	4
Conimbriga	295	310	260	380
Aeminium	8	5	3	2
Mte. Mozinho	94	92	203	125
Sta. María del Juncal	57	42	16	31
Numância	-	2	-	8
Herrera de Pisuerga	8	12	8	9
Arcobriga	5	10	2	7
Segobriga	80	104	88	109

QUADRO 20 [Cont.]

Distribuição de oeiros na Península Ibérica.

Sítio / Oleiro	Bassvs	Bassivvs	Chrestivvs	Ivcvndivvs	Ivniivvs	Labio	Libertivvs	Mascvvlvs	Mercator	Mommo	Mvrranvs	Mvrrivvs	Nicivvs	Passenivvs	Pater	Primivvlvs	Primivvs	Rfvniivvs	Sabinivvs	L.C.	Vitalis				
	/io	#																							
Azinhal		#																				#			
Faro											#														
Milreu		#																							
Mértola																							#		
Vipasca		#											#												
Valdoça											I														
Lobeira Grande						#					#											#			
S. Cucufate	I																					I	I		
Beja																							#		
Represas	2	I				I					2	2										2	2	I	4
Vaiamonte											#														
Padrãozinho																								#	
Torre de Palma											#											#			
Évora																									
Chaminé																									
Rouca																								#	
Museu P. D. Vila Viçosa																								I	
Azeitada																								I	
Setúbal																								#	
Santarém																								I	
Lisboa																								#	
Egitania																								#	
Conimbriga																								I	
Aeminium	I																								
Citânia de Briteiros		#																						#	
Citânia de Sanfins																								#	

QUADRO 21Tabela de tamanhos-ideais de *terra sigillata* sudgálica.

Tamanho	Antes da Cozedura	Depois da Cozedura
<i>Pedalis</i>	297 mm	267 mm
<i>Besalis</i>	198 mm	178 mm
<i>Semipedalis</i>	149 mm	134 mm
<i>Trientalis</i>	99 mm	89 mm

QUADRO 22

Tamanhos de Drag. 24/25 e 27 em La Nautique.

	Drag.24/25		Drag.27	
Db	4 <i>digiti</i>	6	3	5 ou 6
H	2	3	2	3
Dp	2	3	2	3

QUADRO 22

Séries de tamanhos em Cala Culip IV.

Série 2		
Drag. 24/25	70-75 mm	Inferior a <i>Trientalis</i>
Drag. 27	75-80 mm	Inferior a <i>Trientalis</i>
Drag. 35	82-92 mm	<i>Trientalis</i> ?
Série 3		
Drag. 24/25	110 mm	<i>Trientalis</i> ?
Drag. 27	115-120 mm	Entre <i>Trientalis</i> e <i>Semipedalis</i>
Drag. 35	115-125 mm	Entre <i>Trientalis</i> e <i>Semipedalis</i>
Série 6		
Drag. 18	140 mm	<i>Semipedalis</i>
Série 7		
Drag. 15/17	153-160 mm	<i>Semipedalis</i>
Drag. 18	160 mm	<i>Semipedalis</i>
Drag. 36	155-160 mm	<i>Semipedalis</i>
Série 8		
H.1	260 mm	Entre <i>Besalis</i> e <i>Pedalis</i>
Drag. 36	250-280 mm	Entre <i>Besalis</i> e <i>Pedalis</i>

Plantas e mapa da Península Ibérica
com bibliografia anexa respeitante
aos sítios representados

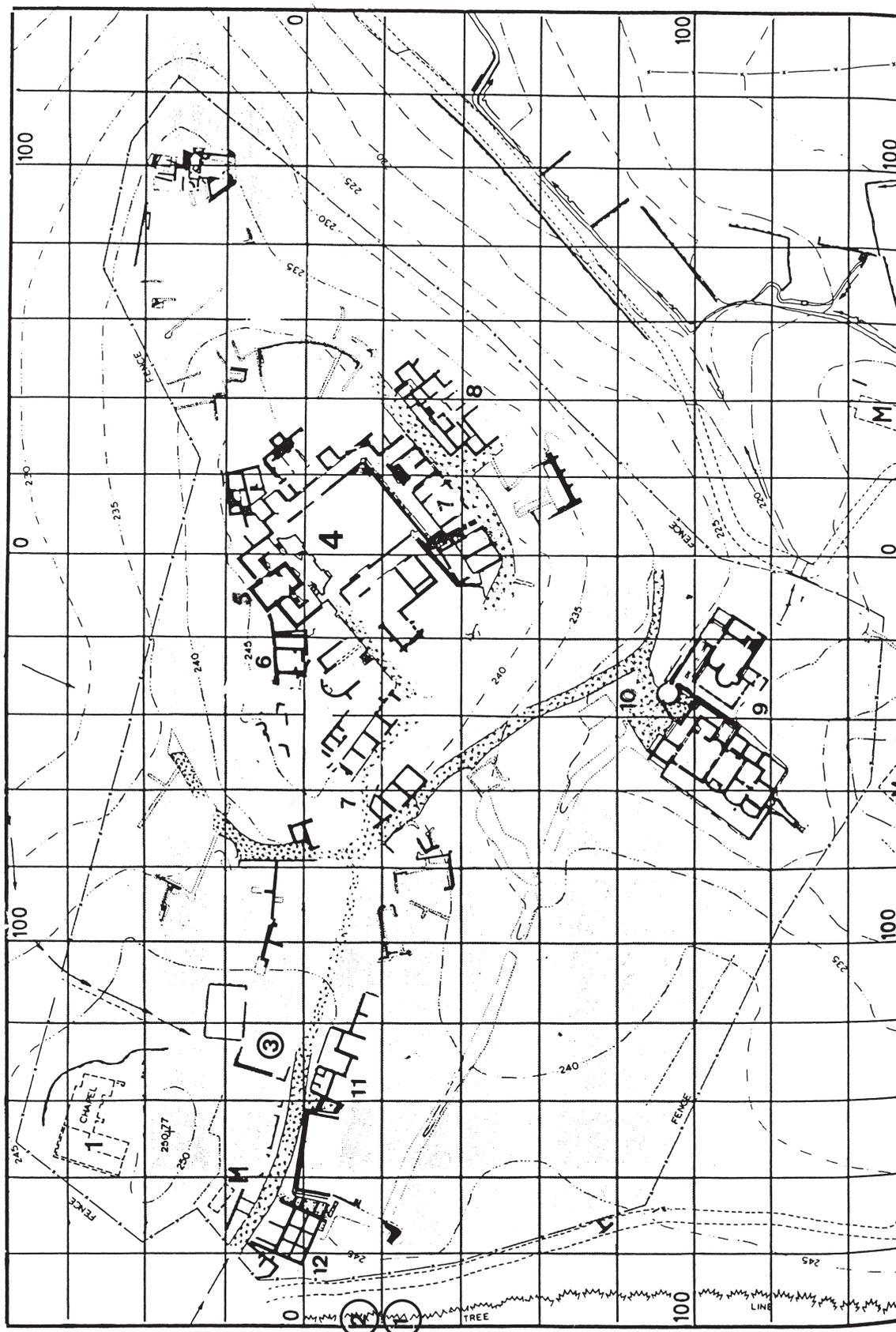


FIG. 1 – Planta de Chãos Salgados (*Mirobriga?*), excluindo o Circo. Adaptado de Biers, 1988, et al., p. 254. Esc.: 1/1500 aproximadamente. 1. Localização da Construção n.º 1 (*Domus*); 2. Localização da Construção n.º 2; 3. Construção n.º 3; 4. *Forum*; 5. Templo Central; 6. “Templo da Idade do Ferro”; 7. *Tabernae*; 8. *Domus* (“hospedaria” ou “casa dos estuques”); 9. Termas; 10. Área escavada em 1954-5; 11. *Domus?* (“casa dos frescos?”); 12. Área habitacional escavada por Olívio Caeiro.

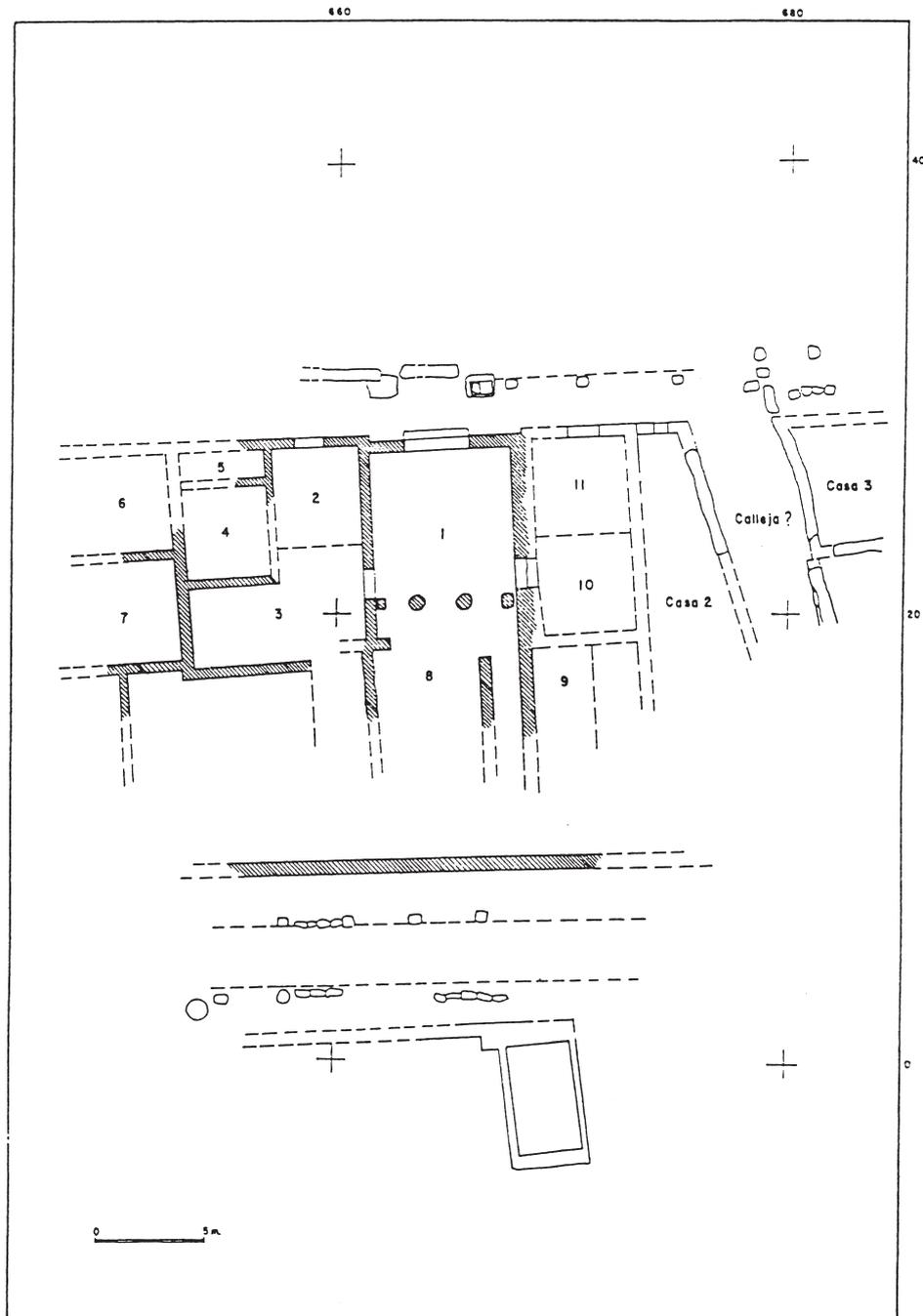


FIG. 3 – Planta da 1.ª fase da “Casa de los Plintos” em Uxama Argaela. Segundo García Merino, 1991, p. 241.

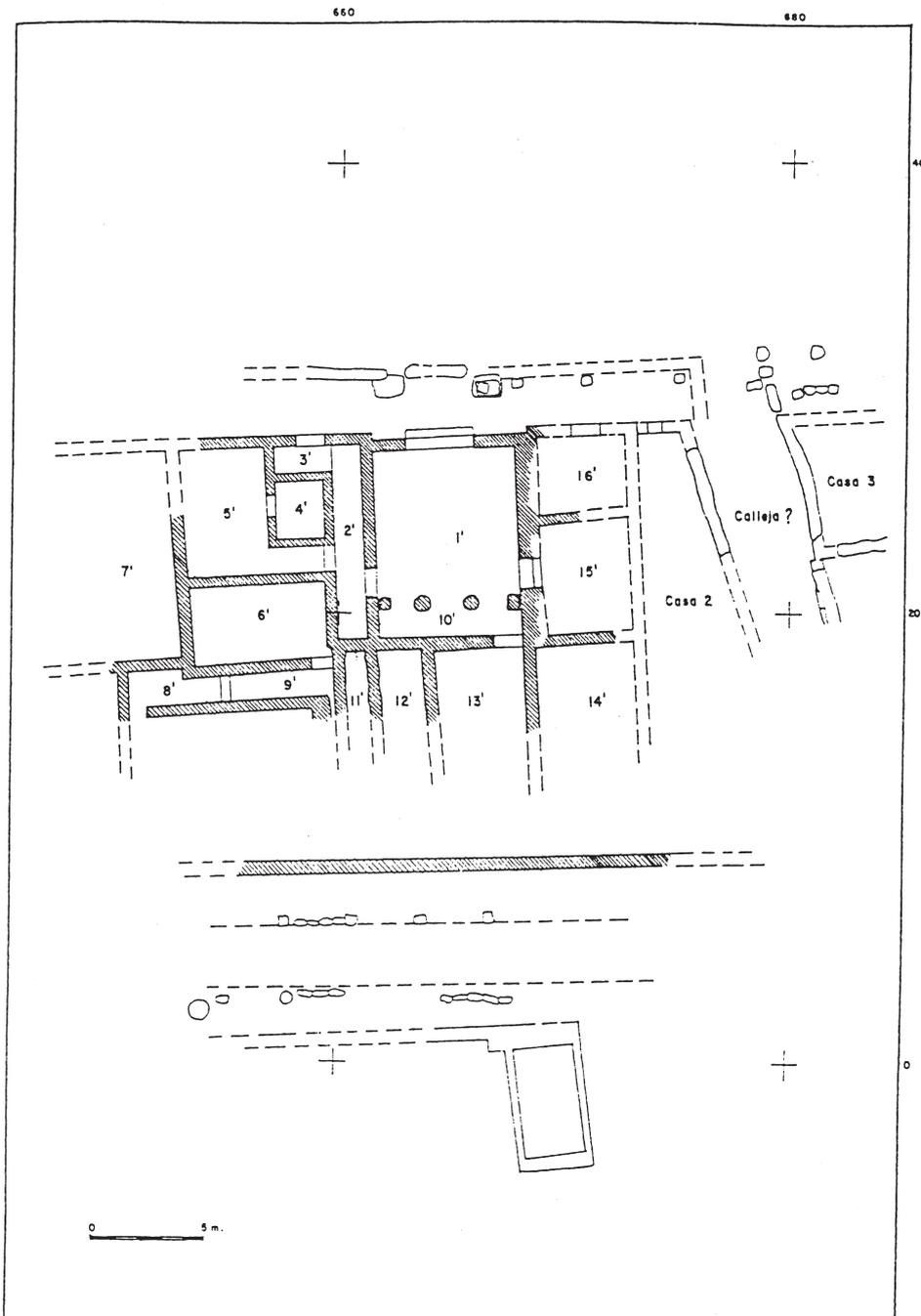


FIG. 4 – Planta da 2.^a fase da “Casa de los Plintos” em Uxama Argæla. Segundo García Merino, 1991, p. 242.



- | | | |
|---|------------------------------|----------------------------|
| 1. Chãos Salgados (<i>Mirobriga?</i>) | 26. Mérida | 51. <i>Conimbriga</i> |
| 2. Sines | 27. Balsa e Quinta das Antas | 52. <i>Aeminium</i> |
| 3. Ilha do Pessegueiro | 28. Lezíria e Azinhal | 53. <i>Cardílio</i> |
| 4. Deixa-o-Resto | 29. Milreu | 54. Povos |
| 5. Troia | 30. Faro | 55. Citânia de Briteiros |
| 6. Setúbal | 31. Mértola | 56. Citânia de Sanfins |
| 7. Alcácer do Sal | 32. <i>Vipasca</i> | 57. Fiães da Beira |
| 8. Herdade dos Conqueiros | 33. Tourega | 58. <i>Tongobriga</i> |
| 9. <i>Baetulo</i> | 34. Santo André | 59. Paredes |
| 10. Ampurias | 35. Valdoça | 60. Cárquere |
| 11. <i>Tarraco</i> | 36. Lobeira Grande | 61. Braga e Fonte do Ídolo |
| 12. <i>Valeria</i> | 37. S. Cucufate | 62. Monte Mozinho |
| 13. <i>Ilici</i> | 38. Beja | 63. Castro de Vigo |
| 14. <i>Portus Ilicitanus</i> | 39. Represas | 64. Rosinos de Vidriales |
| 15. Tossal de Manises | 40. Vaiamonte | 65. <i>Iuliobriga</i> |
| 16. <i>Lucentum</i> | 41. Padrãozinho | 66. Santa María del Juncal |
| 17. Valência | 42. Torre de Palma | 67. Herrera de Pisuerga |
| 18. <i>Cartago Nova</i> | 43. Évora | 68. La Matra |
| 19. Elda | 44. Chaminé | 69. <i>Pompaelo</i> |
| 20. <i>Saguntum</i> | 45. Rouca | 70. <i>Segobriga</i> |
| 21. <i>Edeta</i> | 46. Azeitada | 71. Numância |
| 22. Ello | 47. Santarém | 72. <i>Compluntum</i> |
| 23. Morè | 48. Lisboa | 73. <i>Arcobriga</i> |
| 24. <i>Lacipo</i> | 49. Alto da Cidreira | 74. <i>Onuba</i> |
| 25. <i>Baelo</i> | 50. <i>Egitania</i> | |

FIG. 5 – Localização aproximada dos sítios da Península Ibérica mencionados.

Bibliografia dos sítios e regiões da Península Ibérica mencionados (Fig.5)

- Sines:** Costa e Diogo, 1996; Diogo e Reiner, 1987; Diogo; Trindade e Costa, 1997; Silva e Soares, 1998.
- Ilha do Pessegueiro:** Silva e Soares, 1993.
- Deixa-o-Resto:** Artur, 1955-6.
- Troia:** Étienne, Makaroun e Mayet (1994); Sousa, 1996; Baltasar, 1984-5.
- Setúbal:** Silva e Coelho-Soares, 1980-1).
- Alcácer do Sal:** Dias, 1978; Diogo, 1984.
- Herdade dos Conqueiros:** Amaro, 1979.
- Baetulo:** Comas et Al., 1994; Madrid Fernández, 1999).
- Ampurias:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994.
- Tarraco:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994; Dupré i Raventos e Carreté i Nadal, 1993.
- Valeria:** Sánchez-Lafuente, 1985
- Ilici:** Montesinos i Martínez, 1998.
- Portus Ilicitanus:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994; González Prats, 1984.
- Tossal de Manises:** Ribera i Lacomba, 1988-9.
- Lucentum:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994.
- Valência:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994; Ribera i Lacomba, 1981.
- Cartago Nova:** Castellano Castillo, 2000.
- Elda:** Poveda Navarro e Ribera i Lacomba, 1985.
- Saguntum:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994.
- Edeta:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994.
- Ello:** Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994.
- Morè:** VV.AA., 1997.
- Lacipo:** Puertas Trica, 1982).
- Baelo:** Bourgeois e Mayet, 1991.
- Mérida:** Mayet, 1978).
- Balsa:** Nolen e Real, 1994; Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Quinta das Antas:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo (1980); Ferreira, 1969.
- Lezíria:** Arruda e Dias, 1985
- Azinhah:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Milreu:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Faro:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Mértola:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Vípasca:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Tourega:** Viegas, 2001.
- Santo André:** Viegas; Nolen e Dias, 1981.
- Valdoca:** Alarcão, J. e Alarcão, A., 1966; Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Lobeira Grande:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- S. Cucufate:** Alarcão; Etienne e Mayet, 1990.
- Beja:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Represas:** Lopes, 1994.
- Vaiamonte:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Padrãozinho:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Torre de Palma:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Évora:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
- Chaminé:** Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.

Rouca: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Azeitada: Quinteira, 1998.
Santarém: Viegas, 2001.
Lisboa: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Alto do Cidreira: Nolen, 1988.
Egitania: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Conimbriga: Delgado; Mayet e Alarcão, 1975.
Aeminium: Carvalho, 1998.
Cardílio: Alarcão, A. e Alarcão, J., 1966-7.
Povos: Dias, 1995-7.
Citânia de Briteiros: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Citânia de Sanfins: Bairrão Oleiro, 1951; Ferreira, 1969.
Fiães da Beira: Bairrão Oleiro, 1951; Ferreira, 1969.
Tongobriga: Tavares Dias, 1997.
Paredes: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Cárquere: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Braga: Morais, 1997-8; Delgado, 1985; Delgado e Santos, 1984.
Fonte do Ídolo: Bairrão Oleiro, 1951; Diogo, 1980; Ferreira, 1969.
Monte Mozinho: Carvalho, 1993.
Castro de Vigo: Hidalgo Cuñarro, 1987.
Rosinos de Vidriales: Carretero Vaquero, 2000.
Iuliobriga: Balil, 1969; Izquierdo, 1994.
Sta. María del Juncal: Izquierdo, 1994.
Herrera de Pisuerga: Pérez González, 1989.
La Matra: Izquierdo, 1994.
Pompaelo: Pérez González, 1989; Izquierdo, 1994.
Segobriga: Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989.
Numância: Romero Carnicero, 1985.
Complutum: Fernández-Galiano, 1984.
Arcobriga: Castellano Castillo, 2000.
Onuba: AMO, 1976.
Região de Ibiza: Fernández, Granados e Villaescusa, 1992.
Região de Málaga: Serrano Ramos, Atencia Páez e Beltrán Fortes, 1987.
 Serrano Ramos e Atencia Páez, 1981.

Análise do exemplar de Drag. 30 centro-gálica presente em Chãos Salgados

Drag. 30 Centro-Gálica

O n.º 305 (Mir-991-6-91 = Almeida, 1964, fig. 73), Drag. 30 com decoração figurativa de grande qualidade, apresenta um casal em conversação, com paralelos em peças de oleiros gálicos, como *Docilis* (Almeida, 1964, p. 62), oleiro datado por Hofmann entre 150 e 190 d.C. (Hofmann, s.d.). Stanfield e Simpson (1958, fig. 74, n.º 11 e fig. 159, n.º 23) apresentam duas peças, sendo a segunda do oleiro *Cinnamus*, com semelhanças à peça de Chãos Salgados: na primeira, um casal algo semelhante na pose, tem como pano de fundo círculos concêntricos que denotam um certo *horror vacui*; na segunda, um casal encontrar-se de pé.

A pasta e o verniz pareceram-nos, de início, sud-gálicos, mas a composição da primeira, algo díspare era suspeita: elementos não plásticos em maior abundância do que na pasta tipo 3 sudgálica, por nós definida. O verniz é mais espesso e brilhante do que o verniz tipo 1 sud-gálico, por nós definido, sendo mesmo lustroso e de muito boa qualidade, aproximando-se do código N20 (=10 R 6/8 = rouge clair = vermelho claro).

Por lapso, havia-nos escapado o comentário de Fernando de Almeida (Almeida, 1964, p. 62), no qual situa já a origem da peça na área centro-gálica, tomando como paralelo a decoração, que parece ter apenas paralelos próximos em peças destes centros.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Descrição/Observações
		305 (Mir-991-6-91)	bj	-	-	dbj: 163 mm	fiada de óvulos intercalados com pés de roseta e casal em conversação (Almeida, 1964, fig. 73)

ANEXO 7

Estampas

Construção n.º 1 (Domus)

Ambiente exterior norte

Fase Ia

UE 458=469

1. Mir.759.4+2+3+1. *Terra sigillata* sudgálica; Dragendorff 18.
2. Mir.759.6. *Terra sigillata* sudgálica; Dragendorff 29?.
3. Mir.759.5. *Terra sigillata* africana A2(?); Hayes 14(?).
4. Mir.758.19+22. *Terra sigillata* sudgálica; Dragendorff 27.
5. Mir.758.16+13. *Terra sigillata* de Andújar; Dragendorff 15/17.
6. Mir.758.1 a 8 + 1+12. *Terra sigillata* de Andújar; Dragendorff 27.

Fase Ib

UE 375

7. Mir.717.813. *Terra sigillata* sudgálica; Indeterminável.
8. Mir.717.34. *Terra sigillata* sudgálica; Indeterminável.
9. Mir.717.36. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17.
10. Mir.717.41+42. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17.
11. Mir.717.59. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17.
12. Mir.717.17+46. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17.
13. Mir.717.89. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 27.
14. Mir.717.39. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 27.
15. Mir.717.013. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 27.
16. Mir.717.58. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 27.
17. Mir.717.30. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17 ou 18 ou 33.
18. Mir.717.11. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17 ou 18 ou 33.
19. Mir.717.25. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 37.
20. Mir.717.27. *Terra sigillata* de Andújar; Dragendorff 15/17.
21. Mir.717.26. *Terra sigillata* africana A1; Hayes 9a = Lamboglia 2a.

Fase IIa

UE 376

22. Mir.736.4+5. *Terra sigillata* sudgálica; indeterminável.
23. Mir.736.13. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 27.
24. Mir.736.8. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17 ou 18 ou 33.
25. Mir.736.7. *Terra sigillata* de Andújar; Dragendorff 15/17.
26. Mir.736.18 a 21. Ânfora bética; Classe 23 = Almagro 51c = Keay 23.
27. Mir.736.2. Ânfora lusitana; Classe 20/21.

Fase IIb

UE 331=400=392=413=343

28. Mir.735.12. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17 ou 18 ou 33.
29. Mir.735.9. *Terra sigillata* de Andújar; Dragendorff 15/17.
30. Mir.735.14. *Terra sigillata* africana C2; Hayes 50A/B.
31. Mir.699.579 a 585. *Terra sigillata* sudgálica; Dragendorff 27.

32. Mir.699.339+352. *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 15/17.
33. Mir.699.349(?). *Terra sigillata* de *Tritium*; Dragendorff 27.
34. Mir.699.347. *Terra sigillata* de *Tritium*; Hispânica 4.
35. Mir.699.789. *Terra sigillata* africana A2; Hayes 14.
36. Mir.792. *Terra sigillata* africana A2; Hayes 14.
37. Mir.577+578. *Terra sigillata* africana C3; Hayes 50B.
38. Mir.699.18. *Terra sigillata* africana D1-I.^a fase; Hayes 61B.
39. Mir.699.538. *Terra sigillata* africana D1-I.^a fase; Hayes 61B.
40. Mir.699.215. *Terra sigillata* africana D1-I.^a fase; Hayes 61B.
41. Mir.699.22. *Terra sigillata* africana D1-I.^a fase; estilo A(ii)-(iii).
42. Mir.699.38. *Terra sigillata* africana D1-I.^a fase; estilo A(ii).
43. Mir.699.537. Ânfora bética; indeterminável.
44. Mir.699.536+358+353+355+354+357. Ânfora lusitana; Classe 23 = Almagro 51c.
45. Mir.699.630. Lucerna provincial; indeterminável.

Camada Superficial

UE 230=270=309=341=377=381=386=387=262

46. Mir.683.44+2. Ânfora africana(?); Classe 33(?).
47. Mir.749.13. *Terra sigillata* africana A1/2; Hayes 26 = Lamboglia 9b ou Hayes 27 = Lamboglia 9a.

Terra sigillata sudgálica

Construção n.º 1

Ambiente 1

UE 449

48. Mir.727.54. Dragendorff 18.
49. Mir.727.57+58. Dragendorff 18.
50. Mir.727.183. Dragendorff 18.
51. Mir.727.III. Dragendorff 37.

Ambiente 2

UE311=245=256=300=368

52. Mir.609.18. Dragendorff 27.

Ambiente 6

UE 383=268=266=416

53. Mir.721.6. Dragendorff 18.

UE 414=297

54. Mir.733.23. Dragendorff 27.

UE 478=472=482

55. Mir.773-12. Dragendorff 18.

Encosta do Museu

UE 351

56. Mir.753.4+6+7. Dragendorff 29 ou 37.

UE 497

57. Mir.1086.9. Dragendorff 27.

UE 457

58. Mir.800.291. Dragendorff 17b?.

Superfície

59. Mir.0.661. Dragendorff 30.

UE 490

60. Mir.860.11. Tigela.

Construção n.º 2

UE 314

61. Mir.692.1. Dragendorff 18.

UE 259

62. Mir.626.42. Dragendorff 18.

Construção n.º 3 (Domus)

UE 156

63. Mir.593.5. Dragendorff 27.

Área Circundante à Construção n.º 3

UE 53

64. Mir.383.7. Tigela.

UE 60

65. Mir.388.4. Dragendorff 15/17.

UE 67

66. Mir.404.3. Dragendorff 18.

UE 51

67. Mir.384.2. Dragendorff 18.

UE 112

70. Mir.531.191. Dragendorff 29 ou 37.

UE 126

68. Mir.522.6. Dragendorff 30.

71. Mir.522.3+4. Dragendorff 29 ou 37.

UE 168

69. Mir.518.1. Dragendorff 29 ou 37.

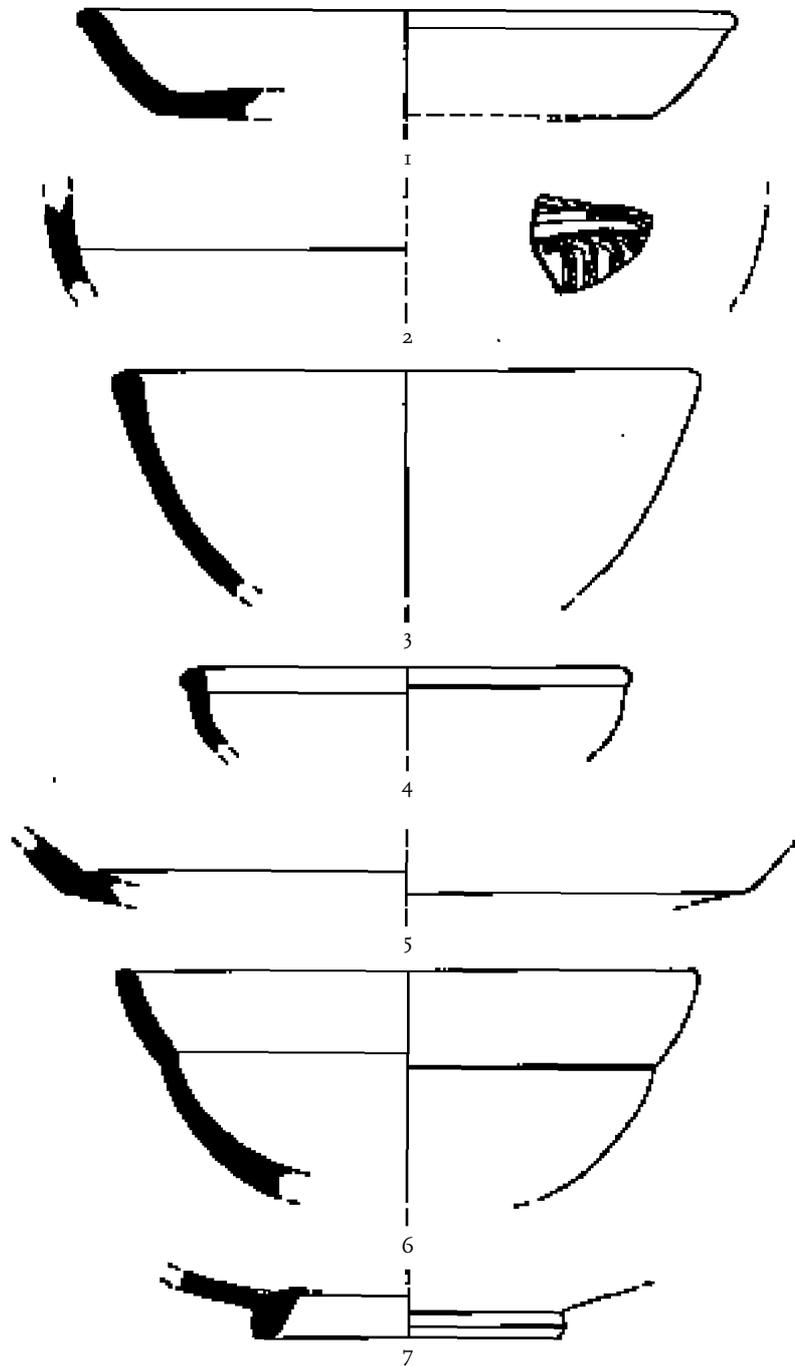
- 72. Mir.23.5(600?). Ritterling 1
- 73. Mir.200.24. Ritterling 1
- 74. Mir.16.28. Dragendorff 17b
- 75. Mir.120.275. Dragendorff 15/17
- 76. Mir.16.3. Dragendorff 15/17
- 77. Mir.63.5. Dragendorff 15/17
- 78. Mir.3.305. Dragendorff 15/17
- 79. Mir.991.6.34. Dragendorff 18
- 80. Mir.4.2. Dragendorff 18
- 81. Mir.4.9. Dragendorff 18
- 82. Mir-125.3302. Dragendorff 18
- 83. Mir.3.341. Dragendorff 18
- 84. Mir.196.75. Dragendorff 18
- 85. Mir.3.455. Dragendorff 15/17 ou 18
- 86. Mir.168.2. Dragendorff 15/17 ou 18
- 87. Mir.14.67. Dragendorff 18
- 88. Mir.37.1. Prato
- 89. Mir.137.131. Prato
- 90. Mir.3.423. Prato
- 91. Mir.2.42. Prato
- 92. Mir.183.30(534-69). Prato
- 93. Mir.156.18+168.1. Prato
- 94. Mir.125.653. Prato
- 95. Mir.191.8(694). Dragendorff 36
- 96. Mir.23.152(B). Forma 2 do Serviço F
- 97. Mir.23.32(671). Ritterling 8
- 98. Mir.3.201. Dragendorff 33
- 99. Mir.125.2486+3306. Dragendorff 33
- 100. Mir.125.391. Dragendorff 33
- 101. Mir.41.1. Dragendorff 24/25
- 102. Mir.2001.019.52(XVIc). Dragendorff 24/25
- 103. Mir.2001.019.20(XII). Dragendorff 24/25
- 104. Mir.21.26+28. Dragendorff 27
- 105. Mir.3.496. Dragendorff 27
- 106. Mir.3.465. Dragendorff 27
- 107. Mir.399.186. Dragendorff 27
- 108. Mir.991.6.29. Dragendorff 27
- 109. Mir.991.18.8.1. Dragendorff 27
- 110. Mir.164.1(27). Tigela
- 111. Mir.36.1. Tigela
- 112. Mir.25.2. Tigela
- 113. Mir.5.6. Tigela
- 114. Mir.8.19. Tigela
- 115. Mir.26.6. Dragendorff 35
- 116. Mir.3.187. Marmoreada, Dragendorff 24/25
- 117. Mir.200.60+196.105. Marmoreada, Dragendorff 24/25

118. Mir.59.1(380-69). Marmoreada, Prato
 119. Mir.484.82. Marmoreada, Dragendorff 27
 120. Mir.7.109. Marmoreada, Prato
 121. Mir.208.53. Marmoreada, Tigela
 122. Mir.23.180(9024). Marmoreada, Dragendorff 24/25
 123. Mir.7.26(186). Marmoreada. Dragendorff 18
 124. Mir.62.13. Marmoreada, Dragendorff 27
 125. Mir.991.18.11. Marmoreada. Dragendorff 18
 126. Mir.79.3. Dragendorff 29
 127. Mir.8.10. Dragendorff 30
 128. Mir.3.261. Dragendorff 30
 129. Mir.2001.019.6. Dragendorff 30
 130. Mir.991.6.30. Dragendorff 30
 131. Mir.124.12. Dragendorff 30
 132. Mir.484.88. Dragendorff 30
 133. Mir.200.69. Dragendorff 30
 134. Mir.2001.19.4. Dragendorff 30
 135. Mir.991.8.1. Dragendorff 30
 136. Mir.191.2(?). Dragendorff 30
 137. Mir.58.3. Dragendorff 30
 138. Mir.143.9(t.29.III). Dragendorff 30
 139. Mir.200.88. Dragendorff 30
 140. Mir.196.10. Dragendorff 30
 141. Mir.2001.019.27. Dragendorff 30
 142. Mir.170.1(417). Dragendorff 37
 143. Mir.3.8. Dragendorff 37
 144. Mir.56.8(17-67). Dragendorff 37
 145. Mir.31.1. Dragendorff 37
 146. Mir.7.11(360). Dragendorff 37
 147. Mir.991.10.1. Dragendorff 37
 148. Mir.200.74. Dragendorff 29 ou 37
 149. Mir.200.3. Dragendorff 29 ou 37
 150. Mir.196.22. Dragendorff 29 ou 37
 151. Mir.196.12. Dragendorff 29 ou 37
 152. Mir.163.31. Dragendorff 29 ou 37
 153. Mir.58.8. Dragendorff 29 ou 37
 154. Mir.14.23. Dragendorff 29 ou 37
 155. Mir.3.37. Dragendorff 29 ou 37
 156. Mir.20.25. Dragendorff 29 ou 37
 157. Mir.82.2. Dragendorff 29 ou 37
 158. Mir.157.6(um-28). Dragendorff 29 ou 37
 159. Mir.991.18.10(7). Dragendorff 29 ou 37
 160. Mir.2001.019.73. Dragendorff 29 ou 37
 161. Mir.2001.019.36. Dragendorff 29 ou 37
 162. Mir.32.5. Dragendorff 29 ou 37
 163. Mir.7.20(190). Dragendorff 29 ou 37
 164. Mir.174.2. Dragendorff 29 ou 37
 165. Mir.3.103. Dragendorff 29 ou 37

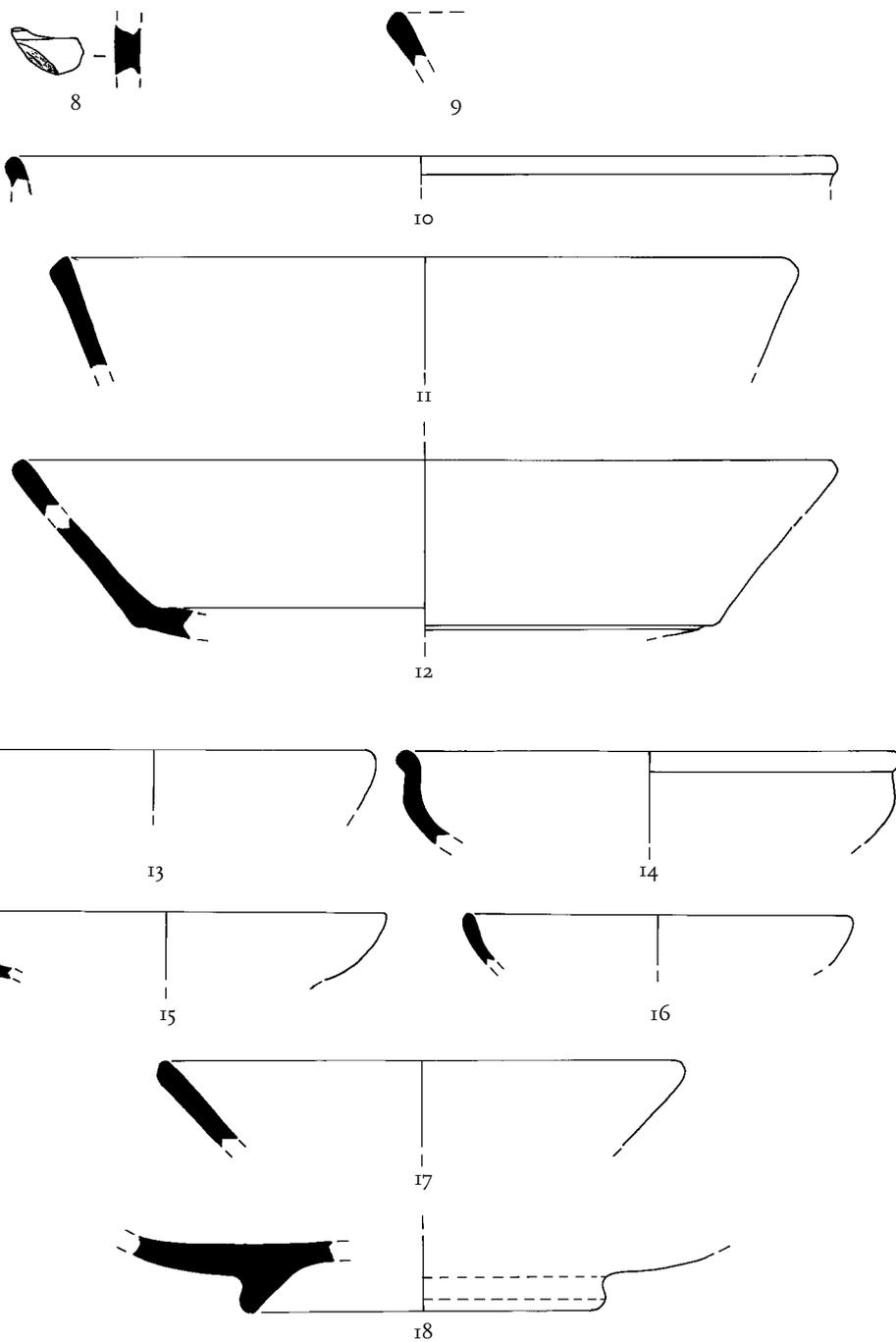
166. Mir.200.83. Dragendorff 29 ou 37
 167. Mir.145.19. Dragendorff 29 ou 37
 168. Mir.2001.019.10. Dragendorff 29 ou 37
 169. Mir.23.104(?). Dragendorff 29 ou 37
 170. Mir.2001.019.21. Dragendorff 29 ou 37
 171. Mir.991.9.3. Dragendorff 29 ou 37
 172. Mir.2001.019.54. Dragendorff 29 ou 37
 173. Mir.200.89. Dragendorff 29 ou 37
 174. Mir.4.23.
 175. Mir.125.898.
 176. Mir.200.59.
 177. Mir.164.2(465)
 178. Mir.2.40.
 179. Mir.20.32.
 180. Mir.25.7.
 181. Almeida, 1964, p. 63. n.º 10.
 182. Dias, 1976-1977, n.º 122.
 183. Almeida, 1964, p. 63. n.º 9.
 184. Mir.4.20+22.
 185. Dias, 1976-1977, n.º 106.
 186. Dias, 1976-1977, n.º 123.
 187. Dias, 1976-1977, n.º 107.
 188. Dias, 1976-1977, n.º 109.
 189. Dias, 1976-1977, n.º 110.
 190. Dias, 1976-1977, n.º 111.
 191. Dias, 1976-1977, n.º 112.
 192. Mir.2001.019.67(XXIV).
 193. Mir.2001.019.28(CENAC).
 194. Dias, 1976-1977, n.º 113.
 195. Dias, 1976-1977, n.º 114.
 196. Dias, 1976-1977, n.º 115.
 197. Almeida, 1964, p. 63. n.º 4.
 198. Mir.125.2485.
 199. Pereira, 1971, n.º 6.
 200. Mir.202.20.
 201. Mir.531.187.
 202. Dias, 1976-1977, n.º 116.
 203. Mir.138.22.
 204. Dias, 1976-1977, n.º 117.
 205. Mir.120.273.
 206. Dias, 1976-1977, n.º 118.
 207. Dias, 1976-1977, n.º 119.
 208. Dias, 1976-1977, n.º 120.
 209. Dias, 1976-1977, n.º 121.
 210. Almeida, 1964, p. 63. n.º 8.
 211. Dias, 1976-1977, n.º 108.
 212. Almeida, 1964, p. 63. n.º 6.
 213. Mir.138.19.

214. Dias, 1976-1977, est. IX, n.º 26.
215. Dias, 1976-1977, est. IX, n.º 27.
216. Dias, 1976-1977, est. IX, n.º 28.
217. Dias, 1976-1977, est. IX, n.º 29.
218. Mir.26.2.
219. Mir.72.9.
220. Dias, 1976-1977, n.º 22. Dragendorff 11.
221. Dias, 1976-1977, n.º 23. Dragendorff 29.
222. Dias, 1976-1977, n.º 24. Dragendorff 29.
223. Dias, 1976-1977, n.º 25. Dragendorff 29.
224. Dias, 1976-1977, n.º 26. Dragendorff 29.
225. Dias, 1976-1977, n.º 27. Dragendorff 29.
226. Dias, 1976-1977, n.º 28. Dragendorff 29.
227. Dias, 1976-1977, n.º 29. Dragendorff 29.
228. Dias, 1976-1977, n.º 30. Dragendorff 30.
229. Dias, 1976-1977, n.º 31. Dragendorff 30.
230. Dias, 1976-1977, n.º 32. Dragendorff 30.
231. Dias, 1976-1977, n.º 33. Dragendorff 30.
232. Dias, 1976-1977, n.º 34. Dragendorff 30.
233. Dias, 1976-1977, n.º 35. Dragendorff 30.
234. Dias, 1976-1977, n.º 36. Dragendorff 30.
235. Dias, 1976-1977, n.º 37. Dragendorff 30.
236. Dias, 1976-1977, n.º 38. Dragendorff 30.
237. Dias, 1976-1977, n.º 39. Dragendorff 30.
238. Dias, 1976-1977, n.º 40. Dragendorff 30.
239. Dias, 1976-1977, n.º 41. Dragendorff 30.
240. Dias, 1976-1977, n.º 42. Dragendorff 30.
241. Dias, 1976-1977, n.º 43. Dragendorff 37.
242. Dias, 1976-1977, n.º 44. Dragendorff 37.
243. Dias, 1976-1977, n.º 45. Dragendorff 37.
244. Dias, 1976-1977, n.º 46. Dragendorff 37.
245. Dias, 1976-1977, n.º 47. Dragendorff 37.
246. Dias, 1976-1977, n.º 48. Dragendorff 37.
247. Dias, 1976-1977, n.º 49. Dragendorff 37.
248. Dias, 1976-1977, n.º 50. Dragendorff 37.
249. Dias, 1976-1977, n.º 51. Dragendorff 29 ou 37.
250. Dias, 1976-1977, n.º 52. Dragendorff 37.
251. Dias, 1976-1977, n.º 53. Dragendorff 37.
252. Dias, 1976-1977, n.º 54. Dragendorff 37.
253. Dias, 1976-1977, n.º 55. Dragendorff 29 ou 37.
254. Dias, 1976-1977, n.º 56. Dragendorff 37.
255. Dias, 1976-1977, n.º 57. Dragendorff 37.
256. Dias, 1976-1977, n.º 58. Indeterminável.
257. Dias, 1976-1977, n.º 59. Indeterminável.
258. Dias, 1976-1977, n.º 60. Indeterminável.
259. Dias, 1976-1977, n.º 61. Dragendorff 29 ou 37.
260. Dias, 1976-1977, n.º 62. Dragendorff 29 ou 37.
261. Dias, 1976-1977, n.º 63. Dragendorff 29 ou 37.

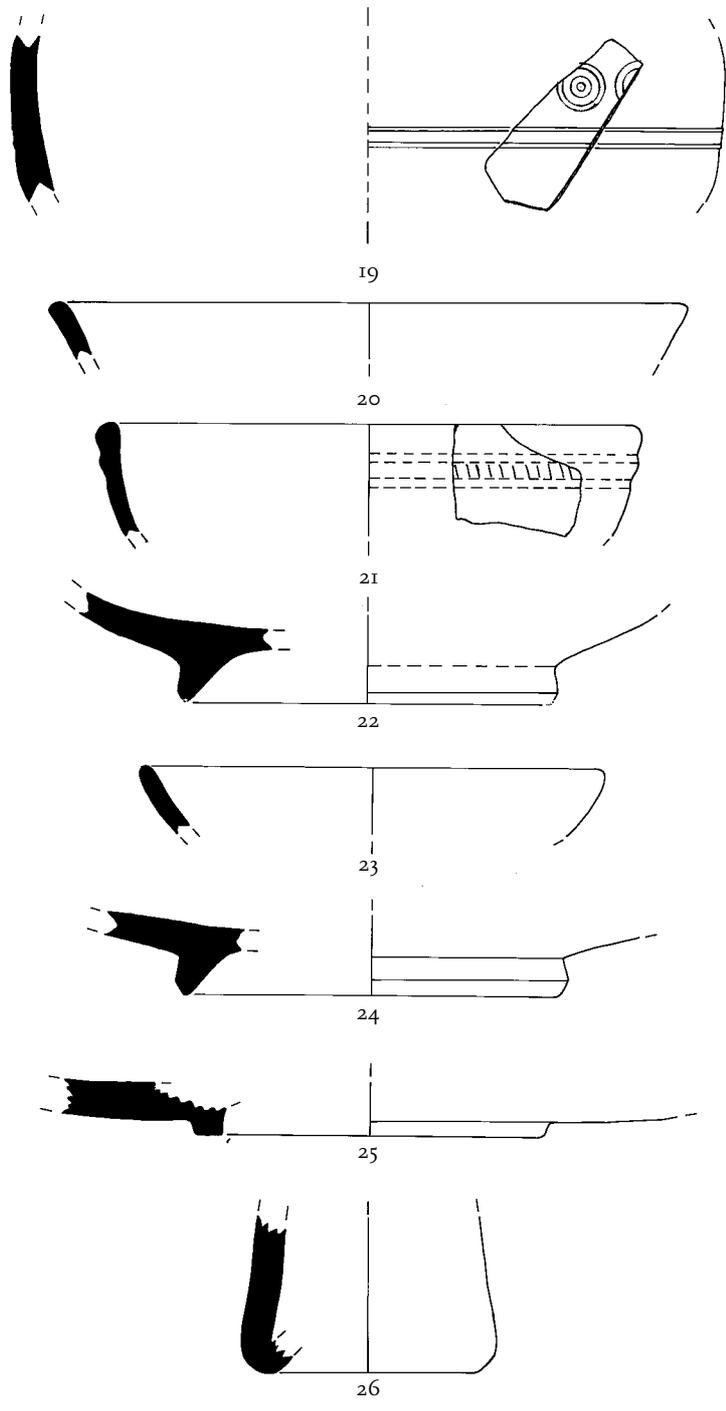
262. Dias, 1976-1977, n.º 64. Indeterminável.
263. Dias, 1976-1977, n.º 65. Ritterling 1.
264. Dias, 1976-1977, n.º 66. Dragendorff 18.
265. Dias, 1976-1977, n.º 67. Dragendorff 18.
266. Dias, 1976-1977, n.º 68. Dragendorff 18.
267. Dias, 1976-1977, n.º 69. Dragendorff 18.
268. Dias, 1976-1977, n.º 70. Dragendorff 18.
269. Dias, 1976-1977, n.º 71. Dragendorff 18.
270. Dias, 1976-1977, n.º 72. Dragendorff 18.
271. Dias, 1976-1977, n.º 73. Dragendorff 18.
272. Dias, 1976-1977, n.º 74. Dragendorff 18.
273. Dias, 1976-1977, n.º 75. Dragendorff 15/17.
274. Dias, 1976-1977, n.º 76. Dragendorff 15/17.
275. Dias, 1976-1977, n.º 77. Dragendorff 15/17.
276. Dias, 1976-1977, n.º 78. Dragendorff 15/17.
277. Dias, 1976-1977, n.º 79. Dragendorff 15/17.
278. Dias, 1976-1977, n.º 80. Dragendorff 15/17.
279. Dias, 1976-1977, n.º 84. Dragendorff 36.
280. Dias, 1976-1977, n.º 85. Ritterling 8.
281. Dias, 1976-1977, n.º 86. Ritterling 5.
282. Dias, 1976-1977, n.º 87. Dragendorff 27.
283. Dias, 1976-1977, n.º 89. Dragendorff 24/25.
284. Dias, 1976-1977, n.º 90. Dragendorff 24/25.
285. Dias, 1976-1977, n.º 91. Dragendorff 24/25.
286. Dias, 1976-1977, n.º 92. Dragendorff 24/25.
287. Dias, 1976-1977, n.º 93. Dragendorff 24/25.
288. Dias, 1976-1977, n.º 94. Dragendorff 24/25.
289. Dias, 1976-1977, n.º 95. Dragendorff 24/25.
290. Dias, 1976-1977, n.º 96. Dragendorff 24/25.
291. Dias, 1976-1977, n.º 102. Dragendorff 35.
292. Dias, 1976-1977, n.º 103. Dragendorff 33.
293. Dias, 1976-1977, n.º 104. Dragendorff 33.
294. Mir.2001.019.26(V) = Pereira, 1971, n.º 1. Dragendorff 30.
295. Pereira, 1971, n.º 2. Dragendorff 29 ou 37.
296. Pereira, 1971, n.º 3. Dragendorff 37.
297. Pereira, 1971, n.º 4. Dragendorff 37.
298. Biers, 1988, n.º I.21(833). Dragendorff 27.
299. Biers, 1988, n.º III.78(804). Dragendorff 18.
300. Biers, 1988, n.º III.79(806). Dragendorff 18.
301. Biers, 1988, n.º III.80(803). Dragendorff 24/25.
302. Biers, 1988, n.º III.81(790). Dragendorff 27.
303. Biers, 1988, n.º III.82(785). Dragendorff 33.
304. Biers, 1988, n.º III.83(805). Dragendorff 35.
305. Mir.991.6.91 = Almeida, 1964, fig. 73. Dragendorff 30 centro-gálica.



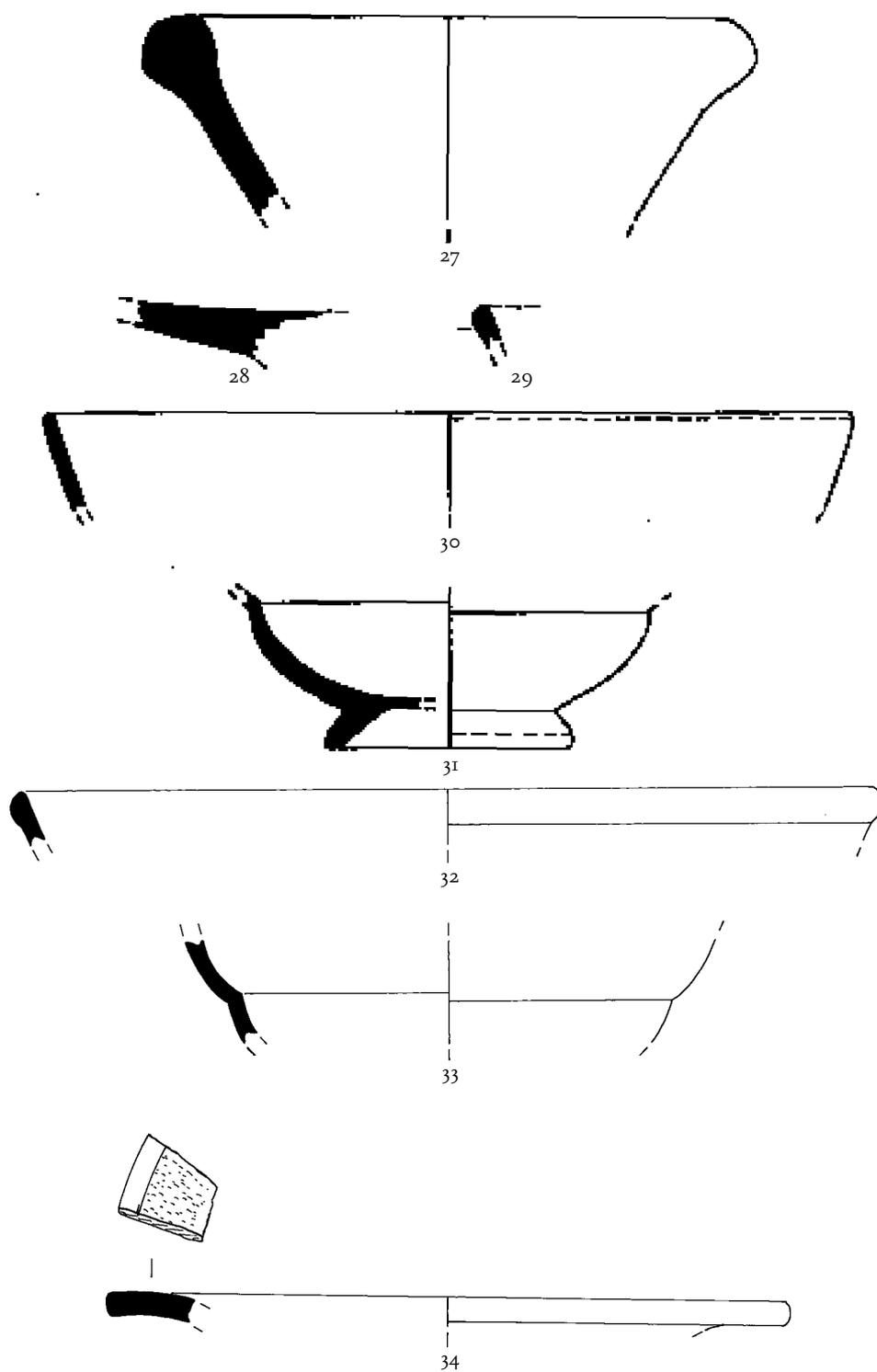
Escala 1:2



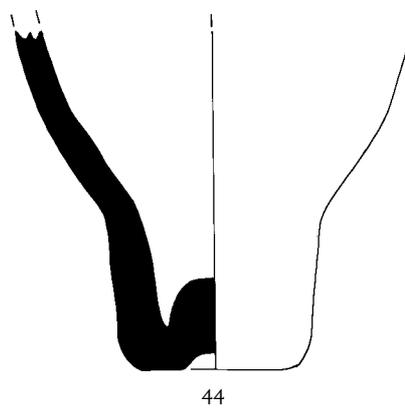
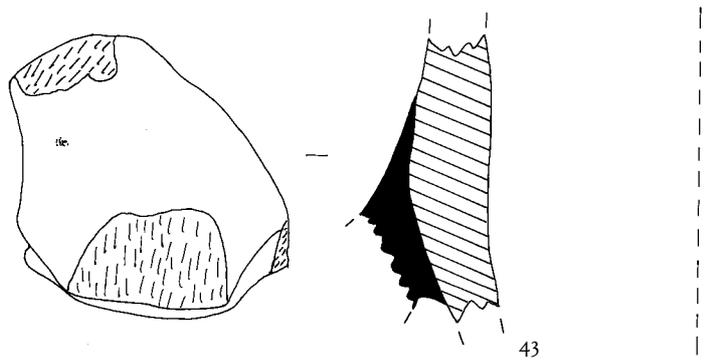
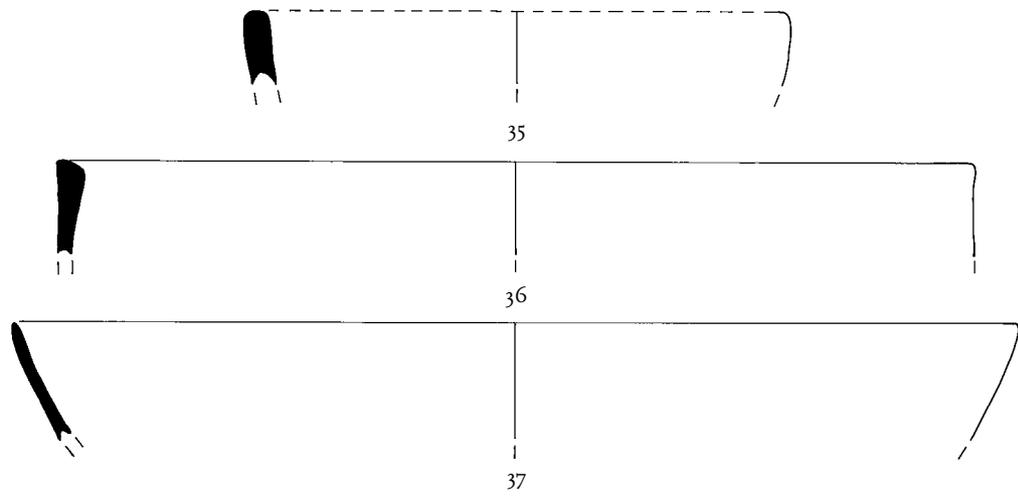
Escala 1:2



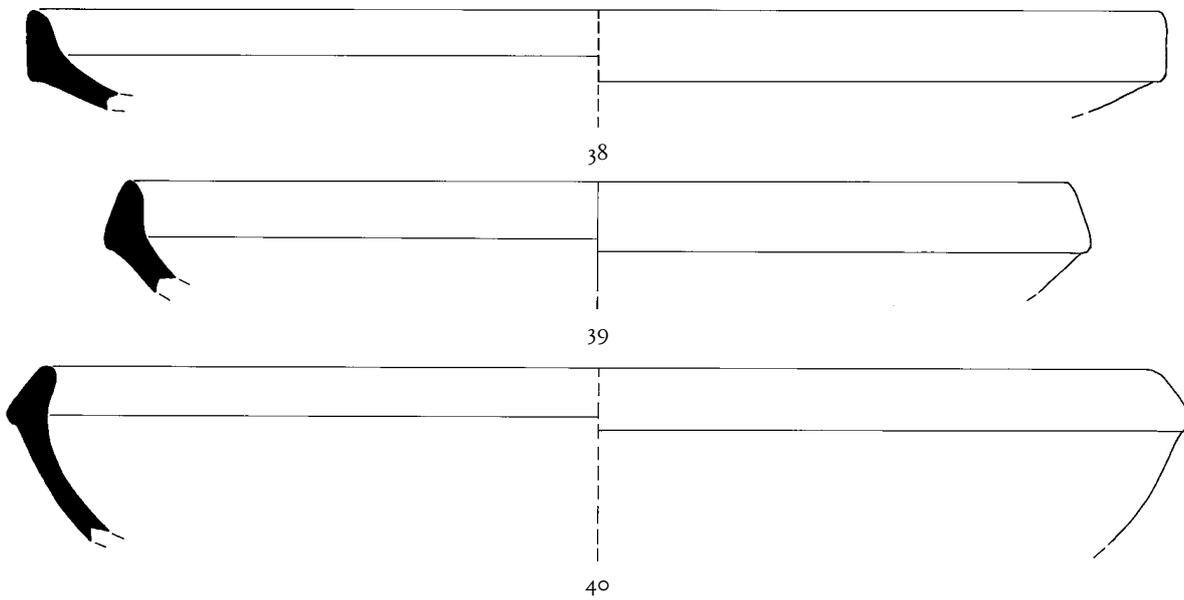
Escala 1:2



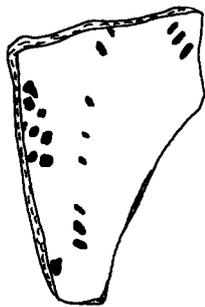
Escala 1:2



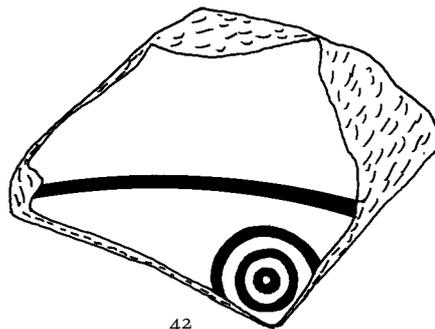
Escala 1:2



Escala 1:2

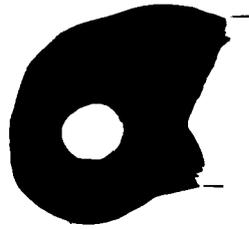
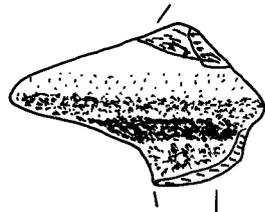


41

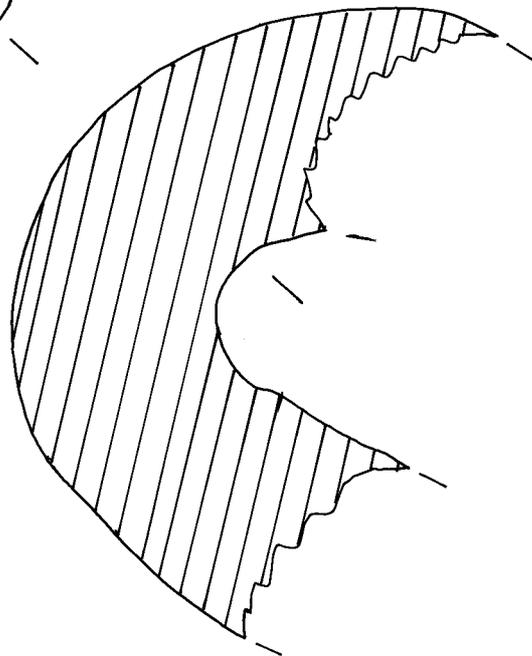
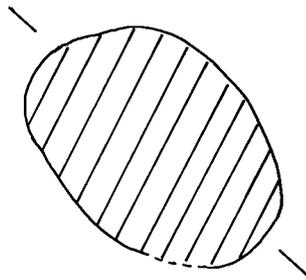


42

Escala 1:1



45



46

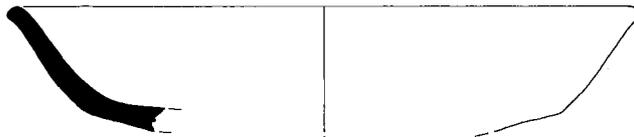
Escala 1:1



47



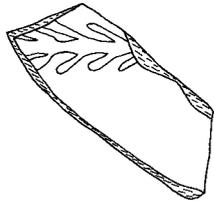
48



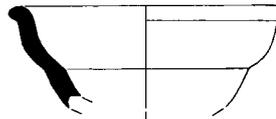
49



50



51



52



53

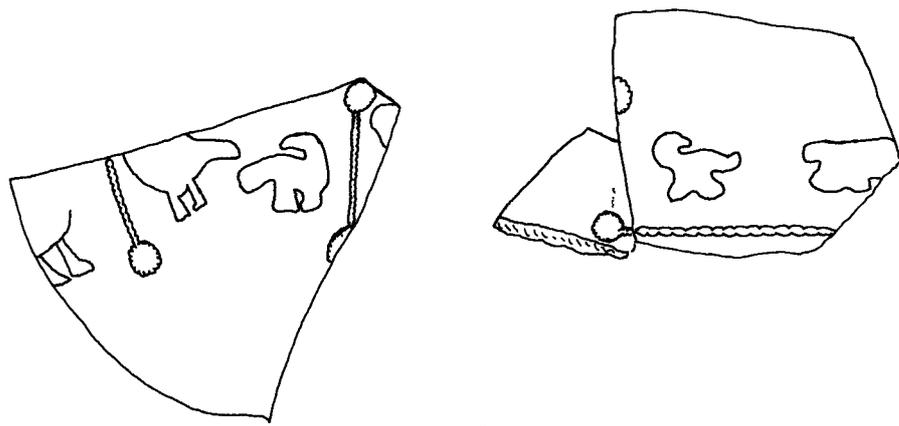


54



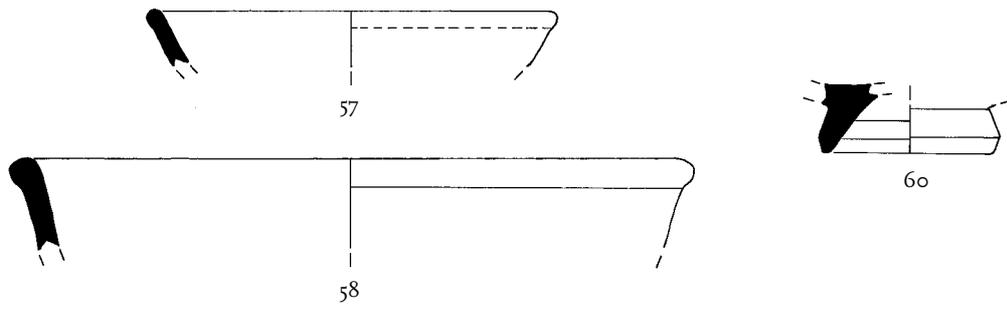
55

Escala 1:2

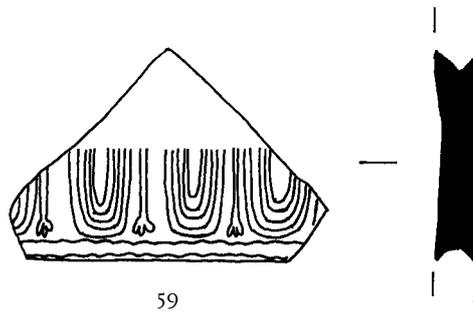


56

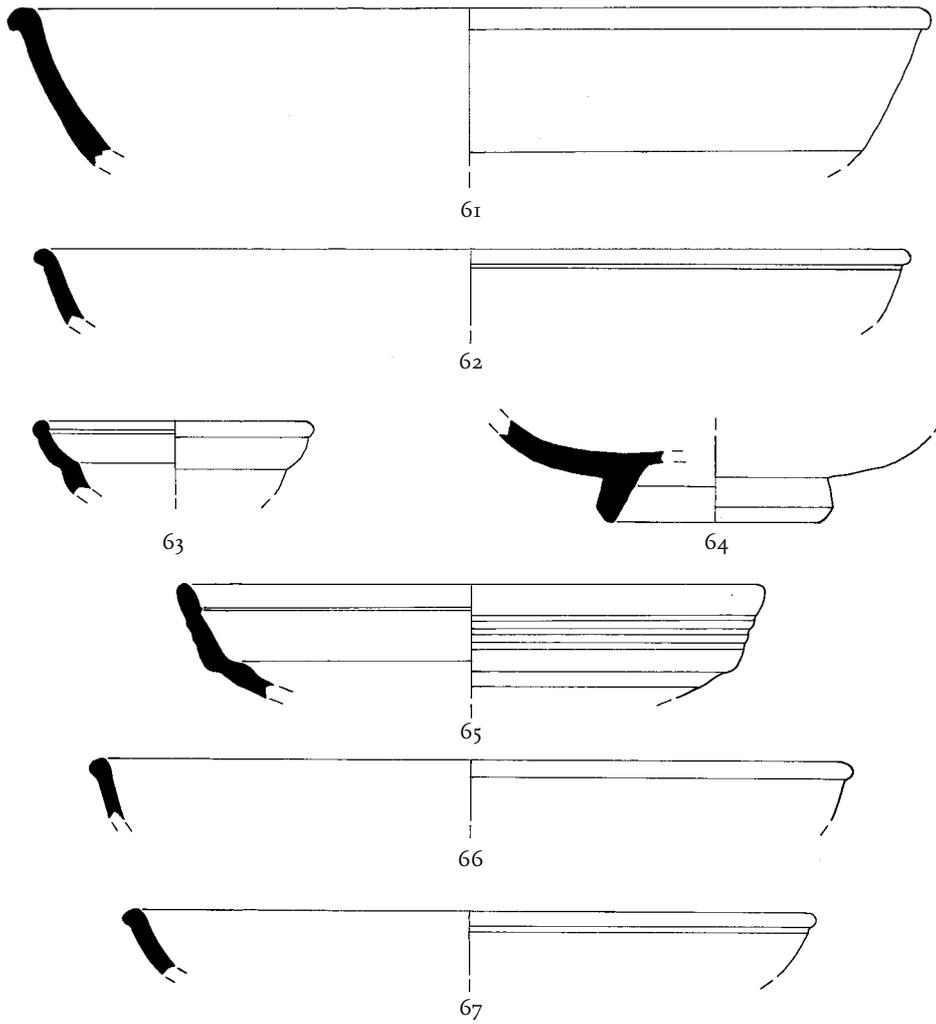
Escala 1:1



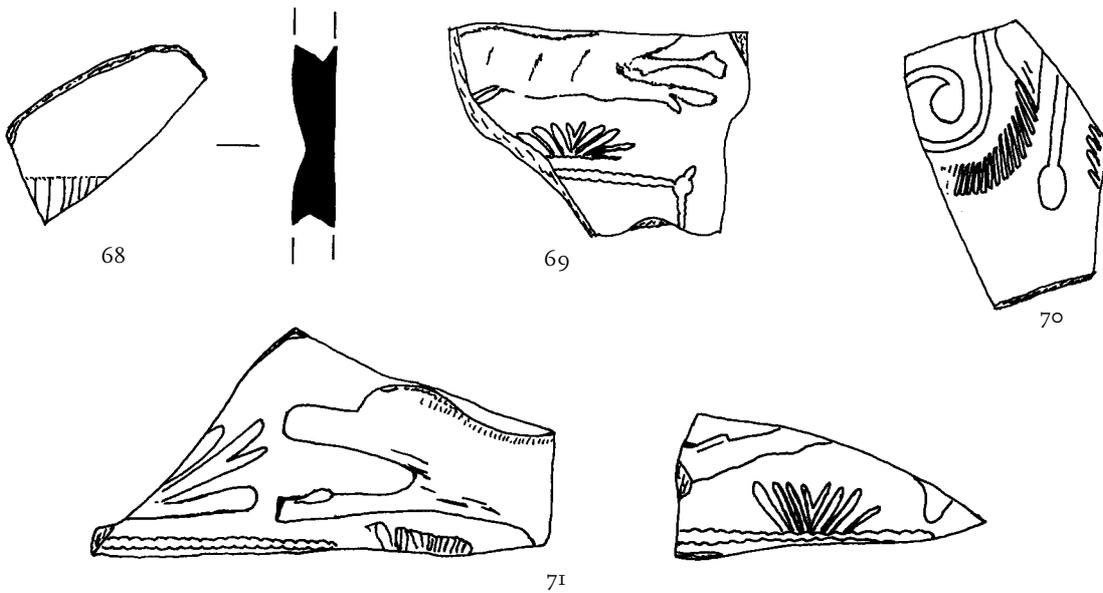
Escala 1:2



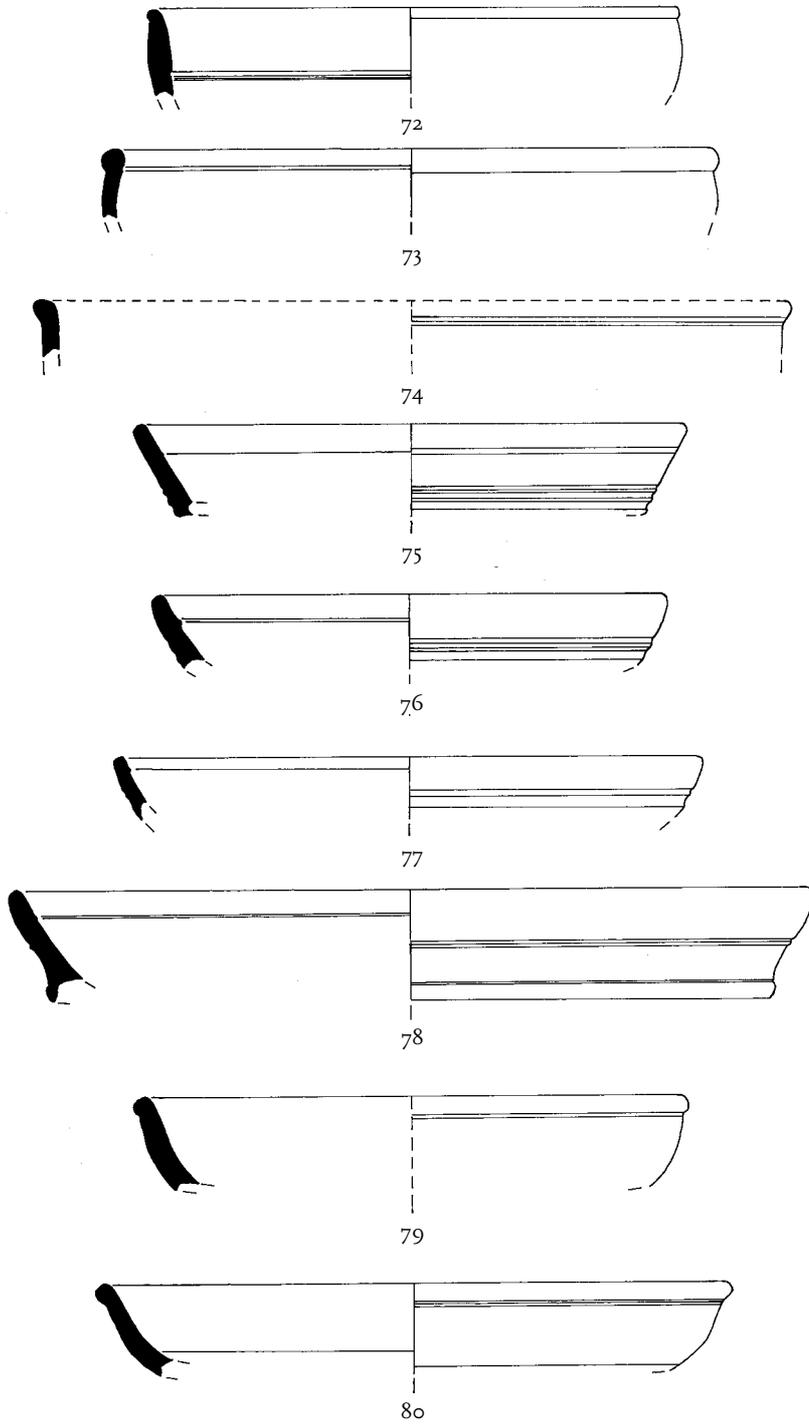
Escala 1:1



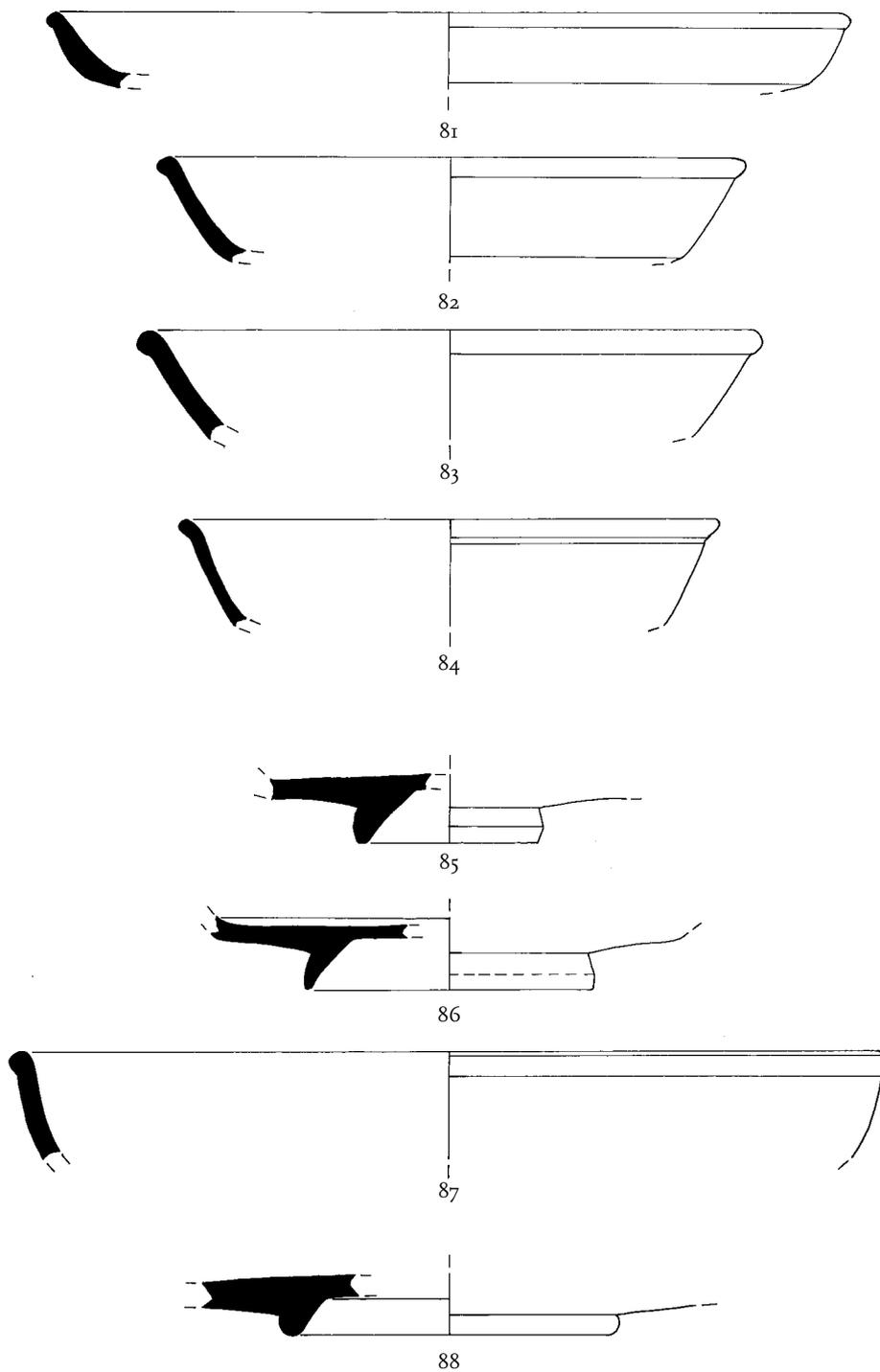
Escala 1:2



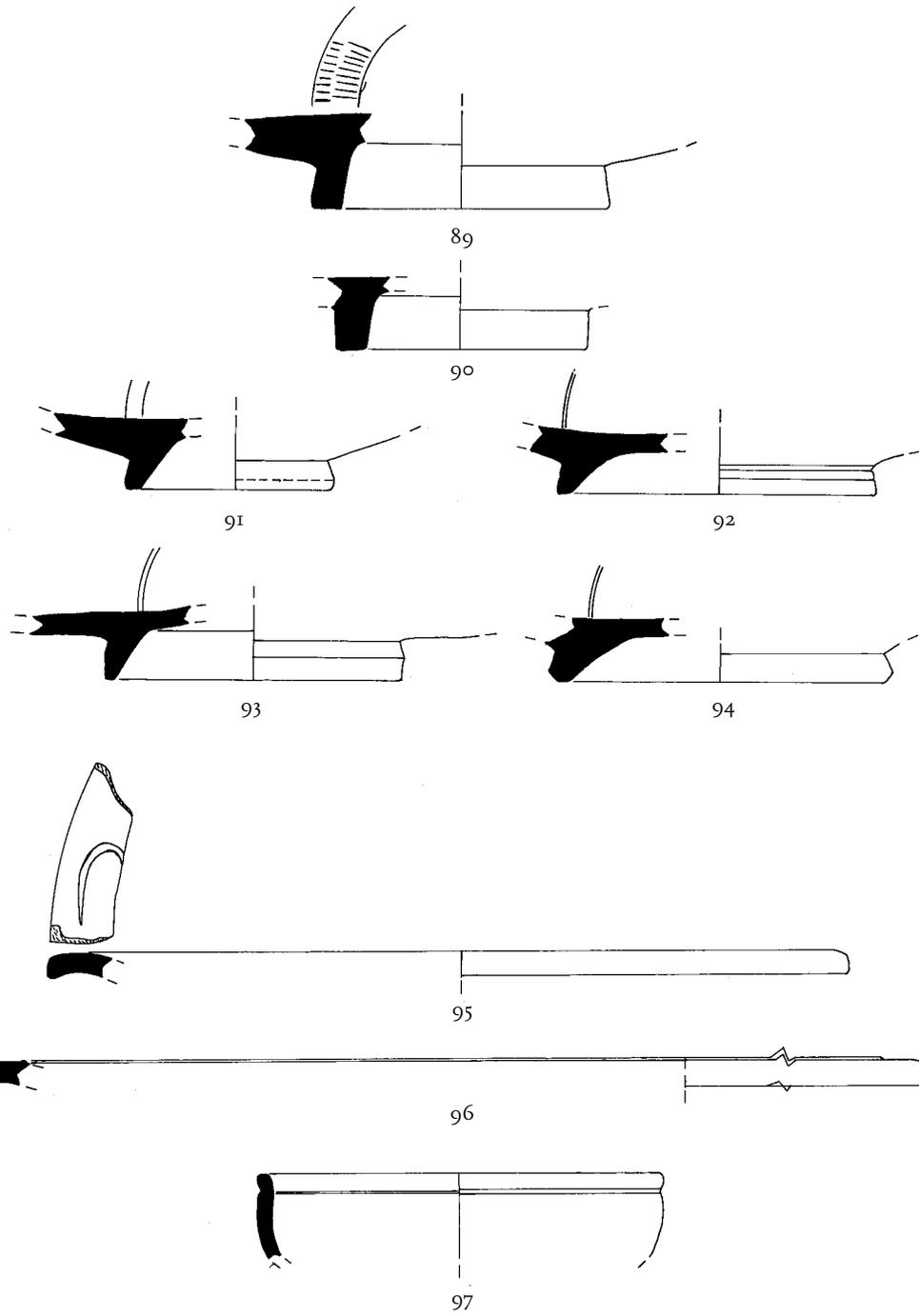
Escala 1:1



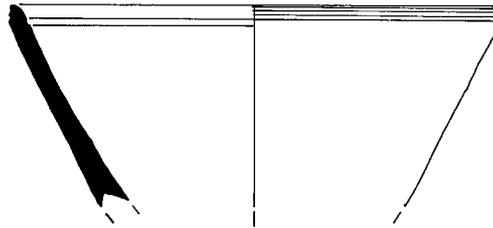
Escala 1:2



Escala 1:2



Escala 1:2



98



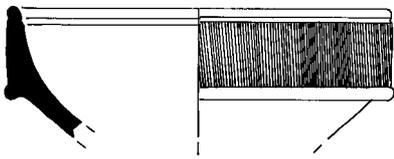
99



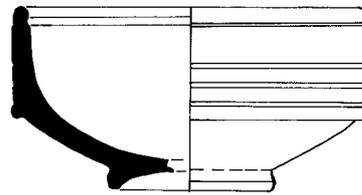
100



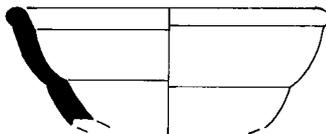
101



102



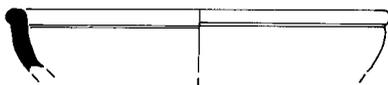
103



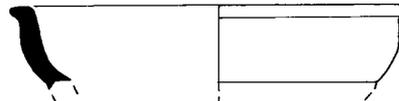
104



105

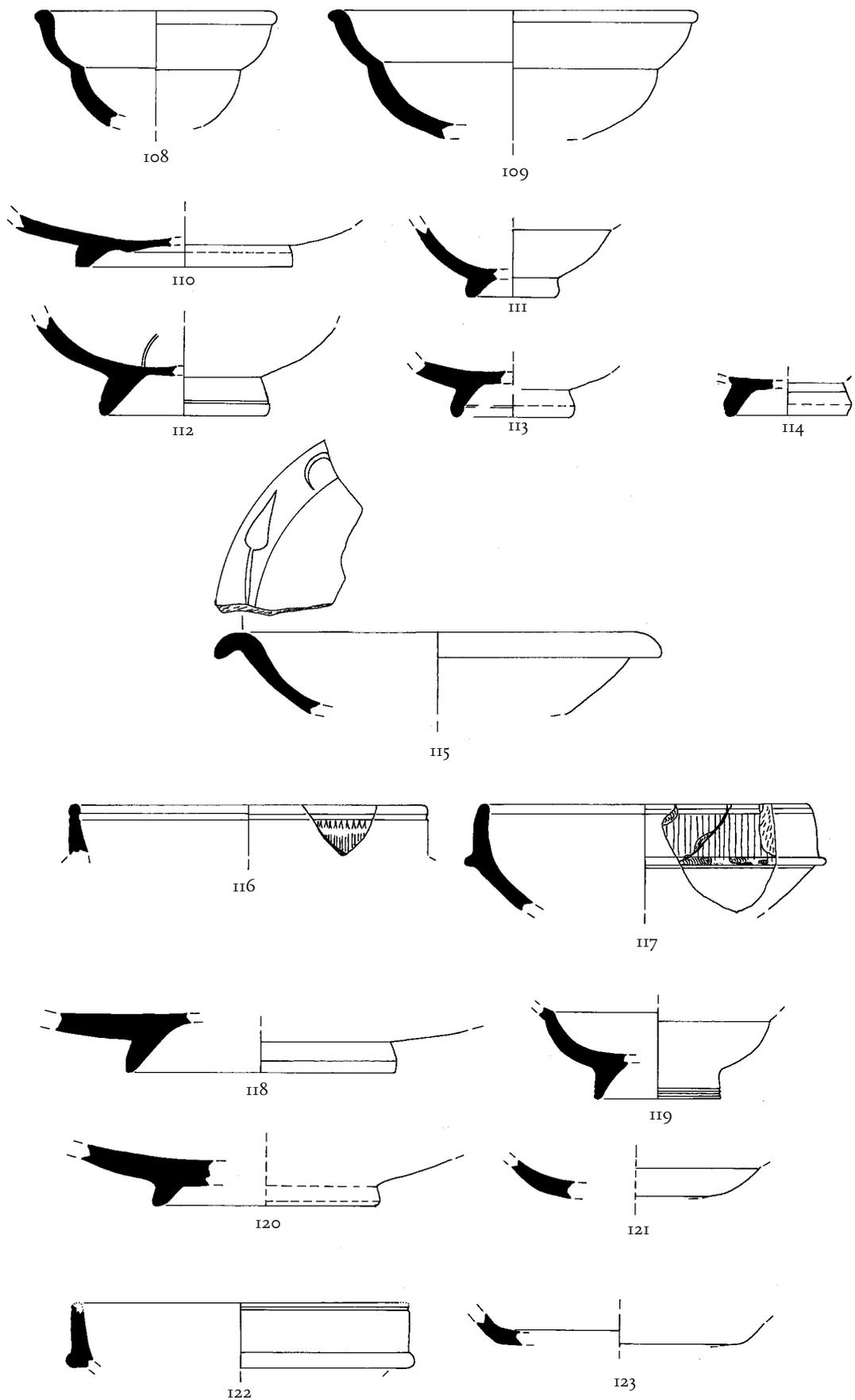


106

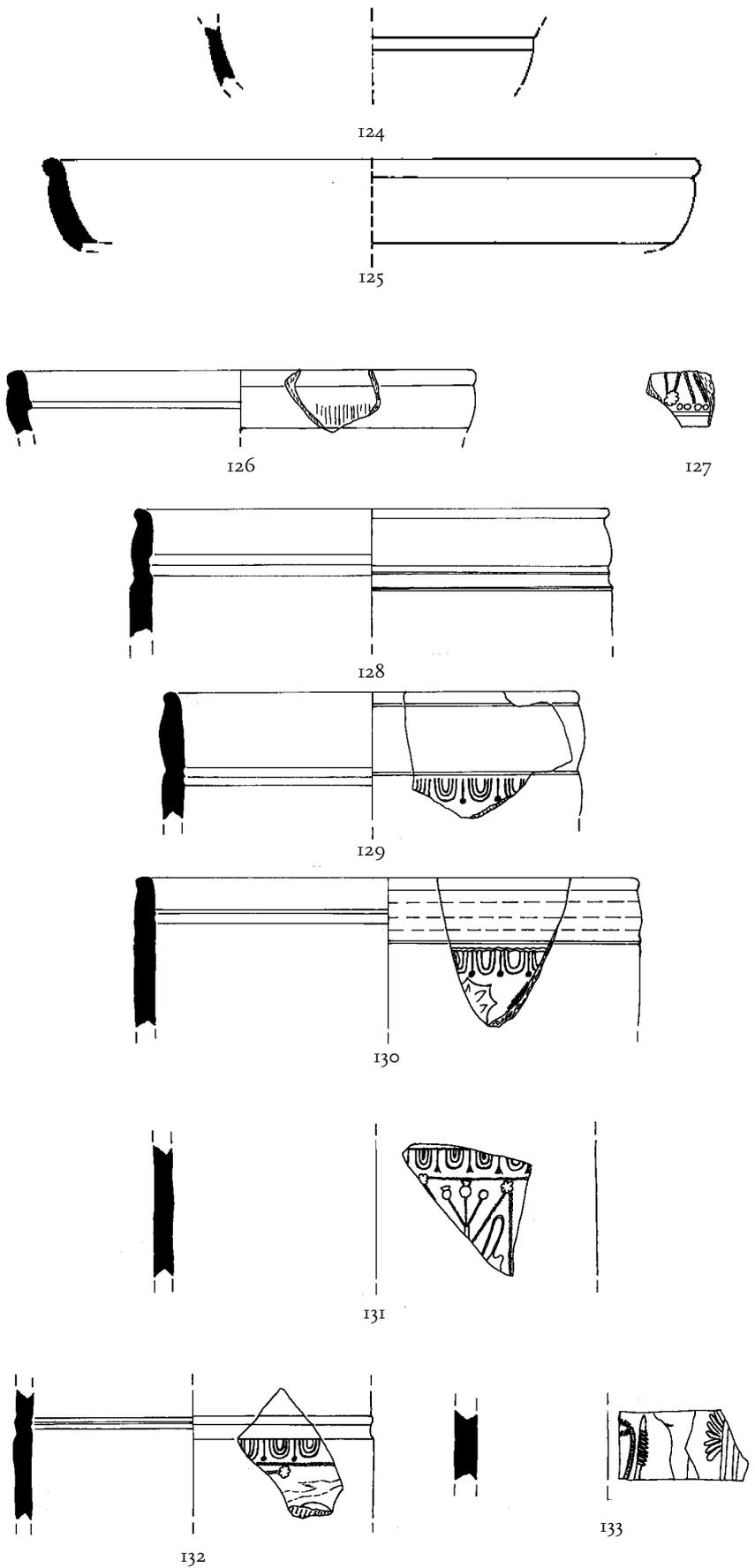


107

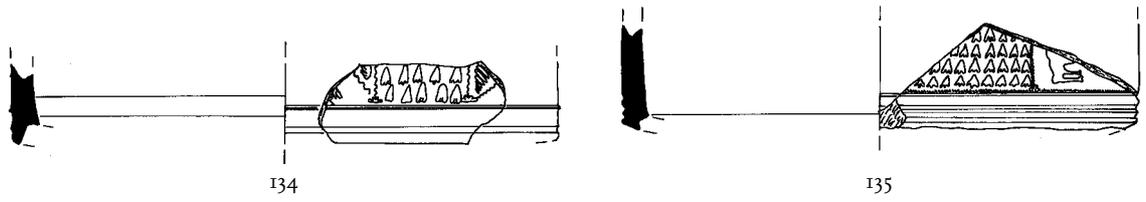
Escala 1:2



Escala 1:2



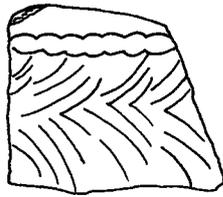
Escala 1:2



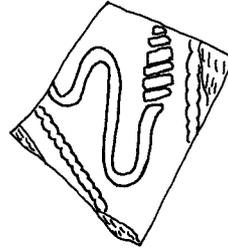
134

135

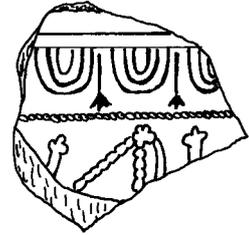
Escala 1:2



136



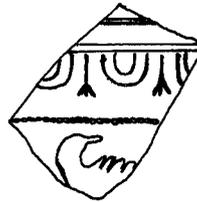
137



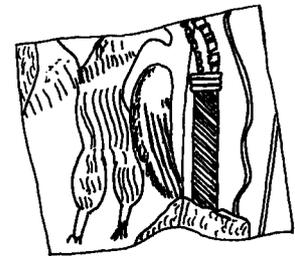
138



139

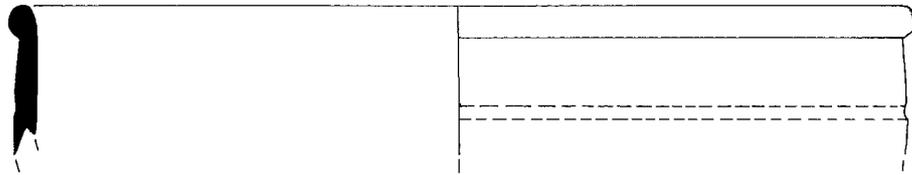


140

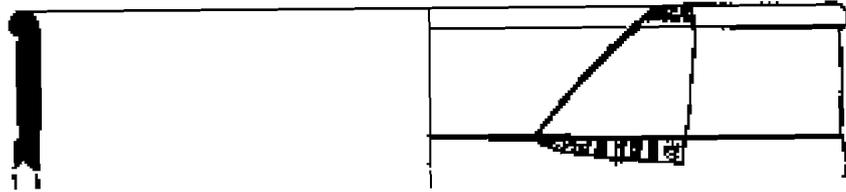


141

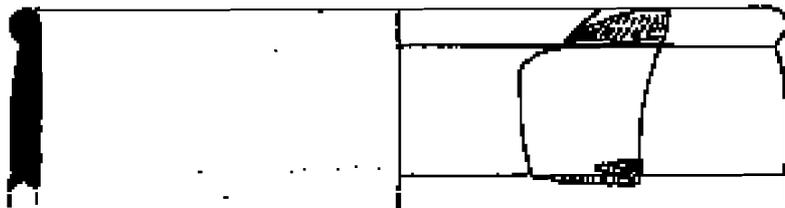
Escala 1:1



142

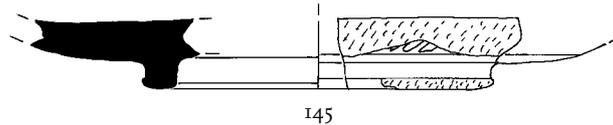


143

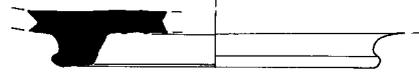


144

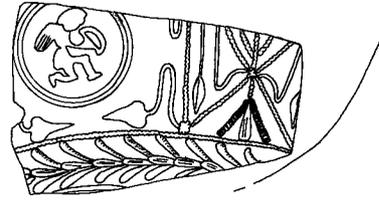
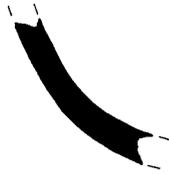
Escala 1:2



145

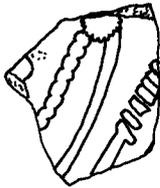


146

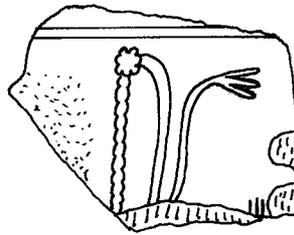


147

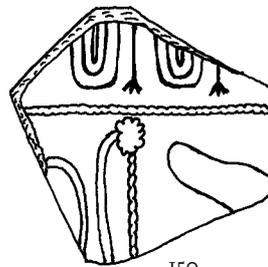
Escala 1:2



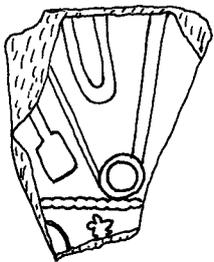
148



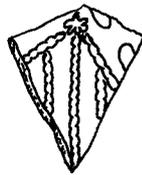
149



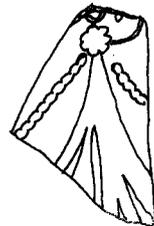
150



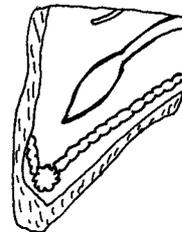
151



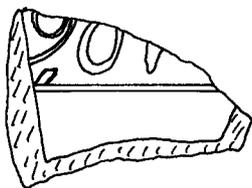
152



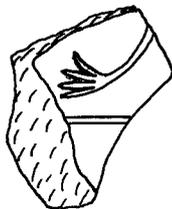
153



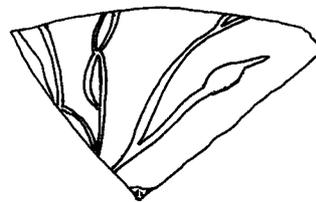
154



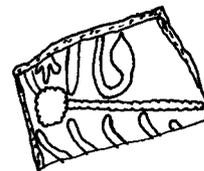
155



156



157

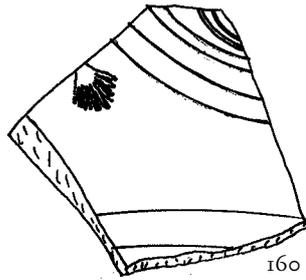


158

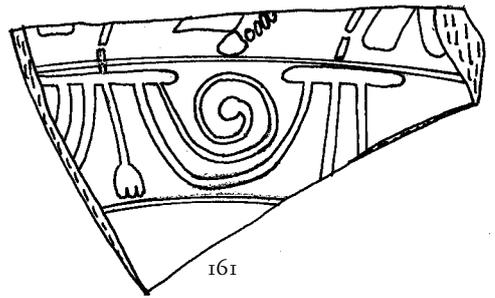
Escala 1:1



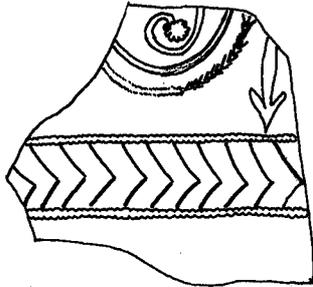
159



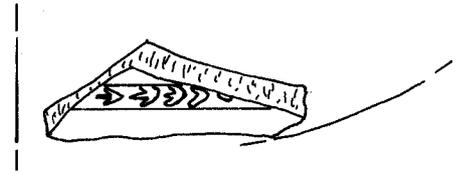
160



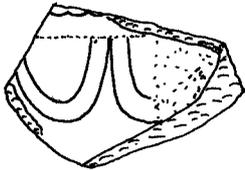
161



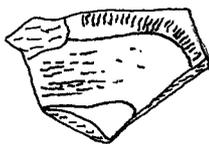
162



164



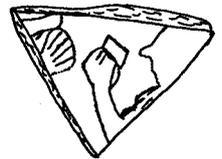
165



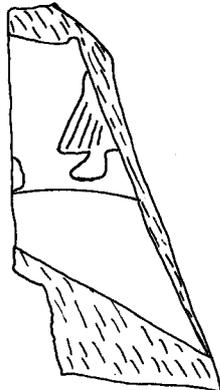
166



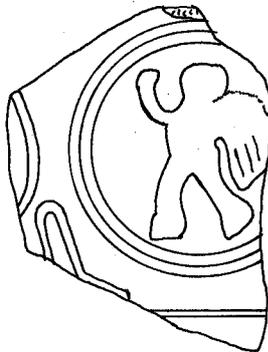
167



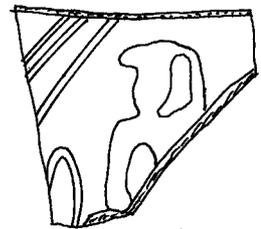
168



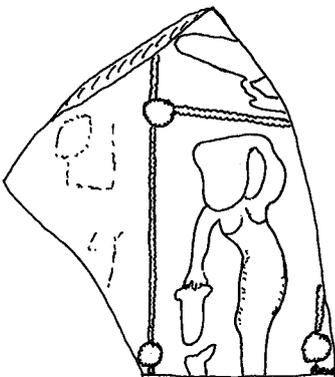
169



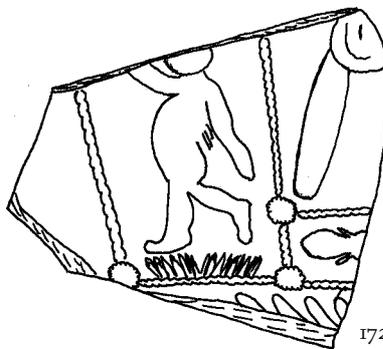
170



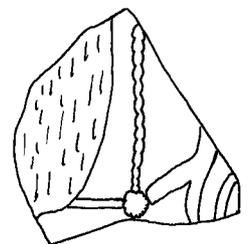
171



172

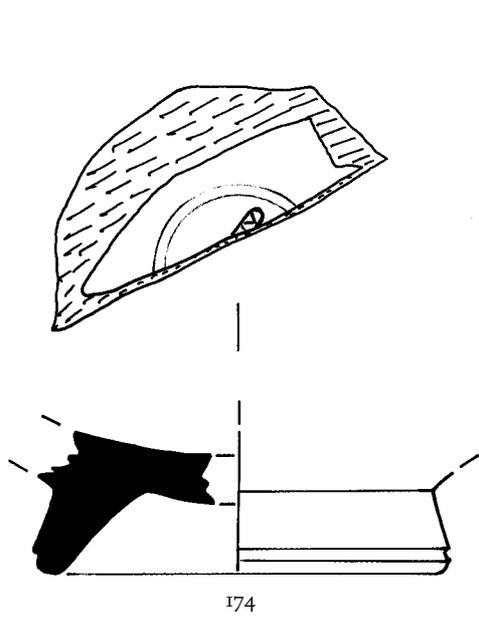


173

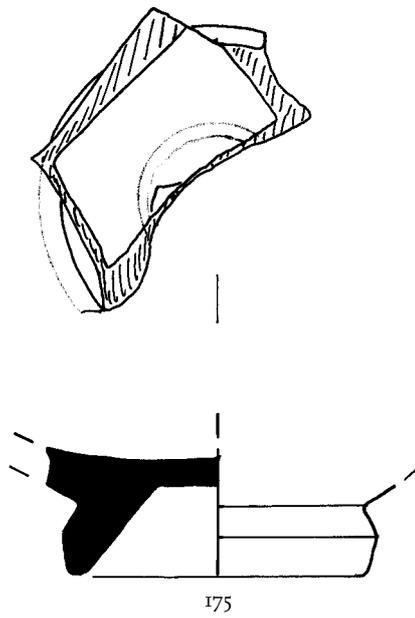


174

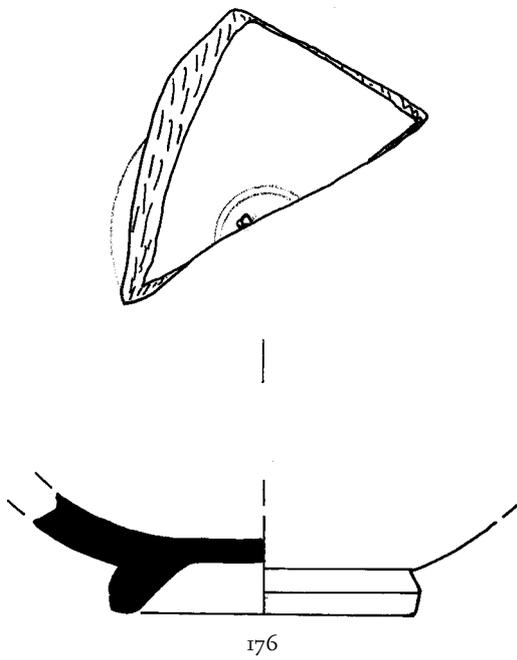
Escala 1:1



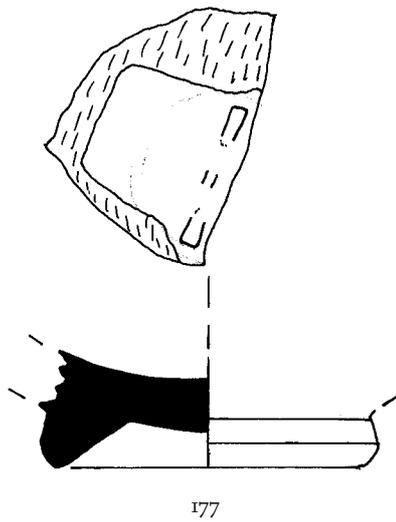
174



175

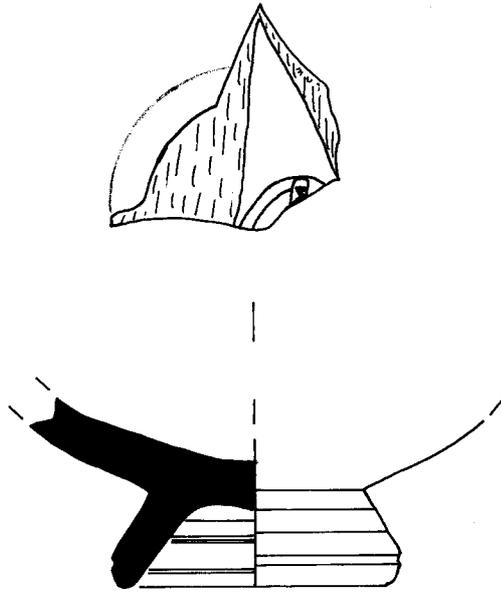


176

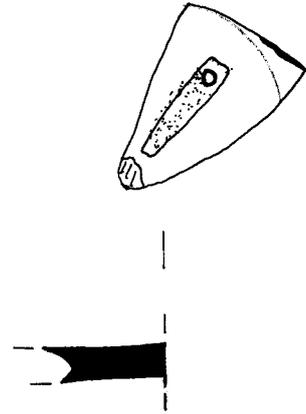


177

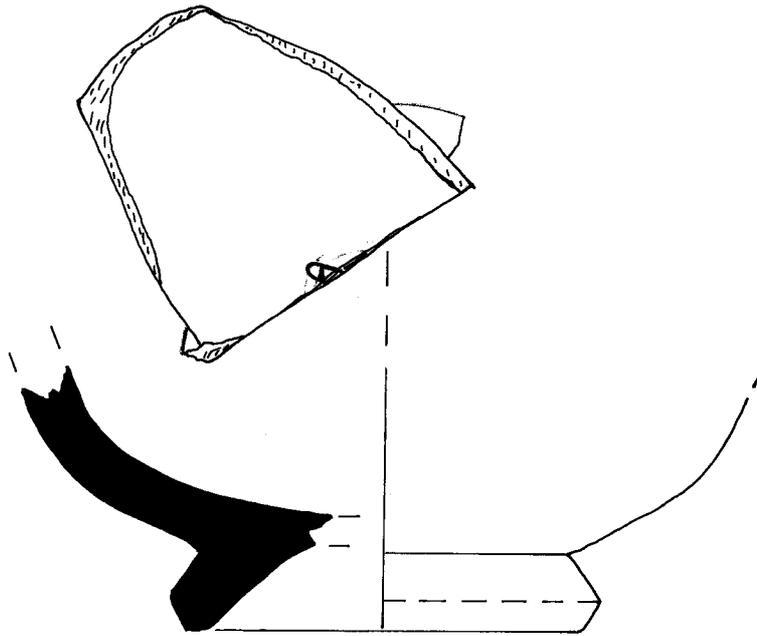
Escala 1:1



178



179



180

Escala 1:1



181



182



183



185

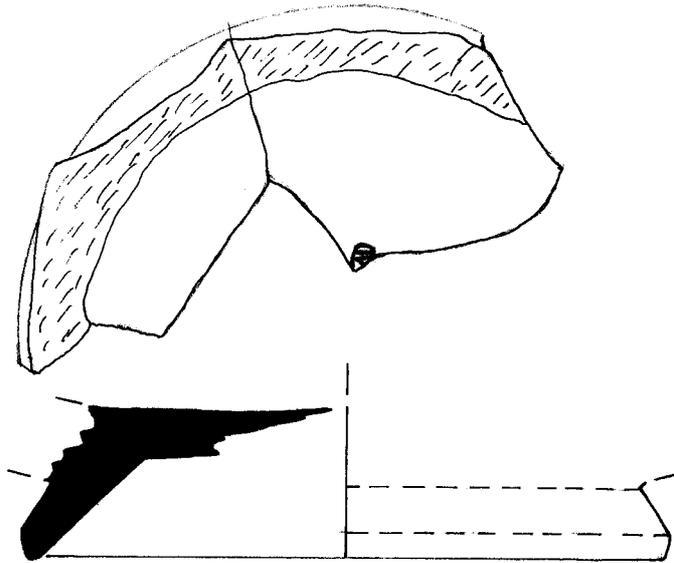


186



187

Escala 2:1



184

Escala 1:1



188



189



190



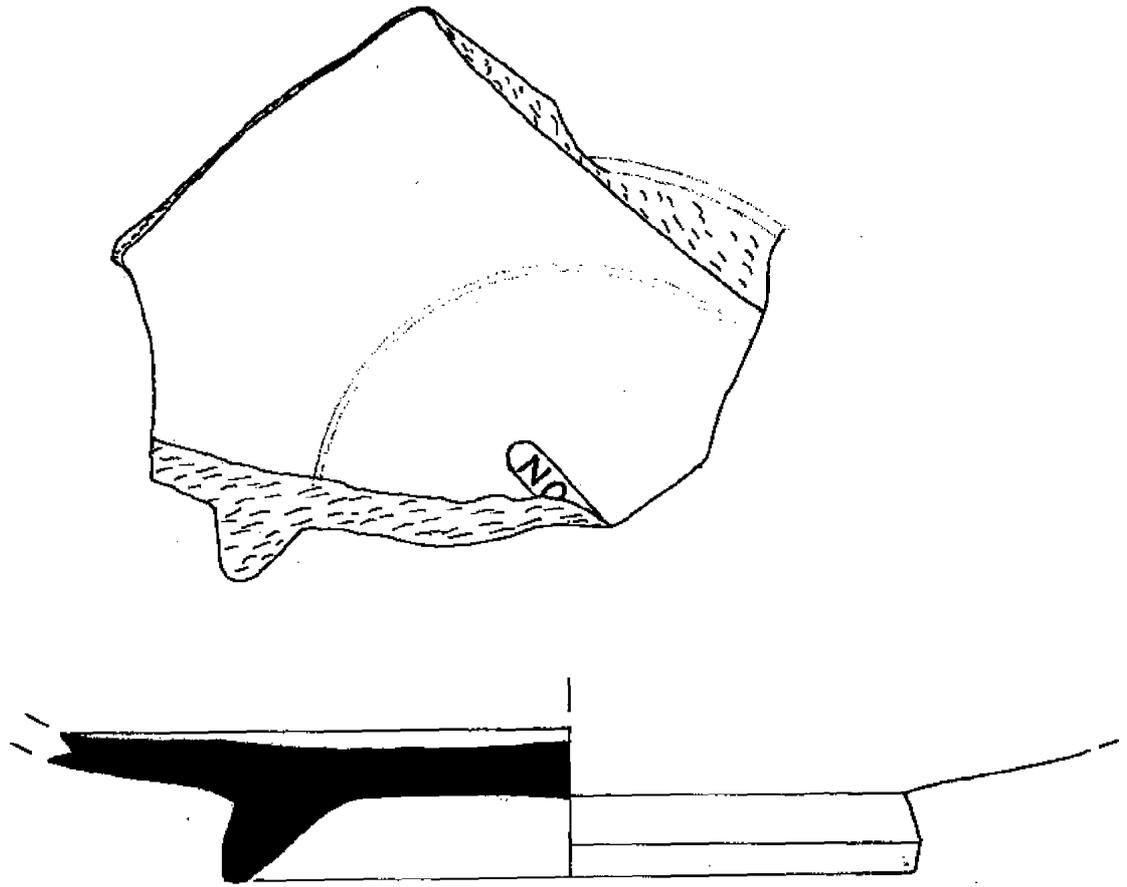
191

Escala 2:1



192

Escala 1:1



193

Escala 1:1



194



197



195

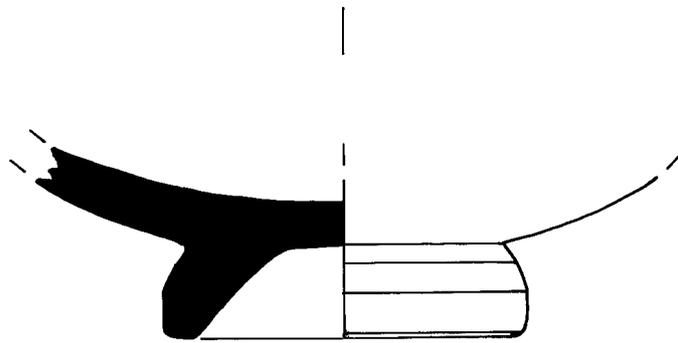
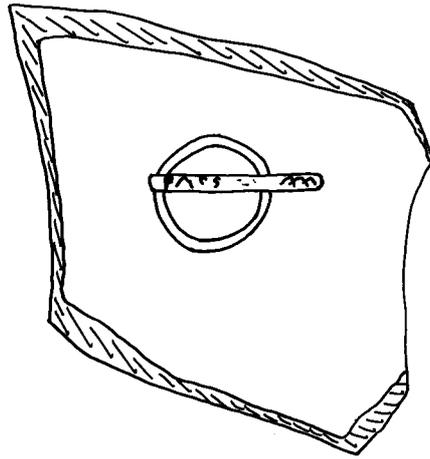


199

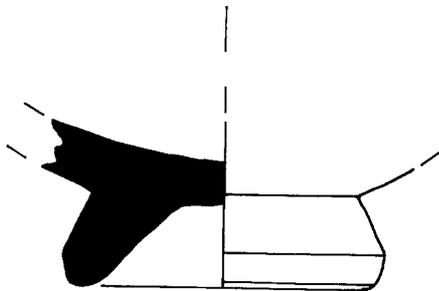


196

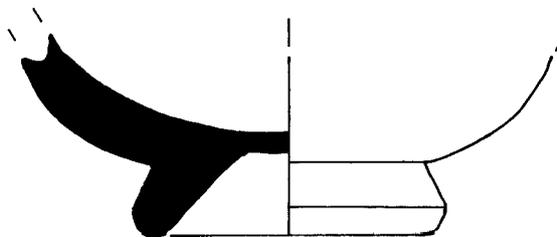
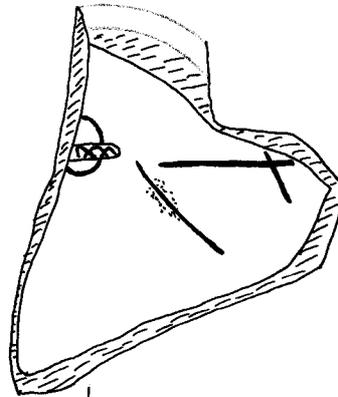
Escala 2:1



198



200



201

Escala 1:1

PATR

202

PRIMVLI

204

IMIN

206

FRVH

207

WIN

208

ABIV

209

OF SABI

210

OF CVIRI

211
212

OF EC 310

IN

214

V

215

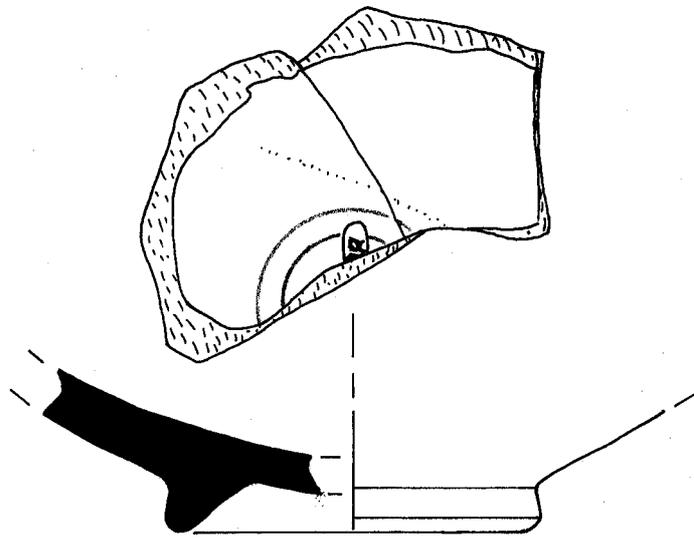
ONIA

216

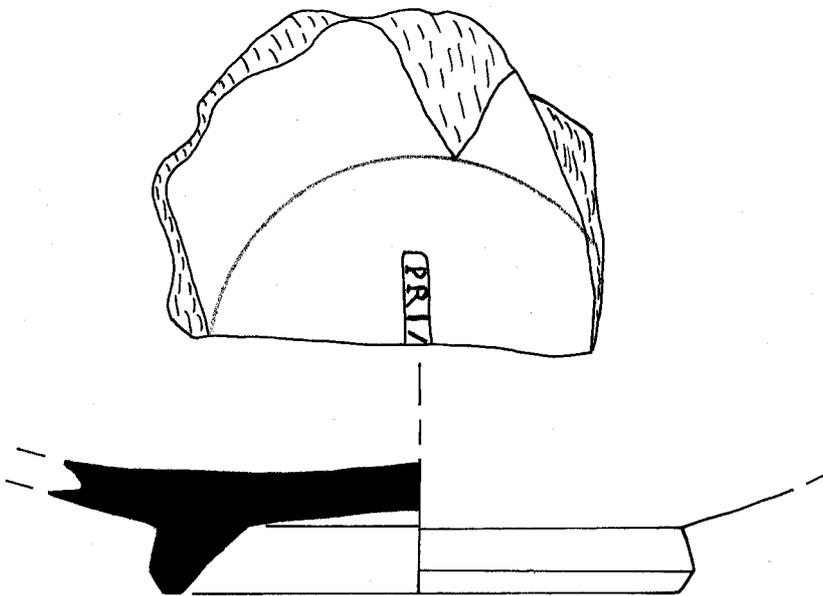
OM

217

Escala 2:1

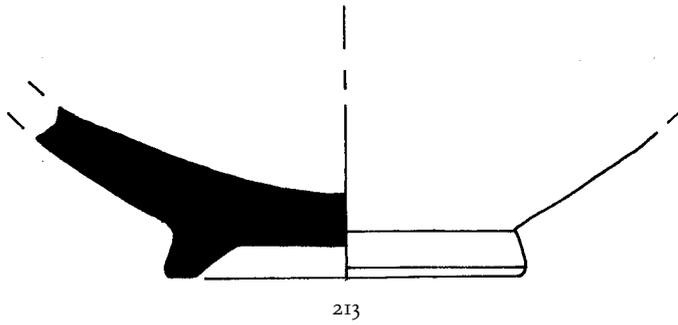
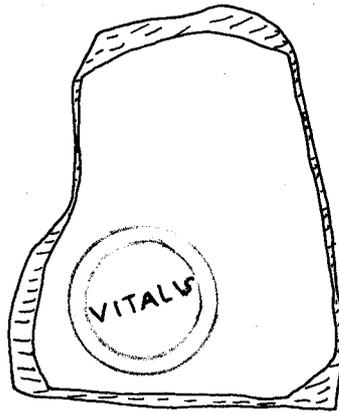


203

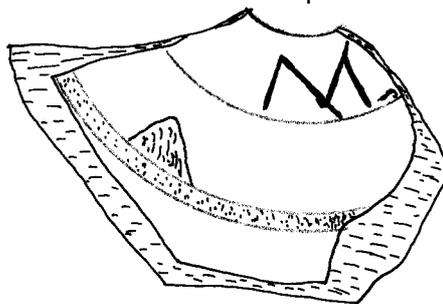
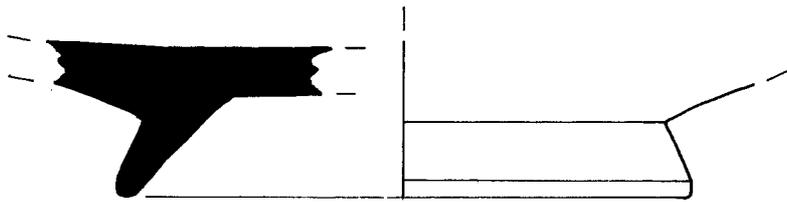


205

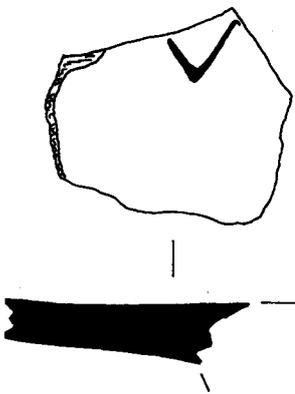
Escala 1:1



213

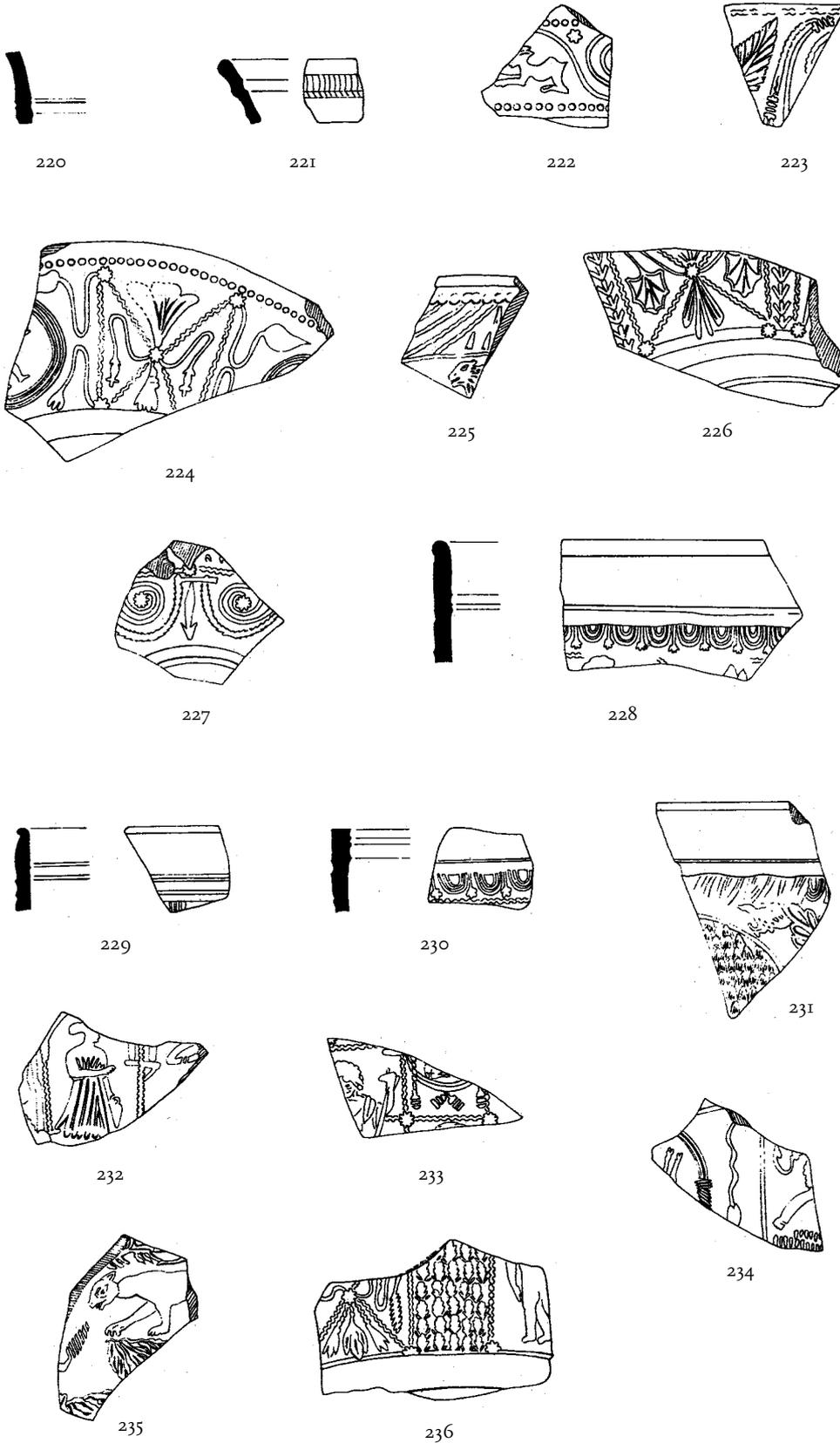


218

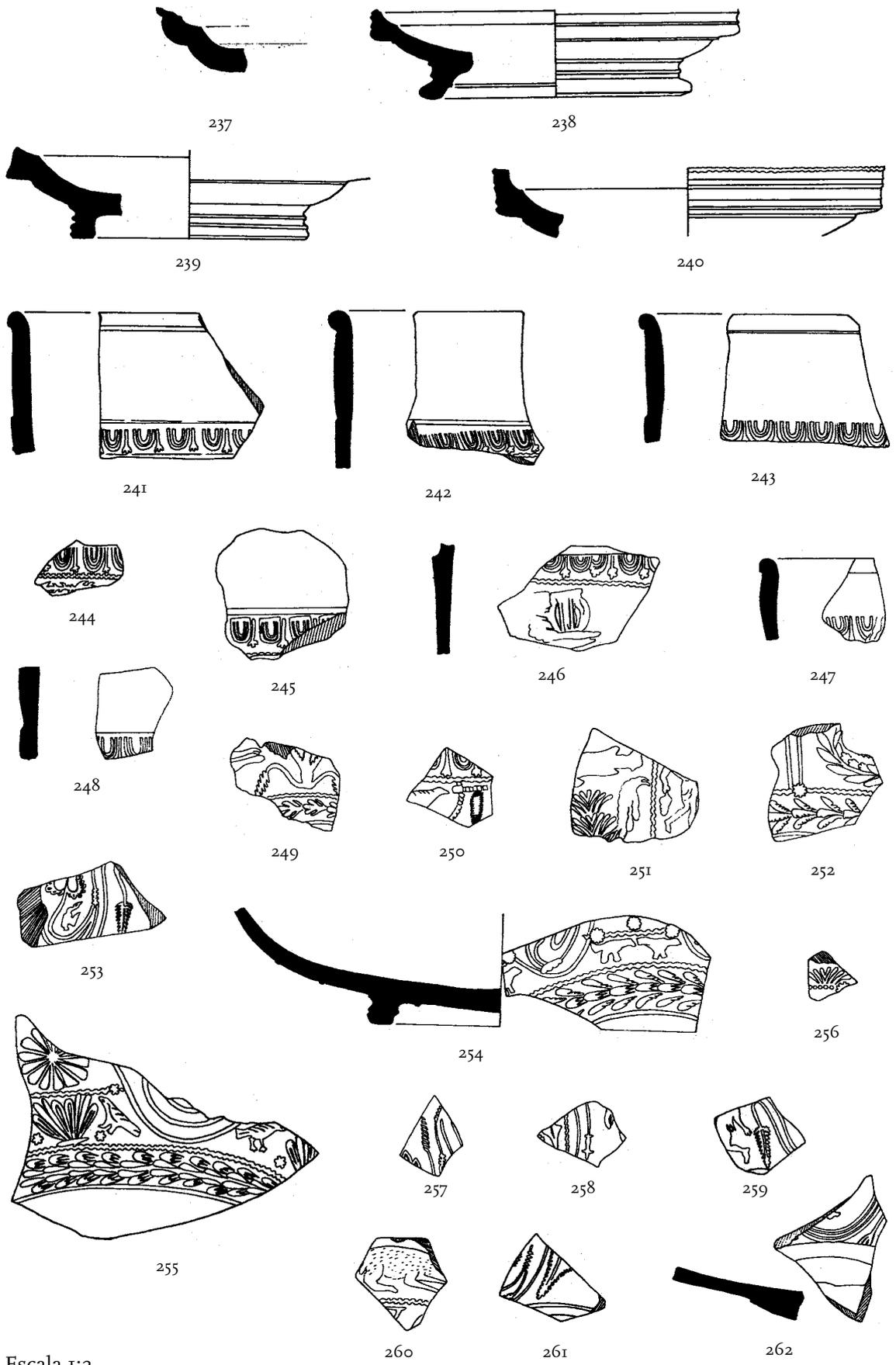


219

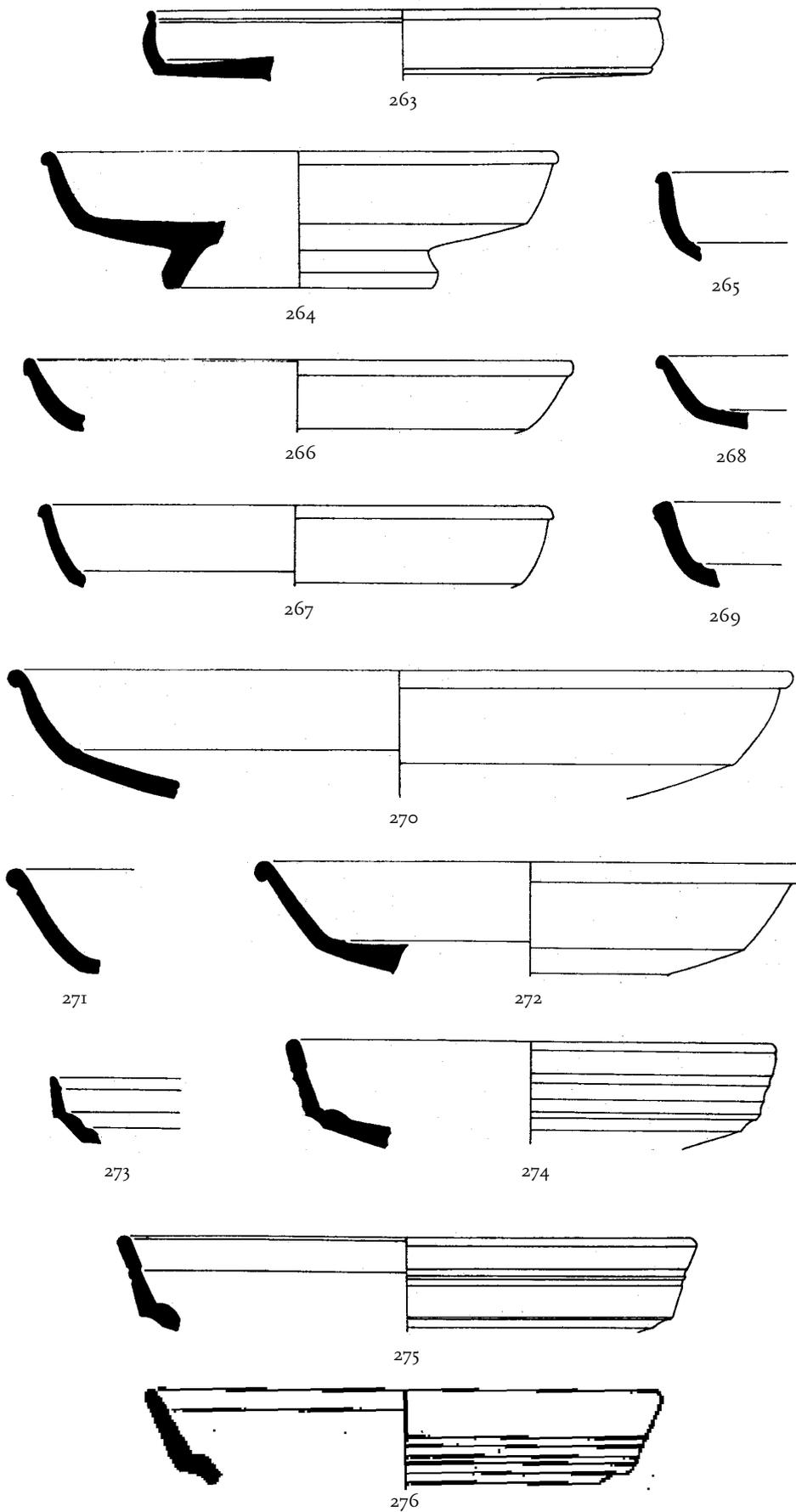
Escala 1:1



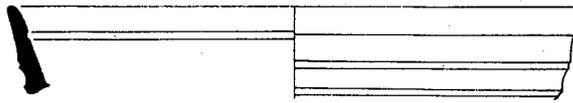
Escala 1:2



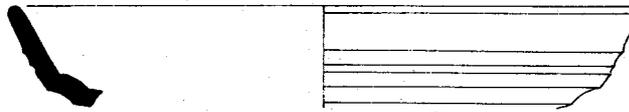
Escala 1:2



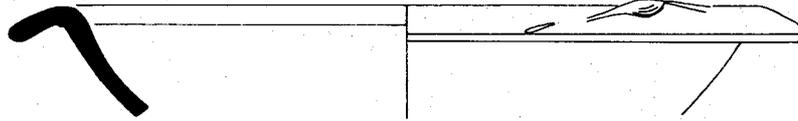
Escala 1:2



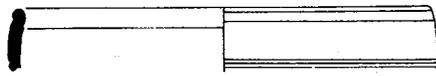
277



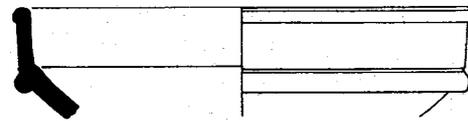
278



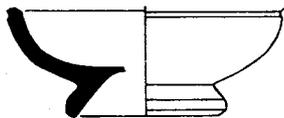
279



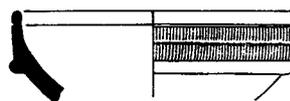
280



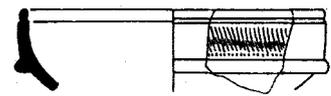
281



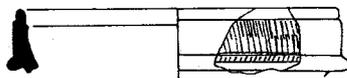
282



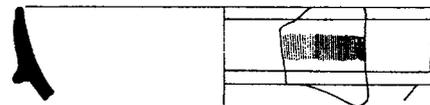
283



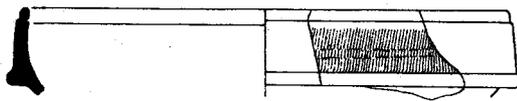
284



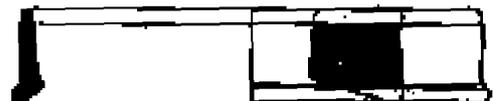
285



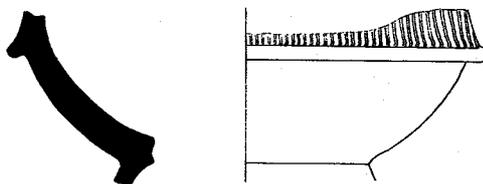
286



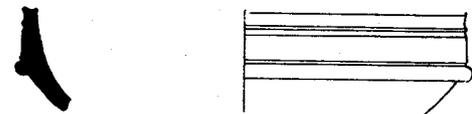
287



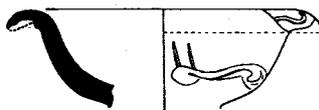
288



289



290



291

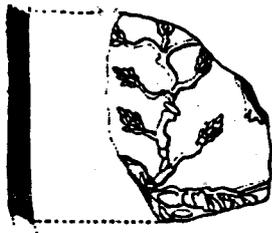


292

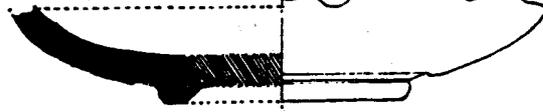


293

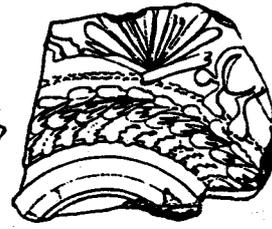
Escala 1:2



294



296



295



297



298



299



300



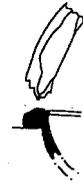
301



302

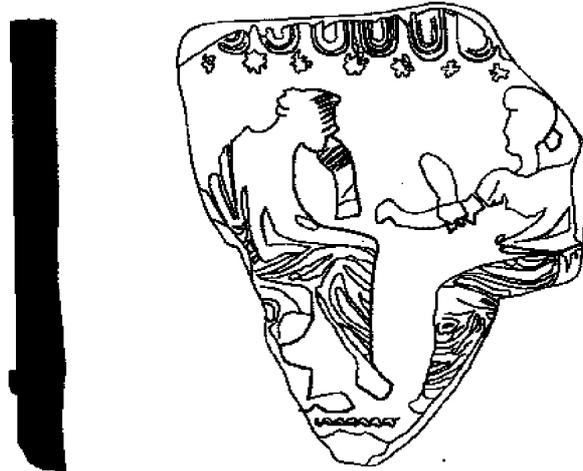


303



304

Escala 1:2



305

Escala 1:1

Ficha da base de dados e catálogo
da *terra sigillata* sudgálica
e centro-gálica de Chãos Salgados

N.º de Inventário	Depósito	Campanha	Sector	
Unidade de Recolha	Registo Gráfico	Registo Fotográfico	Morfologia	Tipo
Descrição Morfológica				
Descrição da Pasta	Descrição do Verniz	Medições		
Decoração				
Marca				
Grafito				
Cronologia				
Observações				

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Almeida (1964):10								
Almeida (1964):4	MMSC							
Almeida (1964):6								
Almeida (1964):8								
Almeida (1964):9								
Almeida (1964):p.64	MMSC							
Almeida (1964):p. 64b								
Artur (1983):p. 55				1954-5				
Artur (1983):p. 64				1954-5	t			
Biers (1988):I.21(833)		Field North of Circus	superficie	lusio- americana	D27	b		
Biers (1988):III.21(313)		termas oeste	room 2, locus 005	lusio- americana	D15/17?	f		
Biers(1988):III.78(804)		termas este	room 12, locus 003	lusio- americana	D18	b		
Biers(1988):III.79(806)		termas este	room 12, locus 003	lusio- americana	D18	b		
Biers(1988):III.80(803)		termas este	room 12, locus 003	lusio- americana	D24/25	b,f		
Biers(1988):III.81(790)		termas este	room 12, locus 003	lusio- americana	D27	b		
Biers(1988):III.82(785)		termas este	room 12, locus 003	lusio- americana	D33	b		
Biers(1988):III.83(805)		termas este	room 12, locus 003	lusio- americana	D35	b		
Dias (1976-1977):102	MMSC				D35	b,bj		
Dias (1976-1977):103	MMSC				D33	f,bj		
Dias (1976-1977):104-	MMSC				D33	f,bj		
Dias(1976-1977):106-	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias(1976-1977):107	MMSC				D15/17	f		
Dias (1976-1977):108	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias (1976-1977):109	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias (1976-1977):110	MMSC				D15/17	f		
Dias (1976-7):111	MMSC				D15/170 ou 18	f		
Dias (1976-1977):112	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias (1976-1977):113	MMSC				?	f		
Dias (1976-1977):114	MMSC				D24/25	f		

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
			Marca ///M		
			Oleiro NICIVS?		
			Oleiro L.C.VIRILIS		
			Oleiro SABINVS		
			Oleiro CHRESTVS		
			Marca "IM..."		
			Marca "...O..."		
			Oleiro NICIVS ou PASSENVS	?	A autora não apresenta estampa
			Oleiro VITALIS (na superfície externa da parede)		
					Biers et al. (1988)
		d: 160 mm			Biers et al. (1988)
					Biers et al. (1988)
		db: 170 mm			Biers et al. (1988)
canelura interna abaixo do bordo	roletada	db: 78 mm dp: 36 mm			Biers et al. (1988)
perfil muito esguio; ausência de canelura interna abaixo do bordo		db: 11 mm			Biers et al. (1988)
		db: 100 mm			Biers et al. (1988)
	folha de água a barbotina				Biers et al. (1988)
	folhas de água a barbotina sobre o bordo e motivos fitomórficos a barbotina sobre o bojo.	db: 170 mm?			Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
			Oleiro IVCVNDVS		Dias (1976-1977)
			Oleiro LABIO		Dias (1976-1977)
			Oleiro L C VIRILIS		Dias (1976-1977)
			Oleiro LIBERTVS		Dias (1976- -1977):109 = Almeida (1964):5
			Oleiro MASCVLVS		Dias (1976-1977)
			Oleiro MERCATOR		Dias (1976- 1977):III = Almeida (1964):7
			Oleiro MERCATOR		Dias (1976- -1977):112 = Almeida (1964):1
			Oleiro MVRRVS ou MVRRANVS		Dias (1976-1977)
			Oleiro MVRRVS ou MVRRANVS		Dias (1976-1977)

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Dias (1976-1977):115	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias(1976-1977):116	MMSC			1954-5	?	f		
Dias (1976-1977):117	MMSC				D15/17	f		
Dias (1976-1977):118	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias (1976-1977):119	MMSC				D24/25 ou 27	f		
Dias (1976-1977):120	MMSC				p	f		
Dias (1976-1977):121	MMSC				p	f		
Dias(1976-1977):122	MMSC				D15/17 ou 18	f		
Dias (1976-1977):123	MMSC				D33	f		
Dias(1976-1977):124	MMSC				D18	f		
Dias (1976-1977):125	MMSC				p	f		
Dias(1976-1977):126	MMSC				p	f		
Dias (1976-1977):127	MMSC				t	bj		
Dias (1976-1977):22	MMSC				D11	bj		
Dias (1976-1977):23	MMSC				D29	b		
Dias (1976-1977):24	MMSC				D29	bj		
Dias (1976-1977):25	MMSC				D29	bj		
Dias (1976-1977):26	MMSC				D29	bj		
Dias(1976-1977):27	MMSC				D29	c		“

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Dias (1976-1977):28	MMSC				D29	bj	“	
Dias (1976-1977):29	MMSC				D29	bj		
Dias (1976-1977):30	MMSC				D30	b	“	
Dias (1976-1977):31	MMSC				D30	b		
Dias (1976-1977):32	MMSC				D30	bj		
Dias (1976-1977):33	MMSC				D30	b		
Dias (1976-1977):34	MMSC				D30	bj		
Dias (1976-1977):35	MMSC				D30	bj		
Dias (1976-1977):36	MMSC				D30	bj		
Dias (1976-1977):37	MMSC				D30	bj		
Dias (1976-1977):38	MMSC				D30	c		
Dias (1976-1977):39	MMSC				D30	c		
Dias (1976-1977):40	MMSC				D30	f		
Dias (1976-1977):41	MMSC				D30	f		
Dias (1976-1977):42	MMSC				D30	c		
Dias (1976-1977):43	MMSC				D37	b		

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
	Decoração metopada formada por Cruzes de Santo André enquadradas por um motivo trifoliado entre dois cordões ondulados.” Métopa definida por grinaldas trifoliadas. “Palmas”; grinaldas verticais a separar as métopas.			Dias (1976-1977)	
	“Friso inferior composto por um festão voluteado formado por uma linha bífida rematada por uma roseta de nove pétalas; do «jugum» cai um pendente terminado em ponta de seta.”				Dias (1976-1977)
	Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa flor imperfeita, sobre uma fina linha ondulada”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos quase imperceptível”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla, imperfeita, com lingueta muito fina terminando numa roseta sobre uma linha ondulada”.				Dias (1976-1977)
	“linha de óvulos uple terminando num motivo trifoliado parcialmente destruída da implantação do bordo. Decoração constituída por uma grinalda larga. O recesso inferior é decorado com motivos vegetais triangulares imbricados” (pontas de seta).				Dias (1976-1977)
	“Friso de arcadas contendo figuras humanas humanas: uma figura feminina virada à direita e levando na mão esquerda um vaso em forma de ânfora; para um e outro lado, figuras que não é possível				Dias (1976-1977)
	“Decoração de métopas simples alternando com métopas compartimentadas” (submétopas). “Conserva-se parcialmente, das primeiras, figura de Baco; das segundas, um coelho sentado à direita, no interior de um arco ornado com quatro borlas. As divisórias são feitas com linhas onduladas cujos cruzamentos apresentam rosetas de oito pétalas”.			Dias (1976-1977)	
	“Da decoração metopada resta apenas uma coluna encimada por uma tripla arquivolta enquadrando um cão em pé de que se conservam apenas as patas dianteiras; a linha divisória das métopas ornada de dois pedúnculos longos, ondulados, rematados por folhas (?); vestígios do que parece ser uma figura humana duas fiadas de traços verticais paralelos”.			Dias (1976-1977)	
	“Leoa saindo de uma caverna”.				Dias (1976-1977)
	“A decoração metopada entre linhas onduladas rematas por rosetas de oito pontas, apresenta três motivos diferentes: uma Cruz de Santo André com motivos vegetais bastante comuns; trifliados laterais; folha trifoliada central; um painel de folhas imbricadas; uma figura masculina à esquerda, com as pernas nuas”.				Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla, muito imperfeita; lingueta terminando num motivo trifoliado ou numa pequena flor mal desenhada”.				Dias (1976-1977)

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Dias (1976-1977):44	MMSC				D37	b		
Dias (1976-1977):45	MMSC				D37	b		
Dias (1976-1977):46	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):47	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):48	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):49	MMSC				D37	b		
Dias (1976-1977):50	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):51	MMSC				D29 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):52	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):53	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):54	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):55	MMSC				D29 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):56	MMSC				D37	f		

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
	“Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa flor imperfeita”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa roseta imperfeita sobre uma linha ondulada. Grinalda rectilínea e muito estreita formada por motivos vegetais trifoliados”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado sobre linha ondulada”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração resta apenas uma linha de óvulos dupla, bastante imperfeita alternando com uma lingueta que termina num motivo floral de quatro pétalas (?); uma linha ondulada separa os óvulos do resto da decoração, de que apenas se conserva uma figura de Apolo voltada à direita e segurando uma lira”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla, com lingueta, tudo muito imperfeito”.				Dias (1976-1977)
	“Linha de óvulos dupla, com lingueta”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração conserva-se parcialmente um «flabellum» [...] e as patas dianteiras de um animal formando salto. Uma linha ondulada sublinha esta decoração e enquadra, com outra linha lisa, uma grinalda composta por um motivo vegetal”				Dias (1976-1977)
	“Linha de óculos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado: friso superior formado por um festão: «jugum» e pendente em forma de longo botão enrolado; sobre um dos arcos dentados, restos de um pássaro à direita”				Dias (1976-1977)
	“Da decoração metopada apenas resta um sátiro, à direita, com um cacho de uvas na mão direita; e um centauro marinho sobre dois tufos vegetais de oito folhas, assente por sua vez num festão voluteado”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração conserva-se parcialmente um friso dividido em métopas separadas por duas linhas onduladas e rematadas inferiormente por uma grinalda trifoliada entre dois cordões ondulados. A junção das linhas que formam os painéis é marcada por uma roseta de nove pétalas. Numa das métopas conserva-se um festão semi-circular” fitomórfico.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração conserva-se apenas parte de uma grinalda de tipo reflectido-decorante; folha cordiforma; folha lanceolada; ganço”				Dias (1976-1977)
	“A decoração apresenta uma grinalda serpenteada com o recesso inferior cortado horizontalmente por uma linha ondulada com rosetas nas extremidades e tendo na parte inferior dois pássaros afrontados. Este friso era rematado por uma grinalda trifoliada de um tipo bastante comum entre uma linha ondulada e um cordão liso.”				Dias (1976-1977)

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Dias (1976-1977):57	MMSC				D37	bj		
Dias (1976-1977):58	MMSC				D29, 30 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):59	MMSC				D29, 30 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):60	MMSC				D29, 30 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):61	MMSC				D29 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):62	MMSC				D29 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):63	MMSC				D29 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):64	MMSC				D29, 30 ou 37	bj		
Dias (1976-1977):65	MMSC				R1	b,c,f		
Dias (1976-1977):66	MMSC				D18	b,c,f		
Dias (1976-1977):67	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):68	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):69	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):70	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):71	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):72	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):73	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):74	MMSC				D18	b,c		
Dias (1976-1977):75	MMSC				D15/17	b,c		
Dias (1976-1977):76	MMSC				D15/17	b,c		
Dias (1976-1977):77	MMSC				D15/17	b,c		
Dias (1976-1977):78	MMSC				D15/17	b		
Dias (1976-1977):79	MMSC				D15/17	b		
Dias (1976-1977):80	MMSC				D15/17	b,c		
Dias (1976-1977):84	MMSC				D36	b		
Dias (1976-1977):85	MMSC				R8	b		

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
	“Decoração de frisos o central é ocupado por uma grinalda larga serpenteada, com os recessos inferiores compartimentados; o inferior apresenta uma grinalda rectilínea de quatrifólios imbricados. [...] Rosácea de quatorze pétalas; tufo vegetal; roseta de seis pontas; pássaro”.				Dias (1976-1977)
	“Tufo vegetal muito comum, formado por oito folhas sobre linha de pequenas pérolas, rematada por rosetas”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração resta um fragmento de grinalda.[...] Folha recortada, com sete pontas; botão alongado”.				Dias (1976-1977)
	“A decoração é, aparentemente, formada por Cruzes de Santo André alternando com uma figura humana.[...] O que resta da figura humana não permite identificação”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração resta parte de uma grinalda serpenteada com recessos inferiores ocupados por figuras e folhas: sátiro dançando, à esquerda”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração resta apenas parte do corpo de uma lebre à direita, sobre uma linha ondulada”.				Dias (1976-1977)
	“Grinalda reflectida-decorrente de que se conserva uma pequena porção”.				Dias (1976-1977)
	“Da decoração resta apenas o pé de uma figura humana dentro de uma moldura circular formada por três círculos concêntricos,e uma folha trifoliada”.				Dias (1976-1977)
		db: 159 mm			Dias (1976-1977)
	canelura no fundo interno.				Dias (1976-1977)
	ressalto interno na zona da carena				Dias (1976-1977)
		db: 170 mm			Dias (1976-1977)
	ressalto interno na zona da carena	db: 159 mm			Dias (1976-1977)
	ressalto interno na zona da carena				Dias (1976-1977)
	ressalto interno na zona da carena. Canelura na pérola do bordo.				Dias (1976-1977)
	ressalto interno na zona da carena	db: 244 mm			Dias (1976-1977)
	ressalto externo imediatamente abaixo do bordo.				Dias (1976-1977)
	ressalto interno na zona da carena	db: 170 mm			Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
		db: 152 mm			Dias (1976-1977)
		db: 180 mm			Dias (1976-1977)
		db: 160 mm			Dias (1976-1977)
		db: 151 mm			Dias (1976-1977)
		db: 166 mm			Dias (1976-1977)
	folhas de água a barbotina	db: 188-210 mm			Dias (1976-1977)
		db: 110 mm			Dias (1976-1977)

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Dias (1976-1977):86	MMSC				R5	b,c		
Dias (1976-1977):87	MMSC				D27	f,c		
Dias (1976-1977):89	MMSC				D24/25	b,c		
Dias (1976-1977):90	MMSC				D24/25	b,c		
Dias (1976-1977):91	MMSC				D24/25	b,c		
Dias (1976-1977):92	MMSC				D24/25	b		
Dias (1976-1977):93	MMSC				D24/25	b		
Dias (1976-1977):94	MMSC				D24/25	b		
Dias (1976-1977):95	MMSC				D24/25	f,c		
Dias (1976-1977):96	MMSC				D24/25	c		
Mir-o-661	M	encosta do museu	superfície	1997-2000	D30	bj	2	3
Mir-1086-9	M	encosta do museu	497	1997-2000	D27	b	3	?
Mir-11-8	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-120-273	M				p	f	3	2
Mir-120-275	M				D15/17	b	2	3
Mir-120-276	M				p	bj	3	2
Mir-120-278	M				?	bj	3	3
Mir-124-12	M				D30	bj	3	3
Mir-125-1219+1231	M				D27	b	3	3
Mir-125-1228	M				D27	c	3	2
Mir-125-1488	M				t	f	2	4
Mir-125-1834	M				?	bj		
Mir-125-2485	M				t	f	3	3
Mir-125-2486+3306	M				D33	b	2	2
Mir-125-253(A1)	M				D27	b	2	3
Mir-125-3301	M				D 29 ou 37	bj	2	3
Mir-125-3302	M				D18	b	2	3
Mir-125-3305	M				D30	bj	2	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		db: 120 mm			Dias (1976-1977)
					Dias (1976-1977)
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta.		db: 74 mm			Dias (1976-1977)
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta		db: 80 mm			Dias (1976-1977)
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta		db: 85 mm			Dias (1976-1977)
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta		db: 110 mm			Dias (1976-1977)
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta		db: 128 mm			Dias (1976-1977)
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta		db: 120 mm			Dias (1976-1977)
roleta					Dias (1976-1977)
caneluras externas entre o bordo e a carena					Dias (1976-1977)
	troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor. Abaixo, um cordão ondulado define superiormente friso ou métopa.				
		db: 109 mm			
	troço demasiado exíguo para uma leitura.				
canelura no fundo interno		dp: 72 mm; hp: 9 mm	Oleiro PRIMVLVS		
bordo liso e moldura na superfície interna e caneluras na externa		db: 146 mm			
	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor imperfeitos. Separada deste por um cordão ondulante uma cruz de Sto. André.	dbj: 132 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 105 mm; hbc: 23 mm			
		dc: 110 mm			
canelura no exterior do pé		dp: 56 mm; hp: 10 mm			
		dp: 48 mm; hp: 12 mm	Oleiro PASSENVVS		
bordo liso		db: 141 mm			
bordo perolado		db: 93 mm			
	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor com limite inferior materializado por cordão ondulante irregular.				
		db: 162 mm			
	troço de fiada de óvulos com relevo insuficiente por mau fabrico				

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-125-383	M				D37	b	2	3
Mir-125-386	M				D18	b	2	3
Mir-125-387+404	M				D15/17	c	3	3
Mir-125-389	M				D27	b	2	3
Mir-125-390	M				D33	b	2	3
Mir-125-391	M				D33	f	2	2
Mir-125-650	M				?	bj	3	3
Mir-125-653	M				p	f	2	3
Mir-125-654	M				?	bj	3	3
Mir-125-658	M				?	bj	3	3
Mir-125-779+897	M				D18	c	3	3
Mir-125-898	M				t	f	2	4
Mir-125-899	M				D18	b	2	3
Mir-125-900+2492	M				D24/25	b	2	3
Mir-126-1242	M				t	f	2	2
Mir-137-126	M				?	bj	2	3
Mir-137-131	M				p	f	3	3
Mir-137-97	M				D27	b	2	3
Mir-138-1	M				D15/17	b	2	3
Mir-138-10	M				D27	b	2	3
Mir-138-100	M				D29 ou 37	bj	3	3
Mir-138-11(um68)	M				D30	b	3	3
Mir-138-110	M				D27	b	2	2
Mir-138-114(um-67)	M				D18	b	3	3
Mir-138-116(um56)	M				D15/17	b	2	2
Mir-138-117(um-77)	M				D37	b	3	3
Mir-138-118(...50)	M				D27	b	2	2
Mir-138-119	M				D18	b	2	3
Mir-138-122(um55)	M				D27	b	3	3
Mir-138-13	M				D27	b	2	3
Mir-138-144	M				D27	b	2	3
Mir-138-19	M			1954-5	t	f	3	3
Mir-138-202	M				D30	b	3	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		db: 205 mm			
		db: 221 mm			
		dc: 129 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 70 mm			
bordo liso e caneluras interna e externas		db: 110 mm			
duas caneluras no fundo interno		dp: 91 mm			problemas de excesso de cozedura
canelura no fundo interno		dp: 91 mm; hp: 9 mm			
		dc: 237 mm			
		dp: 41 mm hp: 9 mm	Ilegível		
		db: 193 mm			
bordo liso e canelura interna	roletada	db: 98 mm			sobreczedura na superfície externa
		dp: 48 mm; hp: 9 mm			
fundo interno com banda roletada		dp: 83 mm; hp: 12 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 121 mm			
bordo liso e incisões interna e externas		db: 264 mm			
bordo perolado		db: 120 mm; hbc: 28 mm			
	fiada de óvulos intercalados por pés de flor com limite inferior materializado por cordão ondulante muito gasto.				
duas caneluras na parede interna		db: 129 mm			
bordo liso e incisão interna		db: 82 mm			
		174 mm			
bordo liso e incisões externas e moldura		db: 280 mm			
		db: 159 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 99 mm			
		db: 157 mm			
bordo liso e canelura interna		db: 84 mm			
bordo perolado		db: 98 mm			
bordo perolado e canelura interna		db: 66 mm			
		dp: 48 mm; hp: 6 mm	Oleiro VITALIS		=Artur (1983): p. 63, n.º 31
					db: 122 mm

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-138-22	M			1954-5	t	3	3	
Mir-138-265	M				D18	b	3	3
Mir-138-268	M				D15/17	b	2	3
Mir-138-27	M				?	bj	3	3
Mir-138-270	M				D35	b	3	3
Mir-138-286	M				D18	b	2	3
Mir-138-294	M				D15/17	b	2	3
Mir-138-297	M				D15/17	b	3	2
Mir-138-309	M				D18	b	3	3
Mir-138-320	M				?	bj	2	3
Mir-138-33	M				?	bj	3	3
Mir-138-34	M				?	bj	3	3
Mir-138-36	M				?	bj	3	3
Mir-138-38	M				D27	c	2	1
Mir-138-7	M				D27	b	3	3
Mir-138-9	M				D18	b	2	3
Mir-138-97	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-14-102	M				D18	b	2	3
Mir-14-147	M				D18	b	2	3
Mir-14-161	M				D24/25	b	2	3
Mir-14-173	M				D15/17	b	3	3
Mir-14-178	M				D27	b	2	3
Mir-14-29	M				?	bj	3	3
Mir-14-30	M				p	f	1	3
Mir-14-31	M				D15/17	b	3	3
Mir-14-33	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-143-9(t.29.III)	M				D30	bj	3	2
Mir-14-46	M				?	bj	3	3
Mir-145-1	M				D27	b	2	3
Mir-145-10	M				D27	b	3	3
Mir-145-11	M				?	bj	3	3
Mir-145-16	M				?	bj	2	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		dp: 50 mm hp: 6 mm	Oleiro PATER		= Artur (1983), p. 83, n.º 1
		db: 221 mm			
bordo liso e moldura interna e incisões externas		db: 283 mm			
	folha de água a barbotina	db: 82 mm			
bordo levemente perolado		db: 118 mm			
bordo liso e moldura		db: 145 mm			
bordo liso e moldura interna e caneluras externas		db: ?			
		db: 141 mm			
caneluras externa e internas		dc: 96 mm			
bordo perolado		db: 116 mm			
		db: 194 mm			
	fiada de óvulos intercalados por pés de flor com limite inferior materializado por colar de óculos muito gasto.				
canelura externa abaixo do lábio		db: 236 mm			
		db: 157 mm			
bordo levemente perolado e incisão interna		db: 82 mm; hbc: 15 mm			
bordo liso e incisões internas e externas		db: ?			
bordo perolado e incisão interna		db: 86 mm			
		dp: 141 mm; hp: ?			
bordo liso e incisão interna		db: 206 mm			
	troço central de cruz de Sto. André				
	troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Separados destes por um cordão ondulante muito gasto encontra-se um troço da parte superior de uma cruz de Sto. André constituída por uma roseta muito gasta e botão lanceolado. Um outro botão igual a este é visível no motivo ao lado				
bordo perolado e canelura interna		db: 113 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 102 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-145-19	M				D29 ou 37	bj	2	2
Mir-145-4	M				?	bj	3	3
Mir-145-6	M				?	bj	3	3
Mir-145-7	M				?	bj	2	3
Mir-145-8	M				?	bj	3	3
Mir-14-67	M				D18	b	2	3
Mir-14-74	M				?	bj	3	3
Mir-14-80	M				D18	b	2	3
Mir-14-81	M				D24/25	b	2	3
Mir-14-91	M				D35	b	3	3
Mir-149-1	M				p	f	3	3
Mir-149-4	M				?	bj	3	2
Mir-15-11	M				t	f	3	3
Mir-152-12(236)	M				?	bj	3	3
Mir-152-13(239)	M				?	bj	3	3
Mir-152-38(237)	M				?	bj	2	3
Mir-152-39(246)	M				?	bj	2	3
Mir-152-40(23)	M				?	bj	3	3
Mir-156-18+168-1	M				p	f	1	2
Mir-156-2	M				D27	b	2	3
Mir-157-6(um28)	M				D29 ou 37	bj	1	2
Mir-16-28	M				D17b	b	2	2
Mir-16-3	M				D15/17	b	3	2
Mir-163-31	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-163-33	M	?	bj	2	2			
Mir-163-36	M				D29 ou 37	bj	1	2
Mir-163-38+41	M				p	f	3	3
Mir-163-42	M				p	f	2	2
Mir-163-46	M				t	f	3	2
Mir-163-60	M				D30	b	3	2
Mir-163-62	M				D24/25	c	2	2
Mir-16-4	M				D27	b	3	3
Mir-164-1(27)	M				t	f	3	1
Mir-164-2(465)	M				t	f	2	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
	dois homens afrontados, sendo apenas visível a cabeça e o braço de um deles e a mão de ambos (o da direita segura um copo) – dois sacrificadores (?)				
bordo perolado com leve incisão no topo		db: 242 mm			
		db: 164 mm			
bordo liso e incisão interna		db: ?			
	folhas de água a barbotina	db: 114 mm			
canelura no fundo interno		dp: 114 mm; hp: 8 mm			
		dp: ?			
canelura no fundo interno		dp: 82 mm; hp: 11 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 101 mm; hbc: 23 mm			
	troço de grinalda bifoliada separada de ornato de folhagem(?) por colar de óculos com roseta incorporada.				
		db: 201 mm?			
bordo liso e moldura externa e incisões		db: 136 mm			
	troço central de cruz de Sto. André				
	muito gasta.				
		dp: 88 mm; hp: 9 mm			
canelura no fundo interno e na parede exterior junto ao pé		dp: 66 mm; hp: 10 mm			
		dp: 40 mm; hp: 10 mm			
	Limite superior do campo decorativo: fiada de óvulos e colar de óculos abaixo.	db: 150 mm			
	roletada	dc: 159 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 74 mm			
		dp: 72 mm; hp: 8 mm			
		dp: 44 mm; hp: 6 mm	nebulosa irredutível		

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-164-5(98)	M				p	f	3	1
Mir-168-2	M				D15/17 ou 18	f	2	2
Mir-168-8	M				p	f	2	3
Mir-168-9	M				p	f	2	2
Mir-169-14	M				D18	b	2	3
Mir-170-1(417)	M				D37	b	2	3
Mir-170-114(429)	M				?	bj	3	3
Mir-170-2(424)	M				D24/25	b	2	3
Mir-170-68(427)	M				D30	bj	1	3
Mir-171-33	M				?	bj	3	2
Mir-17-20	M				D15/17	b	2	3
Mir-17-22	M				D18	b	2	3
Mir-174-2	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-174-21	M				?	bj	3	3
Mir-174-3	M				D30	b	2	3
Mir-183-267	M				t	f	3	3
Mir-183-30(534-69)	M				p	f	3	3
Mir-184-112(666)	M				?	bj	2	3
Mir-184-113	M				?	bj	2	3
Mir-184-116	M				D18	b	3	2
Mir-184-117	M				?	bj	2	3
Mir-184-120(680)	M				D24/25	b	2	3
Mir-184-254	M				D15/17	b	2	2
Mir-184-79	M				?	bj	3	3
Mir-184-8(659)	M				?	bj	2	3
Mir-184-9	M				?	bj	2	3
Mir-191-2(?)	M				D30	bj	3	2
Mir-19-15	M				D33	c	3	3
Mir-191-5(673)	M				D18	b	2	2
Mir-191-8(694)	M				D36	b	2	3
Mir-19-26	M				D15/17	c	3	3
Mir-195-395	M				?	bj	3	3
Mir-196-10	M				D30	bj	2	3
Mir-196-12	M				D29 ou 37	bj	3	3
Mir-196-123	M				D27	c	2	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
canelura no fundo interno e incisão no exterior do		dp: 91 mm			
canelura no fundo interno		dp: 79 mm; hp: 10 mm			
canelura no fundo interno		dp: 69 mm			
canelura no fundo interno		dp: 81 mm; hp: 11 mm			
		db: 129 mm			
		db: 239 mm			
bordo liso e incisão interna	roletada	db: 110 mm			
	muito gasta: ornato de folhagem(?)	db: 134 mm			
moldura interior e incisões externas ao bordo		db: 198 mm			
		db: 191 mm			
	troço de grinalda trifoliada marginalizada por cordão liso.	dbj: 95 mm			
	troço de óvulos no limite superior do campo decorativo	db: 164 mm			
canelura no exterior do pé		dp: 48 mm; hp: 13 mm			
canelura no fundo interno		dp: 88 mm; hp: 9 mm			
		db: 154 mm			
bordo liso e incisão interna		db: 101 mm			
bordo liso e caneluras interna e externas		db: 170 mm			
	grinalda octofoliada ladeada por cordão de óculos.	dc: 108 mm			
bordo perolado com leve incisão no topo		db: 282 mm			
	folha de água a barbotina	db: 223 mm dc: ?			
	fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Um colar de óculos separa este motivo de um outro onde se vê a parte superior de uma ave.				
	troço de Cruz de Sto. André (em baixo) separada por um colar de óculos de fiada de óvulos com rosetas (?) intercaladas.	dc: ?			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-196-128	M				p	f	3	3
Mir-196-129	M				p	f	2	3
Mir-196-13	M				?	bj	2	3
Mir-196-130	M				t	f	2	4
Mir-196-16	M				p	bj	2	3
Mir-196-17	M				D27	c	2	3
Mir-196-18	M				D18	c	2	3
Mir-196-19	M				D24/25	c	3	3
Mir-196-2	M				D24/25	c	2	3
Mir-196-20	M				D15/17	c	2	3
Mir-196-22	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-196-23	M				?	bj	2	2
Mir-196-24	M				?	bj	2	3
Mir-196-26	M				?	bj	2	3
Mir-196-27	M				?	bj	2	3
Mir-196-30	M				D15/17	c	2	3
Mir-196-5	M				?	bj	2	2
Mir-196-75	M				D18	b	2	3
Mir-196-76	M				t	f	3	3
Mir-196-81	M				D15/17	b	3	3
Mir-196-85	M				D30	b	3	1
Mir-196-86	M				D33	b	3	3
Mir-196-88	M				D18	b	2	3
Mir-196-90	M				D33	b	3	2
Mir-196-94	M				D24/25	b	2	2
Mir-196-96	M				D37	b	2	3
Mir-196-97	M				D18	b	3	3
Mir-2001-019-10	MNA				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-2001-019-18	MNA				D35	b	3	3
Mir-2001-019-20 (XII)	MNA				D24/25	b,bj,f	2	2
Mir-2001-019-21	MNA				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-2001-019-23	MNA				p	f	1	3
Mir-2001-019-26 (V)	MNA				D30	bj	3	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
banda roletada no fundo interno		dp: 135 mm; hp: 11 mm			
		dp: 60 mm			
canelura no exterior do pé		dp: 58 mm; hp: 11 mm			
		dc: 89 mm			
		dc: 281 mm			
		dc: 101 mm			
		dc: 71 mm			
		dc: 271 mm			
	troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Um colar de óculos muito gasto separa este motivo de uma possível cruz de Sto. André e do terminus de um motivo vegetal (?)				
		dc: 237 mm			
Leve canelura externa abaixo do bordo. Perfil pesado.		db: 149 mm			
canelura no exterior do pé		dp: 59 mm; hp: 13 mm			
bordo liso e molduras interna e externas		db: 126 mm			
		db: 111 mm			
bordo liso e canelura interna interna e duas caneluras externas		db: 149 mm			
		db: 142 mm			
bordo espessado externamente. Canelura e moldura na parede		db: 183 mm			
bordo liso e incisão interna		db: ?			
bordo espessado externamente.		db: 191 mm			
bordo perolado		db: 128 mm			
	troço de decoração figurativa (mulher): campo inferior da peça				
	folhas de água a barbotina				
caneluras interna e externas abaixo do bordo e no fundo interno. Leve canelura a meia altura do pé-de-anel		db: 94 mm; hbc: 21 mm; hp: 6 mm			
	troço de decoração figurativa (medalhão?) com sátiro				
		dp: 120 mm; hp: 12 mm			
	motivo vegetal: arbusto contorcido com frutos. Pata de animal (?)				Pereira (1970): n.º 1

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-2001-019-27 (CENAC 63)	MNA				D30	bj	2	3
Mir-2001-019-28 (CENAC)	MNA				D18	f	3	2
Mir-2001-019-34	MNA	ponte		1970	p	f	1	3
Mir-2001-019-36	MNA				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-2001-019-4 (XIV)	MNA				D30	c	2	3
Mir-2001-019-42	MNA				p	f	2	2
Mir-2001-019-43 (CENAC)	MNA				D30	b	2	2
Mir-2001-019-46	MNA	ponte		1970	p	f	2	3
Mir-2001-019-4(XII)	MNA	balneário		1970	D37	f	2	2
Mir-2001-019-52 (XVIc)	MNA				D24/25	b	2	2
Mir-2001-019-54	MNA				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-2001-019-55	MNA				D36	b	2	3
Mir-2001-019-57	MNA				D18	f	2	3
Mir-2001-019-58	MNA				D18	b	2	2
Mir-2001-019-6	MNA				D30	b	2	1
Mir-2001-019-67(XXIV)	MNA				?	f	3	2
Mir-2001-019-73	MNA				D 29 ou 37	bj	2	3
Mir-200-11	M				?	bj	2	2
Mir-200-13	M				?	bj	3	3
Mir-200-18	M				D15/17	c	3	3
Mir-200-19	M				D27	b	2	3
Mir-200-20	M				D18	b	3	3
Mir-200-21	M				D30	c	2	3
Mir-200-24	M				R1	b	3	3
Mir-200-26	M				D27	b	3	3
Mir-200-27	M				D27	b	2	3
Mir-200-28	M				D33	b	2	2
Mir-200-3	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-200-30(A1)	M				t	f	2	3
Mir-200-33	M				D37	f	3	3
Mir-200-34	M				D24/25	c	2	3
Mir-200-36	M				D24/25	b	3	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
	Grifo enquadrado em arcatura(?) (Hermet, 1934: est. 28)				
Canelura no fundo interno			Oleiro MOMMO		
	troço de fris compsto por festões e volutas intercalados com pés de flor	dbj: 113 mm			
	pontas de seta entre motivos vegetais (cordões ondulantes e folhas recortadas) enquadrados por cordões ondulantes	dc: 144 mm			
canelura no fundo interno		dp: 82 mm; hp: 11 mm			
	troço de fiada de óvulos intercalados com pés de roseta	db: 128 mm			
banda roletada no fundo interno		dp: 82 mm; hp: 11 mm			
canelura no fundo interno		dp: 80 mm; hp: 11 mm			
canelura interna e externa	roletada	db: 101 mm; hbc: 21 mm			
	submétopas definidas por colares de óculos unidos por rosetas. Numa das submétopas é visível um sátiro a dançar. Em baixo grinalda.				
		db: 172 mm			
moldura e canelura no fundo interno		dp: 111 mm; hp: 8 mm			
		db: 194 mm			
	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de roseta	db: 125 mm			
			Oleiro MOMMO		Pereira (1970): n.º 5
	ornato de folhagem	dbj: 104 mm			
		dc: 91 mm			
bordo espessado externamente		db: 138 mm			
		db: 183 mm			
	muito gasta: troço de provável cruz de Sto. André, com botão lanceolado. O motivo ao lado não é reconhecível pela sua exiguidade.	dc: 108 mm			
		db: 161 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 84 mm			
bordo liso		db: 60 mm			
incisões interna e externa		db: 87 mm			
	troço de cruz de Sto. André (?) com botão lanceolado.				
		dp: 86 mm; hp: 9 mm			
		dp: 108 mm			
		dc: 59 mm			
bordo liso e incisão interna		db: 64 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-200-37	M				D30	b	3	3
Mir-200-42	M				D33	b	2	3
Mir-200-44	M				t	c	2	3
Mir-200-46	M				?	bj	2	3
Mir-200-56	M				?	bj	2	2
Mir-200-58	M				D24/25	c	3	3
Mir-200-59	M				t	f	3	3
Mir-200-60+105-196	M				D24/25	b	2	5
Mir-200-66	M				D30	c	3	3
Mir-200-67	M				?	bj	2	3
Mir-200-69	M				D30	bj	3	3
Mir-200-74	M				D29 ou 37	bj	3	3
Mir-200-77	M				D27	c	3	3
Mir-200-83	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-200-88	M				D30	bj	3	3
Mir-200-89	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-200-9	M				?	bj	2	3
Mir-20-1	M				D18	b	2	3
Mir-20-18	M				p	f	2	2
Mir-20-20	M				D30	b	2	2
Mir-202-20	M				t	f	3	3
Mir-202-27	M				?	bj	2	3
Mir-20-25	M				D29 ou 37	bj	3	3
Mir-20-32	M				t	f	2	3
Mir-20-38	M				D18	b	2	3
Mir-20-40	M				D18	b	2	3
Mir-20-41	M				D18	b	2	3
Mir-20-45	M				D27	b	2	3
Mir-20-50	M				p	f	3	3
Mir-20-61	M				?	bj	3	3
Mir-20-62	M				t	f	1	4
Mir-208-53	M				D24/25 ou 27	bj	3	5
Mir-21-26+28	M				D27	b	3	2
Mir-218-25	M				?	bj	2	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
bordo perolado e canelura interna e externa no bojo		db: 124 mm			
bordo espessado externamente		db: 160 mm			
		dc: 131 mm			
roleta		dc: 151 mm			
		dp: 51 mm; hp: 6 mm	JF(ecit)		
Incisão interna imediatamente abaixo do bordo. Roleta.		db: 110 mm; hbc: 19 mm			Dias (1976-1977)
		dc: 122 mm			
	Possíveis dois troços de cruces de St. André separadas por uma possível dançarina ou sátiro. Os troços vegetais apresentam folhas de palma e uma roseta.	dbj: 91 mm			
	troço de cruz de Sto. André (?) com roseta.				
		dc: 109 mm			
	cabeça e pata de cão em frente a folhagem larga.				
	canto de cruz de Sto. André (?) e restante motivo indecifrável.				
	colares de óculos com canto de roseta definem duas sub-métopas. Numa delas parece existir um ornato de folhagem				
		db: 203 mm			
duas caneluras no fundo interno					
		db: 133 mm			
		dp: 42 mm; hp: 12 mm	Oleiro PASSENVS		
	troço de ornato de folhagem com ramo terminando em folha recortada				
			J0		
		db: ?			
incisão interna		db: 153 mm			
		db: 159 mm			
bordo perolado		db: 101 mm			
canelura no fundo interno		dp: 73 mm; hp: 10 mm			
		dp: 60 mm; hp: 10 mm			
		dc: 81 mm; dp: 43 mm			Dias (1976-1977)
bordo perolado e incisão interna	db: 85 mm; hbc: 23 mm				

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-218-25	M				?	bj	2	2
Mir-22-3	M				D18	b	2	3
Mir-23-10	M				D15/17	b	2	3
Mir-23-101	M				D27	b	2	3
Mir-23-104(?)	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-23-111(14060)	M				D15/17	b	2	3
Mir-23-136	M				D18	c	3	3
Mir-23-148(A1)	M				D15/17	b	2	2
Mir-23-152(B)	M				serviço F	b	2	3
Mir-23-16(14.037)	M				D24/25	c	2	3
Mir-23-180(9024)	M				D24/25	b	3	5
Mir-23-21(?)	M				D29	bj	3	3
Mir-23-22(14-289)	M				t	f	3	3
Mir-23-26+57(B)	M				D24/25	b	3	3
Mir-23-28	M				t	f	3	3
Mir-23-32(671)	M				R8	b	2	3
Mir-23-41	M				D15/17	b	2	3
Mir-23-5(600?)	M				R1	b	2	3
Mir-23-76(189)	M				D27	b	2	3
Mir-23-81(684)	M				D27	b	2	3
Mir-23-91(II)	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-2-40	M				t	f	3	3
Mir-2-41	M				p	f	2	2
Mir-2-42	M				p	f	2	2
Mir-24-54	M				?	bj	3	3
Mir-24-72	M				?	bj	2	3
Mir-25-2	M				t	f	1	2
Mir-25-5	M				?	bj	3	2
Mir-25-7	M				t	f	2	3
Mir-26-1	M				D18	b	2	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		db: 157 mm			
bordo liso e caneluras internas e externas		db: 146 mm			
bordo perolado		db: 104 mm			
	medalhão com a figura de Cupido. À esquerda do medalhão encontra-se um motivo vegetal talvez pertencente a uma cruz de Sto. André (Hermet, 1934, I: 137).				
bordo liso e caneluras interna e externa na parede		db: 156 mm			
		dc: 161 mm			
bordo liso e parede com incisões interna e externa		db: 239 mm			
		db: 400 mm			
roleta da superfície externa		dc: 113 mm			
Canelura externa imediatamente abaixo do bordo.		db: 112 mm; hbc: 17 mm			Dias (1976-1977)
	Fiada de óvulos intercalados com pés de flor na parte superior do friso ou métopa. Abaixo, parte de um medalhão cuja figura é irreconhecível. À esquerda, talvez um troço de um ramo.				
canelura meia altura do pé		dp: 60 mm; hp: 8 mm			
bordo liso e incisão interna e externa	roletada	db: 101 mm; hbc: 11 mm			
		dp: 34 mm; hp: 8 mm			
bordo perolado, incisão interna e canelura externa		db: 113 mm			
bordo liso e incisões interna e externa		db: 215 mm			
duas caneluras na parede interna		db: 140 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 91 mm			
bordo perolado		db: ?			
	muito gasta. Troço de ornato de folhagem (?)				
canelura externa a meia altura do pé-de-anel		dp: 38 mm; hp: 12 mm	JM		
canelura no fundo interno		dp: 76 mm; hp: 8 mm			
duas caneluras no fundo interno		dp: 115 mm			
canelura no fundo interno e a meia altura do pé		dp: 56 mm; hp: 13 mm			
		dp: 56 mm; hp: 10 mm	Oleiro IVCVNDVS ?		
		db: 116 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-26-10	M				D15/17	c	2	3
Mir-261-10	M				?	bj	2	3
Mir-26-2	M				p	f	2	3
Mir-26-6	M				D35	b	2	2
Mir-26-7	M				p	f	2	3
Mir-26-8	M				D18	b	2	3
Mir-274-007	M				D37	b	3	3
Mir-274-11	M				R1	b	2	3
Mir-274-29	M				D29 ou 37	bj	3	3
Mir-274-35	M				?	bj	2	3
Mir-274-37	M				D36	b	2	3
Mir-274-43	M				?	bj	2	3
Mir-274-6	M				D15/17	b	3	3
Mir-28-1	M				p	f	1	2
Mir-28-11	M				t	f	2	3
Mir-28-2	M				D15/17 ou 18	f	1	3
Mir-28-3	M				?	bj	2	3
Mir-289-11	M				?	bj	2	3
Mir-3-003	M				?	bj	3	3
Mir-3-103	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-3-105	M				D18	b	2	3
Mir-3-106	M				D24/25	b	3	3
Mir-3-108	M				D27	c	3	3
Mir-3-109	M				?	bj	3	3
Mir-31-1	M				D37	f	1	1
Mir-3-111	M				?	bj	3	3
Mir-3-116	M				D24/25	b	2	3
Mir-3-117	M				D27	b	3	3
Mir-3-13	M				?	bj	3	3
Mir-3-135	M				D18	b	3	3
Mir-3-138	M				D18	b	2	3
Mir-31-4	M				D18	b	1	3
Mir-3-141	M				D27	b	3	3
Mir-3-143	M				p	f	1	2
Mir-3-144	M				?	bj	3	3
Mir-3-145	M				D16	b	2	2
Mir-3-145	M				?	bj	3	3
Mir-3-156	M				?	bj	3	3
Mir-3-187	M				D24/25	b	2	5

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		dc: ?			
Canelura no fundo interno		dp: 76 mm hp: 10 mm	"M" no fundo interno.		
	folhas de água a barbotina	db: 149 mm			
incisões no fundo interno		db: 121 mm			
bordo perolado		db: 161 mm			
duas caneluras internas		db: 141 mm			
	muito gasta: fiada de óvulos(?)				
	folha de água a barbotina	db: 228 mm			
bordo liso e moldura interna e canelura externa		db: 182 mm			
fundo com banda roletada		dp: 102 mm			
incisão no exterior do pé		dp: 39 mm; hp: 7 mm			
canelura no fundo interno		dp: 80 mm			
	parte mesial e anca de um animal (javali?), em corrida.				
db: 169 mm					
incisão interna ao bordo	roletada	db: 52 mm; hbc: 14mm dc: 108 mm			
	troço de grinalda bifoliada no limite inferior do campo decorativo	dp: 91 mm; hp: 7 mm			
canelura interna ao bordo sem espessamento. Roleta.		dc: 113 mm; hbc: 22 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 131 mm			
Perfil pesado. db: ?		db: 175 mm ou + db: ?			
bordo perolado e incisão interna		db: 87 mm dp: 99 mm; hp: 13 mm db: 272 mm			
caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta.		db: 120 mm; hbc: 17 mm			Dias (1976-1977)

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-3-20	M				D15/17	c	2	3
Mir-3-200	M				D27	b	2	3
Mir-3-201	M				D33	b	2	3
Mir-3-202	M				p	f	1	2
Mir-3-205	M				D15/17	c	2	2
Mir-3-21	M				D18	b	2	3
Mir-3-220	M				?	bj	3	3
Mir-3-23	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-3-24	M				?	bj	3	3
Mir-3-25	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-3-250	M				D27	b	2	3
Mir-3-252	M				p	f	3	2
Mir-3-258	M				?	bj	3	3
Mir-3-26	M				D24/25	c	3	3
Mir-3-261	M				D30	b	2	3
Mir-3-262	M				p	f	2	3
Mir-3-263	M				p	f	1	3
Mir-3-265	M				?	bj	3	3
Mir-3-266	M				?	bj	3	3
Mir-3-267	M				D27	c	3	3
Mir-3-29	M				?	bj	3	3
Mir-3-290	M				D18	b	3	3
Mir-3-299	M				?	bj	3	3
Mir-3-302	M				?	bj	3	3
Mir-3-305	M				D15/17	b	3	3
Mir-3-31	M				D18	b	2	3
Mir-331-10	M				D18	c	3	2
Mir-331-71	M				D18	b	3	4
Mir-331-76	M				?	bj	2	2
Mir-3-329	M				t	f	2	3
Mir-3-336	M				p	f	2	3
Mir-3-340	M				D18	b	2	3
Mir-3-341	M				D18	b	3	3
Mir-33-8+13	M				t	f	2	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		dc: 134 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 108 mm			
incisão interna e externa ao bordo liso		db: 130 mm			
roleta no fundo interno		dp: 80 mm; hp: 9 mm			
		dc: 281 mm			
		db: 192 mm			
	muito gasta: fiada de óvulos intercalados com pés de flor imperfeitos				
	campo inferior da peça com troço de grinalda bifoliada marginalizada por colar de óvulos e festão duplo bifoliado, com espiral terminando em roseta; de um provável jugo cai um pendente parcialmente visível que termina em ponte de seta com aletas.				
bordo perolado e incisão interna		db: 121 mm			
canelura no fundo interno		dp: 70 mm			
canelura no fundo interno		dc: 97 mm			
duas caneluras internas	Limite superior do campo decorativo: fiada de óvulos e grinalda pouco perceptível imediatamente abaixo	db: 142 mm?			
canelura no fundo interno		dp: 98 mm; hp: 10 mm			
		dc: 139 mm			
		db: 131 mm			
moldura interna e incisão externa ao bordo liso		db: 212 mm; hbc: 29 mm			
		db: 130 mm; hbc: 25 mm			
		dc: 154 mm			
bordo com canelura imediatamente abaixo		db: 145 mm			
canelura a meia-altura do pé		dp: 49 mm; hp: 8 mm			
		dp: 96 mm; hp: 9 mm			
		db: 146 mm			
perfil pesado		db: 168 mm ou +			
canelura no fundo interno		dp: 65 mm; hp: 9 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-3-392	M				?	bj	2	2
Mir-3-406	M				D29	b	2	3
Mir-3-407	M				D15/17	c	2	2
Mir-3-416	M				D18	b	3	3
Mir-3-42	M				t	f	2	3
Mir-3-423	M				p	f	1	2
Mir-3-428	M				D24/25	b	2	2
Mir-3-429	M				D18	b	2	3
Mir-3-430	M				D18	b	2	2
Mir-3-433	M				D37	b	3	3
Mir-3-443	M				?	bj	3	2
Mir-3-453	M				p	f	2	2
Mir-3-455	M				D15/17 ou 18	f	2	2
Mir-3-457	M				t	f	2	3
Mir-3-464	M				?	bj	2	2
Mir-3-465	M				D27	b	2	3
Mir-3-468	M				D15/17	c	2	2
Mir-3-47	M				D18	b	2	3
Mir-3-48	M				D18	b	3	3
Mir-3-481	M				?	bj	3	3
Mir-3-484	M				D27	b	2	3
Mir-3-49	M				?	bj	3	3
Mir-3-496	M				?	bj	3	3
Mir-3-496	M				D27	b	3	3
Mir-3-497	M				t	f	1	3
Mir-3-506	M				?	bj	3	3
Mir-3-515	M				?	bj	3	3
Mir-3-559	M				p	f	2	3
Mir-3-57	M				p	f	1	3
Mir-3-6	M				D24/25	b	3	3
Mir-36-1	M				t	f	2	1
Mir-36-2	M				D18	b	1	3
Mir-3-63	M				D18	b	3	3
Mir-3-66	M				D35	b	2	3
Mir-3-7	M				t	f	2	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
bordo perolado e moldura interna ao bordo	roletada	db: 14,9 mm			
		dc: 189 mm			
		db: ?			
		dp: 46 mm; hp: 6 mm			
incisão externa ao bordo liso	roletada	dp: 7 mm; hp: 11 mm			
		db: 135 mm; hbc: 19 mm			
		db: 242 mm			
		db: 159 mm			
canelura no fundo interno		db: 212 mm			
		dp: 76 mm; hp: 8 mm			
		dp: 101 mm; hp: 10 mm			
bordo perolado e incisão interna		dp: 76 mm; hp: 8 mm			
		db: 110 mm			
		dc: 260 mm			
incisão interna na inflexão. Perfil pesado.		db: 142 mm			
		dc: 260 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 111 mm			
		db: 89 mm; hbc: 15 mm			
		db: 81 mm			
bordo perolado e incisão interna		dp: 73 mm; hp: 9 mm			
		dp: 71 mm; hp: 9 mm			
		dp: 98 mm; hp: 11 mm			
fundo interno com roleta		dp: 98 mm; hp: 11 mm			
incisão interna ao bordo liso. Roleta		db: 122 mm; hbc: 18 mm			
		dp: 29 mm; hp: 6 mm			
		db: 144 mm			
		db: 176 mm			
folhas de água a barbotina		db: 102 mm			
		dp: 39 mm; hp: 10 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-37-1	M				p	f	2	2
Mir-3-75	M				D33	c	2	3
Mir-3-76	M				?	bj	3	3
Mir-3-77	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-3-8	M				D37	b	2	3
Mir-383-7	M	área circundante a C3	53	1995-1996	t	f	3	4
Mir-3-84	M				t	f	2	3
Mir-384-2	M	área circundante a C3	51	1995-1996	D18	b	3	3
Mir-385-2	M				D27	b,c,f		
Mir-3-86	M				D18	b	2	3
Mir-388-4	M	área circundante e a C3	60	1995-1996	D15/17	b	3	3
Mir-39-2	M				?	bj	3	3
Mir-399-100(II)	M				D27	c	3	3
Mir-399-114	M				?	bj	2	2
Mir-399-118	M				p	f	2	3
Mir-399-122(II)	M				D27	b	2	3
Mir-399-145	M				?	bj	3	3
Mir-399-147	M				?	bj	2	3
Mir-399-148	M				t	f	2	3
Mir-399-165	M				D24/25	c	2	2
Mir-399-186	M				D27	b	3	3
Mir-399-196	M				t	f	3	3
Mir-399-197	M				D27	b	2	3
Mir-399-61(II)	M				D27	b	2	3
Mir-399-62	M				D24/25	c	1	3
Mir-399-71	M				D18	b	3	3
Mir-399-82	M				D18	c	2	3
Mir-399-98(II)	M				D18	b	2	3
Mir-400-2	M				p	bj	2	2
Mir-400-4	M				t	bj	2	3
Mir-404-3	M	área circundante a C3	67	1995-1996	D18	b	2	3
Mir-406-1(314)+4(3131)	M				D27	c	3	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		dp: 92 mm; hp: 6 mm			
		dc: 61 mm			
	troço de ornato de folhagem (?) com limite do campo decorativo materializado por cordão irregular				
	troço do limite superior do campo decorativo com fiada de óvulos muito desgastada	db: 219 mm			
canelura no fundo interno		hp: 12 mm; dp: 56 mm			
canelura no fundo interno		dp: 42 mm; hp: 8 mm			
		db: 182 mm			
Bordo perolado e canelura interna imediatamente abaixo.					
		db: 149 mm			
		db: 157 mm; hbc: 26 mm			
		dc: 101 mm			
		dp: ?			
bordo perolado e incisão interna		db: 91 mm			
		dp: 71 mm; hp: 10 mm			
roleta		dc: 123 mm			
bordo perolado		db: 110 mm; hbc: 20 mm			
canelura no exterior do pé		dp: 62 mm			
bordo perolado e canelura interna		db: 100 mm			
bordo levemente espessado externamente		db: 92 mm			
roletada		dc: 86 mm			
		db: 171 mm			
		dc: ?			
		db: 132 mm			
		db: 240 mm			
		dc: 56 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-41-1	M				D24/25	b	2	3
Mir-41-3	M				?	bj	1	2
Mir-414-1(803)	M				D24/25	b	2	3
Mir-4-16	M				D24/25	c	2	3
Mir-4-18+21	M				D24/25	b	3	2
Mir-4-19	M				p	f	2	2
Mir-4-2	M				D18	b	1	2
Mir-4-20+22	M				p	f	3	3
Mir-4-23	M				t	f	2	3
Mir-4-24	M				p	f	2	2
Mir-440-1	M				?	bj	2	2
Mir-440-2	M				?	bj	2	2
Mir-4-5	M				D15/17	c	3	2
Mir-464-1	M				?	bj	2	3
Mir-464-10	M				?	bj	2	3
Mir-464-4	M				?	bj	2	3
Mir-464-9	M				?	bj	2	3
Mir-466-1	M				D15/17	b	2	2
Mir-466-4	M				D18	b	1	3
Mir-4-7	M				D15/17	b	3	2
Mir-470-10(A6)	M				?	bj	3	3
Mir-470-2(A6)	M				?	bj	3	3
Mir-470-3(A6)	M				D18	c	2	2
Mir-47-1	M				t	f	2	2
Mir-474-1(232)	M				D15/17	b	1	2
Mir-474-2(11)	M				D15/17	b	2	2
Mir-474-3	M				D24/25	b	1	2
Mir-478-2	M	Circo	superfície	1995-1996	?	bj	3	3
Mir-4-8	M				D18	b	3	2
Mir-48-1	M				p	f	2	3
Mir-48-2	M				t	f	2	3
Mir-484-118	M	M=175,452 W; P=1,564 S	superfície		D27	c	3	4
Mir-484-120	M		superfície		D24/25	b	2	3
Mir-484-16	M		superfície		R8	b	2	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
bordo liso e incisão interna e externa abaixo		db: 62 mm; hbc: 10 mm			
bordo liso e canelura interna	roletada	db: 151 mm			
roleta		dc: 109 mm			
incisão interna e incisões externas ao bordo liso		db: 116 mm; hbc: 31 mm			
duas caneluras no fundo interno					
incisão interna na inflexão		db: 168 mm			
		dp: 84 mm; hp: 9 mm	-----		
canelura externa a meia-altura do pé-de-anel		dp: 54 mm; hp: 10 mm	JV		
canelura no fundo interno		dp: 72 mm; hp: 8 mm			
caneluras externas		dc: 104 mm			
bordo liso e molduras interna e externas		db: 171 mm			
canelura externa e canelura interna na inflexão		db: 113 mm			
bordo liso e caneluras externas e interna		db: 176 mm			
		dc: ?			
canelura no fundo interno		dp: 69 mm			
bordo liso e moldura interna e caneluras externa		db: 136 mm			
bordo liso e moldura interna e caneluras externas		db: 190 mm			
bordo liso e incisão interna e externa		db: 99 mm			
		db: 104 mm			
canelura no fundo interno		dp: 82 mm; hp: 9 mm			
canelura no fundo interno		dp: 68 mm; hp: 11 mm			
		dc: 92 mm			Dias (1976-1977)
Canelura externa e duas caneluras internas abaixo do bordo. Roleta.					Dias (1976-1977)
Canelura interna abaixo do bordo		db: 105 mm			Dias (1976-1977)

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-484-65	M		superfície		p	f	2	3
Mir-484-77	M		superfície		p	f	2	3
Mir-484-78	M		superfície		D30	bj	3	3
Mir-484-80	M		superfície		D18	b	3	3
Mir-484-82	M	casa dos frescos	superfície		D27	f	2	5
Mir-484-88	M		superfície		D30	bj	3	3
Mir-4-9	M				D18	b	1	2
Mir-49-1(82-69)	M				p	f	3	3
Mir-49-14	M				D24/25	b	2	2
Mir-502-12	M	C3	104	1995-1996	?	f	3	3
Mir-5-1	M				D24/25	c	3	3
Mir-5-10	M				D24/25	b	3	3
Mir-516-2	M	C3	154	1995-1996	?	bj	2	3
Mir-518-1	M	área circundante a C3	168	1995-1996	D29 ou 37	bj	3	3
Mir-522-3+4	M	área circundante a C3	126	1995-1996	D29 ou 37	bj	2	2
Mir-522-5	M	área circundante a C3	126	1995-6	D24/25	c	3	4
Mir-522-6	M	área circundante a C3	126	1995-1996	D30	bj	2	3
Mir-5-3	M				D24/25	b	3	3
Mir-531-187	M	área circundante a C3	112	1995-1996	t	f	3	3
Mir-531-191	M	área circundante a C3	112	1995-1996	D29 ou 37	bj	3	3
Mir-5-4	M				D18	c	2	3
Mir-54-15	M				D15/17	c	3	3
Mir-54-3	M				D27	b	2	3
Mir-54-5	M				D24/25	c	2	3
Mir-54-7	M				D15/17	c	2	3
Mir-5-5	M				D24/25	c	3	3

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
roleta no fundo interno.		dp: 128 mm; hp: 9 mm			Dias (1976-1977)
roleta no fundo interno.		dp: 102 mm; hp: 11 mm			Dias (1976-1977)
	troço de ornato vegetal. Uma roseta.				Dias (1976-1977)
		db: 132 mm			Dias (1976-1977)
duas caneluras externas no pé-de-anel.		dp: 42 mm; hp: 10 mm; dc: 74 mm			Dias (1976-1977)
	Troço de fiada de óvulos intercalados com pés-de-flor. Um colar de óculos separa este motivo de um ornato vegetal com uma roseta.	db: 108 mm			Dias (1976-1977)
		db: 222 mm			
canelura no fundo interno		dp: 84 mm; hp: 10 mm			
bordo liso e canelura interna e externa	roletada	db: 128 mm			
duas caneluras no fundo interno					
		dc: ?			
bordo liso e incisões interna e externa	roletada	dc: 98 mm, hbc: 11 mm			
	animal correndo em salto sobre um "flabellum". Métopa definida por cordão de óculos rematado por roseta imperfeita.				
	cena de caça(?): os dois fragmentos possuem troço de friso ou métopa marginalizada por cordão ondulante, contendo elementos vegetais (tufos) e dois animais em corrida podendo ser um deles (Mir-522-3) um javali, com cristano dorso e focinho alongado; o animal do n.º Mir-522-4				
roleta grosseira.		dc: 124 mm			
	troço de fiada de óvulos				
bordo liso e incisões interna externa		db: 58 mm			
		dp: 42 mm; hp: 9 mm	Oleiro PASSENVIS?	"XI" no fundo interno	
	motivo vegetal.com folhagem recortada e ramos terminando em botão.				
		dc: ?			
bordo perolado e canelura interna		db: 74 mm; hbc: 13 mm			
	roletada	dc: ?			
caneluras interna e externas		dc: 191 mm			
		dc: 61 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-554-9	M	templo de Vénus	superfície	1995-1996	?	bj	2	3
Mir-5-6	M				t	f	3	4
Mir-56-1	M				D33	f	1	3
Mir-56-2	M				?	bj	2	3
Mir-56-3	M				?	bj	3	3
Mir-56-4	M				D24/25	c	2	2
Mir-566-16	M	área circundante a C3	178	1995-1996	D17b	b	2	3
Mir-56-8(17-67)	M				D37	b	3	2
Mir-58-15	M				D18	b	2	3
Mir-58-19	M				D33	b	2	3
Mir-58-2	M				D18	b	2	2
Mir-58-23	M				D24/25	b	2	2
Mir-58-24	M				?	bj	3	3
Mir-58-24	M				D15/17	c	3	3
Mir-58-25+39	M				D37	f	3	3
Mir-58-3	M				D30	bj	2	3
Mir-58-7	M				D33	b	2	3
Mir-58-8	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-59-1(380-69)	M	zona do touro "casa dos estuques"			p	f	3	5
Mir-59-2(444-69)	M				p	f	2	3
Mir-593-5	M	C3	156	1995-1996	D27	b	2	3
Mir-60-3(1-66 6)	M				D27	c	2	3
Mir-60-7	M				D18	b	2	3
Mir-608-17	M	encosta do museu	235	1997-2000	?	bj	3	3
Mir-609-18	M	C1	256	1997-2000	D27	b	3	3
Mir-61-1	M				D27	c	2	2
Mir-61-3(A1)	M				D18	b	2	3
Mir-61-5(A1)	M				D15/17	c	2	3
Mir-6-21	M				?	bj	3	3
Mir-62-1	M				t	f	3	3
Mir-62-13	M				D27	c	3	5
Mir-626-42	M	C2	259	1997-2000	D18	b	3	2
Mir-626-45	M	C2	259	1997-2000	?	bj	3	3
Mir-62-8	M				D15/17	b	2	2
Mir-63-2	M				D18	c	2	3
Mir-63-5	M				D15/17	b	2	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
canelura interna		dp: 41 mm; hp: 9 mm			
		dp: 73 mm; hp: 9 mm			
	roletada	dc: 67 mm			
bordo espessado externamente		db: ?			
	troço de fiada de óvulos no limite superior do campo decorativo	db: 204 mm			
		db: 171 mm			
incisão na superfície interna		db: 12 mm			
		db: 114 mm			
bordo liso e incisão interna e externa		db: 138 mm; hbc: 22 mm			
		dc: 128 mm			
		dp: 82 mm			
	troço central de cruz de Sto. André				
bordo levemente extrovertido e incisão interna e externa		db: 94 mm			
	troço central de cruz de Sto. André				
		dp: 90 mm; hp: 10 mm			Dias (1976-1977)
canelura no fundo interno		dp: 110 mm; hp: 10 mm			
bordo perolado e canelura interna		db: 76 mm; hc: 13 mm			
		dc: ?			
canelura externa		db: 183 mm			
bordo perolado e canelura interna		db: 75 mm; hbc: 17 mm			
		dc: ?			
		db: 128 mm			
		dc: ?			
canelura no fundo interno		dp: 32 mm; hp: 9 mm			
		dc: 97 mm?			Dias (1976-1977)
		db: 231 mm			
bordo liso		db: 320 mm			
		dc: 112 mm			
bordo liso e caneluras externas e interna		db: 156 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-66-2	M				D27	c	2	3
Mir-66-4	M				t	f	3	3
Mir-66-8	M				p	f	3	4
Mir-66-9	M				D37	b	3	3
Mir-67-1	M				?	bj	3	2
Mir-69-1	M				p	f	2	2
Mir-692-1	M	C2	314	1997-2000	D18	b	3	3
Mir-699-579+580+581+582+583+584+585	M	C1	331	1997-2000	D27	f,c	3	3
Mir-708-1	M	C2	328	1997-2000	p	f	3	3
Mir-708-2	M	C2	328	1997-2000	?	bj	3	3
Mir-7-109	M				p	f	3	5
Mir-7-11(360)	M				D37	f	2	2
Mir-717-34	M	C1	375	1997-2000	D29 ou 37	bj	3	3
Mir-717-813	M	C1	375	1997-2000	p	f	2	2
Mir-7-19(184)	M				D15/17	b	2	2
Mir-7-2(206)	M				D27	b	3	2
Mir-7-20(190)	M				D29 ou 37	bj	3	3
Mir-721-6	M	C1	383	1997-2000	D18	b	2	2
Mir-7-25(303)	M				t	f	2	2
Mir-7-26	M				D18	c	3	5
Mir-727-111	M	C1	449	1997-2000	D37	bj	2	3
Mir-727-117	M	C1	449	1997-2000	?	bj	3	?
Mir-727-121	M	C1	449	1997-2000	?	bj	2	3
Mir-727-123	M	C1	449	1997-2000	D18	b	2	3
Mir-727-166	M	C1	449	1997-2000	D18	c	2	2
Mir-727-183	M	C1	449	1997-2000	D18	b	2	3
Mir-727-32	M	C1	449	1997-2000	D27	c	3	3
Mir-727-38	M	C1	449	1997-2000	t	f	3	4
Mir-727-54	M	C1	449	1997-2000	D18	b	2	3
Mir-727-57+58	M	C1	449	1997-2000	D18	b	2	2
Mir-72-8	M				D27	b	2	2
Mir-72-9	M				D15/17	f	2	3
Mir-732-85	M	C1	415	1997-2000	?	bj	3	?
Mir-732-86	M	C1	415	1997-2000	?	bj	3	?
Mir-7-33	M				D30	c	2	3
Mir-733-23	M	C1	414	1997-2000	D27	b,bj	2	3
Mir-733-25	M	C1	414	1997-2000	?	bj	3	?
Mir-736-4+5	M	C1	376	1997-2000	p	f	3	3
Mir-747-44	M	C1	386	1997-2000	?	bj	2	?
Mir-747-79	M	C1	386	1997-2000	?	bj	3	?

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		dc: 52 mm			
		dp: 59 mm; hp: 9 mm			
		dp: 96 mm			
		db: 231 mm			
canelura no fundo interno		dp: 106 mm; hp: 8 mm			
Perfil pesado		db: 242 mm			
		dp: 70 mm; dc: 114 mm			
fina moldura interna					
		dp: 75 mm; hp: 6 mm			Dias (1976-1977)
		dp: 89 mm			
	motivo vegetalista?				
		dp: 82 mm			
		db: 199 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 113 mm			
	muito gasta: dois festões sob colar de óculos (?)				
		db: 280 mm			
canelura a meia altura do pé		dp: 32 mm			
		dc: 78 mm			Dias (1976-1977)
	grinalda bifoliada				
		db: ?			
canelura no fundo interno		dc: 151 mm			
canelura externa imediatamente abaixo do bordo		db: 183 mm			
		dc: ?			
		dp: ?			
		db: 232 mm			
		db: 167 mm			
bordo perolado		db: 100 mm			
		dp: 137 mm			
	troço de ornato de folhagem?	dc: 116 mm			
bordo de secção sub-triangular		db: 130 mm; hbc: 19 mm; dp: 50 mm			
		dp: 100 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-753-4+6+7	M	encosta do museu	351	1997-2000	D29 ou 37	bj	3	3
Mir-753-5	M	encosta do museu	351	1997-2000	D37	b	3	3
Mir-758-19+22	M	C1	458	1997-2000	D27	b	2	3
Mir-759-1+2+3+4	M	C1	469	1997-2000	D18	b,c	2	3
Mir-759-6	M	C1	469	1997-2000	D29	bj	3	3
Mir-773-12	M	C1	482	1997-2000	D18	b	3	3
Mir-7-9(167)	M				D18	b	3	3
Mir-79-3	M				D29	b	2	2
Mir-800-291	M	encosta do museu	457	1997-2000	D17b?	b	2	3
Mir-80-1	M				D27	b	2	2
Mir-80-2	M				D27	b	2	2
Mir-8-10	M				D29	c		
Mir-8-19	M				t	f	3	4
Mir-82-2	M				D29 ou 37	bj	2	3
Mir-84-1	M				?	bj	3	3
Mir-860-41	M	encosta do museu	490	1997-2000	t	f	2	3
Mir-87-1(3-664)	M				D18	b	2	3
Mir-991-10-1	MNA	casa do peixe		1970	D37	bj	3	3
Mir-991-14-3	MNA	templo		1970	p	f	3	3
Mir-991-16-5	MNA	forum		1967	p	f	1	3
Mir-991-18-10(13)	MNA	casa dos frescos			D27	b	3	2
Mir-991-18-10(2)	MNA	casa dos frescos			?	bj	3	3
Mir-991-18-10(3)	MNA	casa dos frescos			?	bj	3	3
Mir-991-18-10(4)	MNA	casa dos frescos			?	bj	3	2
Mir-991-18-10(5)+ Mir-991-6-32	MNA	casa dos frescos			p	f	3	3
Mir-991-18-10(7)	MNA	casa dos frescos			D 29 ou 37	bj	3	3
Mir-991-18-11	MNA	casa dos frescos			D18	b	3	5
Mir-991-18-8-1	MNA	casa dos frescos			D27	b	3	4
Mir-991-18-8-2	MNA	casa dos frescos			D18	b	3	2

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
	métopas com pares de aves. Campos definidos por cordões finalizados por rosetas.				
	troço de fiada de óvulos quase totalmente desgastado.	db: 174 mm			
bordo perolado e canelura interna		db: 117 mm			
		db: 172 mm			
troço de motivo de "Nautilus"		dbj: 189 mm			
canelura no fundo interno		db: 221 mm			
		db: 210 mm			
bordo perolado. Moldura interna.	roletada abaixo do bordo	db: 141 mm			
		db: 180 mm			
bordo perolado e canelura interna e incisão na superfície externa		db: 87 mm			
bordo perolado e incisão interna		db: 46 mm			
	canto de uma cruz de Sto. André (?) com roseta. Um colar de óculos define superiormente a métopa ou o friso.	dc: 129 mm			
canelura a meia altura do pé		dp: 40 mm; hp: 9 mm			
	troço de ornato de folhagem com finos ramos ondulantes.				
		hp: 11 mm; dp: 46 mm			
canelura interna		db: 106 mm			
	Sector inferior do campo decorativo da peça: Cruz de Sto. André; medalhão com Cupido em friso definido por colar de óculos; em baixo, grinalda trifoliada.	dbj: 160 mm			
canelura no fundo interno		dp: 97 mm			
canelura no fundo interno		dp: 83 mm			
leve canelura interna		db: 134 mm			
duas caneluras no fundo interno					
	ornato de folhagem				
		db: 196 mm			
canelura interna		db: 122 mm; hbc: 19 mm			
		db: 133 mm			

N.º de Inventário	Depósito	Sector	Unidade de Recolha	Campanha	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz
Mir-991-18-8-3	MNA	casa dos frescos			D27	c	3	2
Mir-991-6-29	MNA				D27	b	3	2
Mir-991-6-30	MNA				D30	b	3	2
Mir-991-6-34	MNA				D18	b	3	2
Mir-991-6-91	MNA				D30	bj	Centro -Gálico	Centro -Gálico
Mir-991-8-1	MNA	scala magno		1970	D30	c	2	2
Mir-991-8-6	MNA	scala magno		1970	D 29 ou 37	bj	3	3
Mir-991-9-3	MNA			1971	D29 ou 37	bj	2	3
Mir-991-9-5	MNA			1971	D18	f	2	3
Pereira(1970): n.º 2					D29 ou 37	bj		
Pereira(1970): n.º 3					D37	f		
Pereira(1970): n.º 4					D37	b		
Pereira(1971): 6	MMSC							

Descrição Morfológica	Decoração	Medições	Marca	Grafito	Observações
		dc: 90 mm			
canelura interna. Bom acabamento		db: 81 mm; hbc: 19 mm			
	Troço de fiada de óvulos intercalados com pé de roseta e abaixo uma folha de palma e outra folha recortada	db: 149 mm			
bordo com canelura externa imediatamente abaixo		db: 146 mm			
	fiada de óvulos intercalados com pés de roseta e casal em conversação	dbj: 163 mm			F. Almeida, 1964: fig. 73)
	métopas com pontas de seta e animal (bovino?) em rotação de 90 graus	dc: 136 mm			
	troço de fiada de óvulos intercalados com pés de roseta e grinalda bifoliada				
	submétopas com motivos figurativos: sátiro, ave; outro motivo não reconhecível. Submétopas definidas por colares de óculos unidos por rosetas.				
ressalto e canelura no fundo interno		dp: 79 mm			
	motivo vegetal: arbusto contorcido com frutos				Pereira (1970), n.º 2
	animais (um deles um leão) separados por "flabellum", sobre grinalda trifoliada.	dp: c.66 mm			Pereira (1970), n.º 3; Almeida(1964): fig. 74
	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor suspensos num cordão ondulante	db: c.165 mm			Pereira (1970), n.º 4
			Oleiro PASSENVS		

Bibliografia

- AA.VV. (1997) - *El jaciment romà del Morè. Sant Pol de Mar. Maresme*. Barcelona: Generalitat de Catalunya. Departament de Cultura.
- ABASCAL, J.; ESPINOSA, U. (1989) - *La ciudad hispano-romana: privilegio y poder*. Logroño: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de La Rioja.
- ALARCÃO, A. (1960-1961) - Algumas peças de *terra sigillata* na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Conimbriga*. Coimbra. 2-3, p. 181-201.
- ALARCÃO, A.; ALARCÃO, J. (1966-1967) - Achados na *villa* romana de Cardílio (Torres Novas). *Arquivo de Beja*. Beja. 23-24, p. 293-320.
- ALARCÃO, J. (1968) - Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve. *Conimbriga*. Coimbra. 7, p. 7-40.
- ALARCÃO, J. (1987) - *Portugal romano*. 4.^a edição. Lisboa: Editorial Verbo.
- ALARCÃO, J. (1988) - *Roman Portugal*. II. 3. Warminster: Aris & Phillips.
- ALARCÃO, J. (1994) - A cidade de Balsa. In NOLEN, J. U. S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 1-4.
- ALARCÃO, J. (1996) - *Para uma conciliação das arqueologias*. Porto: Afrontamento.
- ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1966) - O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, p. 7-104.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ALARCÃO, J. (1988) - *O domínio romano em Portugal*. 2.^a edição. Mem-Martins: Europa-América.
- ALMAGRO, M. ; LAMBOGLIA, N. (1959) - La estratigrafía del decumano A de Ampurias. *Ampurias*. Barcelona. 21, p. 1-24.
- ALMAGRO-GORBEA, M.; LORRIO, A. (1989) - *Segobriga III. La muralla norte y la puerta principal. Campañas 1986-1987*. Cuenca: Diputación Provincial de Cuenca (Arqueología Conquense; 9).
- ALMEIDA, F. de (1963) - Nota sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos Célticos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73:1-2, p. 147-154.
- ALMEIDA, F. de (1964) - *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- ALMEIDA, F. de (1968) - O santuário romano, campestre, de Miróbriga dos Célticos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 78:1-2, p. 92-6.
- ALMEIDA, F. de (1988) - Breve notícia sobre o santuário campestre romano de Miróbriga dos Célticos. *Gerion*. Anejos 1. Madrid: Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid.
- ALMEIDA, J. A. F. de (1951) - Três lucernas do Museu de Santiago do Cacém. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série. 1, p. 125-131.
- AMARO, C. (1979) - Santiago do Cacém. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2, p. 79-82.
- AMARO, C. (1990) - Olaria romana da Garrocheira, Benavente. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 87-96.
- AMO, M. (1976) - Restos materiales de la población romana de Onuba. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 2.
- ARRUDA, A. M.; DIAS, A. C. (1985) - O sítio romano-árabe de Lezíria: 1. A *terra sigillata* itálica e sud-gálica. *Conimbriga*. Coimbra. 24, p. 111-125.
- ARTUR, M. L. C. (1955-6) - Sobre a necrópole de Santo André (Santiago do Cacém). *Humanitas*. Coimbra. 7-8, p. 172-176.
- ARTUR, M. L. C. (1983) - Merobriga. Santiago do Cacém (Portugal). *Caesaraugusta*. Zaragoza. 57-58, p. 51-109.
- ATKINSON, D. (1914) - A Hoard of Samian Ware from Pompei. *Journal of Roman Studies*. London. 4, p. 27-64.
- Atlante delle Forme Ceramiche*. I. *Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Impero)*. Suplemento de la Enciclopedia dell'Arte Antica. Roma, 1981.
- BALIL, A. (1969) - *Estudios de cerámica romana*. I. Universidad — Santiago de Compostela (Studia Archaeologica; 4).
- BALTASAR, M. (1984-1985) - Marcas de oleiro em *terra sigillata* provenientes de Tróia (Setúbal). *Al-madan*. Almada. 4-5, p. 14-16.
- BARATA, M. F. (1998) - Miróbriga: sua valorização e caracterização. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 9, p. 59-129.
- BARATA, M. F. (1994) - O território de Miróbriga. *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. 2. Tarragona, p. 128-132.
- BARATA, M. F. (1997) - Ruínas de Miróbriga. In *Santiago do Cacém: Da arqueologia à história. Pelo caminho das pedras*. Santiago do Cacém: Museu Municipal de Santiago do Cacém, p. 19-21.
- BARATA, M. F. (1993a) - Alguns vidros romanos do Museu Municipal de Santiago do Cacém. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 73-76.

- BARATA, M. F. (1993b) - Miróbriga: una ciudad romana en la Lusitania atlántica. *Revista de Arqueología*. Madrid. 145, p. 36-47.
- BARATA, M. F. (1994) - A propósito da cabeça de touro esculpida de Miróbriga, Santiago do Cacém. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 73-77.
- BARATA, M. F. (no prelo) - *Miróbriga. Urbanismo e arquitectura*. tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1997.
- BARATA, M. F. (1999a) - Trabalhos arqueológicos na ponte romana de Miróbriga. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 67-72.
- BARATA, M. F. (1999b) - Balanço dos últimos trabalhos de investigação e de valorização de Miróbriga. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 33-52.
- BARATA M. F. (1999c) - As habitações de *Mirobriga* e os ritos domésticos romanos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 51-68.
- BARATA, M. F. (s.d.), *O que é a arqueologia?. Campos de trabalho. Miróbriga 1992*. Santiago do Cacém: Clube Europeu de Arqueologia da Escola Secundária de Santiago do Cacém.
- BARKER, P. ([1977]1982) - *Techniques of Archaeological Excavation*. London: B.T. Batsford Ltd.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1977) - Problemas de la morfología y del concepto histórico-geográfico que recubre la noción tipo. In *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores (Actes du Colloque de Rome, 27-9 Mai 1974)*. Rome: École Française de Rome/Palais Farnèse (Collection de l'École Française de Roma; 32), p. 97-131.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- BÉMONT, C. (1972-1973) - La composition des décors géométriques a plan centré: contribution a l'étude du style des vases sigillées a métopes. *Rei Cretariae Romanae Favtores*. 14-15, p. 26-47.
- BÉMONT, C. (1976) - *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée. Les vases estampillés de Glanum* (Boletín de l'École Française de Rome; 227).
- BÉMONT, C ; BOURGEOIS, A. (1986) - Les noms des potiers. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris : Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 277-286.
- BIERS, W. R. [et al.] (1988) - *Mirobriga. Investigations at an iron age and roman site in southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981-1986*. Oxford (BAR International Series; 451).
- BIERS, W. R. [et al.] (1976-82) - Investigações em Miróbriga (Santiago do Cacém) - Portugal — 1981. *Arquivo de Beja*. Beja. 1, p. 107-14.
- BIERS, W. R. [et al.] (1982) - Um projecto de cooperação científica, descrição da estação. *Semente*. 6.
- BIERS, J.; BIERS, W.; SOREN, D. (1982) - Excavations at Mirobriga: the 1982 season. *Muse*. Columbia, MO. 16, p. 29-43.
- BIERS, J. [et al.] (1983) - Mirobriga: the 1983 Season. *Muse*. Columbia, MO. 17, p. 38-63.
- BIERS, J. [et al.] (1984) - Mirobriga: a portuguese-american project in southern Portugal. *Muse*. Columbia, MO. 18, p. 35-53.
- BOCQUET, A.; PICON, M. (1994) - La Graufesenque et les autres ateliers de la Gaule du Sud: problèmes d'analyses et de techniques. In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 75-82.
- BONIFAY, M. (1983) - Eléments d'évolution des céramiques de l'antiquité tardive à Marseille d'après les fouilles de la Bourse. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 16, p. 283-346.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) - *Fouilles de Belo*. VI (Les sigillées). Madrid (Collection de la Casa de Velázquez; 34. Archéologie ; XIV).
- BROWN, M. R.; HARRIS, E. C. (1993) - Interfaces in archaeological stratigraphy. In Harris, E.C.; Brown, M. R.; BROWN, G. J., eds. - *Practices of Archaeological Stratigraphy*. San Diego: Academic Press.
- BRUHNS, H. (1985) - De Werner Sombart à Max Weber et Moses I. Finley: la typologie de la ville antique et la question de la ville de consommation. In LEVEAU, P. - *L'origine des richesses dépensées dans la ville antique. Actes du colloque organisé à Aix-en-Provence par l'U.E.R. d'Histoire, les 11 et 12 Mai 1984*. Marseille: Université de Provence, p. 257-73.
- CABRAL, J. M. P.; GOUVEIA, M. A.; MORGADO, I. (1995) - Caracterização química das produções de ânforas do vale do Tejo: I – Porto dos Cacos. In *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 301-22.
- CABRAL, M. E. (1977) - Lucernas romanas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3. p. 455-70.
- CAEIRO, J.O. (1985) - Miróbriga — 1982. Santiago do Cacém. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 128-129.
- CAILLEUX, A. (s.d.) - *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*, Boubée.
- CAMBON, C. (1994) - Note sur un petit ensemble de présigillées découvert sur le site de Saint-Jean à Castres (Tarn). In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 11-18.

- CARDOSO, G. (1990) - O forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 153-166.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1995) - O contexto oleiro de Muge na produção romana do médio e baixo Tejo. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 167-178.
- CARRERAS MONFORT, C. (2000) - *Economía de la Britannia romana: la importación de alimentos*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- CARRETERO VAQUERO, S. (2000) - *El campamento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora): la cerámica*. Zamora: Universidad de Valladolid.
- CARVALHO, P. C. (1998) - *O forum de Aeminium*. Coimbra: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus.
- CARVALHO, T. P. (1993) - *A terra sigillata de Monte Mozinho (contributo para a história económica do povoado)*. Porto: edição policopiada.
- CASTELLANO CASTILLO, J. J. (2000) - La *terra sigillata* sudgálica del área del anfiteatro romano de Carthago Nova. *Saguntvm. Papeles del Laboratorio de Arqueologia de València*. València. 32, p. 151-68.
- COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - A Praça de Bocage: escavações de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 249-294.
- COELHO-SOARES, A. (1987) - Materiais arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 193-202.
- COLLS, D. [et al.] (1977) - *L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude* (Archaeonautica; 1).
- COMAS, M. [et al.] (1994) - Observations sur les sigillées du Sud de la Gaule à Baetulo (Badalagne, Espagne). In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 83-94.
- COSTA, J. B. (1993) - *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. 8ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COSTA, J.M.; DIOGO, A.M.D. (1996) - Elementos sobre a produção de ânforas e a transformação piscícola em Sines durante a época romana. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 107-110.
- DARLING, M. J. (1998) - Samian from the city of Lincoln: a question of status?. In BIRD, J., ed. - *Form and fabric. Studies in Rome's material past in honour of B. R. Hartley* (Oxbow Monograph; 80), p. 169-178.
- DÉCHELETTE, J. (1904) - *Les vases céramiques ornés de Gaule romaine*. 2 vols., Paris.
- DELGADO, M. (1985) - Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. II. *Cadernos de Arqueologia*. série 2. 2, p. 9-40.
- DELGADO, M. (1988) - Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio oriente encontradas em Portugal. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série 2. 5, p. 35-49.
- DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. IV (Les sigillées)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- DELGADO, M.; SANTOS L. (1984) - Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. I. *Cadernos de Arqueologia*. série 2. 1, p. 49-70.
- DIAS, L. F. (1976-7) - *Terra sigillata de Mirobriga*. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 361-410.
- DIAS, L. F. (1978) - As marcas de *terra sigillata* do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 145-154.
- DIAS, L. F. (1995-7) - *Terra sigillata da villa romana de Povos (Vila Franca de Xira)*. Estudo preliminar. *CIRA*. Vila Franca de Xira. 7, p. 13-24.
- DIAS, L. F.; VIEGAS, J. R. (1976-7) - Necrópole lusitano-romana com incinerações do Monte Sardinha (São Francisco da Serra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 353-360.
- DIOGO, A. M. D. (1980) - *Marcas de terra sigillata sud-gálica em Portugal*. Lisboa: G.E.C.A.
- DIOGO, A. M. D. (1984) - *Noções operatórias sobre a terra sigillata itálica e sud-gálica em Portugal. Alguns aspectos* (Separata da Revista de História Económica e Social), p. 49-65.
- DIOGO, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1999) - Ânforas romanas de Miróbriga. *Arquivo de Beja*. Beja. Série 3. 10, p. 15-27.
- DIOGO, A. M. D.; REINER, F. (1987) - Duas notícias sobre fornos romanos de fabrico de ânforas. *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 113-124.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L.; COSTA, J. M. (1997) - Marcas de *sigillata* provenientes de Sines. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 115-118.
- DUARTE, A. L.; RAPOSO, J. M. (1995) - Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 237-248.

- DUHAMEL, P. (1975) - Les ateliers céramiques de la Gaule romaine. La naissance d'une industrie. *Dossiers de l'Archéologie Française*. Paris. 9, p. 12-20.
- DUPRÉ I RAVENTOS, X.; CARRETÉ I NADAL, J. M. (1993) - *La "Antiga Audiència". Un acceso al foro provincial de Tarraco*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 165).
- EBNÖTHER, C.; MEES, A.; POLAK, M. (1994) - Le dépôt de céramique du vicus de Vitudurum-Oberwinterthur (Suisse). Rapport préliminaire. In *Actes du congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 127-132.
- ECO, U. (1977) - *Como se faz uma tese em ciências humanas*. 2.^a edição. Lisboa: Editorial Presença.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1991) - Recensões bibliográficas. *Conimbriga*. Coimbra. 30.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1996) - Problemas em aberto na epigrafia mirobriguense. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 129-146.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus pacensis*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra. Instituto de Arqueologia.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1996) - Monumentos epigráficos romanos do Museu de Sines. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conimbriga»)*. 51, inscrições 230-233. Coimbra: Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia.
- ESPINOSA RUIZ, A.; SÁEZ LAVA, F.; CASTILLO ELINCHÓN, R. (1995-1997) - El fondeadero de la Platja de la Vila (La Vila Joiosa, Alicante): la época clásica. *Lucentum*. Alicante. 14-16, p. 19-37.
- ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1994) - *Un grand complexe industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1993-1994) - La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 201-218.
- ETTLINGER, E. [et al.] (1990) - *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GMBH (Materialen zur römisch-germanischen Keramik; Heft 10).
- FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J. U. S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa*. Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 17-36.
- FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. 3 vols.. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição Policopiada.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 37-64.
- FALCÃO, J. A. [et al.] (1988) - Epigrafia romana do concelho de Santiago do Cacém. I. A ara funerária da Herdade da Cascalheira (Santo André). *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*. Santiago do Cacém. 2.^a Série. 2, p. 37-48.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, D. (1984) - *Complutum. I. Excavaciones*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 137).
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Jaén: Universidad (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios).
- FERNÁNDEZ, J. H.; GRANADOS, J. O.; GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (1992) - *Marcas de terra sigillata del Museo Arqueológico de Ibiza* (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza; 26).
- FERREIRA, C. J. A. [et al.] (1993) - *O património arqueológico do distrito de Setúbal*. Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.
- FERREIRA, S. V. (1969) - Marcas de oleiro em território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, p. 131-79.
- FICHES, J.-L. (1977) - Formes rares en sigillée ornée de la Gaule du Sud trouvées en Languedoc-Roussillon. *Figlina*. Lyon. 2, p. 127-143.
- FICHES, J.-L. (1978) - Les coupes Drag. 29 en Languedoc-Roussillon. *Figlina*. Lyon. 3, p. 43-70.
- FICHES, J.-L.; GUY, M.; PONCIN, L. (1978) - Un lot de vases sigillés des premières années du règne de Néron dans l'un des ports de Narbonne. *Archaeonautica*. Paris. 2, p. 185-219.
- FICHES, J.-L.; GUY, M.; PONCIN, L. (1978) - Un lot de vases sigillés des premières années du règne de Néron dans l'un des ports de Narbonne. *Archaeonautica*. Paris. 2, p. 185-219.
- GARCÍA BROSA, G. (1999) - Mercatores y negotiatores: Simples comerciantes?. *Pyrenae*. Barcelona. 30, p. 173-90.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La Producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C. — IV d.C.)*. Écija: Editorial Gráficas Sol.
- GENTY, P.-Y.; FICHES, J.-L. (1978) - L'atelier de potier gallo-romain d'Aspiran (Hérault). Synthèse des travaux de 1971 à 1978. *Figlina*. Lyon. 3, p. 71-92.
- GENTY, P.Y. (1986) - Aspiran. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: Implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 113-116.

- GONZÁLEZ PRATS, A. (1984) - Aportaciones al conocimiento del *Portus Illicitanus*: Reseña de los trabajos de urgencia de 1976. *La terra sigillata. Lucentum*. Alicante. 3, p. 101-134.
- GUERRA, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- GUÉRY, R. (1979) - Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algérie. 1. Sigillées provinciales (hispaniques et gallo-romaines). *Antiquités Africaines*. Aix-en-Provence. 13, p. 23-97.
- HARRIS, E. C. ([1989]1991) - *Principios de estratigrafía arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- HARRIS, W. V. (1993) - Between archaic and modern: some current problems in the history of the roman economy. In HARRIS, W. V., ed. - *The inscribed economy. Production and distribution in the roman empire in the light of instrumentum domesticum* (*Journal of Roman Studies*; Supplementary Series; 6), p. 11-30.
- HARTLEY, B. R.; DICKINSON, B. M. (1993) - The Samian Stamps Catalogue. In MANNING, W.H., ed. - *The Roman Pottery. Report on the Excavations at Usk. 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p. 207-218.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. W. (1980) - *A supplement to late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HERMET, F. (1934) - *La Graufesenque (Condatomago)*. 2 vols. Paris: Librairie Ernest Leroux.
- HESNARD, A. (1998) - Des amphores pour l'histoire du commerce. Que compter et pourquoi. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) - *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)*. (Collection Bibracte; 2), p. 17-22.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1987) - Materiales arqueológicos del Castro de Vigo (España). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 167-192.
- HODDER, I. (1994) - *Interpretación en arqueología: corrientes actuales*. Barcelona: Crítica.
- HOFMANN, B. (1986) - Banassac. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: Implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 103-110.
- HOFMANN, B. (s.d.) - Catalogue des estampilles sur vaisselle sigillée. 1,2,3. *Notice Technique*. 21,22,23. Groupe d'Archéologie Antique du Touring Club de France.
- HOFMANN, B. (1971) - Les relations entre potiers, fabricants de moules et artistes producteurs de poinçons. *Rei Cretariae Romanae Fautores*. 13, p. 5-20.
- IZQUIERDO, M. T. (1994) - Les sigillées gauloises de Santa Maria del Juncal (Irún, Pays Basque). Apports à l'étude de la diffusion des productions montanaises dans le Nord de la Péninsule Ibérique. In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 103-114.
- JACOB, J.-P.; LEREDDE, H. (1986) - Pour l'étude socio-professionnelle des potiers gallo-romains. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents de l'Archéologie Française; 6), p. 21-23.
- JOHNS, C. M. (1993) - The Decorated Samian Ware. In MANNING, W.H., ed. - *The Roman Pottery. Report on the Excavations at Usk. 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p. 161-203.
- JONCHERAY, J.-P. (1987) - L'épave G du Dramont. Notes sur six épaves de tuiles romaines. *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*. 6, p. 51-84.
- KNORR, R. (1912) - *Südgallische Terra-Sigillata von Rottweil*. Stuttgart: W. Kohlhamer.
- KNORR, R. (1952) - *Terra-Sigillata-Gefässe des ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen*. Stuttgart.
- KOVACSOVICS, W. (1987) - As XII — eine Preisangabe auf einem Sigillateller aus Salzburg. *Germania*. Frankfurt. 65, p. 222-225.
- LARFARGUES, A.; LARFARGUES, J.; VERTET, H. (1976) - Les estampilles sur sigillée lisse de l'atelier augustéen de La Muette à Lyon. *Figlina*. Lyon. 1, p. 39-87.
- LAUBENHEIMER, F. (1979) - La collection de céramiques sigillées gallo-romaines estampillées du Musée de Rabat. *Antiquités Africaines*. Aix-en-Provence. 13, p. 99-225.
- LAUBENEIMER, F.; ALBAGNAC, L. (1986) - Jonquières et Saint-Saturnin. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 117-120.
- LE GOFF, J. (1978) - O Lugar originário da História / A Escola dos Anais / Os fundadores da História Nova / Uma História francesa. In LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J., dirs. - *A Nova História*. Coimbra: Almedina, p. 253-284.
- LE GOFF, J. [et al.] (1984) - *A Nova História*. Lisboa: Edições 70.
- LEBLANC, O. (1994) - La sigillée gauloise à Saint-Romain-en-Gal (Rhône). In *Actes du congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 143-164.

- LOPES, C. (1994) - *A sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra/Instituto de Arqueologia.
- MADEIRA, J., coord. (1993) - *Encontro sobre a Lagoa de Santo André*. Santiago do Cacém: Associação Cultural de Santiago do Cacém.
- MADRID FERNÁNDEZ, M. (1999) - Primers resultats de l'estudi de la ceràmica *terra sigillata* de Baetulo: Circulació ceràmica i aportacions cronològiques a la ciutat. *Pyrenae*. Barcelona. 30, p. 147-172.
- MAIA, Maria; MAIA, Manuel (1997) - *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Edição Cortiçol.
- MANTAS, V. (1990) - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires (table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*. Paris: CNRS, p. 149-206.
- MANTAS, V. (1996) - Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do vale do Sado. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 343-371.
- MARICHAL, R. (1986) - Nouveaux aperçus sur la vie et la structure des ateliers de La Graufesenque d'après les comptes de potiers. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 17-20.
- MARICHAL, R. (1988) - *Les graffites de La Graufesenque*. Paris: CNRS.
- MARTIN, A. (1994) - Nouvelles observations sur le sigillée sud-gauloise en Italie. In *Actes du congrès de Millau (12-15 Mai)*, Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 115-126.
- MARTIN, T. (1986a) - Le déclin. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 3-5.
- MARTIN, T. (1986b) - Montans. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 58-71.
- MARTIN, T. (1986c) - Centre de Montans: atelier de Crambade. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 72-77.
- MARTIN, T. (1986d) - Saint-Saveur. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 78.
- MARTIN, T. (1986e) - Valéry. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 78-84.
- MARTINS, M.; DELGADO, M. (1989-1990) - História e arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série 2. 6-7, p. 11-38.
- MAYET, F. (1978) - Les importations de sigillées à Mérida au Ier siècle de notre ère. *Conimbriga*. Coimbra. 17, p. 79-100.
- MAYET, F. (1990) - Mérida: capitale économique?. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires (table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*. Paris: CNRS, p. 207-213.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MEDINA, J., dir. (1993) - *História de Portugal*. II (O mundo luso-romano), dirigido por V. Gonçalves. Lisboa: Ediclube.
- MEES, A.W. (1994) - Potiers et moulistes. Observations sur les structures et commercialisation des ateliers de terre sigillée décorée. In *Actes du congrès de Millau (12-15 Mai)*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 19-41.
- MOLINA VIDAL, J. (1997) - *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior (siglos II a.C. — II d.C.)*. Alicante: Universidad.
- MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1998) - *Comercialización de terra sigillata en Ilici (Elche. Comunidad Valenciana. España)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana. Sección de Prehistoria y Arqueología (Serie Arqueológica; 16).
- MORAIS, R. (1997-8) - Importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta*: da fundação até à época flávia. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série 2. 14-15, p. 47-135.
- MOSER, F. (1986) - Brive. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 90-91.
- NAVEIRO LÓPEZ, J. L. (1991) - *El comercio antiguo en el N.W. peninsular. Lectura histórica del registro arqueológico*. A Coruña (Monografías Urxentes do Museo; 5).
- NEVES, R.; ARIEGAS, P.I. (1999) - Miróbriga. Ecologia e paisagem. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 73-77.
- NIETO PRIETO, J. (1986) - El pecio Culip IV: observaciones sobre la organización de los talleres de *terra sigillata* de La Graufesenque. *Archaeonautica*. Paris. 6, p. 81-119.

- NIETO PRIETO, J. [et al.] (1989) - *Excavacions arqueològiques subaquàtiques a Cala Culip*. I. Girona: Centres d'Investigacions Arqueològiques de Girona (Série Monogràfica; 9).
- NOLEN, J. S. (1977) - Alguns fragmentos de «paredes finas» de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 423-454
- NOLEN, J. S. (1979) - «Ampurian gray ware» from Miróbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 18, p. 105-112.
- NOLEN, J. S. (1988) - A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais): os materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 61-140.
- NOLEN, J.; REAL, F. C. S. (1994) - A terra sigillata sudgálica. In NOLEN, J. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*. Balsa. *Incluindo o espólio ósseo e medieval*. Instituto Português dos Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 71-86.
- NOLL, R. (1972) - Eine Sigillataschüssel mit Eigentumvermerk und Preisangabe aus Flavia Solva. *Germania*. Frankfurt. 50, p. 148-152.
- NUNES, M. L. A. (1974) - Moedas romanas de Miróbriga. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas (1972)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 185-194.
- OLEIRO, J. M. B. (1951) - Elementos para o estudo da terra sigillata em Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 6:1-2, p. 81-111.
- ORTON, C. (2000) - *Sampling in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993) - *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- OSWALD, F. [(1931a)-1964] - *Index of Potters' Stamps on Terra Sigillata (Samian Ware)*.
- OSWALD, F. [(1936-7)-1964] - *Index of Figure-Types on Terra Sigillata (Samian Ware)*. Liverpool: University Press.
- OSWALD, F.; PRYCE, T. D. (1920) [1966] - *An Introduction to the Study of Terra Sigillata. With a preface and corrigenda & addenda by Grace Simpson*. London: Gregg Press.
- PASSELAC, M. (1986a) - Les premiers ateliers. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 35-38.
- PASSELAC, M. (1986b) - Bram. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 48-51.
- PASSELAC, M.; SABRIÉ, M. (1986) - Narbonne. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 52-55.
- PASSELAC, M.; VERNHET, A. (1993) - Céramique sigillée sud-gauloise. *Latara*. Lattes. 6, p. 569-580.
- PAUC, R. (1986) - Carrade. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 84-90.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman Economy. An Introductory Guide*. London-New York: Longman.
- PEREIRA, I. (1997) - O museu e a coleção de moedas: Santiago do Cacém. In *Santiago do Cacém: Da arqueologia à história. Pelo caminho das pedras*. Santiago do Cacém: Museu Municipal de Santiago do Cacém, p. 23-27.
- PEREIRA, M. (1971) - Subsídios para o estudo da terra sigillata de Miróbriga. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (1970)*. 2. Coimbra: Junta Nacional de Educação, p. 433-44.
- PEREIRA MENAUT, G. (1987) - El Edicto de Domiciano sobre el vino y la economía política romana en el alto imperio. In *I colloqui d'arqueologia romana. El vi a l'antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental*. Badalona, 28,29,30 de novembre e 1 de desembre de 1985. *Actes*. Badalona: Museu de Badalona (Monografies Badalonines; 9), p. 349-365.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (1983-4) - Las marcas de terra sigillata de Ilerda. *Pyrenae*. Barcelona. 19-20, p. 127-39.
- PÉREZ GONZÁLEZ, C. (1989) - *Cerámica romana de Herrera de Pisuerga (Palencia-España)*. *La terra sigillata*. Santiago de Chile: Universidad Internacional SEK.
- PESEZ, J.-M. (1978) - A história da cultura material. In LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J., eds. - *A Nova História*. Coimbra: Almedina, p. 110-141.
- PICON, M. (1975) - Céramique antique et détermination des provenances. *Dossiers de l'Archéologie Française*. 9, p. 83-93.
- PICON, M. (1976) - A propos de la vérification du catalogue des marques de l'atelier de La Muette: réflexion sur le valeur des preuves. *Figlina*. Lyon. 1, p. 89-96.
- POLAK, M. (1998) - Old wine in new bottles. Reflections on the organization of the production of terra sigillata at La Graufesenque. In BIRD, J., ed. - *Form and Fabric. Studies in Rome's Material Past in Honour of B. R. Hartley* (Oxbow Monograph; 80), p. 115-122.
- POLAK, M. (2000) - *South Gaulish terra sigillata from Vechten*. Nijmegen (*Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta; supplementum 9*).
- POMIAM, K. (1978) - Um exemplo: as estruturas do Lácio medieval/conjuntura e estrutura/características da história estrutural. In LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J., dirs. - *A Nova História*. Coimbra: Almedina, p. 183-208.

- PONTE, S. da (1979) - As fíbulas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 195-204.
- POVEDA NAVARRO, A.; RIBERA I LACOMBA, A. (1985) - Marcas de *terra sigillata* de Elda. *Saguntum*. Valencia. 19, p. 301-311.
- PRADALES CIPRÉS, D. (1986-89) - El comercio de *terra sigillata* en el País Valenciano. Nuevos datos. *Hispania Antiqua*. Valladolid. 13, p. 71-98.
- PUCCI, G. (1985) - *Terra sigillata* itálica. In AA. VV. - *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero), p. 359-406.
- PUCCI, G. (1993) - I bolli sulla *terra sigillata*: fra epigrafia e storia economica. In HARRIS, W. V., ed. - *The Inscribed Economy. Production and Distribution in the Roman Empire in the Light of Instrumentum Domesticum* (Journal of Roman Studies; Supplementary Series; 6), p. 73-80.
- PUERTAS TRICAS, R. (1982) - *Excavaciones en Lacipo (Casares, Málaga). Campañas de 1975 y 1976*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 125).
- QUARESMA, J. C. (1999a) - *Terra sigillata* africana, hispânica, foceense tardia e cerâmica africana de cozinha de Mirobriga (Chãos Salgado, Santiago do Cacém). *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 137-200.
- QUARESMA, J. C. (1999b) - *Terra sigillata* africana D e foceense tardia das escavações recentes de Mirobriga (Chãos Salgados, Santiago do Cacém). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 69-82.
- QUINTEIRA, A. J. F. (1998) - Estação arqueológica de Azeitada (Almeirim). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 151-183.
- RAPOSO, J. (1990) - Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 117-151.
- RAPOSO, J. M.; DUARTE, A. L. (1995) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 249-266.
- RAUX, S. (1998) - Méthodes de quantification du mobilier céramique. État de la question et pistes de réflexion. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) - *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)* (Collection Bibracte; 2), p. 11-16.
- REIS, M. P. (2000) - *As termas e balneários romanos na Lusitânia*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra em Novembro de 2000. Edição policopiada.
- REYNOLDS, P. (1984) - African red slip and late roman imports in Valencia. In BLAGG, T.; JONES, R.F.J.; KEAY, F., eds. - *Papers in Iberian archaeology (II)*. Oxford (BAR-IS; 193 ii), p. 47-539.
- RIBEIRO, O. (1991) - *Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico*. 6.ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBERA I LACOMBA, A. (1981) - Las marcas de *terra sigillata* de Valentia. *Saguntum*. Valencia. 16, p. 209-247.
- RIBERA I LACOMBA, A. (1988-9) - Marcas de *terra sigillata* del Tossal de Manises. *Lucentum*. Alicante. 7-8, p. 171-204.
- RIBERA I LACOMBA, A.; POVEDA NAVARRO, A. (1994) - La comercialización de la *terra sigillata* sudgálica en el País Valenciano. In *Actes du congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 95-102.
- RIGOIR, Y.; RIVET, L. (1994) - *De la représentation graphique des sigillées*. Supplement 1. Marseille: S.F.E.C.A.G..
- RITTERLING, E. (1913) - *Das Frühromisch Lager bei Hofheim im Taunus*. Wiesbaden (Annalen des Vereins für nassauische Altertumskunde und Geschichtsforschung).
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Jaén: Universidad; Málaga: Universidad.
- ROMERO CARNICERO, M. V. (1985) - *Numancia. I. La terra sigillata*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 146).
- SÁNCHEZ-LAFUENTE PÉREZ, J. (1985) - *Comercio de cerámicas romanas en Valeria*. Cuenca: Diputación Provincial de Cuenca (Serie de Arqueología Conquense; 7).
- SEPÚLVEDA, E. (1996) - *Terra sigillata* tardo-ítálica (padana) proveniente de Tróia de Setúbal. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 5, p. 13-17.
- SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PÁEZ, R. (1981) - Marcas de alfarero sobre *terra sigillata* en la provincia de Málaga. *Baetica*. Málaga. 4, p. 89-114.
- SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PÁEZ, R.; BELTRÁN FORTES, J. (1987) - Marcas de alfareros sobre *terra sigillata* en la provincia de Málaga. *Baetica*. Málaga. 10, p. 219-26.
- SERRÃO, J.; MARQUES, A. H., eds. (1990) - *Nova História de Portugal*. I (coord. de Jorge Alarcão). Lisboa: Editorial Presença.
- SILVA, C. T. (1982-1979) - Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2, p. 26.

- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1980-1) - A Praça do Bocage. Escavações de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 249-294.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1987) - Nota sobre o material anfórico da foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 203-219.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1987) - Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 221-237.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1992) - Estabelecimento de produção de salga de peixe de época romana na Quinta de Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 335-374.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1998) - Para uma arqueologia do castelo de Sines. In CUNHA, M. S., ed. - *Da ocidental praia lusitana. Vasco da Gama e o seu tempo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 21-44.
- SILVA, C. T.; [et al.] (1980-1) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, J. G. C. e (1944) - Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 1:1, p. 226-231
- SILVA, J. G. C. e (1945) - Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 2:1-2, p. 129-134.
- SILVA, J.G. C. e (1946) - Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago de Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 3, p. 336-351.
- SOARES, J.; SILVA, C.T. (1997) - De Miróbriga a Santo André pelos domínios da arqueologia. *Santiago do Cacém: Da arqueologia à história. Pelo caminho das pedras*. Santiago do Cacém: Museu Municipal de Santiago do Cacém, p. 15-17.
- SOARES, J.; SILVA; C.T. (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 159-184.
- SOUSA, E. M. (1996) - *Terra sigillata* marmoreada proveniente de Tróia de Setúbal. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 207-215.
- STANFIELD, J. A.; SIMPSON, G. (1958) - *Central gaulish potters*. London: Oxford University Press.
- TAVARES DIAS, L. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.
- TCHERNIA, A. (1987) - Modèles économiques et commerce du vin a la fin de la république et au début de l'empire. In *I Colloqui d'Arqueologia Romana. El vi a l'antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental*. Badalona, 28,29,30 de novembre e 1 de desembre de 1985. *Actes*. Badalona: Museu (Monografies Badalonines; 9) p. 327-336.
- THUAULT, M.; VERNHET, A. (1986) - Le Rozier. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 110-113.
- TRIGGER, B. G. (1989) - *Historia del pensamiento arqueológico*. Barcelona: Crítica.
- TYERS, P. (1993) - The Plain Samian. In MANNING, W.H., ed. - *The Roman Pottery. Report on the Excavations at Usk*. 1965-1976. Cardiff: University of Wales Press, p. 127-162.
- VASCONCELOS, J. L. de (1914) - Excursão arqueológica à Estremadura transtagana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 19, p. 300-364.
- VÁZQUEZ DE LA CUEVA, A. (1985) - *Sigillata africana en Augusta Emerita*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- VERNHET, A. (1976) - Creation flavienne de six services de vaisselle a La Graufesenque. *Figlina*. Lyon. 1, p. 13-27.
- VERNHET, A. (1981) - Un four de La Graufesenque (Aveyron): la cuisson des vases sigillés. *Gallia*. Paris. 39, p. 25-43.
- VERNHET, A. (1986a) - L'essor des ateliers entre 30 et 120 ap. J.-C.. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 39-41.
- VERNHET, A. (1986b) - Centre de production de Millau. Atelier de La Graufesenque. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 96-103.
- VERNHET, A. (1986c) - Présentation générale. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 33-34.
- VERNHET, A.; VERTET, H. (1976) - T. Flavivs Secvndvs de La Graufesenque. *Figlina*. Lyon. 1, p. 29-38.

- VERNHET, A.; THUAULT, M. (1986) - Le Rozier. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 110-112.
- VIEGAS, C. (2001) - *Cerâmica, economia e comércio: a terra sigillata da alcáçova de Santarém*. Trabalho de síntese apresentado no âmbito das "provas de aptidão pedagógica e capacidade científica". Lisboa: Departamento de História da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- VIEGAS, J. R.; NOLEN, J. U. S.; DIAS, M. L. F. (1981) - A necrópole de Santo André. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 5-180.
- WELLS, C. M. (1977) - L'Implantation des ateliers de céramique sigillée en Gaule: problematique de la recherche. *Figlina*. Lyon. 2, p. 1-11.